UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

JAKELINE DUQUE DE MORAES LISBOA

TURNERSCHAFT

CLUBE GINÁSTICO DE JUIZ DE FORA

(1909-1979)

Juiz de Fora
2010

Jakeline Duque de Moraes Lisboa

TURNERSCHAFT

CLUBE GINÁSTICO DE JUIZ DE FORA

(1909-1979)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre

Orientador: Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior

Juiz de Fora
2010

JAKELINE DUQUE DE MORAES LISBOA

TURNERSCHAFT-CLUBE GINÁSTICO DE JUIZ DE FORA

(1909-1979)

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós- Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em parceria com a Universidade Federal de Viçosa como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Educação Física

Aprovada em ___/____/____

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Profa. Dra. Lidia dos Santos Zacarias
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Prof. Dr.Victor Andrade de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Aos Meus pais, pela minha vida, em especial à minha
mãe pelos ensinamentos e por acreditar em mim;
À minha família, em especial aos avós, tio Júlio, irmã, sobrinhos;
Ao Salcio pela companhia, incentivo e cumplicidade;
Ao Salvador e Lucia, pais emprestados, pelo carinho;
Aos amigos que torceram por mim.

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa em minha vida chega ao fim e outra se inicia. Diversos foram os momentos em que o apoio e o carinho de algumas pessoas foram muito importantes para esta concretização. É com alegria que expresso minha gratidão:

Aos meus pais, pela oportunidade da vida. À minha mãe, meu exemplo de vida, que esteve ao meu lado sempre apoiando e incentivando e, além disso, compreendendo os meus momentos de difíceis. Muito obrigada por tudo! Te amo!

À minha querida família, que torceu e vibrou junto comigo. Obrigada minha irmã Bianca, meus avós, que mesmo não compreendendo este momento, estiveram ao meu lado cuidando de mim. Ao tio Julio que me acompanha nas etapas da minha vida; aos meus sobrinhos em especial ao Willians que me ajudou naquilo que esteve ao seu alcance. Desculpem pelos meus momentos de mau-humor, minha impaciência e falta de tempo. Amo todos vocês!

Ao amor da minha vida que me acompanha há 10 anos e que tem sido a base para muitas das minhas concretizações. Obrigada pelo seu amor, sua amizade, companheirismo, carinho e compreensão. Você foi meu maior incentivador desta pesquisa, aquele que me apresentou o Turnerschaft-Clube Ginástico. Se não fosse sua preocupação em sempre me ajudar e auxiliar, talvez hoje eu não estivesse pesquisando este objeto que me fascina completamente. Obrigada pela compreensão pelos momentos ausentes. Amo você Salcio!

Aos meus eternos pais emprestados Lucia e Salvador, que cuidam de mim com muito carinho e amor e que fazem realmente me sentir como sua filha.

Aos amigos que torceram por mim e que me mostraram o quanto era importante me distrair e descontrair, tornando diversos momentos da minha vida mais alegres. Obrigada pelos momentos em que vocês tiveram que fazer o papel de psicólogos, ouvindo minhas aflições e preocupações.

Ao Prof. Dr. Carlos Fernando, meu orientador, que desde a graduação vem contribuindo para meu aprendizado, e que sempre se mostrou disposto a me ajudar e me orientar. Obrigada pela paciência, dedicação, apoio e confiança no meu trabalho.

À família Over Jazz, escola de dança, onde tive o privilégio de conhecer muitas pessoas importantes na minha vida e que continuam compartilhando outros

tantos momentos. Escola que sempre esteve aberta quando eu sentia falta de movimentar meu corpo, de me sentir livre através da dança! Obrigada Simone e Adriana pelo carinho e amizade.

Aos professores do Mestrado pelos ensinamentos deixados e conhecimentos compartilhados. Obrigada Eliana e Maria Elisa pelo apoio à minha inserção na área acadêmica, pois além de professoras de Mestrado, me orientaram na iniciação científica e especialização respectivamente.

Aos professores Dr. Vitor Andrade de Melo e Dr. Lídia dos Santos Zacarias por aceitarem participar da banca de avaliação, contribuindo com importantes sugestões e idéias para outros possíveis estudos.

À Professora Dra. Carmem Lúcia Soares, pelas suas contribuições, recomendações e sugestões imprescindíveis para a realização deste trabalho e por aceitar compor minha banca de defesa enquanto suplente.

Ao Professor Dr. Carlos Alberto de Andrade Coelho Filho por aceitar participar enquanto suplente da minha banca de defesa deste trabalho.

À direção, professores e funcionários da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora pelo carinho e prontidão no atendimento.

A todos os ex-sócios do Turnerschaft-Clube Ginástico, que me ajudaram a construir este trabalho. Obrigada Climene Evangelista pelo seu carinho, apoio e confiança em mim, me cedendo importantes materiais e me recebendo junto ao Mário diversas vezes em sua casa, com muita receptividade; Ítalo Paschoal Luiz pelas suas importantes palavras e experiências, Alberto Surerus; Ophelia Ciampi; Odett Ciampi; Haroldo Pagy Thess; Jorge Magaldi; João Nunam Vieira; Rommel Jaenicke e Patria Soares Zambrano.

Aos amigos do Grupo de Estudos em História da Educação Física e do Esporte, GEPHEFE, pelas discussões e auxílio na construção deste trabalho.

Aos amigos que fiz no Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora, em especial aos professores do Departamento de Educação Física que me apoiaram quando eu estava ainda pleiteando uma vaga no mestrado e também depois da minha aprovação, quando estava em um momento de grandes desafios. Obrigada pelo carinho e compreensão de vocês!

Enfim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma me ajudaram na concretização deste trabalho.

RESUMO

As preocupações com o corpo ocupam lugar de destaque no mundo contemporâneo. Práticas corporais ganham o cotidiano de grande parte da população por motivos variados: saúde, estética, socialização, ludicidade, entre outros. Academias de ginástica e natação, clubes esportivos, instalações de rua para caminhada e exercícios analíticos, os campos de futebol e as quadras das escolas são exemplos de espaços que hoje são comuns na vida das cidades brasileiras. Operamos com a ideia de que o intervalo entre o último quartel do Século XIX e as primeiras décadas do Século XX foi um período fundamental no processo histórico de construção do gosto pelas práticas corporais de parte da população brasileira. A modernização de várias de nossas cidades é um movimento típico destes anos e guarda relações diretas com a identificação das práticas corporais enquanto hábitos a serem apreendidos e praticados. Esta pesquisa analisa a história do Clube Ginástico de Juiz de Fora, um dos primeiros clubes de ginástica de Minas Gerais, fundado em 1909. A instituição recebeu inicialmente o nome de Turnerschaft-Clube Gymnastico pela influência que teve dos imigrantes alemães residentes em Juiz de Fora. O estudo da história do Clube Ginástico de Juiz de Fora se reveste de grande importância, pois a instituição teve papel decisivo no desenvolvimento da ginástica e de outras práticas corporais na cidade mineira. O trabalho de pesquisa foi desenvolvido a partir da revisão de estudos históricos sobre a cidade de Juiz de Fora, a história da Educação Física e a imigração alemã para o Brasil. A pesquisa de campo envolveu documentos do Clube Ginástico, fotografias, entrevistas e notícias de jornais. Percebemos que o Clube foi importante para o desenvolvimento de práticas corporais em Juiz de Fora, especialmente a ginástica, o basquetebol, o atletismo e o voleibol. Sua atuação se deu para além dos limites de Juiz de Fora, tendo a instituição participado de eventos, demonstrações e competições em cidades como Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Suas atividades se encerraram em 1979, fato motivado por dificuldades financeiras, pela redução significativa do número de associados e pela perda do seu espaço externo.

Palavras-Chave: Clube Ginástico. Esporte. Juiz de Fora.

ABSTRACT

Concerns about the body occupy a prominent place in the contemporary world. Physical exercises are in the routine of much of the population for many reasons: health, aesthetics, socialization, playfulness, and others. Gyms and swimming, sports clubs, facilities for street walking and analytical exercises, soccer fields and courts of schools are examples of spaces that are now common in the lives of Brazilian cities. We operate with the idea that the interval between the last quarter of the nineteenth century and the early decades of the twentieth century was a crucial period in the historical process of arouse the Brazilian population's pleasure in physical exercises. The modernization of several of our cities is a typical movement of these years and keeps a direct relationship with the identification of physical exercises as habits to be learned and practiced. This research examines the history of the Clube Ginástico de Juiz de Fora, one of the first fitness centers in Minas Gerais, founded in 1909. Initially, the institution received the name of Turnerschaft-Club Gymnastico, which was under the influence of German immigrants living in Juiz de Fora. The study of the history of the Clube Ginástico de Juiz de Fora is of great importance, because the institution was vital in the development of gymnastics and other physical practices in the Minas Gerais town. The research was developed from the review of historical studies about Juiz de Fora city, the history of Physical Education and the German immigration to Brazil. The research involved Clube Ginástico documents, photographs, interviews and newspaper reports. We realize that the Club was important for the development of physical practices in Juiz de Fora, especially the gymnastics, basketball, athletics and volleyball. Its performance took place beyond the Juiz de Fora's limits, and the institution participated in events, demonstrations and competitions in cities as Belo Horizonte and Rio de Janeiro. Its activities ended in 1979, motivated by financial difficulties, the reduction in the number of members and the loss of its outdoor space.

Key-Words: Clube Ginástico. Sport. Juiz de Fora.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Fazenda do Juiz de Fora	24
FIGURA 2	As estradas e Juiz de Fora em meados do século XIX ..	26
FIGURA 3	Atual Avenida Barão do Rio Branco, antiga Rua da Direita	31
FIGURA 4	Villagem-1856	39
FIGURA 5	Colônia D. Pedro II -1865	40
FIGURA 6	Diploma da Sociedade Beneficente Alemã pós-guerra ..	55
FIGURA 7	Escola Alemã – 1921.....	56
FIGURA 8	Banda de Música da Colônia D. Pedro II – 1865.....	58
FIGURA 9	Sócios do Kegel Clube – década de 1940	59
FIGURA 10	Carlos Stiebler e amigos em sua varanda	61
FIGURA 11	Cervejaria Stiebler	62
FIGURA 12	Primeira diretoria do Turnerschaft e alunos	66
FIGURA 13	Estatuto do Clube Ginástico	68
FIGURA 14	Hans Happel	74
FIGURA 15	Caetano Evangelista	75
FIGURA 16	Alunas de voleibol e D. Neném ao centro	78
FIGURA 17	Atividade de Força Combinada.....	80
FIGURA 18	Ítalo Paschoal Luiz	81
FIGURA 19	Ginastas e diretoria no Parque da Cervejaria Stiebler ...	84
FIGURA 20	Primeira turma feminina do Turnerschaft-Club Gymnastico	87
FIGURA 21	Turma infantil de basquete	88
FIGURA 22	Fachada do Clube Ginástico de Juiz de Fora-Avenida dos Andradas	94
FIGURA 23	Salão D. Maria do Carmo	95

FIGURA 24	Lançamento de dardo	96
FIGURA 25	Pirâmide Humana.	107
FIGURA 26	Encontro de Ginástico em Leipzig	108
FIGURA 27	Exercício com maça	114
FIGURA 28	Certificado de sócio ginasta	116
FIGURA 29	Alunos de ginástica	117
FIGURA 30	Apresentação nas Olimpíadas do Exército	118
FIGURA 31	Turma de basquete	120
FIGURA 32	Caetano e os atletas do time de basquete antes do jogo contra o Paysandú	123
FIGURA 33	Caetano sendo entrevistado por Mario Helênio e ao centro o árbitro José Airy assinando a súmula	124
FIGURA 34	Time de basquete vice-campeão-1948	125
FIGURA 35	Time de basquete juvenil	126
FIGURA 36	Atletas do time de voleibol	129
FIGURA 37	Salto com vara	130
FIGURA 38	Papel timbrado do Clube Ginástico	131
FIGURA 39	Distintivo dos 4 efes	133
FIGURA 40	Desfile na atual Avenida Barão do Rio Branco	138
FIGURA 41	Festa Junina-1950	139
FIGURA 42	Bandeira do Turnerschaft-Club Gymnastico	140
FIGURA 43	Alguns dos fundadores do Clube de Tênis D. Pedro II ..	142

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	População do Município e Vila de Santo Antônio do Paraybuna – 1855	27
TABELA 2	Religião, Idade e Sexo dos imigrantes alemães de 1858	43
TABELA 3	Nacionalidade dos réus e das vítimas	45
TABELA 4	Indústrias criadas por ramos de atividade em Juiz de Fora (1889-1930)	50
TABELA 5	Casamentos da Colônia de D. Pedro II - 1858-1885	57
TABELA 6	Relatório de aula de 1936	88
TABELA 7	Relatório de aula de 1940	89
TABELA 8	Déficits entre 1973 a 1977	119

ANEXOS

ANEXO I	Contrato do imigrante Heinrich Griese	153
ANEXO II	Lista de Diretorias do Turnerschaft-Club Gymnastico Juiz de Fora	154
ANEXO III	Contrato entre a Liga Mineira Contra Tuberculose e o Turnerschaft-Club Gymnastico	164
ANEXO IV	Roteiro de Entrevista	166
ANEXO V	Resumo biográfico dos entrevistados.....	167
ANEXO VI	Entrevistas	169

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	**HISTÓRIAS DE JUIZ DE FORA E A IMIGRAÇÃO ALEMÃ**.....	21
1.1	JUIZ DE FORA	21
1.2	A IMIGRAÇÃO ALEMÃ	35
1.2.1	Alemães em Juiz de Fora.....	37
2	**TURNERSCHAFT-CLUB GYMNASTICO JUIZ DE FORA**	61
2.1	CRIAÇÃO E NORMATIZAÇÃO	61
2.1.1	Os Estatutos	65
2.2	AGENTES E ALUNOS DO CLUBE GINÁSTICO	72
2.2.1	Os professores	72
2.2.1.1	Hans Happel	73
2.2.1.2	Caetano Evangelista	74
2.2.1.3	Ítalo Paschoal Luiz.....	79
2.2.2	Os alunos	82
2.3	OS ESPAÇOS	91
2.4	CONHECIMENTOS E SABERES	103
2.4.1	A Hygiene e a Gymnastica.....	103
2.4.2	Ginástica	106
2.5	PRÁTICAS ESPORTIVAS.....	120
2.5.1	Basquetebol	120
2.5.2	Voleibol	127
2.5.3	Atletismo	129
2.5.4	Outras atividades	131
2.6	AS PRÁTICAS	132
2.6.1	Uniforme	132

2.6.2 As festas 135
2.6.3 A bandeira 140
2.7 INFLUÊNCIAS 141
CONSIDERAÇÕES FINAIS 143
REFERÊNCIAS...... 146
ANEXOS 153

INTRODUÇÃO

Com a finalização desta etapa acadêmica estou realizando um de meus sonhos, que surgiu quando entrei para a Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora no ano de 2001.

Ingressar na Faculdade foi um desafio, uma vez que eu seria uma das poucas em minha família a ter esta oportunidade e teria que “agarrar” esta chance de crescimento e conhecimento com muito entusiasmo e responsabilidade. Seria uma forma de agradecer a todos aqueles que acreditaram em mim e que estiveram ao meu lado durante anos e até mesmo durante toda a minha vida.

As atividades físicas fizeram parte de minha vida desde muito cedo, já que sempre fui incentivada por minha família a praticá-las. Eu era aquela aluna que na escola estava à disposição dos professores, em especial dos educadores da disciplina Educação Física e que tinha apelidos como “fominha de bola” e “caxiona”. Sempre participei de atividades físicas, seja na escola ou em outros espaços como capoeira, ginástica, futebol e, em especial, a dança. Hoje, ser uma profissional da área é um orgulho para mim.

Entretanto, apesar de praticar esportes desde criança, minha escolha por esta profissão só se deu no momento de minha inscrição no vestibular, pois o preconceito com esta área ainda me incomodava e me deixava um pouco indecisa. Mas resolvi prosseguir com aquilo que eu queria e acredito que fiz a escolha do certa.

Quando fui aprovada no vestibular de 2000, passei por um momento de muita ansiedade e por alguns dias pensei que esta minha fase educacional não seria iniciada naquele momento. Neste mesmo ano havia oitenta vagas para o curso de Educação Física. Na primeira reclassificação, convocaram mais quatro candidatos e eu era o número oitenta e cinco. Por quase um mês, esperei ansiosa que o telefone tocasse. Fui chamada no mês de janeiro de 2001.

Ao entrar para o curso, imaginava que eu estaria ali para que, futuramente, pudesse trabalhar com a dança, pois a relação que ela proporciona com o corpo sempre me fascinou muito. Eu realmente não pensava em ter outra atividade naquele momento.

Contudo, durante a faculdade, minha atenção foi direcionada para o ato de lecionar no Ensino Superior e procurei conhecer quais caminhos deveria traçar para chegar a um dia me inserir no corpo docente de uma Universidade.

Neste momento comecei a participar de diversos cursos, seminários, palestras e tentei iniciar-me no mundo acadêmico da pesquisa. Mas há oito anos não havia tantas de bolsas de estudo assim, como grupos de estudos, como há atualmente. Poucas eram as vagas e quem as preenchiam eram os alunos veteranos, pois naquela época havia alguns alunos que tinham até três bolsas ao mesmo tempo e isto impedia que outros tivessem oportunidade. Enfim, esta parte da pesquisa foi ficando para depois.

A minha primeira chance de conseguir bolsa surgiu quando conheci o Grupo de Estudos em História da Educação Física e do Esporte, que estava com vagas para bolsa de iniciação científica. A possibilidade de estudar o corpo nos seus aspectos históricos me chamou a atenção e me inscrevi para esta bolsa. Entretanto, não obtive êxito, em decorrência, talvez, dos meus horários livres escassos, já que durante todo o período de Faculdade tive que trabalhar em escolas ministrando aulas de dança, para que eu pudesse realizar as atividades que eu queria dentro do curso, paralelamente às muitas disciplinas que cursava na grade curricular

Além dessas dificuldades, eu ainda precisava encontrar o objeto dos meus estudos: “O que estudar? O que pesquisar? O que ainda não foi analisado e que tem uma temática que interessante?” Foi quando meu namorado (atual noivo) me mostrou um livro de Luiz José Stehling, sugerindo que ali eu encontraria minha pesquisa, meu mestrado ou mesmo meu doutorado. Não só ele, como também aquelas informações me entusiasmaram. A partir daí, comecei a pensar em algumas questões: como em Juiz de Fora existiu um Turnen que foi fundado em 1909, uma Sociedade de Ginástica Alemã, que possivelmente poderia ser um dos primeiros clubes de ginástica do Estado de Minas Gerais, e ainda não houve um devido estudo mais aprofundado sobre isso? Resolvi estudar aquele Clube Ginástico.

O primeiro professor que procurei para me auxiliar nesta busca foi o meu querido professor Bassoli, que tinha sido aluno do Clube. Trocamos algumas informações, iniciei a pesquisa, mas ele faleceu e acabei por desistir de dar continuidade ao trabalho. Voltei novamente minhas atenções à dança e à Ginástica Rítmica.

Já no meu último período do curso, quando fui aluna de iniciação científica, resolvi retornar à proposta de estudar o Clube Ginástico, onde trabalhei com a pesquisa oral. Este momento foi muito importante, pois tive a oportunidade de conhecer pessoas ligadas ao Clube e que me incentivaram ainda mais a estudá-lo. A possibilidade de alguém pesquisar este tema que merece há algum tempo um melhor estudo, motivou diversas pessoas que me auxiliaram e que abriram as portas de suas casas a fim de me receberem e compartilharem as suas vivências naquele lugar.

Por acreditar que este Clube Ginástico teve um papel importante na formação do cenário esportivo na cidade de Juiz de Fora e no gosto pelas práticas corporais, decidi propor o estudo do mesmo dentro do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, sendo a proposta aceita em 2008 quando, fui aprovada no programa.

Concretizando já mais uma etapa acadêmica, propomos com este trabalho analisar historicamente um dos primeiros clubes de ginástica de Minas Gerais, fundado em 1909 na cidade de Juiz de Fora. Este recebeu inicialmente, o nome de Turnerschaft por ser uma instituição baseada, quando de sua fundação, nos preceitos difundidos pela cultura alemã, materializada nas atividades ginásticas preconizadas principalmente pelo alemão Johann Friedrich Ludwig Jahn.

O presente trabalho foi dividido em duas partes: na primeira, procuro revisar o processo de formação da cidade de Juiz de Fora utilizando como referência diversos autores locais. Proponho ainda uma análise de processo de chegada da imigração alemã em Juiz de Fora e sua influência sob vários aspectos, principalmente o cultural.

Na segunda parte deste estudo, procuro analisar a história do Turnerschaft-Club Gymnastico Juiz de Fora, um dos primeiros clubes de ginástica fundado em Juiz de Fora em 1909. Procuro analisar o processo de sua fundação, procurando compreender a história desta instituição através do resgate de sua história que ainda não recebeu um estudo aprofundado.

Como forma de compreensão da história deste Clube, nos baseamos na análise dos documentos produzidos por aqueles que pertenceram às diversas diretorias do Turnerschaft-Clube Ginástico de Juiz de Fora ao longo dos seus setenta anos de existência. Infelizmente não foi possível encontrar muitos documentos, pois os mesmos não se encontram em arquivos públicos e segundo

alguns ex-alunos(as), muitos destes se perderam em decorrência das perseguições aos alemães e descendentes durante as guerras, tendo muitos deles que se desfazerem de qualquer tipo de vestígio ligado à Alemanha.

Outra justificativa para a dificuldade em se encontrar as fontes, são as enchentes que ocorreram em Juiz de Fora, principalmente na década de 1940, que prejudicaram vários estabelecimentos na cidade, entre eles o Clube Ginástico. Além disso, temos também a não preocupação em se preservar a história deste Clube, seja pelo poder público, seja pelos ex-alunos (as) e descendentes dos alemães.

Uma das principais fontes utilizadas neste estudo foram as atas de reuniões do Turnerschaft. Estas se encontram em três livros, datados da seguinte forma: 1° Livro: do ano de 1910 a 1919; 2° Livro: 1920 a 1975 e o 3° Livro: 1975 a 1979. Além destes três, há outro livro de registros que contém as primeiras as atas, colagem de algumas notícias dos principais jornais da cidade e fotografias assim como algumas informações escritas por algumas diretorias. Este livro foi o primeiro livro de atas, mas depois as informações iniciais ali contidas foram transferidas para outro livro, por causa, talvez, da dificuldade em se transportar este livro, devido à sua dimensão, que foge dos padrões que conhecemos atualmente.

Nas atas, foi possível encontrar algumas das pautas que eram discutidas entre a diretoria, nomes de alunos(as) que eram admitidos(as) assim como daqueles que foram excluídos por diversos motivos do Clube e relatos de festas comemorativas, nos quais podemos perceber a sintonia e o contato do Clube com outras associações ginásticas como o Turnverein do Rio de Janeiro, São Paulo e Petrópolis, o Turnerschaft Von 1890 in São Paulo, Club Gymnastico Portuguez do Rio de Janeiro e Centro Cultura Physica Força e Coragem de Juiz de Fora/MG. Além disso, existem discursos de posse de diretoria, balanços financeiros, ofícios de outras instituições, informações sobre o seu fechamento em 1979, entre outras informações pertinentes.

Utilizamos também um livreto comemorativo do 7° aniversário do Turnerschaft, que contém número de sócios, fotografias, um pequeno histórico do Clube, uma parte destinada ao projeto de higiene junto ao Clube e elaborado pelo Presidente da Liga Mineira Contra Tuberculose, o médico Eduardo de Menezes e também argumentos sobre a importância de se praticar a ginástica.

Na historiografia local encontramos poucas obras que tratam sobre a fundação, desenvolvimento e fechamento Turnerschaft. Entre elas temos o livro de

Luiz José Stehling[1], A Companhia União e Indústria e os alemães de 1979; o Álbum do Município de Albino Esteves que traz uma pequena nota sobre o Clube Ginástico de 1915; o livro de Gabriel Gonçalves da Silva, Juiz de Fora é o desafio de 1973; o livro de Ítalo Paschoal Luiz, Crônicas "A vida, histórias do preparador físico: Ítalo Paschoal Luiz (s.d); o livro de Arides Braga, Futebol e Futebolistas e etc de 1977; e o livro de Ivanir Yazbeck e Maurício Gama, O Espírito de São Roque de 1996.

Em algumas obras de memoralistas de Juiz de Fora, encontramos menção ao Clube. Na obra de Pedro Nava, Baú de Ossos, não há referência direta ao Clube, mas sim ao seu primeiro professor de ginástica, Gustavo Nietszch. Segundo ele: "era um ensaísta ali no botanágua..." (NAVA, 1983, p. 142). Em outro trabalho, ele referencia os alunos que ali frequentavam, dando uma ideia de família do Turnerschaft, mostrando como eram conhecidos os alunos que por ali se exercitavam*:*

> Ao fim de uma semana chegaram ao alto do Cristo Redentor e de lá soltaram os foguetes que foram respondidos, na Rua Halfeld, pelos rojões e morteiros do Nelo, do Paulo Ferreira Costa, do Romeu Mascarenhas e da rapaziada do Turnerschaft. (ibid, 1999, p. 76).

Em jornais foi possível encontrar notícias que nos ajudaram a entender um pouco do cotidiano do Clube, através de notícias de festas comemorativas, partidas esportivas e resultados, convocação para assembléias e reuniões, e analisar os discursos sobre seu fechamento através da imprensa entre outros.

As fotografias foram também utilizadas como uma forma de sinalizar as diversas atividades que o Clube participava na cidade e em outros lugares, mostrando também sua relação com outras instituições. Além disso, é possível analisar o formato das aulas pela dispersão espacial dos alunos, as modificações dos uniformes, a presença de homens, mulheres e crianças, os aparelhos ginásticos utilizados para as práticas, os espaços físicos, a identificação de pessoas por vezes não identificadas nos registros.

Analisamos também o estatuto do Clube Ginástico de 1937 que foi escrito tendo como base os primeiros estatutos do clube que não foram encontrados, com

[1] STEHLING, Luiz José. **Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria e os Alemães**. Juiz de Fora. FUNALFA, 1979.

as devidas alterações de acordo com o período histórico e perspectivas de trabalho do Clube, sendo composto de quinze páginas, divididas em seis capítulos e trinta e cinco artigos.

A fonte oral foi também utilizada junto à documentação existente, promovendo uma melhor compreensão do Turnerschaft-Clube Ginástico. Para tanto, foram entrevistadas doze pessoas, ex-alunos (as) do Clube Ginástico e ex-integrantes da diretoria. Foi utilizado um questionário semiestruturado na intenção de “facilitar” uma compreensão da história do Turnerschat-Club Gymnastico por parte dos entrevistados (as) e da entrevistadora.

CAPÍTULO 1

1 HISTÓRIAS DE JUIZ DE FORA E A IMIGRAÇÃO ALEMÃ

1.1 JUIZ DE FORA

> Juiz de Fora é uma cidade bem diferente das outras. Apresenta aspectos peculiares de sua polimorfa atividade. É a "polis" a que quase pode aplicar, com bastante propriedade, a expressão "Cristalização do espírito". Foi grande no passado, e tão grande, que recebeu apostos coloridos e de rico conteúdo: Manchester Mineira, Barcelona Mineira, Princesa de Minas, Princesa do Paraibuna. Hoje é a Princesa Centenária. Cada título que exonera seu nome revela e exalta uma particularidade de sua alta missão[2].

Podemos afirmar, baseados em estudos da bibliografia local, que a história de Juiz de Fora e mais especificamente o seu desenvolvimento, se liga à construção de estradas que foram fundamentais para a afirmação desta cidade, como uma das principais da província de Minas Gerias entre 1880 e 1930. Em decorrência de sua localização, como um ponto intermediário entre a capital de Província e o Rio de Janeiro, acabou por ser tornar um ponto importante para o descanso de tropas que passavam por ali no início do século XVIII, proporcionando a partir deste fato, o surgimento de características e elementos fundamentais para que, futuramente, ela se tornasse uma cidade.

Essa região integrava os Sertões Proibidos do Leste (FAZOLATTO, 2001, p.15), um local não muito povoado e que passou a se desenvolver com a abertura da "picada" ou estrada denominada inicialmente de "Caminho Novo". Para a construção desta Estrada a Coroa Portuguesa nomeou o bandeirante Garcia Rodrigues Paes, primogênito do bandeirante Fernão Dias Paes Leme.

O trabalho de abertura de um novo caminho teve seu início no princípio do século XVIII com reservas econômicas do próprio Garcia Paes, utilizando para isto a mão-de-obra escrava, trabalhadores assalariados e familiares, "todos apetrechados, pagos e alimentados com dinheiro seu". (LESSA, 1985, p. 16)

---

[2] Este pequeno trecho foi escrito por Wilson de Lima Bastos, um dos grandes literatos de Juiz de Fora, em comemoração ao aniversário de 129 anos da cidade. IN: BARBOSA; RODRIGUES: Juiz de Fora: um mosaico construído por poetas. In: NEVES, José Alberto Pinho; DELGADO, José Godinho; OLIVEIRA, Mônica Oliveira (Org.). **Juiz de Fora: história, texto e imagem.** Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2004.

> Em 1701 o valente sertanista Garcia Rodrigues Paes propôz-se a fazer uma picada que partindo da Borda do Campo fosse à Raiz da Serra. Essa picada foi levada a effeito, parte por Garcia Paes, que nesse emprehendimento gastára todos os seus haveres, durante quatro annos de trabalho rude, e parte pelo coronel Domingos Rodrigues, que o substituiu nessa empreza. Garcia Rodrigues Paes fora nomeado Guarda Mór em 13 de janeiro de 1698 e já abrira um caminho de S. Paulo para os Campos Geraes de Cataguazes. (ESTEVES, 1915, p.15).

Assim, após quatro anos à frente da abertura do caminho e diante das dificuldades financeiras encontradas por Garcia Paes, este passou a tarefa para Domingos Rodrigues, seu sobrinho. Esta "picada" tinha então como finalidade o tráfego de riquezas (ouro principalmente) entre os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, que era então realizado de forma lenta, por muares através de trechos difíceis para a passagem destes. Com o objetivo de povoar a região ao longo do trajeto, permitindo desta forma uma maior segurança àqueles que por ali transitavam, o Rei de Portugal passou a distribuir as chamadas "sesmarias".

> [...] Pois foi este o instituto que passou a vigiar no Brasil após a experiência mal-sucedida das capitanias hereditárias. E o País foi retalhado, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, em latifúndios, entregues a nobres, a potentados, a quem benefícios houvessem prestado à coroa e àqueles que, tendo meios, como semoventes, maquinaria e escravos, as requeressem na forma legal. [...] No português antigo dava-se este nome (sesmaria) às doações que eram feitas de terras incultas ou bens em abandono [...] tais propriedades eram dadas diretamente pela coroa ou esta delegava poderes para que as câmaras o fizessem com a obrigação de o sesmeiro pagar a sexta parte dos frutos. (BASTOS, 1987, p.13)

Para melhorar o entendimento sobre o trajeto, poderemos descrevê-lo, hoje, da seguinte maneira: seu caminho percorria regiões como Guaratinguetá, Passa Quatro, Ouro Preto, São João Del Rei, Tiradentes, Prados, Lagoa Dourada, Ouro Branco, Conselheiro Lafaiete, Barbacena, Santos Dumont, Juiz de Fora, Matias Barbosa, Simão Pereira, Três Rios, Barra do Piraí, Pavuna, Irajá, Rio de Janeiro. Trajeto este, realizado pela margem esquerda do Rio Paraibuna, rio que corta diversas regiões, em especial Juiz de Fora.

Segundo Tomaz (2004, p.14):

> Por esta estrada passaram bandeirantes, índios, escravos, tropeiros, cientistas europeus, ilustradores da nossa fauna e flora, inconfidentes mineiros, o Tiradentes como o guarda do caminho e propagandista do movimento de libertação, o corpo esquartejado do mártir, D. Pedro I e tantos outros que ajudaram a escrever a história de Mias e do Brasil.

No início do século XVIII, de acordo com a historiografia local, existiu um pequeno povoado denominado de Santo Antônio da Boiada, local de parada de muitos tropeiros durante a passagem pela região chamada hoje de Juiz de Fora. Sua localização é ainda duvidosa para alguns pesquisadores, faltando estudos sobre este pequeno povoado localizado na margem esquerda do Rio Paraibuna. De acordo com Jair Lessa (1985), a mais provável das hipóteses é que esta se localizou onde hoje é o bairro Santo Antônio. Outros estudos, como o do historiador Alexandre Delgado (ibid), confirmam a existência deste lugar, ao encontrar um livro de registro de batismo da capela que ali possivelmente existiu.

Entre aqueles que receberam sesmarias, podemos destacar as terras de Antônio de Albuquerque e João de Oliveira, passada em 15 de janeiro de 1710. Após três anos, estas terras foram vendidas ao Dr. Luiz Fortes Bustamante de Sá, nomeado em 18 de março de 1711, juiz de fora da cidade do Rio de Janeiro. Como nesta época era comum que as pessoas nomeassem as propriedades pelo nome do proprietário ou pela sua profissão, aquela sesmaria ficou conhecida como “sesmaria do Juiz de Fora”. Esta pesquisa sobre a origem do nome de Juiz de Fora foi por muitos anos discutida. A partir da pesquisa do Dr. Alexandre Delgado, segundo Jair Lessa (1985), hoje se acredita ser o Dr. Luiz Fortes Bustamante de Sá, o “Juiz de Fora”.

> Este construiu o prédio da sede da fazenda que herdou o nome do titulo de seu cargo, vendendo-o a seu genro, o desembargador e Juiz de Fisco Dr. Roberto Carr Ribeiro, em 6 de novembro de 1728 . O Dr. Roberto Carr Ribeiro e sua esposa, Dona Maria Angélica de Sá, por sua vez, venderam a Fazenda do Juiz de Fora, com o respectivo terreno, ao comerciante Antônio Vidal, a 10 de setembro de 1738[3].

[3] Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora, 1985. p.30.

FIGURA 1- Fazenda do Juiz de Fora



Fonte: ESTEVES, 1915

> Esta fazenda foi comprada no ano de 1812, por Antonio Dias Tostes. Tostes tornou-se o maior proprietário rural da região, pois, além da Fazenda do Juiz de Fora e cinco sesmarias anexas, mais a Fazenda do Marmelo, ambas adquiridas ao Brigadeiro José Vidal, filho de Antônio Vidal, comprou também a Fazenda do Retiro, com três sesmarias de terras, onde construiu uma nova sede para sua residência, também conhecida como Fazenda Nova. Adquiriu ainda a sesmaria de Manoel Rodrigues, na estrada em direção a Mar de Espanha. Seu território particular era formado por 10 sesmarias de terra**.** (FAZOLLATO, 2001, p.17)

Esses acontecimentos acima descritos só foram possíveis devido à abertura do Caminho Novo. Mas com o tempo, este caminho não atendeu às demandas da Província de Minas Gerais, visto a necessidade de um contato maior com o Rio de Janeiro. Ficou estabelecida então a construção de um plano de estradas que ligava Ouro Preto ao Rio de Janeiro, através da lei n° 18, de 1° de abril de 1835. No ano de 1836 foi nomeado como engenheiro da Província de Minas Gerais, o alemão Henrique Guilherme Fernando Halfeld (Heinrch Wilhem Ferdinand Halfeld), que se estabeleceu com sua família em Ouro Preto. (STEHLING, 1979).

Segue abaixo o decreto de nomeação do engenheiro:

> O Vice-Presidente da Província, em virtude da lei provincial n°18, de primeiro de abril de 1835, depois de ouvido o inspetor-geral interino de Estradas, resolve nomear engenheiro da mesma Província, o Sr. Henrique Guilherme Halfeld, que entrará em exercício no dia 1 de julho próximo e vencerá a gratificação anual de dois contos e

> oitocentos mil réis, sob as condições expressas no contrato que celebrou com o governo na data de hoje.
> E para constar se expede o presente diploma, que será registrado nos livros da Secretaria de Governo e nas da Fazenda.
> Ouro Preto, Palácio do Governo em 13 de maio de 1836.
> Ass. Antônio da Costa Pinto[4]

A primeira forma encontrada pela Província foi buscar melhorias no Caminho Novo através da contratação do seu engenheiro e da construção da nova estrada, conhecida depois como Estrada do Paraibuna. Halfeld utilizou boa parte do Caminho Novo, pelo lado esquerdo do Rio Paraibuna, mas:

> Ao atingir a ainda existente Benfica, abandonou-o, atravessou o rio Paraibuna e agora, pela margem direita, traçou a Rua Bernardo Mascarenhas, afastou-se da grande volta pela Grama do outro lado do rio e, para fugir aos pântanos, subiu o Morro da Glória (formando a Avenida dos Andradas, de forte rampa), contornou a imensa lagoa de 50.000 metros quadrados que havia no local do Largo do Riachuelo e, numa impressionante reta de cerca de três quilômetros... subiu até o Alto dos Passos". (LESSA, 1985).

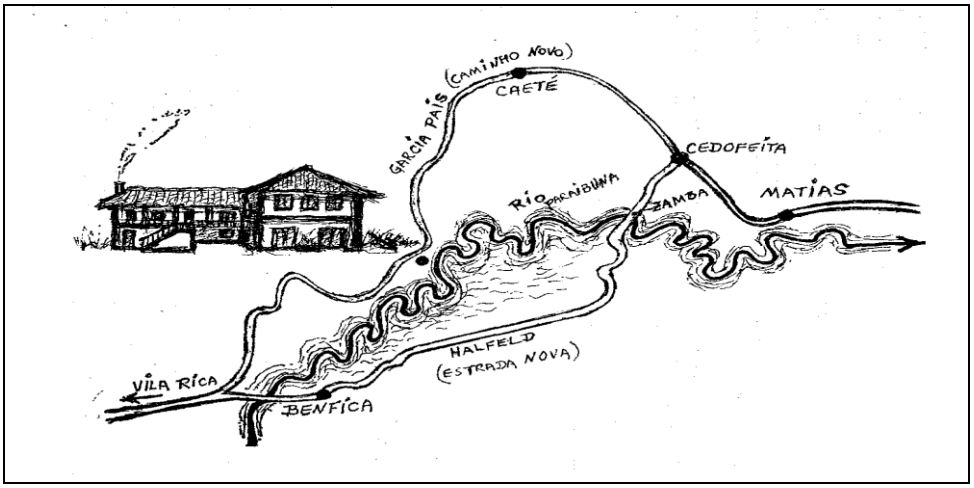
No período que esteve em Santo Antonio do Paraybuna, Halfeld se hospedou na casa da família Tostes. Após a morte de sua primeira esposa, Dorothea Augusta Filipina, ele se casou novamente, desta veza com a filha de Antonio Dias Tostes, Cândida Maria Carlota, em 1839. Após quatro anos, foi realizada a partilha dos bens da família Tostes, que possuía grande parte da região central da cidade de Juiz de Fora (de hoje). Assim, as suas terras compreendidas entre a Avenida Rui Babosa (Caminho do Alcaide-Mor) até depois do Bom Pastor, foram divididas em 12 faixas, paralelas à atual Avenida Rio Branco (Estrada Nova traçada por Halfeld).

Alguns filhos de Antônio Tostes começaram a vender suas terras por elas não serem propícias à produção agrícola, pois do lado direito da Estrada Nova havia muitos pântanos. Mesmo assim, foi Henrique Halfeld comprando algumas terras com suas economias e passou a ser dono de uma grande parte das terras, dentre elas a Fazenda do Juiz de Fora, além daquela herdada por sua esposa.

---

[4] STEHLING, Luiz José. **Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria e os Alemães**. Juiz de Fora: FUNALFA, 1979.p.43.

FIGURA 2 – As estradas e Juiz de Fora em meados do século XIX



Fonte: LESSA, 1985.

Segundo alguns autores da historiografia local, Halfeld, após a construção da Estrada Nova arquitetada por ele, já que não seguiu o trajeto do Caminho Novo de Garcia Paes, passou a “pensar” na formação de uma cidade.

> Desde que Henrique Halfeld iniciou a construção da Estrada do Paraibuna, e cujo trajeto na localidade resultou sua primeira via pública – a majestosa avenida Rio Branco – a princípio chamada rua Principal e depois rua Direita, foi deixada em abandono a margem esquerda do Paraibuna, por onde passava a antiga estrada, sendo desprezada, consequentemente, a várzea onde se achava a Fazenda Velha. O arraial que poucos anos depois devia ser elevado a vila, começou a formar-se à margem da nova estrada, como já foi dito, bem distante do lugar chamado Juiz de Fora e com outro nome – Santo Antônio do Paraibuna [...] (OLIVEIRA, 1966, p.66).

A partir de melhorias, o então arraial Santo Antônio do Paraybuna começou a receber novos olhares, principalmente da aristocracia cafeeira. No dia 31 de maio de 1850, pela Lei Provincial n° 472, esta região deixou de pertencer a Barbacena e foi elevada a Vila de Santo Antônio do Paraybuna, pertencente ao Município de Paraybuna. Além de Santo Antônio do Paraybuna, o município reunia outros quatro locais, a saber: Rio Preto, Chapéu D’Uvas, Simão Pereira, São Francisco de Paula e nove distritos.

> A capitania de Minas Gerais receberá consideráveis contingentes de escravos durante os séculos XVIII e XIX, tornando-se, tanto no período colonial quanto na época do Império, a capitania e depois a província mais populosa do Brasil, seja considerando-se o conjunto da população, seja considerando-se apenas a população de escravos. (PAULA, 2000, p.102).

Segundo esse mesmo autor, entre os anos de 1719 e 1879, uma população escrava que somava 33.000 pessoas, passaria a registrar um número de 381.893 escravos.

Na segunda metade do século XIX, a região da Zona da Mata já ocupava lugar de destaque na produção de café, concentrando como mão-de-obra um número elevado de escravos conforme tabela abaixo.

TABELA 1 - População do Município e Vila de Santo Antônio do Paraybuna - 1855.

	MUNICÍPIO		**VILA**		
População	Total	%	Total	%	% comparativa em relação do total do Município
Nacionais	11.176	40,2	2.401	37,1	8,6
Estrangeiros	188	0,7	40	0,6	0,1
Escravos	16.428	59,1	4.025	62,3	14,3
Total	27.792		6.466		23,0

Fonte: Arquivo Permanente da Prefeitura de Juiz de Fora (OLIVEIRA, 1991)
Município III: 1) Câmara; B) Sessões da Câmara; b) Comissões.

Analisando a tabela acima, percebemos o quão ainda era insignificante o número de imigrantes na Vila e como o número de escravos chegava a totalizar 14,3% do total do município. Percebe-se que neste período já estava proibido o tráfico de escravos e estavam se iniciando no Brasil as discussões a respeito da abolição. Foi um dos únicos municípios de Minas a chegar a utilizar nas lavouras de café quase 17.000 escravos. Os números referentes aos estrangeiros começam a se modificar a partir da construção de outra estrada, a União e Indústria.

No final do século XVIII inicia-se o declínio do ouro e junto com ele o desenvolvimento da produção de café. Este foi cultivado inicialmente no Rio de janeiro e chegou à região mineira através dos tropeiros que passavam pelo Caminho Novo, pois esta era a única via entre Rio de Janeiro e a Província de Minas Gerais.

Por este motivo, várias outras regiões começam a ser habitadas, numa verdadeira migração interna e a Zona da Mata passa a se tornar o principal pólo de atração.

Minas Gerais tornou-se a principal região produtora de café em meados do século XIX e isto acabou por proporcionar ao Estado diversas mudanças alavancadas pelo desenvolvimento econômico.

Com o aumento da produção de café, começam a surgir problemas de transporte do produto para a capital do país, feita até então de forma lenta, com baixa capacidade, pois era realizada ainda por mulas através da Estrada do Paraibuna. No ano de 1853, o Governo Imperial pelo decreto n° 1.031, autorizou Mariano Procópio Ferreira Lage[5] a construir a estrada de rodagem macadamisada, mediante o privilégio de explorá-la durante cinquenta anos. Segue o decreto:

> Atendendo o que lhe representou Mariano Procópio Ferreira Lage pedindo faculdade para construir, melhorar a sua própria custa, duas linhas de estradas que começando nos pontos apropriados a margem do rio Paraíba, desde a Villa desde a Villa deste nome até o Porto Novo do Cunha, se dirijam uma até a Barra do Rio das Velhas, passando por Barbacena, e com ramal desta cidade, para S. João Del Rei, outra pelo município de Mar de Espanha, com direção a Ouro Preto e desejando quanto possível o benefício da agricultura e o comércio das indicadas localidades, facilitando as comunicações aqueles pontos e relações entre as duas Províncias, do Rio de Janeiro e Minas Gerais. HEI POR BEM - conceder-lhe o privilégio exclusivo pelo tempo de cinquenta anos para incorporar uma Companhia para o dito fim, sob as condições que com estas baixam, assinado por Francisco Gonçalves Martins, do Meu Conselho, Senador do Império, ficando, porém este contracto dependendo da aprovação da ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA'. (grifo do autor)
> Nosso Ministro o tenho entendido e assim faça executar.
> Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1852. Ass. D. Pedro II[6]

O povoamento da região ao lado da Estrada Nova (Estrada do Paraibuna) foi aumentando e a cidade passou a ter, por exemplo, no ano de 1855, uma Sociedade

---

[5] Mariano Procópio Ferreira Lage nasceu em Barbacena, Minas Gerais, no dia 23 de junho de 1821. Desde criança, manifestou interesse por ciências e novas tecnologias. Com o apoio do pai, Mariano José Ferreira Armond, foi à Europa para complementar os estudos. Depois aos EUA, onde conheceu o processo de pavimentação do leito de estradas e a cobrança de pedágios, interessando-se também por ferrovias. De volta ao Brasil, idealiza e constrói a Estrada de Rodagem União e Indústria, ligando Rio a Minas. A nova estrada impulsionou a economia das duas regiões e, consequentemente, do próprio Império. Recebeu de D. Pedro II o título de barão que transferiu à sua mãe, Dona Maria José Ferreira Lage. Mariano Procópio faleceu no dia 14 de fevereiro de 1872, aos 51 anos de idade.

[6] STEHLING, Luiz José. **Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria e os Alemães**. Juiz de Fora: FUNALFA, 1979.

Promotora dos Melhoramentos Materiais da Vila de Santo Antonio do Paraibuna e do seu município criada pelo rico fazendeiro e comerciante Mariano Procópio Ferreira Lage que chegou à cidade no ano de 1852.

O mineiro Mariano Procópio tinha íntima relação com o Rio de Janeiro e autoridades, entre eles D. Pedro II.

> Foi em 1868 que um grupo de fazendeiros e membros da nobreza fundou o Jockey Club, responsável por futuros progressos e pelo estabelecimento definitivo das corridas de cavalos no Rio de Janeiro (...). Seu primeiro presidente foi Marianno Procópio Ferreira Lage, conhecido criador de cavalos de Minas Gerais e um dos mentores da Companhia União e Indústria. (MELO, 2001, p. 59).

Como na cidade de Juiz de Fora não havia mão-de-obra especializada para dar início às obras da rodovia, resolveu Mariano Procópio contratá-los na Europa, como veremos mais adiante, quando tratarmos do assunto sobre a imigração alemã em Juiz de Fora.

Resumidamente, acreditamos que alguns fatores motivaram o crescimento e o desenvolvimento da região de Juiz de Fora:

a) Por ter sido um ponto intermediário entre a Província de Minas Gerais e o Rio de Janeiro, facilitado pela abertura do Caminho Novo por Garcia Paes;
b) A produção de café, favorecida pela grande concentração de mão-de-obra escrava, que acabou por atrair investimentos da aristocracia cafeeira e que foi um dos motivos para a construção da Estrada União e Indústria;
c) Construção da Estrada União e Indústria que facilitou o escoamento do café e um maior contato com o Rio de Janeiro;
d) Presença de imigrantes, em primeiro lugar, de alemães a partir de 1856; de italianos a partir de 1880 e ainda de sírios e libaneses a partir de 1900;
e) Estrada de Ferro D. Pedro II
f) O advento da energia elétrica, proporcionando um maior crescimento industrial;
g) A proximidade com o Rio de Janeiro.

A cidade de Juiz de Fora foi a primeira da América do Sul a ter uma Usina Hidroelétrica. A oferta de energia elétrica só foi possível com os investimentos de Bernardo Mascarenhas[7] que chegou à cidade em 1886.

> O importante aqui é nos atermos ao fato da escolha de Juiz de Fora, por Bernardo, se deve, fundamentalmente, à existência desta mão-de-obra e de uma já visível capacidade empresarial, no que diz respeito à possibilidade de diversificação de investimentos. Aliado a isto, a proximidade com o mercado do Rio de Janeiro e a existência de potencial Hidráulico necessário para a instalação da energia elétrica reforçam a escolha desejada. (CHRISTO, 1994, p. 74).

Neste mesmo sentido escreve Vaz (2005) que:

> A idéia inicial de Bernardo em instalar a fábrica em Juiz de Fora seguia os mais elementares princípios de viabilidade econômica, por se tratar de um núcleo urbano que começava a se estruturar e crescer. A proximidade com o Rio de Janeiro facilitaria tanto o transporte das máquinas quanto da montagem da fábrica e seu funcionamento, em virtude da existência de uma boa estrutura de transporte de cargas, quer através da União e Indústria ou pela estrada D. Pedro II, o que significa rapidez no recebimento de peças de reposição e de insumos que teriam que vir do exterior.

Bernardo Mascarenhas foi responsável pela instalação de uma das maiores empresas da época, a Tecelagem Bernardo Mascarenhas e também de fornecer a iluminação pública através da energia gerada pela força dos rios. Assim,

> Na noite de 22 de agosto de 1889, às 9 horas em ponto, as lâmpadas que encimavam os postos iluminaram-se subitamente, como por efeito de milagre, derramando uma luz vivíssima no ar, e uma banda de música postada no Jardim Municipal, onde o povo se concentrara, rompeu numa marcha entusiástica. Uma salva de 21 tiros atroou nos ares.
> Era a experiência do novo sistema de iluminação. Pela primeira vez na América do Sul se acendiam lâmpadas com energia captada pelas quedas de um rio. (MASCARENHAS, 1987, p.89).

[7] Natural de Curvelo, Minas Gerais. Industrial em Sete Lagoas, transferindo-se para Juiz de Fora, depois de efetuar estudos na América do Norte, aqui fundou a Companhia Mineira de Eletricidade em 1888, sendo a primeira na América do Sul, efetuando a instalação da primeira instalação elétrica de iluminação pública. Além disso fundou a Companhia de Fiação e Tecelagem Bernardo Mascarenhas. É um dos fundadores do Banco de Crédito Real de Minas Gerais.

FIGURA 3: Atual Avenida Barão do Rio Branco, antiga Rua da Direita



FONTE: AMARAL, 2006

De acordo com Domingos Giroletti (1988), podem-se distinguir dois períodos no processo de industrialização de Juiz de Fora até 1930. O primeiro, caracterizado pelo predomínio de pequenas fábricas e oficinas, com baixa produção e produtividade, baixo índice de capital investido e pequena utilização de mão-de-obra, estendeu-se até o fim da década de 1880 e é visto como período da implantação industrial na cidade.

O segundo período ocorre quando da fundação de médias e grandes indústrias, já a partir de 1890, ao lado das pequenas que se mantêm e de outras que haveriam de se organizar. Os estabelecimentos do segundo período distinguido por ele se diferiam daqueles do primeiro período pela produção em série, pelo emprego de um contingente significativo de operários, pela utilização de uma tecnologia importada e sofisticada para os padrões daquela época – primordialmente nos ramos têxtil, metalúrgico, tipográfico e nas indústrias de construção – e pelo uso de energia elétrica como força motriz. Além disso, as médias e grandes indústrias se distinguiam das pequenas também pela separação entre os proprietários e os trabalhadores diretos dos meios de produção. (GIROLETTI, 1978, p. 73-74).

Em Juiz de Fora, no ano de 1920, havia dezenove fábricas que empregavam 2.900 pessoas. Era um dos setores que mais empregavam, com a utilização de mão-de-obra adulta (homens e mulheres) e infantil. Conforme Eliana Dutra (1988), o censo domiciliar em 1920 demonstra que nesse ano a indústria empregava 8.555 indivíduos, sendo 2.790 menores de vinte e um anos, e 5.765 com vinte e um anos

ou mais. É importante observar a larga utilização do trabalho de menores (menores de vinte e um anos) e do trabalho feminino. Dos 8.555 trabalhadores do setor secundário, 2.475 eram mulheres, sendo 1.254, meninas.

As condições de trabalho nas fábricas de Juiz de Fora também não eram boas. Segundo Andrade (1987, p.50), “as condições de vida do proletariado de Juiz de Fora evidenciam o grau de exploração da sua força de trabalho, recebendo um salário sempre aquém de um padrão minimamente humano de vida“.

Maraliz Christo (1994) trabalha com a ideia de que na cidade ocorreu a busca de um projeto modernizante, abrangendo vários setores como o sistema bancário, transporte, energia, saúde, comunicação, educação e associação de classe. Mas acreditamos que este plano de modernização tenha surgido de forma indireta até mesmo antes do primeiro projeto colocado por ela como a construção da Estrada União e Indústria, em 1861, pois no século XVIII quando Halfeld traçou sua Estrada Nova[8] e começaram a surgir logo os primeiros moradores ao redor, ele tratou logo de realizar a primeira planta do então Santo Antonio do Paraybuna, além da organização de jardins por parte da Câmara, buscando melhorar a limpeza e “aparência” daquela região.

> A Câmara, empenhada no embelezamento urbano, prometia agora – ao invés de proibir como dantes – fazer doações de palmos de terra aos proprietários na Avenida que quisessem construir jardins gradeados fronteiros às suas residências. (LESSA, 1985, p.66).

No ano de 1855 já existia até mesmo chafariz na rua arquitetada por Henrique Halfeld. Assim, “o moderno estava ligado ao progresso, à limpeza, ao embelezamento”. (MELO, 2001, p. 71).

É evidente que o processo de urbanização e modernização de Juiz de Fora não foi simplesmente um desdobramento do que acontecia no Rio de Janeiro em período semelhante. A proximidade com o Rio de Janeiro acabou por proporcionar um intercâmbio político, econômico, social e em especial cultural. Ser moderno de certa maneira era ter o conhecimento dos acontecimentos do mundo e estar em contato com o cosmopolismo do Rio de Janeiro. Entre estas cidades havia uma

[8] Quando foi construída esta Estrada, aquela que era utilizada inicialmente como passagem passou de se denominar Estrada Velha e aquela, Estrada Nova.

relaçãoo cultural, percebida através das peças de teatro, touradas, concertos, circos, entre outros, realizadas desde o final do século XIX.

Assim escreve Paulino de Oliveira (1994), remetendo-se à riqueza cultural da cidade e aos codinomes que a cidade recebeu em consequência das suas características modernas:

> Juiz de Fora era então chamada a "capital intelectual de Minas", pois, enquanto na capital do Estado havia apenas três jornais diários, aqui se editavam sete, nenhum deles inferior aos de lá. Mas teve ainda outros títulos. Artur Azevedo batizou-a como "Atenas", Coelho Neto chamou-a "Princesa de Minas" e Rui Barbosa crismou-a como "Barcelona". Outros apelidaram-na "Princesa da Mata" e "Princesa do Paraibuna", mas muito antes, alguém a aclamara "Manchester".

Como exemplo da relação entre as duas cidades, baseando-se nas informações coletadas[9] no jornal O Pharol[10] entre os anos de 1879 e 1881, percebemos a presença de um ringue de patinação, assim como no Rio, notícias de exposições na Europa, presença do Collegio Abilio, filial do colégio da corte em Juiz de Fora, exposição na cidade de vistas de vários os países do globo, banda de música, fotógrafo do Rio de Janeiro, modistas, peças de teatro com artistas do Rio. Alem disso, temos como exemplo a formação da Academia Mineira de Letras[11] fundada em Juiz de Fora no ano de 1909 ao molde da Academia Brasileira de Letras, bem como da Sociedade de Medicina de Juiz de Fora fundada em 1889, três anos depois da Sociedade Brasileira de Medicina.

Murilo Mendes escreve em sua obra “A Idade do Serrote” (1968, p.20):

> Sebastiana remexe lá dentro um colherão de pau, gira, gira, Sebastiana diz que tem uma vontade doida de ir a Minas

[9] Pesquisa realizada junto ao GEPHEFE (Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte) da Universidade Federal de Juiz de Fora.

[10] O Jornal O Pharol foi um dos principais jornais de Juiz de Fora. Fundado em 1871, esteve em atividade até 1939, quando foi fechado. Na cidade em fins do século XIX estiveram em circulação os jornais O Pharol, Diário de Minas, Gazeta da Tarde, Correio de Minas, Jornal do Comércio. Já no século XX destacamos: O Inominável, O Sarilho, O Dia, A Batalha, O Lince, O Parafuso, Gazeta Comercial, O Lampadário, A Tarde, A Tribuna, O Medium, Folha Mineira, Folha da Manhã.

[11] De acordo com o Álbum do Município de Juiz de Fora produzido por Albino Esteves (1915), os fundadores da Academia Mineira de Letras foram: Dr. Augusto de Lima, presidente honorário; Dr. Eduardo de Menezes, presidente; Machado Sobrinho, secretário geral; Brant Horta, secretário; Belmiro Braga, tesoureiro; Heitor Guimarães, bibliotecário; Estevam de Oliveira, Dilermando Cruz e Luiz de Oliveira, comissão de contas; Lindolpho Gomes, Brant Horta e Albino Esteves, comissão de bibliografia e Dr. Amanajós de Araújo, Belmiro Braga e José Rangel, na comissão de recepção.

> Gerais, Mamãe diz mas Sebastiana você mora em Minas Gerais, ué gente, eu pensava que eu morasse em Juiz de Fora.

Na área educacional podemos citar a Academia do Comércio, primeira instituição do Brasil fundada em 1884 “com finalidade de formar negociantes, banqueiros, diretores e empregados de estabelecimentos industriais e de comércio”. (CHRISTO, 1994, p.81). Esta instituição estava voltada para a formação dos quadros burocráticos, diferente do primeiro Grupo Escolar de Minas Gerais, fundado em Juiz de Fora no ano de 1907.

Esse modelo de escola primária, o Grupo Escolar, estava comprometido com os ideais liberais republicanos de modernização da sociedade brasileira. (YAZBECK, 2003). A criação dos grupos escolares esteve diretamente ligada ao movimento republicano que buscou a “atualização histórica” do país a fim de integrá-lo à civilização ocidental moderna.

Este fato foi retrato por vários jornais, entre eles o “Correio de Minas”:

> De muita solemnidade revestiu-se hontem, às 11 horas da manhã, a abertura do Grupo Escolar de Juiz de Fóra, o primeiro do Estado, organizado, de acordo com o novo plano da instrucção pública mineira, pelo sr. professor José Rangel, nosso confrade de imprensa.(05/02/1907). (Ibid)

Além disso, temos a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II, em 1871; o bonde de tração animal, em 1881; o telefone, em 1883; o telégrafo, em 1884; a água em domicílio, em 1885; o Banco Territorial Mercantil, em 1887; o Banco de Crédito Real, em 1889 e a criação do Instituto Metodista Granbery, 1890. (LESSA, 1985; CHRISTO, 1984).

Até a década de 1920, como salienta Maraliz Christo (1991), “Juiz de Fora é apontada como o centro cultural do Estado, seja pelo seu número de jornais e teatros, seja pela expressão de suas escolas e instituições culturais” (p.1). Ainda segundo Murilo Mendes (1968), grande literato, “Juiz de Fora é uma ilha cercada de pianos por todos os lados”.

Por estes vários motivos e outros que não foram mencionados, a cidade acabou por ser apelidada por muitas personalidades como “Manchester Mineira, Princesa de Minas e Atenas Mineira”. Como veremos, o imigrante alemão teve uma participação importante para a “formação” de uma cidade, chamada JUIZ DE FORA.

1.2 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ

É importante destacar que a imigração alemã no Brasil tem permitido variadas leituras e interpretações. Abordagens históricas, preservação da memória, estudos socioeconômicos, investigações genealógicas e teológicas, pesquisas sobre o sistema educacional, formas de práticas corporais e estudos diversos são apenas algumas amostras deste produtivo objeto de pesquisa.

O início dessa história ocorreu antes da chegada da Família Real ao Brasil, pois já existia no país a permissão para a vinda e permanência de estrangeiros desde que satisfizessem alguns requisitos: “deveriam professar a religião católica e pagar tributo adicional elevado”. (JOCHEM, 1997, p. 56). Mas modificações importantes aconteceram com a chegada do Príncipe Regente Dom João VI. A abertura dos portos em 1808 proporcionou a vinda de diversos imigrantes europeus assim como a autorização para o recebimento de terras aos imigrantes, as chamadas sesmarias. Além disso,

> a carta régia datada de 6 de maio serviu de modelo para muitos contratos posteriores, pois continha concessões substanciais aos imigrantes tais como: passagem livre por mar e terra no Brasil; doação de terreno com casa provisória; para cada família de três a quatro pessoas, um boi ou cavalo, duas vacas leiteiras, quatro ovelhas, duas cabras, dois porcos, sementes de trigo, feijão, arroz, milho, linho cânhamo e óleo de rícino para lâmpadas. (ibid, p. 58).

Mas o interesse do Governo Imperial em atrair imigrantes para as terras brasileiras não estava relacionado apenas ao povoamento de terras devolutas e na formação de uma população intermediária entre escravos e pequenos proprietários. No decorrer de algumas décadas e chegando ao período republicano no Brasil, os intelectuais brasileiros, principalmente nas primeiras décadas deste sistema governamental, baseados no racismo científico vindos dos Estados Unidos e Europa, viam na imigração a possibilidade de uma mudança da raça brasileira, pois a raça branca era vista como a mais desenvolvida e argumentavam que a falta de desenvolvimento no país estava associado à população que aqui existia em grande número: os escravos.

Assim, escreve Ramos (2002, p. 139) que a teoria de branqueamento:

> [...] abraçada por intelectuais e diligentes da nascente República brasileira, através da importação de sangue branco e da depuração do sangue negro pela mestiçagem com os “tipos superiores”, seria possível a regeneração dos componentes étnicos que fundaram o Brasil e a produção efetiva de um “tipo” (grifo do autor) brasileiro mais eugênico. E este, regenerado pela entrada ao sangue europeu, forneceria a base sobre a qual o povo brasileiro construiria sua unidade física e cultural num patamar mais elevado do que o proveniente da mistura de “raças inferiores” (grifo do autor), garantindo a evolução futura do país.

Sobre essa preocupação com a raça brasileira, na busca da formação de uma “nova” sociedade através das questões raciais, não podemos deixar de mencionar o investimento do país nas décadas iniciais do século XX numa política eugenista, defendida, por exemplo, por Renato Kehl, maior propagandista da eugenia brasileira. Pietra Diwan (2007, p.89) debruçou seus estudos sobre este pensamento no Brasil. Segunda ela, “a miscigenação era a grande vilã contrária ao progresso dos países do Novo Mundo e exorcizada pelos europeus.”

Essa preocupação por uma unidade racial estava ligada, entre outros fatores, ao imaginário simbólico frente aos negros que eram marginalizados por serem colocados como uma população inferior, inerte e ignorante. Associado a isto, os fazendeiros do café, que eram responsáveis por uma das principais riquezas e fonte econômica do país após a era do ouro, acabaram por construir novas relações de produção através da utilização do trabalho assalariado, transferindo de um modo de produção escravista colonial para o capitalismo com a utilização de braços livres.

Não estamos querendo dizer que a imigração foi o principal motivo para o surgimento da política abolicionista, mas a destacamos, pois acabou por promover mudanças nas estruturas econômicas, políticas e sociais no país.

Vários foram os motivos para a vinda dos imigrantes germânicos para o Brasil, motivos estes de ordem econômica, política, ideológica, cultural, religiosa. De acordo com a bibliografia sobre este assunto, não há um consenso sobre o número correto de imigrantes que chegaram ao país. Na cidade de Juiz de Fora ocorre o mesmo problema.

1.2.1 Alemães em Juiz de Fora.

A cidade de Juiz de Fora recebeu nos anos de 1856 e 1858 um contingente imigratório de pessoas vindas de diversos locais da Europa, que tinham como língua nacional o Alemão. Desde sua chegada à cidade, estes imigrantes buscaram transplantar para sua nova terra sua cultura e hábitos, entre eles as práticas corporais.

Como visto anteriormente, “no ano de 1850, o povoado de Santo Antônio do Paraybuna foi elevado à categoria de Vila e foram estabelecidos os seus limites. A população da Vila em 1855 já atingia 6.466 habitantes e em 1856 a vila foi elevada à categoria de cidade”. (OLIVEIRA, 1991).

A Vila era a sede do município. Este possuía 59,1% de população escrava. Esta grande porcentagem se explica pelo próprio desenvolvimento da lavoura cafeeira na região, que a esta época já ocupava o primeiro lugar na Província. O número de estrangeiros ainda era bastante reduzido e a população de nacionais correspondia a 40,2% do total. (ibid).

Pesquisas apontam para os motivos que trouxeram os imigrantes a Juiz de Fora. Primeiro temos a construção da estrada União e Indústria, idealizada por Mariano Procópio Ferreira Lage, necessária ao escoamento de forma mais rápida do café para o Rio de Janeiro. Além disso, era preciso criar um núcleo colonial agrícola para a produção de gêneros e abastecimento do mercado interno.

Mariano Procópio Ferreira Lage era um rico comerciante e fazendeiro que costumava visitar a corte imperial e viajar para diversos países. Em uma dessas viagens teve contato com as mais modernas estradas de rodagem que eram cobertas de pedras, numa mistura de cascalho e pixe, chamadas estradas macadamizadas. Em 1852, Mariano Procópio

> regressa da Europa e propõe a construção da rodovia, também com o objetivo de obter a concessão de serviços e exploração da mesma. O Decreto n 1.031 de 7-8-1853 deu autorização imperial para a construção e exploração por um prazo de cinquenta anos. Ficou ainda estipulado que deveria ser instalada uma colônia de cerca de 3.000 pessoas, mais ou menos 400 famílias, que deveriam se dedicar à agricultura, abastecendo o mercado regional. (CASTRO, 1987, p.63).

A escolha pela cidade de Juiz de Fora para a construção dessa estrada está diretamente relacionada à sua localização intermediária entre a Província de Minas Gerais e a capital do Império, Rio de Janeiro. Como a característica da mão-de-obra nesta região era a escrava e esta não atendia às necessidades de trabalho para o início da construção da estrada foi preciso contratar na Alemanha, em 1856, cerca de 150 pessoas com diversas especialidades: engenheiros, pedreiros, fundidores, ferreiros, oleiros, pintores, segeiros, pontoneiros, seleiros, mecânicos, carpinteiros.

A contratação desses primeiros imigrantes na Alemanha foi realizada por H. F. Eschels, com o objetivo de empregar os imigrantes nas oficinas da Companhia União e Indústria e nas obras de infra-estrutura da rodovia, de acordo com alguns autores, uma das rodovias mais modernas do Brasil na época. Além deste contrato, Mariano Procópio fez contratos com fazendeiros para que estes colocassem à disposição da Companhia braços escravos que de acordo com relatório encontrado por Luiz José Stehling (1979) chegava ao número de dois mil indivíduos.

Na Alemanha, aqueles contratados para trabalharem no Brasil nas obras da Estrada União e Indústria assinavam um contrato de obrigação junto à Companhia. Segue abaixo o texto do mesmo, transcrito por Luiz José Stehling (1979):

> Eu abaixo assinado, HEINRICH JULIOS GRIESE, natural de Holstein, mestre de seges, obrigo-me a servir a Companhia União e Indústria, estabelecida na Província de Minas Gerais, no império do Brasil na dita qualidade, fazendo toda a obra de seu ofício e segundo for, caixas de seges, carruagens e carros de correio, assim como toda a obra de carro de correio e de carreto pelo tempo e condições seguintes:
>
> 1- A duração do presente contrato de engajamento será de dois anos a conta o dia da chegada a seu destino, na estação de JUIZ DE FORA.
> 2- O seu jornal de cada dia em que trabalhará será de Rr. 2$000 (dois ml réis) moeda brasileira, cujo jornal ser-me-há pão no fim de cada mez.
> 3- As despezas de transportes, tanto no mar como por terra até chegar a mencionada estação de Juiz de Fora, serão pagos pela Companhia União e Indústria.
> 4- A Companhia fica obrigada a sustentar-me e alojar-me durante o tempo de contracto de conformidade ao que pratica com outros iguais circunstâncias.
> 5- A Companhia se obriga a dar-me trabalho durante o tempo de meu engajamento e desde que chegado seja ao precitado destino.
> 6- O presente contrato não poderá ser rôto por mim ou pela Companhia sem uma indenização do duplo importe de minha passagem e despezas.

7- Todas as desinteligências que possam aparecer a cerca das cláusulas precedentes, serão decididas pela administração das oficinas, com apelação para o Diretor da Companhia.

Feita em duplicata em Hamburgo aos 11 dias de outubro de 1855. (ibid)

Ao chegarem a Juiz de Fora, os primeiros operários alemães foram instalados no que se pode chamar de Colônia Industrial, que recebeu inicialmente o nome de Villagem. Percebe-se que estes primeiros receberam um tratamento diferenciado com relação aos demais imigrantes que aqui chegaram para a formação da Colônia Agrícola D. Pedro II, em 1858, como veremos mais adiante.

Em 1857, a Companhia enviou o engenheiro Giobert a Alemanha para contratar 3.000 colonos, através da Casa Mathias Christian Schroder, de Hamburgo, para que prestassem serviços a Companhia, à estrada e, principalmente, com o objetivo de estabelecerem uma colônia visando o abastecimento agrícola do mercado interno. O primeiro contrato foi assinado para 500 colonos. (CASTRO, 1987, p.64).

FIGURA 4: Villagem-1856



Fonte: ESTEVES, 1915.

A Colônia D. Pedro II foi uma forma de implantação de núcleo colonial privado. Ela foi criada para o abastecimento do mercado interno e para produção de gêneros alimentícios para a cidade de Juiz de Fora.

> A Colônia D. Pedro II aparece como uma exceção no quadro nacional, sendo a única instalada em região de concentração escravista [...] recebeu subsídios do Estado Imperial, que mais tarde, iria socorrê-la quando de sua falência. (ARANTES, 2000, p. 93).

FIGURA 5: Colônia D. Pedro II-1865



Fonte: VAZQUEZ , 2000

Não existe consenso sobre o número correto de imigrantes que chegaram à cidade de Juiz de Fora no ano de 1858. Luiz José Stehling (1979), um dos grandes estudiosos da imigração alemã na cidade, defende a hipótese de que chegaram na cidade 1.162 colonos. De acordo com um levantamento realizado no Porto de Hamburgo por Manfred Lewalter[12], em 2007, no ano de 1858 saíram da Alemanha com destino ao Brasil 3.378 imigrantes, sendo 1.188 colonos (número obtido com o somatório dos colonos das cinco barcas) que aportaram no Rio de Janeiro com destino a Juiz de Fora. Há ainda o registro de um “recenseamento” do ano de 1887 que se encontra nos arquivos da Igreja de Confissão Luterana de Juiz de Fora, que contém os nomes de 1.190 colonos alemães.

A vinda desses imigrantes para Juiz de Fora não aconteceu da mesma forma que os antecedentes que chegaram em 1856 para a construção da Estrada União e Indústria. Muitas foram as dificuldades encontradas desde a saída da Alemanha até a chegada na cidade. Temos notícias de falsas promessas e propagandas dos agentes de recrutamento, o racionamento de água potável durante a viagem e as péssimas condições de higiene que ocasionou, inclusive, a grande incidência de tifo.

[12] Manfred Lewalter é alemão, engenheiro de processos químicos, membro da maior associação genealógica da Alemanha (Deutsche Arbeitsgemeinschaft Geneologischer Verbände).

Segundo a historiografia local (BASTOS, 1961; STEHLING, 1979; GIROLETTI, 1988) a travessia dos imigrantes alemães foi realizada num total de cinco embarcações. Eram elas: Tell, Rhein, Gundela, Gessner, Osnabrück. Porém, de acordo com o livro de registro de imigrantes encontrados no “recenseamento”, outros colonos chegaram nas barcas Elise, Caesar, Erbpbsinz Friedrich August e Brigadeiro Antílope. Estes imigrantes vieram de diversas regiões, entre elas, Prússia, Hessen, Tirol, Holstein, Baden, Baviera, Hanover, Pomerânia, Wurttemberg, Saxônia e Nassau.

Analisando o contrato assinado com a realidade vivida por esses imigrantes a partir do momento que chegaram a Juiz de Fora, percebemos que o acordo não foi cumprido integralmente. Como exemplo do não cumprimento das cláusulas, podemos citar o seguinte:

Na primeira cláusula ficou estipulado que, em um prazo de três anos, deveriam ser importadas 400 famílias. Ocorreu que em um prazo de 59 dias a cidade recebeu de acordo com Stehling (1979) 1.162 colonos, trazendo assim problemas para a Companhia, já que ela era responsável pelo alojamento das pessoas. Ainda segundo o autor, grande parte dos imigrantes teve que ficar em um espaço improvisado, acampando no Morro da Gratidão (hoje Morro da Glória, Avenida dos Andradas), num local próximo a uma lagoa em condições insalubres. Vários imigrantes foram acometidos por doenças, sendo até mesmo criada para isto uma enfermaria denominada pelos colonos de “Krankenhoff” (Pátio das Doenças). Além disso, no contrato ficou estabelecido que os imigrantes, ao chegarem ao porto, teriam gratuitamente o transporte até a cidade de Juiz de Fora. Os homens tiveram que andar por seis dias e as mulheres e crianças foram direcionadas por eles nas carroças.

Discordamos de Mônica Oliveira (1991) e Luiz Antônio Valle Arantes (2000) que em seus estudos trabalham com a idéia de que a colônia foi divida em três partes: “colônia de cima, colônia do meio e colônia de baixo. Ainda foi criado um bairro mais próximo ao centro urbano, de nome Villagem, onde residiam os trabalhadores braçais e operários ligados à Companhia” (OLIVEIRA, 1991; ARANTES, 2000). Afirmamos que o local que se denomina Villagem foi criado junto com a primeira leva de imigrantes em 1856, antes da própria criação da Colônia D. Pedro II. Não era um bairro como colocam os autores e sua localização ficava afastada da zona urbana. Enfatizamos também que esta nomenclatura das colônias

se deu após algum tempo, através da oralidade, sendo a colônia de cima denominada São Pedro, a colônia de baixo, a citada Villagem ou Colônia Industrial, e a colônia do meio, Borboleta, que surgiu logo depois por iniciativa dos próprios alemães.

Outra questão a ser analisada está ligada à existência efetiva dessa colônia do meio, hoje bairro Borboleta. Quando a mesma foi exigida em contrato para o fornecimento de gêneros agrícolas e abastecimento do mercado interno estes objetivos não foram atingidos. Como a região era formada por grandes fazendas e com mão-de-obra escrava, estas acabavam tendo em suas próprias propriedades o abastecimento da família. Além disso, foram poucos os imigrantes que realmente trabalharam na constituição da colônia agrícola, pois grande parte deles ou trabalharam na própria construção da estrada União e Indústria ou se empregavam na cidade, ou ainda construíam seu próprio negócio.

A Companhia, além da construção de casas, sendo estas divididas em 188 prazos[13], organizou outras redes de serviços.

> As estrebarias abrigavam 200 animais e nas proximidades foram construídos armazéns para depósito de café e gêneros, casas para administradores, assim como instalada uma escola para ambos os sexos, na qual se matriculariam logo 124 alunos. (BASTOS, 1961).

Não concordamos também que a construção das casas dos colonos tenha sido realizada pela Companhia União e Indústria, conforme contrato, pois esta demorou dois anos para demarcar as terras dos imigrantes e ainda cobrava de forma efetiva o pagamento das despesas com a viagem rumo ao Brasil. Estas construções foram realizadas pelos próprios imigrantes, através do seu trabalho.

Foi realizada por Deivy Carneiro (2004) uma tabela com o perfil dos germânicos que foram contratados por Mariano Procópio com dados sobre sexo, religião e idade.

[13] Prazos são pedaços de terras que constituíam a colônia D. Pedro II , onde os imigrantes se instalaram, formando assim as colônias “de baixo”, “do meio” e “de cima”.

TABELA 2– Religião, Idade e Sexo dos imigrantes alemães de 1858.

Sexo		**Religião**		**Idade**	
Masculino	52,58%	Luteranos	45,36%	Mais de 45 anos	1,89%
Feminino	47,42%	Católicos	54,64%	De 10 a 45 anos	68,84%
				De 5 a 10 anos	18,15%
				Menos de 5 anos	11,10%

Fonte: STEHLING (1979) apud CARNEIRO (2004)

Analisando as informações acima, é possível constatar que os imigrantes que chegaram à cidade tinham idades próprias para o exercício do trabalho. Além disso, a questão de gênero foi bem equilibrada, assim como a questão religiosa.

Esse povo germânico saiu de sua terra natal por motivos distintos, deixando por lá toda sua história de vida anterior. Chegando ao Brasil, e especificamente em Juiz de Fora, encontraram uma cidade com um nível de desenvolvimento pequeno, se comparado ao da Alemanha, diferente em vários termos. Não podemos deixar de mencionar o mal estar que inicialmente pode ter ocorrido entre a população de Juiz de Fora e os imigrantes, logo em sua chegada, devido o acometimento do tifo de parte dos germânicos e o possível medo desta doença se alastrar por toda a população da cidade.

A vida dos diversos imigrantes no Brasil, e também em Juiz de Fora, não foi de fácil adaptação. O jornal O Pharol de Juiz de Fora no ano de 1905, trazia estampado na primeira página do jornal sob o título: “O Perigo Alemão”, escrita por Decio Coutinho, matéria sobre o assunto:

> Tratam-se de famílias de origem e costumes allemães que, deslocando-se para estabelecer neste paiz de decantadas e immensas riquezas naturais, tinham certeza de virem em busca, si não pela fortuna, pelo menos de um viver mais forte, certeza esta fortalecida pela consciência de serem possibilitadoras de gênio por demais emprehendedor e activo, característico da sua raça [...] A germanização no sul não pode continuar, e si ainda chrispam scentelhas de patriotismo nos corações dos brasileiros, é tempo de se reunir em fogueira: _ a integridade do Brasil vae, lenta e pausadamente, mas vae sendo ameaçada! (01/01/1905)

Importante lembrar que esse jornal era um dos periódicos de maior circulação em Minas Gerais. Como então diante deste artigo poderiam ter ficado a população

de Juiz de Fora, os imigrantes alemães e descendentes tão presentes na cidade? Qual terá sido a reação da comunidade germânica após esta notícia no jornal perante toda a sociedade, já que se colocava em dúvida seus objetivos na cidade, valores, atitudes e de certa maneira discriminava seus hábitos?

Percebemos que em função das duas Guerras Mundiais alguns estabelecimentos tiveram que modificar seus nomes em decorrência das constantes perseguições e intolerâncias que muitos germânicos sofreram na cidade de Juiz de Fora. Muitos tiveram que se desfazer de sua própria história queimando fotos e documentos para "esconder" suas origens. Alguns estabelecimentos foram apedrejados, como é o caso da Casa Surerus. O uso da língua alemã também foi proibido nas escolas e nas reuniões religiosas[14].

Uma dessas reações de descontentamento ocorreu entre a colônia e a Companhia, através da tentativa de sublevação da Colônia D. Pedro em 1858. Assim, escreve o diretor da Colônia ao Delegado de Polícia:

> Pelas indagações e investígios que tenho procedido Hontem e esta noite que com feito existe aqui incluso alguns colonos huma de planno de sublevação: apesar que os partilhadores são pouco em número obriga-me a necessidade de partilha, de dar as necessárias providências com toda urgência. As providências que V. S. dará devem ser feita com todo segredo possível e tudo se achar preparado para seguir para lá a força armada – imediatamente ficando paz requerido por mim. Os partilhadores nesta desordem não passa 25 indivíduos e destes, muitos ahynda se retirão por serto no andamento em que se queirão a sua obra. Acho conveniente que a Authorida se acha também preparado de logo acompanhar à força para lá para fazer-se no lugar as investigações necessárias.

Deivy Carneiro (2004) analisou os processos criminais que envolviam os imigrantes germânicos na cidade. Os resultados foram interessantes, pois não foi encontrado um número elevado de processos de homicídios envolvendo os alemães, num total de oito (1890 a 1909) e dentre suas análises foi possível perceber que os homicídios e tentativas de homicídios envolvendo germânicos eram majoritariamente uma manifestação intraétnica; um elemento conflitivo dentro da própria comunidade alemã. Além disso, observou que os crimes eram realizados por alemães da classe operária, por homens em sua maioria, onde mais de 60% destes

[14] Edição Comemorativa dos 150 anos da cidade de Juiz de Fora produzida pelo Jornal Tribuna de Minas em 31 de maio de 2000.

crimes usavam como instrumento arma de fogo e em média 62,5% dos casos o tema da honra familiar ou pessoal era o eixo central e que os envolvidos, apesar disto, mantinham boas relações no cotidiano, como indica a tabela abaixo.

TABELA 3 – Nacionalidade dos réus e das vítimas

Autores de processos contra alemães			Réus processados por alemães		
Nacionalidade	Quantidade	%	Nacionalidade	Quantidade	%
Alemão	6	75%	Alemão	4	50%
Português	0	0%	Português	1	12,50%
Brasileiro	2	25%	Brasileiro	3	37,50%
Total	**8**	**100%**	**Total**	**8**	**100%**

Fonte: Carneiro (2004)

De acordo com Norbert Elias citado por Carneiro (2004), diferentemente das classes superiores que acertavam suas contas através dos duelos em confrarias estudantis, circunscritos por um ritual formalizado, as classes subordinadas germânicas podiam espancar-se sem cerimônia quando entravam em conflito mútuo durante a era guilhermina. Desde que não se machucassem seriamente, o Estado nem se dava ao trabalho de averiguar o incidente.

Mas se essas mesmas pessoas se atacassem com armas, eram trancafiadas e se uma delas matasse a outra durante a briga, ela própria seria talvez executada em nome da Lei e do Estado. Sejam quais fossem as razões remotas para o antagonismo entre dois populares que brigavam mutuamente, era frequente que a discussão fosse rapidamente seguida de violência. A espontaneidade dos sentimentos – ira, raiva e ódio – a plena força das paixões entrava em cena. Comparado com o duelo das classes altas e nobres, o corpo-a-corpo espontâneo de uma briga era altamente informal, mesmo que fosse parcialmente moldado pelos padrões da luta competitiva, tal qual o boxe, por exemplo. (CARNEIRO, 2004, p. 100).

A imigração alemã em Juiz de Fora deve ser lembrada também por esses motivos, mas não acreditamos que eles devam imperar sobre o outro, ou seja, sua contribuição para a formação da base para o processo de crescimento da cidade. Além disso, estes conflitos são produtos da sociedade na qual estavam inseridos.

A contribuição dos imigrantes pode ser identificada a partir do seu trabalho na construção da Estrada União em Indústria. Como vimos chegaram os técnicos e

artífices em 1856 para a obra e logo após, em 1858, para a constituição da colônia agrícola D. Pedro II.

Paulino de Oliveira (1966, p.48) destaca a importância dos germânicos para a construção da rodovia. Segundo ele,

> Se Mariano Procópio, ao iniciar as obras da Rodovia União e Indústria, não tivesse estabelecido em Juiz de Fora uma colônia de imigrantes é certo que à cidade não teria se beneficiado tão rapidamente do surto do progresso que a nova estrada lhe deu, transformando uma simples aldeia como tantas outras existentes na província, num empório para o qual convergiam logo as atenções da metrópole e dos estrangeiros que a visitavam.

A construção da Estrada foi iniciada no ano de 1855 na cidade de Petrópolis. A obra da rodovia, entre aquela cidade e Juiz de Fora, foi inaugurada no ano de 1861, com seus 144 quilômetros e com a presença do imperador D. Pedro II.

> A União e Indústria – que não era apenas a maior do País, mas uma das melhores do mundo, permitindo escoamento, a conquista de mercados e a atração de riquezas, levando-nos a desempenhar o papel de movimentadíssimo empório, destinado a atender não apenas a província e ao Estado, mas também a outras regiões cujos interesses econômicos aqui aportam. (CID, 1987, p.73).

De acordo com Newton de Castro (1987), desde o início de sua construção, a Companhia já apresentava dificuldades com déficits devido ao valor que foi necessário na construção da rodovia. No ano de 1863, Mariano Procópio solicitou ao Governo Imperial a cobertura dos déficits, tendo o governo passado a se responsabilizar pela Companhia e juntamente com ela, a colônia D. Pedro II e a criação de uma escola agrícola. Um ano depois, o Estado tornou-se proprietário da estrada.

No ano de 1869 foi criada a Escola Agrícola União e Indústria. Esta escola tinha fins técnicos e objetivava formar pessoas com conhecimentos administrativos necessários à agricultura. Em um dos folhetos de propaganda da Escola encontramos que:

> A Escola Agrícola União e Indústria estabelecida em Juiz de Fora (Província de Minas) pela Companhia União e Indústria, destina-se a formar lavradores com conhecimentos suficientes para atingirem

> estabelecimentos agrícolas, quer como proprietários quer como administradores. (STEHLING,1979, p. 231).

A Escola esteve em atividade por apenas três anos, fechando suas portas devido à morte de Mariano Procópio em 1872. A escola foi instalada onde hoje se encontra o quartel do 10° Regimento de Infantaria e o Hospital Militar.

Com a implantação da Estrada de Ferro D. Pedro II, que tinha como diretor também por volta do ano de 1869, Mariano Procópio Ferreira Lage, as mercadorias que antes eram transportadas pela rodovia, passaram a ser feitas pela Estrada de Ferro. O Governo, alegando que a transferência do tráfego de cargas da Companhia União e Indústria traria grandes vantagens, visto que não haveria uma concorrência que prejudicaria a ambas, expediu o Decreto n° 4.320 de 13 de janeiro de 1869, o qual as empresas assinaram, confirmando que a Companhia não teria mais condições de sobrevivência. Na primeira cláusula, encontramos:

> 1ª) A Companhia União e Indústria obriga-se a passar para a Estrada de Ferro D. Pedro II, até o dia 16 do corrente, todo o seu tráfego de cargas, tanto o que receber nas estações do Além Paraíba até Juiz de Fora, como até Posse,convergindo todo este tráfego para a estação de Entre Rios, na dita Estrada de Ferro.

Importante analisar que a ferrovia aparece como uma mensageira da civilização industrial e urbana, caracterizando os ideais de progresso e modernidade que cercam o discurso sobre a ferrovia no Brasil. No Império ou na República, a ferrovia atendia aos interesses de desenvolvimento da economia capitalista e da integração geográfica, política e cultural do país.

Aos poucos, a Companhia foi deixando de cuidar da Estrada União e Indústria, chegando a ficar em um estado de precariedade e má conservação que chegou a dificultar a passagem de quem por ali ainda transitava.

Mas também não faltaram aqueles que lutavam pela continuidade desta estrada que foi extinta oficialmente em 1871. O cronista Heitor Guimarães escreveu no jornal O Pharol de Juiz de Fora em 1909:

> Há trinta anos a estrada de rodagem que liga Juiz de Fora a Petrópolis, considerada então a primeira do Brasil, estava ainda em perfeito estado de conservação, apezar de extincta a Companhia União e Indústria, que a construiu.
> Há pouco mais de uma dezena de annos, não obstante e deplorável estado da estrada de macadam, ainda muitos commerciantes por Ella transportam [...] Data, dahi, a sua decadência. Sem renda própria, a estrada passou a contribuir um ônus, com o qual nenhum dos governos locaes, a que passou a pertencer, quis achar, provavelmente por deficiência de recursos. (17/04/1909)

A partir desse momento a situação dos imigrantes alemães se tornava ainda mais complicada, pois com a extinção da Companhia muitos germânicos ficaram sem trabalho. Outro agravante também é que, como o Estado ficou responsabilizado pela colônia e não dava a atenção devida, muitos imigrantes tiveram que recorrer ao município conforme podemos analisar abaixo através de uma reclamação entregue à câmara que proibia a criação de chiqueiros:

> (...) Dizem os abaixo assinados moradores da villagem da União e Indústria que constando eles serem incluídos nos limites desta cidade, e não tendo até hoje notado que assim fosse, pois que não somos absolutamente couza alguma das regalias da cidade, como seja, iluminação água potável, esgotamento, em vista de falta absoluta das regalias, pedem também relevar a pena que proíbe chiqueiros. (ARANTES, 2000, p. 98).

A extinção da colônia no ano de 1885 não foi o motivo principal, tampouco o declínio da Companhia União e Indústria, que impulsionou a inserção do imigrante alemão na cidade, como afirmam alguns autores (ARANTES, 2000; OLIVEIRA, 1994; CARNEIRO, 2004). Como já vimos, pouco foram aqueles, se comparados com o total de imigrantes que chegaram em 1858, que trabalharam na constituição da colônia agrícola. A maioria deles possuía outra profissão que exerceram ou para a companhia ou para a sociedade juizforana. Desta forma observamos a presença destes imigrantes e descendentes na zona urbana, oferecendo seus trabalhos como sapateiros, mecânicos, comerciantes, caixeiros ou nas oficinas de latoaria e marcenaria.

Vários estudos caracterizam o imigrante alemão e descendentes como um povo importante para o desenvolvimento em vários setores seja na economia, na indústria, na educação e na cultura. De acordo com Fernando Basto (1970, p.13) “o

imigrante alemão contribuiu extraordinariamente para o desenvolvimento econômico das áreas em que se localizou.”

Outro autor que trata do assunto é Carlos Oberacker Junior (1968) que escreveu uma das mais importantes obras sobre a contribuição teuta à formação da nacionalidade brasileira. Para ele, ainda de importância para a lavoura brasileira foi a circunstância de que, pelos imigrantes teutos, foram introduzidos o arado e a grade, até então praticamente desconhecidos na técnica do preparo agrícola no solo brasileiro. Além disso, aborda em sua obra a colônia alemã em Juiz de Fora colocando que “foram esses artífices e outros que vieram para a construção da Estrada União e Indústria que puseram o fundamento da florescente indústria desta cidade mineira.” (ibid).

Algumas obras da historiografia local exaltam esse imigrante alemão quanto ao seu papel para o progresso da cidade. Aquele que mais se dedicou a este estudo foi o descendente de alemães, Luiz José Stehling.

> Negar a cooperação que os alemães e seus descendentes deram ao desenvolvimento de Juiz de Fora, é o mesmo que negar a existência do sol, pois nos anos de 1853 até 1858, com a chegada dos engenheiros, dos técnicos e dos colonos, teve início o artesanato e a industrialização local e posteriormente, neste núcleo, atraiu professores, músicos e artistas que também muito contribuíram no setor cultural. (STEHLING, 1979, p. 375).

Não é possível, devido à escassez de fontes, determinar qual a origem do capital com que alemães e descendentes organizaram seus empreendimentos. Segundo GIROLLETI (1988) uma das hipóteses para este desenvolvimento estava ligada ao fato de que

> os imigrantes-artífices, cujas cláusulas do contrato eram mais favoráveis do que aquelas dos colonos, além de receberem um salário mais elevado, estavam livres das despesas de passagem e alimentação durante a vigência contratual e da aquisição dos prazos de terra. Foram, sem dúvida entre os imigrantes, os que tiveram maiores condições de conseguir maior poupança.

Domingos Girolleti (1988) e Luiz Antônio do Valle Arantes (2000) observaram em suas obras que grande parte dos empreendimentos dos alemães que surgiram na cidade pertencia àqueles de religião protestante e que este grupo de alemães tiveram importante participação para o processo de industrialização e modernização

da cidade de Juiz de Fora entre os anos finais do século XIX e primeiro quartel do século XX. Neste sentido, conforme Girolleti, quase 50% das indústrias organizadas entre 1889 e 1930 foram fundadas por imigrantes ou seus descendentes.

Tabela 4- Indústrias criadas por ramos de atividade em Juiz de Fora (1889-1930)

RAMOS	Origem dos Empresários		
	Imigrantes	Não-imigrantes	Total
Alimentação (bebidas)	22	38	60
Fiação, Tecel. Art. Tecidos	15	16	31
Metalurgia	30	06	36
Couros, Calçados e Artefatos	22	17	39
Madeira, Móveis, Serraria, Carpintaria, Marcenaria	17	04	21
Cerâmica, Cimento, Marmoraria	11	09	20
Construção	03	05	08
Fumos, Cigarros e Charutos	--	11	11
Tipografia e Litografia	11	12	23
Indústrias Diversas	10	27	37
TOTAL	141	145	286

Fontes: ESTEVES, A. de O. **Álbum do município de Juiz de Fora.** Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1915, p. 291-6.
STEHLING, L. J. Trajetória da indústria em Juiz de Fora. **Revista do Centro de Estudos Sociológicos,** Juiz de Fora, 3 (3/4): 72-9, 1965.
Id. **Alemães e descendentes no progresso de Juiz de Fora.** s.m.t. Mimeografado. p. 1-26.
PRODUÇÃO Industrial no Estado de Minas Gerais. **Boletim do Departamento Estadual de Estatística,** Belo Horizonte, 11 (38): 3-41, jan./jun. 1948.
JACOB, R. **Minas Gerais no XX9 século.** Rio de Janeiro, Gomes, Irmão e C., 1911. p. 315-6.

Fonte: GIROLETTI (1988)

Essa relação entre alemães e descendentes e o processo de industrialização também foram discutidos por Emilio Willens (1980, p. 249):

> Muitas indústrias, atualmente em mãos de teuto-brasileiros, têm origens artesanais. Oficinas de sapateiros transformam-se em fábricas de artesanato de couros. Tecelões que, numa dependência de casa haviam instalado um rústico tear trazido da Alemanha, encontraram mercados para seus produtos. Filhos e netos destes imigrantes são, frequentemente, proprietários de grandes estabelecimentos fabris. Há uma série de pequenas indústrias as quais, vinculadas estreitamente às fontes locais de matérias-primas e às necessidades imediatas da colônia, nasceram rapidamente.

Foi importante o papel desempenhado pelos imigrantes alemães em Juiz de Fora para a construção da base para o processo de industrialização e consequentemente para o crescimento da cidade. No entanto, desconfiamos do

“mito do alemão empreendedor” conforme afirmam Oliveira (1991) e Carneiro (2004).

Não podemos esquecer de que grande parte das obras da historiografia local partiu de análises de fontes primárias, mesmo que escassas. Muitos dos autores, mesmo que não tivessem pesquisado diretamente os primeiros alemães que aqui chegaram em 1856, o fizeram com seus descendentes, contribuindo para a construção desta história que poderia ter sido perdida se não fossem estes primeiros autores da historiografia local. As obras não perdem seu valor por não tratarem da história daqueles alemães que viveram com problemas desde que aqui chegaram, mas com certeza a historiografia ainda tem muito a pesquisar.

Importante mencionar que dentre os diversos empreendimentos que os imigrantes construíram na cidade, para este estudo, aquele que se destaca e mais nos interessa são as cervejarias. Elas estavam em diversos pontos da cidade, cada uma com sua peculiaridade de criação da cerveja, assim como de outras bebidas. Esta atividade também proporcionou desenvolvimentos na cidade e aqui destaco a questão cultural, um verdadeiro espaço de sociabilidade[15].

A criação das cervejarias foi importante para que posteriormente o imigrante pudesse participar economicamente e socialmente na cidade, já que para muitas famílias era daquele investimento que se obtinha o sustento da casa. Estas cervejarias funcionaram também como espaços de sociabilidade, pois proporcionaram aos diversos imigrantes, descendentes e juizforanos uma opção de lazer através dos encontros para bailes, festas diversas e práticas de outras atividades, como veremos mais adiante. Segundo Stehling (1979) as principais cervejarias existentes eram:

[15] Em Simmel, citado por Sônia Giacomini (2006, p. 50), a sociabilidade é percebida como forma particular de sociação. A sociação designaria processos de interação que teriam lugar quando impulsos, interesses, propósitos, inclinações, estados psíquicos e movimentos, enfim, tudo o que está presente nos indivíduos, opera de maneira a engendrar ou medir influências sobre os outros ou que receba tais influências, conformando, entre os indivíduos, maneiras específicas de ser com e para o outro.

a) Cervejaria de Herr Kunz, fundada em 1860, primeira na Província de Minas Gerais;
b) Fábrica Kremer, instalada em 1867. Em 1960 passou a denominar-se Cervejaria Germânia e na época da Primeira Guerra Mundial, Cervejaria Americana;
c) Cervejaria José Weiss, fundada em 1878;
d) Cervejaria Borboleta, fundada em 1880 pelos irmãos Scoralick;
e) Fábrica Poço Rico, fundada em 1881 pelos irmãos Freesz;
f) Fábrica Dois Leões, fundada por Carlos Stiebler em 1895;
g) Cervejaria Estrela, fundada por Wihelm Griese.

Essas cervejarias ficavam respectivamente nas seguintes localizações (atuais): São Pedro, Morro da Gloria, Fábrica, Borboleta, Poço Rico, Avenida Sete de Setembro e Centro.

Ainda segundo Stehling (ibidi) as principais atividades de trabalho dos alemães em Juiz de Fora eram:

- Fábrica de Pregos:

Fábrica São Nicolau, fundada por Edmund Schimidt em 1898.

- Mecânicas:

a) Schuber & Irmãos, fundada por Pedro Schubert, colono de 1858, que era metalúrgico na Alemanha;
b) Mecânica George Grande, fundada por Luiz Schiess, em artífice da Companhia em 1874;
c) Mecânica Kascher, fundada em 1865 por Martin Kascher;
d) Oficina Chave de Ouro, fundada em 1882 por Karl August Degwert;
e) Mecânica Central, fundada em 1911 pelos irmãos Otto;
f) Fábrica de Molas de Aço, fundada em 1910 por João Schroder.

- Fábricas de balas e caramelos:

a) Fábrica de Frederico Ploterle, fundada em 1899;
b) A Suíça, fundada em 1900 por Augusto Degwert;
c) A Petropolitana, fundada pelo Dr. Otto Loefler o início do século XX.

- Tipografias:

a) Tipografia Brasil, fundada em 1903 por Hermann Erhardt;
b) Tipografia Winter, fundada no início do século;
c) Tipografia Schimitz, fundada por Paulo Schimitz, sendo este o mais antigo da cidade.

- Curtumes:

a) Curtume Krambeck, fundado em 1881 por Peter Griese e Wried, sendo na época um dos maiores curtumes do Brasil;
b) Curtume Poço Rico, fundado em 1913 por Waldemar Fressz;
c) Curtume Surerus, fundado no início do século XX pelos irmãos João, Henrique e Oscar Surerus;
d) Curtume Stheling, fundada pelo Sr. João Stheling

- Malharias:

a) Fábrica Meurer, primeira malharia instalada em Minas Gerais no final do século XIX;
b) Malharia Waltenberg, fundada em 1910;
c) Malharia Stumpf, fundada em 1913 por João Stumpf;
d) Malharia Stiebler, fundada em 1907 por Antônio e Carlos Stiebler.

Além desses, vários outros empreendimentos foram feitos pelos alemães e teuto-brasileiros: padarias (padaria Alemã em 1903 e 1904), olarias (Tapera em 1889, Olaria São Pedro no final do século XIX), açougues (da Colônia por volta de 1889 e Glória em 1920), marcenaria (Renascença, Meurer) entre outros. (STEHLING, 1979).

Com a área urbana se desenvolvendo próximo ao que hoje conhecemos como Rua Halfeld e se estendendo para próximo à Rua dos Andradas, ainda na segunda metade do século XIX, a cidade começava a descer a colina de Passos e estender-se na várzea pantanosa e este fato acabou despertando em Félix Schmidt, colono germânico, a ideia de instalar nela uma linha de bondes com tração animal.

No ano de 1880 ele associou-se a Eduardo Batista Roquete Franco, requereu e obteve do Governo Provincial a concessão para instalar e explorar

bondes urbanos de tração animal durante 60 anos. Fundaram assim a

> Companhia Ferro Carril Bondes de Juiz de Fora" com o capital de 100:000$000, sendo Félix Schmidt eleito seu tesoureiro. No dia 12 de novembro de 1880 a Companhia requereu a Câmara Municipal licença para iniciar o assentamento de trilhos alemães na Rua Direita e naqueles locais onde isso fosse necessário para atingir os subúrbios, à juízo da Companhia. (STEHLING, 1979, p.379).

O primeiro serviço de transporte público urbano de Minas Gerais foi inaugurado no dia 15 de novembro de 1881. Seu percurso inicial abarcava boa parte do centro urbano da cidade, sendo logo em seguida ampliada sua extensão para o Alto dos Passos até a fábrica de cerveja de José Weiss.

> Quando da inauguração do Hipódromo Ferreira Lage, a linha foi estendida até a Tapera. Os bondes de tração animal funcionaram até o ano de 1905, quando foram substituídos pelos bondes elétricos pertencentes à Companhia Mineira de Eletricidade. (ibid, 379).

Mas a influência dos imigrantes e teuto-brasileiros não foi somente no setor econômico e industrial. Quando vieram para Juiz de Fora nos anos de 1856 e 1858, contratados pela Companhia União e Indústria, além da mão-de-obra, trouxeram junto também seus valores e sua cultura. Grandes foram os estabelecimentos de socorro-mútuo e de resgate das tradições.

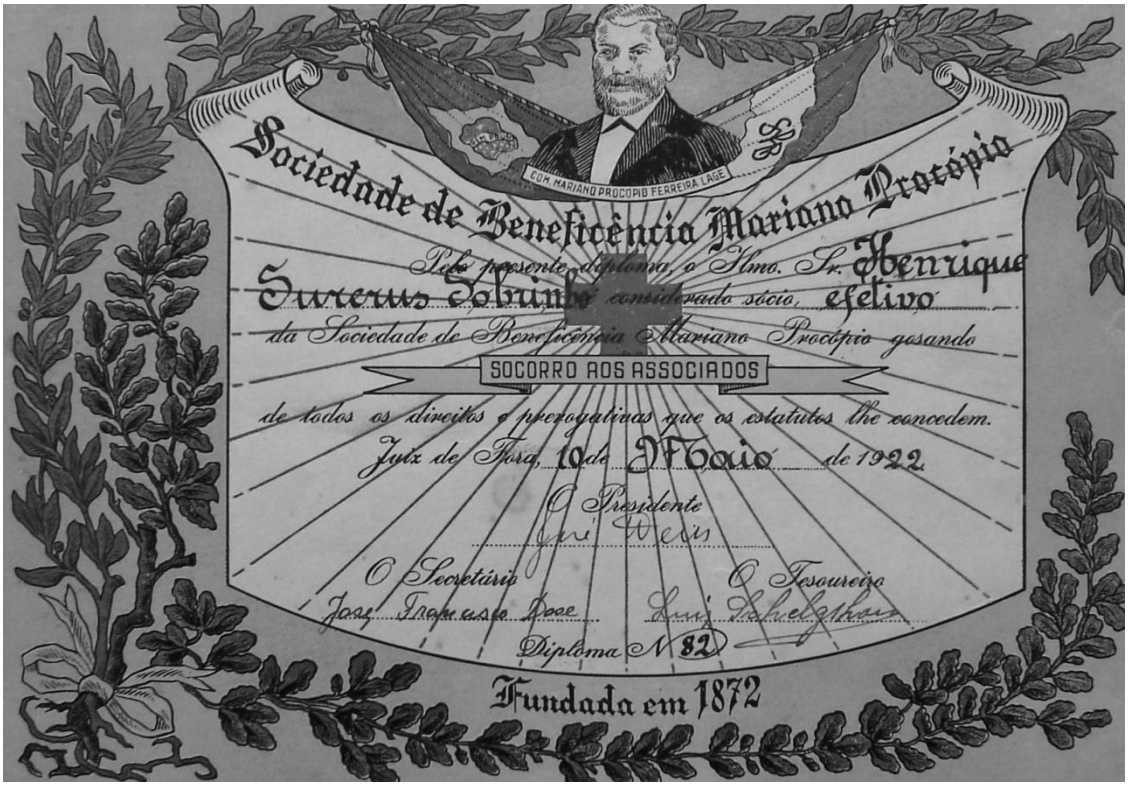
> Diversa era a situação nas colônias puramente rurais onde a diferenciação das atividades recreativas se refletia na multiplicidade de clubes, sociedades, estabelecimentos industriais e comerciais ligados à recreação. Em todas as áreas homogenias de colonização alemã, difundiram-se, amplamente, clubes de boliche, de ginástica, de montaria, de baralho, de canto orfeônico, de tiro ao alvo, círculos femininos e associações teatrais. (WILLEMS, 1980, p. 403).

Uma associação de alemães era o resultado do desejo de pessoas que tinham interesses em comum e o que era muito importante, a identidade étnica. Mesmo que muitas sociedades não apresentassem em seus estatutos a necessidade da origem germânica, a questão da língua acabava por limitar a participação de muitos.

Em Juiz de Fora existiram a Sociedade Alemã de Beneficência e a Sociedade Brasileira Alemã, ambas interessadas nos assuntos referentes á situação

econômica dos alemães e descendentes. A primeira teve seu nome modificado em função da Primeira Guerra para Sociedade de Beneficente Mariano Procópio e a segunda permanecendo seu nome de origem.

FIGURA 6 – Diploma da Sociedade Beneficente Alemã pós-guerra-1922



Fonte: Arquivo particular: DEL´DUCA, Salcio

As instituições educativas se fizeram presentes nessa sociedade alemã que se constituiu em Juiz de Fora, entre elas, a Escola Alemã. Quando aqui chegaram, logo buscaram resolver a situação educacional através da criação de uma escola alemã que contribuiu para a configuração de um sistema escolar diversificado, cujo elo era a língua e a cultura alemã. Kreutz (1994) indica que os imigrantes alemães organizaram em todo o Brasil uma rede de 1.041 escolas comunitárias com 1.200 professores em apenas duas décadas: 1920/1930. Tratava-se de um sistema educacional em pleno funcionamento, cuja filosofia central era ensinar conteúdos vinculados à realidade do aluno, com material didático próprio. Em Juiz de Fora esta escola foi criada em 1861, sendo extinta no ano de 1945. A criação desta escola tinha relação direta com a questão religiosa.

FIGURA 7: Escola Alemã- 1921

(

Fonte: Arquivo particular: DEL´DUCA, Salcio

O protestantismo foi outro elemento cultural trazido pelos imigrantes. De acordo com Stehling (1979), dos 1.162 alemães que aqui chegaram, 407 eram protestantes, ou seja, 35% do total. Estes números se referem àqueles alemães que chegaram nas cinco barcas. Não estão aí incluídos os imigrantes que chegaram em 1856 (em média 150) e tampouco àqueles que chegaram nas outras barcas.

Acreditamos ser este número ainda maior. Pelo fato de não conhecerem a língua portuguesa, os imigrantes ficaram por um tempo sem local definido para a realização de cultos. Inicialmente, os dois credos dos alemães, o Catolicismo e o Protestantismo, se uniram quando, aos domingos, revezavam os cultos.

> Em 1861, quando da visita de D. Pedro II à Paraibuna, os colonos protestantes solicitaram ao Imperador o cumprimento da condição 6ª cláusula do contrato assinado pela CIA, aos colonos que não seguissem o catolicismo. Esse auxílio deveria ser realizado quando o número de membros da religião dissidente ultrapassar a 400 e nesta época os protestantes já se somava 507. O Imperador atendeu á solicitação e ordenou que o Pastor de Petrópolis, atendesse a colônia D. Pedro II. (CORREA, 2003, p. 22).

TABELA 5 - Casamentos da Colônia de D. Pedro II - 1858-1885

	Total	%	Casamentos entre católicos e luteranos- %	Casamentos entre colonos e nacionais- %
Casamentos Luteranos	103	32	-	-
Casamentos Católicos	221	68	25	6
Total	324	100	25	6

Fonte: Arquivo da Igreja Catedral, Arquivo da Igreja Luterana, Livros de Casamentos (OLIVEIRA, 1991)

Como se pode notar, neste período não foram encontrados casamentos de colonos com nacionais e nem com católicos. Isto porque, ao casar, o luterano era obrigado a assinar um documento negando ali a sua fé, inclinando-se ao catolicismo, o que não acontecia logo após o casamento, pois muitos não deixavam o luteranismo. Além disso, como a religião oficial era a Católica e muitos casamentos mistos eram realizados neste credo, deu-se que 68% dos casamentos no período acima pertencessem a Igreja Católica.

Problema também de cunho religioso foi a questão dos cemitérios. Como vimos, quando os colonos imigrantes chegaram, a Companhia União e Indústria não havia ainda se organizado para a chegada de grande quantidade de alemães. Assim muitos foram acometidos pelo tifo e como eles não podiam ser enterrados nos cemitérios católicos (corpo herege), muitos foram enterrados junto à Lagoa da Gratidão.

Sociedades religiosas de cunho social também foram organizadas pelo imigrante alemão, como é o caso da OASE (Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas). Esta foi fundada em 1909 com o nome de “Frauverein”, sob o lema: Comunhão, Testemunho e Serviço. Além dos objetivos espirituais, este grupo se reunia para realizar atividades que pudessem angariar fundos e gerar recursos financeiros para as diversas necessidades da Comunidade de Evangélica de Confissão Luterana.

Não podemos deixar de mencionar, ao nos remetermos à cultura desses alemães, da riqueza musical trazida por eles. Segundo Stehling (1979), estes imigrantes chegaram a formar seis bandas de música, a saber: Bandas Tirolesa, da Companhia, Alemã, Fauhaber, São Pedro e Borboleta. Segundo o autor, alguns

colonos que chegaram à cidade trouxeram também instrumentos musicais, tendo a Companhia União e Indústria comprado alguns outros que faltavam para a formação de uma banda de música.

FIGURA 8- Banda de Música da Colônia D. Pedro II-1865



Fonte: VAZQUEZ, 2000

Diante de toda essa riqueza cultural trazida pelos alemães para Juiz de Fora, interessa-nos destacar as instituições e organizações voltadas para o que chamamos de práticas corporais e de lazer. No Brasil elas serviram como forma de resgate da cultura germânica, uma vez que várias famílias se reuniam para se divertirem e ao mesmo se exercitarem, elemento importante da educação alemã.

O Kegel Club foi uma destas instituições onde se desenvolvia este tipo de prática comum entre os imigrantes alemães e teuto-brasileiros. Era um tipo de atividade comum dentro da comunidade alemã como uma forma de lazer e que persiste até hoje, de maneira diferenciada daquela praticada no início do século XX, em diversas cidades que tiveram a imigração alemã, como é o caso da cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro que ainda proporciona o jogo do Bolão Alemão.

Fundado principalmente por luteranos no ano de 1919 no espaço da própria Igreja ainda localizada no mesmo local na Rua D. Pedro II, próximo a atual Praça Agassis no bairro Mariano Procópio, foi uma instituição que não recebia apenas alemães e teuto-brasileiros. Foi “uma sociedade perfeitamente organizada, que costuma periodicamente disputar campeonatos com as sociedades congêneres de

Petrópolis e Rio de Janeiro, com galhardia." (BRAGA, 1977, p. 100). "Muitas formas recreativas perpetuadas pelos imigrantes alemães foram aceitas também por outros grupos étnicos com que se estabeleceram no mesmo nível social". (WILLEMS, 1980, p. 409). Também escreve Arides Braga (1977, p.100):

> Juiz de Fora conta, pois, entre os múltiplos aspectos esportivos que tornam interessante esta importantíssima cidade mineira, com a entidade a que nos referindo, a 2 ª em todo o Estado, tanto pela índole do esporte que pratica – pouco difundido no país – como por condição "sui generis", como é aumentado seu volume social (...).

FIGURA 9: Sócios do Kegel Clube-década de 1940



Fonte: arquivo particular: DEL´ DUCA, Salcio

Por ocasião da Segunda Guerra mundial, o nome Kegel Club teve que ser modificado para Sociedade Esportiva Jogo da Bola, atividade semelhante a um jogo de boliche. Esta sociedade foi extinta no ano de 1979.

A principal prática corporal desenvolvidas pelos alemães em Juiz de Fora era a ginástica. Na cidade, os parques das cervejarias era o local do desenvolvimento desta prática que se estendia também aos brasileiros, já que aquele tipo de espaço, conforme já foi discutido, era um espaço de socialização, de reuniões, festas e encontros em que participavam diversos segmentos da população juizforana.

Baseados nas informações acima descritas sobre o imigrante alemão e sua participação em diversos setores na cidade de Juiz de Fora, podemos perceber a importância destes imigrantes para a "formação" desta cidade. Para este estudo, o

foco de análise da contribuição destes imigrantes alemães é referente à fundação de um dos primeiros clubes de ginástica do Estado de Minas Gerais, o Turnerschaft-Club Gymnastico. Enfim, partimos para nossa análise do objeto que mais nos interessa neste trabalho que é o Clube Ginástico.

CAPÍTULO 2

2 TURNERSCHAFT-CLUB GYMNASTICO JUIZ DE FORA

2.1 CRIAÇÃO E NORMATIZAÇÃO

Como vimos anteriormente, diversas cervejarias foram construídas pelos imigrantes alemães em Juiz de Fora. Estes locais, além de serem espaços de trabalho, também funcionaram como meios de socialização.

Nesse estudo, em busca de analisar o processo de fundação do Clube Ginástico de Juiz de Fora, nos interessa focalizar as relações estabelecidas entre os imigrantes alemães, teuto-brasileiros e brasileiros na Cervejaria Dois Leões, propriedade de Carlos Stiebler[16].

FIGURA 10: Carlos Stiebler à esquerda de chapéu e amigos em sua varanda-década de 1920



Fonte: arquivo pessoal: LISBOA, Jakeline

Essa cervejaria ficava localizada na Avenida Botanágua, onde atualmente encontra-se a Avenida Sete de Setembro. Na figura 10 podemos observar Carlos

[16] O mecânico alemão Carlos Stiebler, nascido em 14 de marco de 1868, em Hamburgo, fundou em 1º de janeiro de 1894 uma fábrica que levava seu nome. Produzia a afamada cerveja “Dois Leões”, além das marcas Pilsen, Morena e Preta e de soda e brauses (gasosa). O prédio existiu na Rua Botanágua 127 (atual Avenida Sete de Setembro), próximo à Tecelagem que o mesmo Stiebler inaugurou no dia 8 de março de 1907 para fabricação de meias e camisa de malha. (FAZOLLATO, 2001, p. 82).

Stiebler, ao centro, de chapéu, na Cervejaria Dois Leões, nas décadas iniciais do século XX. Segundo Stehling (1979, p.355), "a*o redor da fábrica de cerveja ele construiu um belo parque de recreação, onde aos domingos iam passear numerosas famílias*".

FIGURA 11- Cervejaria Stiebler



Fonte: FAZOLATTO, 2001

A cervejaria Dois Leões funcionava como uma espécie de lugar onde os alemães, teuto-brasileiros e brasileiros se reuniam com diversos fins. A prática da ginástica era realizada no pátio da cervejaria e lá já existiam diversos aparelhos para esta finalidade. Os exercícios eram realizados no chamado Parque de Recreio.

No Diário Mercantil (1961, p.6) da cidade de Juiz de Fora, Luiz José Stehling escreve sobre as atividades dos alemães na cidade.

> [...] costumavam as famílias se dirigirem para os parques das fábricas de cerveja, onde além dos passeios tomavam sua cerveja, soda ou grenadina, acompanhada de sanduwichs feitos com pão alemão e gelatinas fabricadas nas casas de proprietários. Isto era comum com respeito à fábrica do sr. Carlos Stiebler, onde além do jogo de boliche tinha instalado uma paralela, um trapézio e argolas. (19/05/1961)

Umas das primeiras notícias encontradas sobre o início da organização deste Clube Ginástico foi encontrada no jornal O Pharol de 1909, com o título: "Aniversário

Natalício do Imperador Guilherme II, com festa na Cervejaria Weiss". Neste ano, o Turnerschaft foi anexado à Sociedade Teutônia[17] que tinha por objetivo a congregação dos interesses culturais dos alemães.

> Por motivo do aniversário de sua magestade Guilherme II, passado hontem, a colônia allemã desta cidade promoveu brilhantes festas, em regosijo da auspiciosa data do natalício de seu rei, que lhe é tão caro.
> Às 11 horas na sêde do consulado allemão, houve a recepção official, a que compareceram, entre muitas outras pessoas as comissões seguintes: José Weiss, pelo culto cathólico de Mariano Procópio; Christiano Griese, João Krambeck e Henrique Surerus pelo Culto Evangélico; Augusto Degwert e Gustavo Nitzech pelo Club Teutônia; Rodolpho Neubauer, Henrique Griese, Rodolfo Engel, Felippe Griese pela Escola do Culo Evangélico; comissões das sociedades allemã de Beneficencia e Brasileira Allemã. (28/01/1909)

O incremento das atividades ginásticas no pátio da Cervejaria Dois Leões levou os frequentadores à decisão de fundar um clube de ginástica, o qual foi denominado Turnerschaft-Clube Gymnastico de Juiz de Fora no ano de 1909. Segue abaixo um trecho da primeira ata de fundação realizada no ano de 1910:

> Aos cinco dias do mês de agosto de mil novecentos e dez, no salão de Recreio da Cervejaria Stiebler, às 9 horas da noite, presente grande número de sócios quites desta União de Gymnastica Juiz de Fora, foi aclamada sua diretoria provisória que deverá reger o destino desta união... proposto que os sócios do quadro de exercícios de gymnastica deverão comparecer no Parque da Cervejaria Stiebler, todas as quartas-feiras, das 8 às 10 horas da noite e, aos domingos pela manhã a fim de detonarem parte nos exercícios obrigatórios.

Observamos a presença da ginástica como elemento fundamental das comunidades de imigrantes alemães em diversos locais do país, inclusive com a organização de instituições, como o Deutscher Turnverein, hoje conhecido como Sogipa, fundado em 1867, em Porto Alegre/RS; a Turnverein Neu Hamburg, fundada em 1894, em Novo Hamburgo/ RS; a Sociedade Ginástica São Leopoldo, fundada em 1885, em São Leopoldo/RS; a Sociedade de Ginástica Junerbund, fundada em 1892, em Porto Alegre/RS; a Deustcher Turnverein, fundada em 1888, em São Paulo; o Turnerschaft, fundado em 1890, em São Paulo; e o Turnverein, fundado no Rio de Janeiro, também em 1890.

[17] A Sociedade Teutônia foi criada em vários lugares do país em que ocorreu imigração alemã.

O Turnerschaft tem suas origens nas ideias daquele que é denominado por diversos autores como o Pai da Ginástica de Aparelhos, o alemão Johann Friedrich Ludwig Jahn. Este foi um dos idealizadores da ginástica na Alemanha através de seu movimento denominado Turnen*,* que se caracterizou por um espírito nacionalista em decorrência do próprio momento em que vivia a Alemanha em busca de sua unificação*.*

> As noções de unidade, de pátria, de povo começaram a fazer parte da maneira de pensar, de sentir e de viver dos alemães. Influenciado pelas idéias de filósofos alemães e sua época, que viam na educação do povo um potencial para a salvação da nacionalidade alemã, Jahn considerava essencial a educação do corpo, sua fortificação e equilíbrio, servindo como elemento dinamizador do sentimento nacional alemão. (SILVA, 1997, p.17.)

A Ginástica Alemã, assim como a Sueca e Francesa, desempenhou na sociedade industrial do século XIX importantes funções, com certa particularidade, mas, de modo geral, estes movimentos apresentavam “finalidades semelhantes: regenerar a raça promover a saúde, desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver e, finalmente, desenvolver a moral”. (SOARES, 2001, p.52).

O estudo dessa forma de instrução física, a ginástica alemã, tem como um dos principais estudiosos no Brasil o pesquisador Leomar Tesche. Em sua obra “O Turnen, a Educação e a Educação Física” (TESCHE, 2002), ele tratou de analisar esta prática no sul do país e sua inserção nas escolas teuto-brasileiras. Podemos afirmar que é uma das únicas obras no Brasil que traz informações tão precisas sobre o Turnen*:* seus objetivos, as características de suas atividades, a descrição do Manual de Ginástica produzido por Janh, alguns jogos, entre outros assuntos. Sobre este manual, ele descreve sinteticamente as definições e deveres do professor de Turnen*.*

> Ele tem que cultivar a ingenuidade juvenil, tendo o cuidado para que esta não seja interrompida por madureza precoce. Mais do que qualquer outro, abre-se a ele o coração juvenil. O pensamento e os sentimentos da juventude, seus desejos e suas paixões, os sonhos de outrora da vida, não lhe ficaram ocultos. Ele está mais próximo dos jovens e por isso é seu dever preservá-los, e aconselhá-los por seu refúgio e suporte, o defensor da vida futura. Estão confiados aos seus cuidados homens em desenvolvimento, os futuros sustentáculos do Estado, ou luzeiros da Igreja e o orgulho da Pátria (TESCHE, 2002, p. 27)*.*

Ainda segundo o autor,

> O Turnen constituiu-se num importante fator de identidade e, como tal, utilizou os corpos físicos como espaço que transcendiam essa dimensão, inserindo-se num significado político, cultural e social. (ibid, p.27).

2.1.1 Os Estatutos

Iniciando a análise do nosso objeto de estudo através da primeira ata do Clube Ginástico, percebemos já uma preocupação com a organização do espaço para o desenvolvimento da ginástica. Cada sócio do Turnerschaft contribuía com um mil réis que seria destinado ao fundo social e para a realização de compras.

No dia 05 de junho de 1910, durante reunião, foi aclamada a seguinte diretoria por votação entre os 15 presentes: Presidente: Matheus Kascher; Vice-Presidente: Gustavo Nietzsch; 1° Secretário: Joaquim Ferreira Primo; 2° Secretario: Augusto C. Bastos; Tesoureiro: Carlos Stiebler; 1° Diretor de Ginástica: Gustavo Nietszch e como 2° Diretor de Ginástica: Hans Happel. No mandato desta diretoria foi aprovada a primeira ata do Turnerschaft.

Em 13 de novembro de 1910 foi aprovado o primeiro estatuto do Clube Ginástico. A comissão formada para sua confecção ficou assim definida: Matheus Kacher, Gustavo Nietzch, Will Kremer, Rodolpho Stiebler e Hans Happel.

Não conseguimos localizar o original ou cópias desse documento, mas percebemos sua importância ao longo da história do clube, uma vez que encontramos nas atas de reuniões diversas referências a ele.

FIGURA 12 - Primeira diretoria do Turnerschaft e alunos-1909



Fonte: arquivo particular: DEL´DUCA, Salcio

Em 13 de novembro de 1910 foi aprovado o primeiro estatuto do Clube Ginástico. A comissão formada para sua confecção ficou assim definida: Matheus Kacher, Gustavo Nietzch, Will Kremer, Rodolpho Stiebler e Hans Happel.

Não conseguimos localizar o original ou cópias desse documento, mas percebemos sua importância ao longo da história do clube, uma vez que encontramos nas atas de reuniões diversas referências a ele.

Algumas regras e itens do referido documento conseguimos extrair das atas de reuniões analisadas:

a) O pagamento de mensalidades que era realizado trimestralmente;
b) A realização anual de assembléia para eleição, em cédulas fechadas, da nova diretoria;
c) A entrada no Clube como associado dependia da apresentação de um sócio e da aprovação da diretoria;
d) Os pedidos de exoneração de cargos e o desligamento do Clube deveriam ser feitos formalmente e apresentados à diretoria;
e) Eram estabelecidas categorias de sócios: passivo, ativo, honorário[18];

[18] De acordo com as leituras é possível concluir que os sócios ativos eram aqueles que participavam das atividades ginásticas. Os sócios passivos eram aqueles que tinham mais de 25 anos e não

f) Era obrigatória a frequência nas atividades de ginástica para os sócios entre 18 e 25 anos, portanto, enquadrados na categoria de ativos.
g) Os lucros com as festas realizadas eram destinados ao fundo do Clube;
h) Durante as festas, era obrigatório organizar atividades de exercícios ginásticos, o que indica a necessidade de afirmar a principal função do Clube[19].

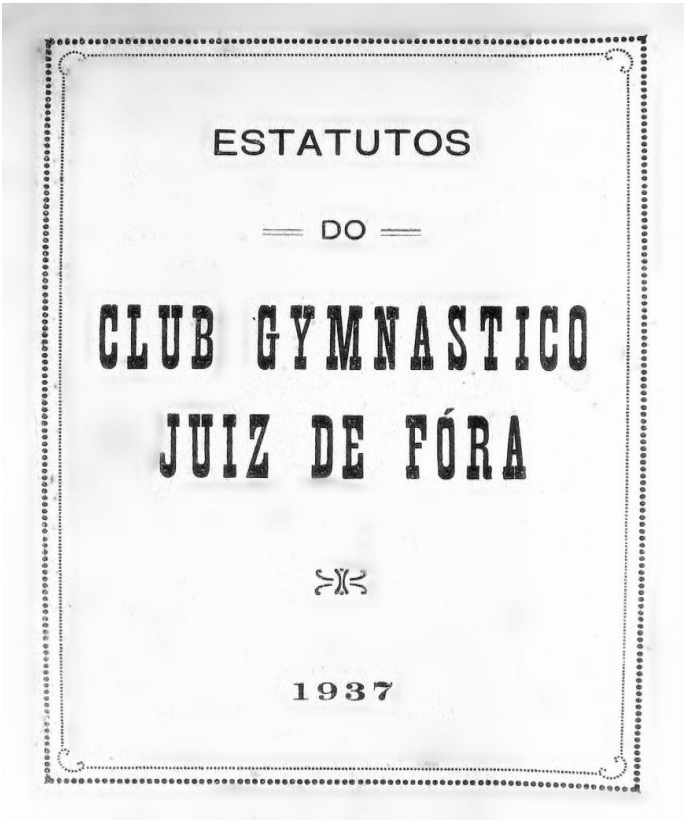
O primeiro estatuto do Clube Ginástico sofreu modificações ao longo dos anos em virtude das necessidades da instituição e também em função do próprio contexto sócio-político-cultural de cada período. Analisando o Estatuto do ano de 1937, que teve sua primeira proposta elaborada em 1910, percebemos que algumas regras originais permaneceram. O documento de 1937 é composto de quinze páginas, divididas em seis capítulos e trinta e cinco artigos, organizados da seguinte maneira:

CAPÍTULO I - Da sociedade e seus fins
CAPÍTULO II - Dos sócios em geral
CAPÍTULO III - Da administração
CAPÍTULO IV - Das assembléias, votações e eleições
CAPÍTLO V - Do fundo social e do fundo de reserva
CAPÍTULO VI – Disposições Gerais

participavam da ginástica. Os sócios honorários eram aqueles que participaram da fundação do Clube ou receberam esta nomeação por mérito, através de votação da diretoria.

[19] No ato da posse da Diretoria os sócios deveriam realizado o seguinte juramento: “Juro servir bem e fielmente o cargo de (___) do Club Gymnastico Juiz de Fora (ATA, 22/04/1922)

FIGURA 13 – Estatuto do Clube Ginástico



Fonte: arquivo particular: ALMEIDA, Climene Evangelista de

O Estatuto de 1937 revela informações interessantes sobre os objetivos e a filosofia do Clube Ginástico:

Capítulo 1

Art. 2° - “Esta sociedade, que tem por fito o cultivo da gymnastica, é constituída por ilimitado número de sócios de ambos os sexos, sem distincção de nacionalidade e crença”.

Capítulo 2 – Da classificação

Art. 5° - “Os sócios se distinguem pelas seguintes classes: gymnastas, contribuintes, remidos, ausentes, beneméritos e honorários”.

Aqui já encontramos uma diferença no que se refere à distinção de sócios, pois não são mais distinguidos em apenas três classes como nos primeiros estatutos. Houve uma necessidade de mudanças para que o Clube pudesse atender mais os interesses daqueles que tivessem vontade de se associarem ao Clube. Esta diversificação pode ter sido um dos motivos para o crescimento do Clube e uma

maior adesão por parte da sociedade juizforana. De acordo com o Estatuto de 1937, as características de cada sócio eram:

§ 1° - “Socios gymnastas serão todos os que tenham menos de 40 annos, obrigados por isto a frequentar a escola de gymnasta como determinar o Regulamento Interno”.

Sobre este aspecto, percebemos que a exigência da prática da ginástica dentro do Clube nos anos iniciais era destinada àqueles com menos de 25 anos, sendo este aumento em 15 anos, já que o limite de idade era 25 anos. Esta mudança talvez tenha sido efetuada em decorrência dos alunos que atingiram 25 anos terem vontade de dar continuidade nas atividades ginásticas, o que não era permitido nos primeiros estatutos.

§ 2º - “Socios *contribuintes* serão todos os demais, não incluídos nos §§ 1º, 3º, 4º, 5º e 6º”.

§ 3º - “Socios *remidos* serão aqueles que de uma vez só, contribuírem com a quantia de 500$000; o que propuzerem, dentro do prazo de um anno, 50 sócios gymnastas; e os que desde a fundação deste Club e da data destes estatutos em deante, contarem dez annos, ininterruptos como sócios gymnastas assíduos”.

Analisando as atas[20], não percebemos menção a nenhum sócio remido. Os sócios se enquadravam na sua maior parte em outras classes. Esta classificação não atendia aos interesses, já que pertencer à outra classe parecia ser mais vantajoso e menos trabalhoso enquanto associado.

§ 4º - “Socios *ausentes* serão os que, retirando-se desta cidade, tal requererem, pagando de taxa annual, adeantamente, 10$000, os quaes poderão em visita gozar dos direitos de sócio, no prazo máximo de 15 dias”.

Não encontramos também em ata o nome de algum sócio ausente. O que foi possível encontrar são pedidos de desligamento do Clube, seja por motivos de saúde ou de mudança da cidade. Nestes casos, o desligamento só seria dado caso as mensalidades estivessem em dia.

§ 5º - “Sócios *beneméritos* serão aqueles dignos deste título, a juízo da diretoria, por serviços relevantes à sociedade, ou os que a esta, de uma só vez fizerem o donativo de 1: 000$000”.

[20] Foram analisados todos os livros de atas do Turnerschaft –Club Gymnastico desde o ano de sua fundação (1909) até o ano de seu fechamento (1979).

Em ata foi possível apenas encontrar o nome do médico sanitarista Dr. Eduardo de Menezes[21] com esta classificação. Ele foi um dos responsáveis pelo crescimento do clube convidando o mesmo para se instalar no prédio da Liga Mineira Contra Tuberculose em 1913. Ele recebeu este título no ano de 1914 não sendo encontrada referência a qualquer tipo de pagamento ao Clube, sendo este título oferecido a ele apenas por suas benemerências.

§ 6º - "Socios *honorários* são os que, não fazendo parte do quadro social, merecem tal título, por deliberação da assembléia geral".

Aqui há uma contradição. No ano de 1911 foram nomeados dois sócios honorários: Carlos Stiebler e Hans Happel. Anos mais tarde encontramos o nome de Caetano Evangelista. Estes três eram sócios do Clube sendo que os dois últimos eram diretores de ginástica da instituição. Assim eles tinham vínculo direto com o Clube, sendo sócios por muitos anos, não conferindo, portanto, com o parágrafo, já que este tipo de sócio não deveria fazer parte do quadro social.

Outra classe foi criada e não se encontra em leituras das atas com datas anteriores a 1937, ano do Estatuto analisado. Trata-se classe especial dos sócios infantis divididas em infantil contribuinte e não contribuinte. A primeira se refere aos sócios entre 15 e 18 anos que deveria pagar como mensalidade metade do valor. Na outra se enquadram os sócios com idade inferior a 15 anos que não precisavam pagar a mensalidade desde que seus pais ou tutores fossem sócios.

Art. 3° - "Além da gymnastica, propriamente dita, poderão ser creados jogos athleticos e todos os desportos que concorram para a fiel desideratum desta sociedade, exceptuando-se o foot-ball".

O futebol não foi uma atividade praticada no Clube Ginástico. Talvez pela falta de espaço físico disponível ou pelo futebol estar associado ao profissionalismo, como Marilita Rodrigues (2007) destacou ao analisar o Minas Tênis Clube (MTC) de Belo Horizonte. A autora observou que o futebol não era praticado naquela instituição por ser um esporte já bastante popularizado no Brasil, já na década de 30, funcionando naquele período com certo profissionalismo, que não era objetivo do MTC, pois este direcionava seus trabalhos para as atividades amadoras.

Capítulo 2 – Seus direitos

[21] Eduardo Augusto de Menezes, natural de Niterói, Rio de Janeiro. Médico, fundador da Liga Mineira Contra-Tuberculose, o Instituto Pasteur e Antiofídico. Foi diretor Municipal de Higiene, membro fundador da Academia Mineira de Letras, foi presidente da Sociedade de Medicina de Juiz de Fora.

Art. 9° - “Além das regalias conferidas pelos fins da sociedade os sócios quites gozarão dos seguintes direitos: VII- frequentar a biblioteca e quaesquer organizações desportivas, artísticas ou literárias que forem creadas”.

Nesta biblioteca havia livros de ginástica que eram adquiridos pela diretoria e outros de doações de sócios. Esta preocupação demonstra bem o desejo da instrução não somente física dos sócios, mas também intelectual. A biblioteca era comum nas Sociedades Ginásticas como uma forma de preservação também da germanidade[22].

No Capítulo IV – Das Assembléias, votações e eleições.

Não há referência a quem era permitido participar das reuniões e votar nas assembléias. O interessante é perceber que nas leituras das atas que durante 70 anos de atividades, totalizando 369 reuniões, observamos apenas 4 assinaturas de mulheres entre elas: a da ex-aluna Patria Soares de Oliveira Zambrano e da esposa do último professor de ginástica, D. Maria José Cigani Luiz. Não sabemos então até que ponto esta “abertura” de portas a qualquer pessoa era oferecida a todos as esferas e momentos do Clube, principalmente no que se refere à participação feminina.

As atas revelam que houve ao longo do tempo na história do Clube um esvaziamento do desejo dos associados que quererem fazer parte das diretorias. Com o tempo a composição das diretorias foi sendo realizada através de convites feitos diretamente às pessoas. Segundo Jorge Magaldi (entrevista 9), secretário na década de 50,

> era por aclamação, preparava os elementos antes da eleição e no dia só apresentava a chapa e era automaticamente aceito porque ninguém queria ficar, a dificuldade era encontrar alguém que quisesse participar da diretoria. Então era sacrifício [...][23].

[22] Relacionado ao termo germanismo, está ligado à preservação dos laços com a Alemanha, seja nos aspectos políticos, econômicos ou sociais. Segundo Tesche (2002, p.63), o germanismo foi o desenvolvimento da consciência política nas guerras de libertação na Alemanha.
[23] Informação cedida em entrevista realizada para esta pesquisa.

2.2 PROFISSIONAIS E ALUNOS DO CLUBE GINÁSTICO

2.2.1 Os Professores

São várias as nomenclaturas encontradas nos documentos do Clube Ginástico com relação ao responsável pela ginástica: professor, mestre e instrutor. Neste estudo usaremos o nome professor.

Nos 70 anos de existência do Turnerschaft-Clube Ginástico de Juiz de Fora, tiveram esta função diversas pessoas. Até o início das atividades esportivas como o voleibol e o basquetebol, existia apenas o cargo de Diretor de Ginástica que se responsabilizava pela Ginástica, incluindo aqui o Atletismo. Mais tarde, com a inserção de outras atividades esportivas foram criados departamentos de suas respectivas atividades, mas todos eles sob a responsabilidade principal deste diretor, que era responsável pelo andamento de todas as atividades físicas que eram desenvolvidas no clube.

Quando a idéia de fundação do Clube surgiu em 1908, as pessoas que frequentavam o parque da Cervejaria Stiebler e que eram imigrantes ou descendentes, puderam realizar de forma recreativa exercícios ginásticos nos aparelhos que ali já existiam. Estas atividades nos aparelhos e os exercícios livres faziam parte da cultura do povo alemão, já que naquele país surgiu no século XIX uma das principais escolas de ginástica através dos nomes de três pedagogos:

> Guts Muths, Johann Friederich Ludwig Janh e Adolf Spiess. Eles, sem dúvida, deixaram um legado para o mundo da Educação Física, influenciados por todos os acontecimentos políticos, sociais e econômicos na Alemanha, nesse período. Contribuíram, com certeza, na formação de um Estado alemão. (TESCHE, 2002, p.58).

A ginástica era uma das atividades que os imigrantes alemães desenvolviam em Juiz de Fora, no caso que analisamos, no pátio da Cervejaria Dois Leões. Ao perceberem que os jovens ficavam entusiasmados com a prática da ginástica, os alemães resolveram fundar um clube, o Turnerschaft, que daria maior organização aquela prática.

O primeiro professor de ginástica do Turnerschaft de Juiz de Fora foi Gustavo Nietzch. Este ficou à frente das atividades desde o início do Turnerschaft até a data de sua saída que ocorreu no dia 22 de março de 1911, quando se mudou da cidade (ATA, 1911).

2.2.1.1 Hans Happel

O segundo Diretor de Ginástica do Clube foi o alemão Hans Happel. Em Juiz de Fora, ele também exerceu o trabalho de tipógrafo.

Segundo Arides Braga (1977, p. 52) Hans Happel foi o introdutor da ginástica escolar em Juiz de Fora, tendo organizado e dirigido turmas locais que brilharam no Rio, São Paulo, Porto Alegre, Petrópolis e Curitiba, onde foram se exibir. Este exerceu suas atividades até o ano de 1917 quando pediu seu afastamento em decorrência da Primeira Guerra Mundial.

> O Snr. Hans Happel tomando a palavra espoz aos demais membros da Diretoria que em vista de se ter reconhecido o estado de guerra entre o Brazil e a Allemanha, não dezejando ele, pelo fato de ter nascido na Allemanha tornar o Club Gymnastico Juiz de Fóra antipático ao povo brazileiro, julga contribuir para o bem do Club, pedindo s/ demissão do cargo de diretor de ginástico do mesmo. (ATA, 05/11/1917)

Segue abaixo uma das poucas imagens de Hans Happel dentro do Clube. Na figura abaixo, Hans Happel é o primeiro da fileira da direita para a esquerda.

FIGURA 14- Hans Happel- década de 1910

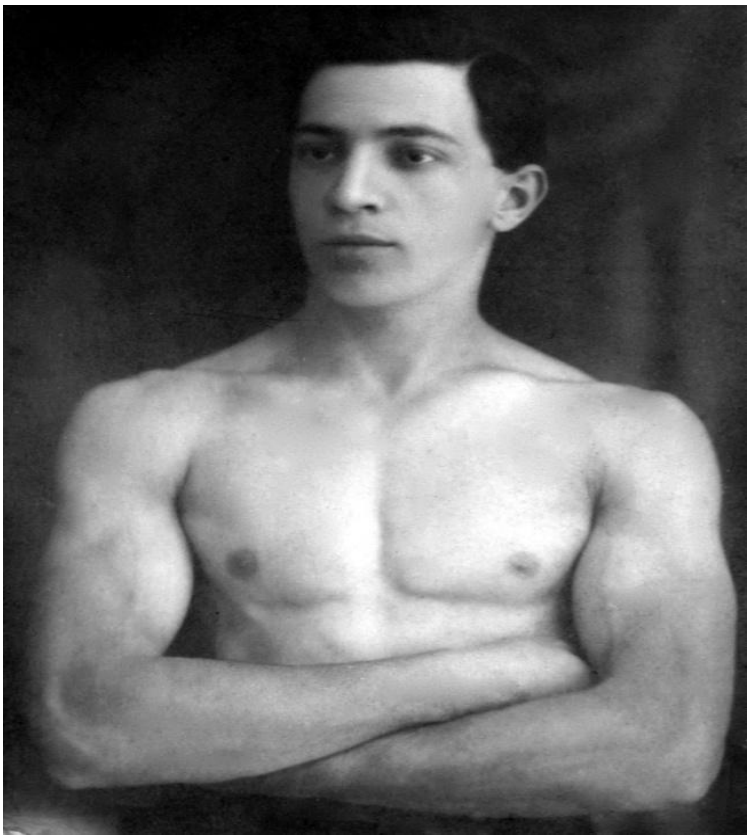


Fonte: arquivo particular: ALMEIDA, Climene Evangelista de

2.2.1.2 Caetano Evangelista

O terceiro professor de Ginástica foi Caetano Evangelista que podemos também visualizar na foto anterior, sendo o primeiro da esquerda para direita. Este nasceu na Bologna, Itália, em 15 de agosto de 1893. Veio para o Brasil aos cinco meses de idade, sendo registrado em Juiz de Fora. Foi aceito como sócio no Turnerschaft em 30 de novembro de 1913. Segundo sua filha, Climene Evangelista, ele trabalhava perto do Clube, na Oficina George Grande, e isto foi um facilitador para sua entrada no Turnerschaft: a proximidade e a convivência com os alemães e teutos. Esteve à frente como diretor até 1961, quando faleceu no dia 3 de março deste mesmo ano. Durante todo este período residiu com sua família nas dependências do Clube.

FIGURA 15- Caetano Evangelista-década de 1910



Fonte: arquivo particular: ALEMIDA, Climene Evangelista de

No ano de seu falecimento, escreveu o Jornal Diário Mercantil:

> Era, com efeito, um líder na acepção inteira e justa da palavra, porque nada o induzia a sê-lo, senão o designo que marca o destino dos pioneiros e dos fortes. (18/03/1961)
> Nome querido em Juiz de Fora, mercê de suas virtudes de bom cidadão e chefe de família honrado, o Professor Caetano Evangelista, que desaparece aos 67 anos de idade, constituiu família em nossa cidade, legando um patrimônio de trabalho digno de nota, para o que muito concorreu seu espírito cristão, sempre voltado para as boas causas. (04/03/1961)

Caetano foi o professor que ficou mais tempo à frente das atividades do Clube. Dentre suas vitórias enquanto atleta, destacamos, baseados em algumas noticias de jornais e livros que citam sua biografia, que este professor foi bi-campeão brasileiro de ginástica e vice-campeão sul-americano na década de 1910. Quando Caetano Evangelista assumiu o Clube Ginástico, inicialmente não foi feita nenhuma cobrança financeira como pagamento pelos seus serviços, pois as aulas eram realizadas à noite e nos finais de semana. Nas leituras dos documentos,

encontramos indícios de realização de alguns pagamentos realizados a Caetano, mas não era mencionado o pagamento de salário. Ele apenas dava aulas fora de seu horário de trabalho nos colégios da cidade.

Como condição para aceitar o convite, impôs não haver remuneração em espécie alguma, desde que a atividade não interferisse nas suas tarefas nos colégios que o contrataram como professor de educação física (Granbery, Bicalho, Santa Rita de Cássia, Escola Normal, Educandário Carlos Chagas, Grupo Central). Além disso, Evangelista solicitou que ele pudesse usar as dependências do clube ginástico para aulas particulares (YAZBECK; GAMA, 1996, p.22).

Caetano foi um dos responsáveis pelo crescimento do Clube, inicialmente realizando as atividades da ginástica e do atletismo. Posteriormente, tendo contato com outras instituições esportivas, o Clube Ginástico decidiu também realizar atividades de voleibol, basquetebol, escotismo, esgrima, boxe e tênis de mesa. O Clube Ginástico foi uma das primeiras instituições em Juiz de Fora a desenvolver essas atividades esportivas, o que demonstra sua importância para o desenvolvimento dessas práticas na cidade.

Caetano Evangelista, por seu trabalho no Clube Ginástico, tornou-se um ilustre juizforano. Ele dá nome a uma rua, bem como a um centro de esportes organizado pela Prefeitura Municipal. Caetano recebeu *post mortem*, a Comenda Henrique Guilherme Fernando Halfeld, a mais alta condecoração do município de Juiz de Fora.

Muitas lembranças são guardadas por pessoas que tiveram contato com o professor Caetano Evangelista:

> Formidável, formidável [...] (Elyett Villela, ex-aluna de ginástica e voleibol na década de 40 – entrevista 4).

> Ah... Muito bem, muito educado, muito bom. Ele era enérgico, mas ele era é dessas pessoas enérgicas, mas educadas ‘né’? O seu Caetano era muito educado [...]. (Odett Ciampi, 88 anos, ex-aluna de ginástica e voleibol, década de 30 – entrevista 2).

> Muito amigo e, mas ele era severo ‘né’! Mas conversava, ria muito com a gente, era um amigo! (Ophelia Ciampi, 89 anos, ex-aluna de ginástica, voleibol, década de 30 – entrevista 3).

> O professor Caetano era uma pessoa séria, ao mesmo tempo extremamente carinhosa. Ele talvez não extravasasse tanto sentimento, mas em atitudes dele, a gente percebia o quanto afetivamente ele era ligado às pessoas que frequentavam o Clube.

> Era uma pessoa séria, mas ao mesmo tempo muito generosa. Eu só tenho lembranças muito queridas [...] (Patria Soares de Oliveira Zambrano, 70 anos, ex-aluna de ginástica e voleibol, década de 50 – entrevista 12).
>
> Era uma figura como eu poderia citar ímpar na cidade de Juiz de Fora [...]. Era muito dinâmico, muito querido, um atleta perfeito [...]. (Alberto Surerus, 83 anos, ex-aluno de ginástica e basquetebol, décadas de 30 e 40 – entrevista 7).
>
> Ele era muito enérgico, não permitia a gente fazer ginástica com uniforme sujo [...] muita atenção, muita atenção, muita disciplina, muita rigidez. Me tornei seu fã direto. (Ítalo Paschoal Luiz, 82 anos , ex- aluno, ex-professor de ginástica e ex-Presidente, décadas de 40 a 70. – entrevista 8)
>
> Era uma relação de amizade. Papai era um líder, mas não era um ditador. Era enérgico, disciplinador, educador. Todas as pessoas que frequentavam o clube ele sabia um pouquinho de cada um, pois ele se interessava pela educação das pessoas. (Climene Evangelista de Almeida, filha do professor Caetano, ex-aluna de ginástica e voleibol, 80 anos, décadas de 30 a 60 – entrevista 10).

Percebemos que em algumas falas há a presença da questão disciplinadora exigida por Caetano e reconhecida por alguns ex-alunos, os quais se lembram de sua maneira “enérgica” de conduzir suas aulas dentro do Clube Ginástico. Esta característica era marcante nos professores de ginástica da época que desenvolviam suas atividades dentro dos ideais e objetivos preconizados pelas escolas de ginástica. Neste caso, citamos a ginástica alemã e a ginástica sueca, pois ambas asseguravam a importância da ginástica para a formação de um homem melhor através da formação do caráter, uma vez que a educação se dava de maneira disciplinadora, moralizante. Assim, Caetano se encaixava neste perfil do professor de ginástica, procurando educar seus alunos de forma séria, enérgica e disciplinadora.

Não podemos deixar aqui de mencionar o nome de uma pessoa que não foi professora, mas que teve uma importância muito grande para diversos alunos pelo carinho e atenção que eram desprendidos por sua esposa conhecida como D. Neném[24].

Sobre este carinho, relembra Pátria Zambrano (entrevista 12):

[24] Constança de Moura Evangelista casou-se com Caetano Evangelista em 15 de agosto de 1915 e teve 7 filhos. Faleceu e 22 de julho de 1955.

> Eu tenho uma lembrança da cozinha da casa deles e do macarrão que se fazia lá todo sábado. Era muito gostoso aquilo. As excursões que a gente fazia, ela nos acompanhava, eu como era novinha ficava sempre na companhia dela, da D. Neném.

De acordo com o Sr. Haroldo Thees (entrevista 5), pelo fato do Professor Caetano ser um pouco rigoroso, quando os alunos queriam algo, eles recorriam a D. Neném: O seu Caetano era uma pessoa interessante, ele era um cara amoroso, mas muito fechado às vezes, distante, [...] Tudo que a gente queria se aliava a D. Neném [...].

Umas das diversas situações de demonstração de disciplina e educação que o Professor Caetano buscava ensinar a seus alunos além do carinho de D. Neném, escrevem Ivanir Yazbeck e Maurício Gama (1996):

> A presença de D. Neném se faz sempre em intervenções maternas, como no dia em que seu Caetano puniu dois brigões com uma suspensão, baseado no relato de um auxiliar às voltas com um treino entre os menores. Encerrado o expediente, d. Neném revela que presenciara o incidente e que não fora tão grave assim. Mas o marido manteve-se firme na sentença.
> - Imagina- d. Neném tentou mais uma vez- se um desses meninos se envolve em algum acidente lá fora, justamente na hora da ginástica...
> Diante da força do argumento, a anistia foi concedida imediatamente.

FIGURA 16: Alunas de voleibol e D. Neném ao centro-década de 1950



Fonte: arquivo particular: ALMEIDA, Climene Evangelista de

Sobre seu falecimento, escreve Arides Braga no Diário Mercantil:

> "Feliz o Clube Ginástico! Viveu sob a direção segura de D. Neném e, agora, feliz, por que vai viver sob seus ensinamentos e guiado sempre pelos exemplos que ela deixou. Uma força viva e latente de dedicação a uma obra que era a continuação de seu lar". (23/07/1955).

2.2.1.3 Ítalo Paschoal Luiz

Com a morte do Professor Caetano Evangelista, assume seu auxiliar Ítalo Paschoal Luiz[25]. Este nasceu em Juiz de Fora em 15 de fevereiro de 1927, filho de italianos, e dedicou sua vida ao esporte e à ginástica. Em entrevista, falou sobre suas atividades (entrevista 9):

> Dentro do esporte, vamos assim dizer, eu tinha uma paixão louca pelo futebol. Goleiro do Tupi Juvenil. Fiz o tiro de guerra, goleiro e fui juvenil com 17 anos e meio. Mal podia sonhar que seria preparador físico. Gostava de ginástica, mas não tinha mestre. Um dia passando pelo Riachuelo vi o prof. Caetano, um senhor de idade, e perguntei pra ele o que era aquilo, ele falou é ginástica.

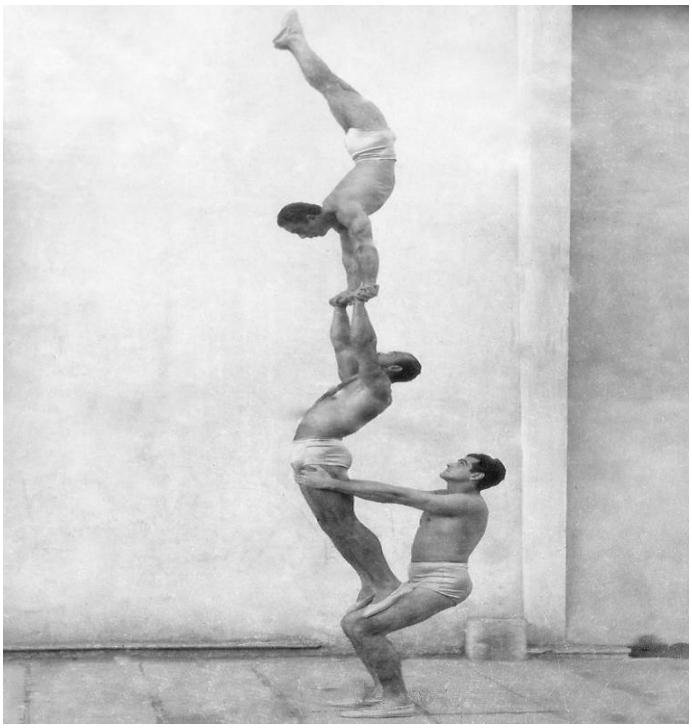
Quando Ítalo assumiu oficialmente o cargo do professor Caetano, a diretoria chegou a comunicar esta mudança através da imprensa, conforme notícia no Diário Mercantil:

> O sr. José Vale da Fonseca, presidente do Clube Ginástico está comunicando aos atletas da tradicional agremiação da avenida dos Andradas que o professor Ítalo Paschoal Luiz assumirá hoje as funções de dirigente do departamento de Educação Física Infantil e da secção de aparelhos de ginástica do Clube. (24/03/1961).

Durante o período em que esteve à frente do Clube como Diretor de Ginástica e Presidente, direcionou suas atividades principalmente para a prática de ginástica de solo e o voleibol.

[25] Ítalo formou junto com outros dois atletas o chamado "Trio Brasil" onde realizava exibições de força combinada. Entre os atletas: Paulo e Edson, este que depois foi substituído por Ervilha.

Figura 17 - Atividade de Força Combinada



Fonte: arquivo particular: LUIZ, Italo Paschoal

Também desenvolveu atividade de força combinada, chegando a se filiar, em 1970, a Federação Mineira de Halterofilismo e ao Conselho Regional de Esportes, obtendo alvará de funcionamento expedido pelo mesmo Conselho.

Ítalo tentou dar continuidade aos trabalhos que foram desenvolvidos por Caetano, conforme observamos em notícia no jornal Diário da Tarde de 1963.

> O ideal do saudoso professor Caetano Evangelista, nome que está ligado às maiores iniciativas do esporte amador em Juiz de Fora, continua vivo e tem no professor Ítalo Paschoal Luiz um seguidor apaixonado, zeloso e capaz [...] No Clube Ginástico o trabalho na preparação de atletas vem sendo feito com seriedade, critério e entusiasmo, estando a atual diretoria do veterano grêmio de parabéns pela movimentação magnífica que vem dando os vários departamentos. (DIÁRIO DA TARDE, 1963)

O professor Ítalo, em diversas apresentações de seus alunos, procurava lembrar os ensinamentos deixados pelo seu professor, não deixando de saudar sua memória. Assim, encontramos em um dos recortes de jornais do professor Ítalo divulgado pelo Diário Mercantil:

> Um dos primeiros objectivos do simpático e apreciado professor de ginástica é preparar a turma, para exibi-la bravamente num grande espetáculo em homenagem póstuma ao saudoso professor Caetano Evangelista, cujo recente falecimento abriu a lacuna no nosso desporto. (24/03/1961).

Ítalo Paschoal Luiz ainda continua se exercitando nos salões de sua Academia de Ginástica localizada no bairro Bairú, em Juiz de Fora, onde ensina alguns alunos a ginástica:

> Um homem sensato, alegre, feliz com a vida, com a família. Um homem que adorava falar, adorava dar aula e adora até hoje, porque ele é vivo não é? Dar aula de ginástica, tinha um estilo de ginástica muito bom, baseado na calistenia, na ginástica sueca. Tinha um conhecimento de princípios básicos da Ginástica de aparelhos, muito gostoso e muito bom, e o Clube pra ele, as aulas dele, o ambiente que ele tinha ali era um ambiente total de alegria, total de satisfação, todas as pessoas que entravam ali se sentiam agradáveis. Sentiam-se satisfeitas, energizadas e prazeirosas de estarem naquele ambiente ali, tanto com a presença do professor Ítalo como também do ambiente do Clube Ginástico e isso era muito interessante. Era um lugar meio sagrado, vamos falar assim (Rommel Jaenicke, ex-aluno - entrevista 11).

FIGURA 18- Italo Paschoal Luiz hoje aos 83 anos



Fonte: arquivo particular: LISBOA, Jakeline

Ítalo Paschoal Luiz exerceu sua profissão de professor em algumas escolas da cidade de Juiz de Fora e também como preparador físico do Tupi Football Club. Além disso,

> em Belo Horizonte, em 1966 e 1967, ele deu um curso de ginástica Olímpica, na colônia de Férias do Sesc, para mais de 500 professores. [...]. O professor Ítalo Paschoal Luiz, que tem um total de 19 títulos, já foi também agraciado com dois votos de louvor: um pela Câmara Municipal e outro pela de Belo Horizonte. (DIÁRIO DA TARDE, 1970, p.3).

Ainda descrevendo as atividades exercidas pelo professor, divulga o jornal Diário Mercantil (1978) o seguinte trecho:

> [...] possui 12 títulos de campeão de futebol pelo Tupi, Esporte e Tupinambás; foi campeão brasileiro, em 1959, como maior paradista em ginástica de força combinada em dupla (Lô e Rubi); foi duas vezes (1960 e 1962) preparador físico da Seleção Mineira de Futebol; [...]; foi bi-campeão de Ginástica de Solo e Jogos de Estímulo lançado pelos DIÁRIOS E EMISSORAS ASSOCIADOS, em outubro de 1968 e foi quem introduziu as técnicas em Juiz de Fora [...].

Sobre o Campeonato de força combinada no qual participou a dupla Lô e Rub, o próprio professor Ítalo relembra os locais por onde passou com o parceiro Paulo Lopes: [...] evento começou a ocorrer na TV Rio, do RJ. Tv Rio, depois TV Tupi, depois fomos para Belo Horizonte na TV Alterosa, TV Excelsior [...].

Assim como Caetano Evangelista seu nome está presente na História Esportiva de Juiz de Fora como um dos grandes “professores de Educação Física” que a cidade já teve por todas as suas contribuições ao esporte na cidade. Como reconhecimento ao seu trabalho, ele recebeu o título de cidadão benemérito oriundo do projeto do então vereador Hélio Zanini em 28 de outubro de 1987.

2.2.2 Os Alunos

Os primeiros alunos do Clube Ginástico foram os frequentadores do Parque da Cervejaria Stiebler. Em relação aos primeiros sócios, percebemos que entre eles havia não só alemães, mas também teuto-brasileiros e brasileiros. A posição social

destes sócios era variável: proprietários de pequenas empresas, professores, engenheiros e outros trabalhadores.

No início do Turnerschaft era comum serem encontradas diversas gerações de famílias que procuravam estender essas atividades para um maior número de membros, como por exemplo, aconteceu com a família Surerus, Stiebler, Griese, Degwert, Assis, Menezes, Krambeck, Sarmento, entre outras. O senhor Alberto Surerus, ex-aluno do Clube, nos direciona para esta questão (entrevista 7), lembrando-se da importância de sua família na fundação desta instituição:

> Esse pessoal, esses jovens, principalmente da família Surerus e outros mais resolveram então fundar um Clube específico para ginástica, principalmente ginástica (...) foram meus pais, meus tios, meus primos, eu cito nomes: Henrique Surerus Sobrinho, meu pai; Oscar Surerus, meu tio; João Surerus, meu tio; Alfredo Surerus; tio também; Roberto Surerus, tio também e muitos outros Surerus que frequentavam o Clube. Esses é que fundaram o que se chama de Turnerschaft, em alemão que é o Turnen da Ginástica, fazendo a transposição ao português.

Ao longo da história do Clube, inúmeros foram os sócios importantes para o desenvolvimento das atividades que poderíamos destacar, mas como seriam muitos, destacamos apenas alguns pela sua importância nos setores em que exerceram ou ainda exercem suas atividades profissionais. Dentro do quadro social do Clube Ginástico tivemos aqueles que chegaram a ser tornar vereadores e/ou prefeitos da Cidade de Juiz de Fora, como Eduardo de Menezes, Menelick de Carvalho e Adhemar Resende de Andrade. Também temos professores de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora como Rommel Jaenicke, Paulo Roberto Bassoli, Wemerson Amorim, Renato Miranda e Edson Vieira da Fonseca Faria: Além desses, o atleta José Floriano Peixoto, filho do ex- Presidente da República, que na década de 10 foi campeão de luta livre e levantamento de peso. (Diário da Tarde, 09/04/1970). A participação deste último como sócio do Clube não foi comprovada através das leituras dos documentos do Clube.

FIGURA 19 - Ginastas e diretoria no Parque da Cervejaria Stiebler



Fonte: ESTEVES, 1915

Diante dos nomes e das famílias que frequentavam o Clube Ginástico, percebemos que a instituição era predominantemente composta por integrantes das classes altas e médias de Juiz de Fora, pelo menos nas décadas iniciais de sua fundação.

Em algumas entrevistas encontramos essa afirmação. Alguns não se recordam, mas a maioria dos entrevistados confirma esta questão da presença de pessoas com melhores condições, de maneira geral, de famílias tradicionais da cidade principalmente nas décadas iniciais do Clube:

> Eram pessoas de certo gabarito. (Jorge Magaldi, ex-aluno e secretário, década de 50 – entrevista 8)

> [...] naquela época não existia em Juiz de Fora clube dessa modalidade, eu não lembro. Eu acho que o Clube Ginástico era o único existente aqui. Famílias como Assis, Jaguaribe, os Thess e muitas outras famílias tradicionais da cidade encaminhavam seus filhos pra lá. (Patria Soares de Oliveira Zambrano, ex-aluna, década de 50 – entrevista 12)

> O que predominava era a classe alta. Os filhos do Pantaleoni Arcuri, famílias tradicionais da cidade, muitos alemães, alguns italiano, Hargreves, famílias, mas tinham muitos alemães. Aquilo ficou tudo misturado, foi misturando, misturando. (Ítalo Paschoal Luiz, ex-aluno e professor, a partir da década de 40 - entrevista 9)

> [...] uma classe social assim média e todos bem resolvidos na vida, interessante isso. As pessoas mais velhas, pra mim que tinha uma faixa de 15, 16, 17 anos. Né? Faixa de 40 anos, né? Todos pais de família, sérios, boas pessoas. Os estudantes todos sérios, estudantes de medicina, engenharia [....]. Os comerciantes, os profissionais de outras áreas também, os militares [....]. (Rommel Jaenicke, década de 60 – entrevista 11)

> Eu posso dizer que era quase a elite de Juiz de Fora que frequentava. Nós tínhamos ali, tinha a família Moraes Sarmento, tinha a família Teixeira, tinha a família Assis [...]. (João Roberto Nunam Vieira, ex-aluno e Presidente, década de 40 e 50 – entrevista 1)

Mesmo o Clube tendo esta característica social, para aqueles que não podiam pagar as mensalidades alguma forma era encontrada e sempre com respeito a todos.

> A mamãe fazia, conseguia dinheiro pra poder comprar uniforme pros meninos. [...]. Os meninos que levavam seus almoços, os almoços de seus pais, eles passavam lá pelo portão dos fundos do Clube, porque já sabiam ali que eles podiam jogar uma bolinha no intervalo, tomavam um banho rápido. A mamãe tinha umas toalhas que fez pra eles. (Climene Evangelista, ex-aluna e filha de Caetano Evangelista – entrevista 10).

Importante colocar que, quando o Clube Ginástico se instalou no prédio da Liga Mineira Contra a Tuberculose, as pessoas que moravam no então conhecido Largo de São Roque passaram a frequentar as aulas oferecidas. Muitas crianças e jovens que ali viviam tinham no Clube uma extensão das suas casas. Uma prática comum era a espera do início das aulas pelos alunos.

> Pontualmente, três minutos antes das sete horas da noite, uma luzinha se acendia no alto da entrada principal, anunciando o início das atividades voltadas exclusivamente para os homens. (YAZBECK; GAMA, 1996, p. 23).

Nas décadas iniciais de sua fundação os interessados em se associar ao Clube deveriam ser apresentados por algum sócio e posteriormente serem aprovados pela diretoria. Caso os interessados fossem filhos de associados esta regra não era cumprida. Esta regra foi perdendo sua força e já nas três últimas décadas, qualquer pessoa podia se associar ao Clube.

As primeiras categorias de sócios foram sócios ativos, passivos e honorários, sendo alterados para outras classes, entre elas sócio contribuinte, remido, ausente, honorário e benemérito, havendo ainda a classe especial infantil.

Não foi encontrada em ata nenhuma referência à participação de crianças nas atividades de ginástica no período em que o Clube esteve instalado no parque da cervejaria Stiebler. Por outro lado, analisando fotos anteriores ao ano de 1913, ano este em que o Clube Ginástico se instalou no prédio da Liga Mineira Contra-Tuberculose, percebemos a presença de crianças vestidas com o uniforme de ginástica o que nos leva a pensar na possibilidade desta prática por esta faixa etária. Em documentos, esta prática começou a se organizar quando o Clube estava instalado no prédio da Liga Mineira.

Com a possibilidade de uso de novos de espaços, outras atividades ao longo do tempo puderam ser praticadas. Enquanto na cervejaria a ginástica era apenas destinada aos homens, foi criada uma seção de ginástica para moças no dia 26 de dezembro de 1913 por sugestão das próprias mulheres que viam os homens se exercitando, principalmente porque alguns deles eram pais ou maridos das interessadas. As primeiras alunas foram: Laura Meurer, Natalina Surerus, Carola Stiebler, Cecília Engel, Maria Luiza Erhardt, Hedvig Engel, Jeanette Trieper, Augusta Stiebler, Erminia Monte, Carlota Neves.

Em ata do dia 22 de janeiro de 1914 foi colocada em pauta uma discussão sobre a forma de admissão na turma feminina. Para tanto, ficou deliberado que esta seção ficaria sob as ordens dos diretores, observando-se para a admissão:

> [...] a pretendente a tomar parte na gymnastica deve apresentar proposta por escrito assinada por um dos seus pais ou tutores aos diretores de gymnastica que por sua vez deverão apresentar esta proposta à mesa para discussão.

FIGURA 20: Primeira turma feminina do Turnerschaft-Club Gymnastico-1913

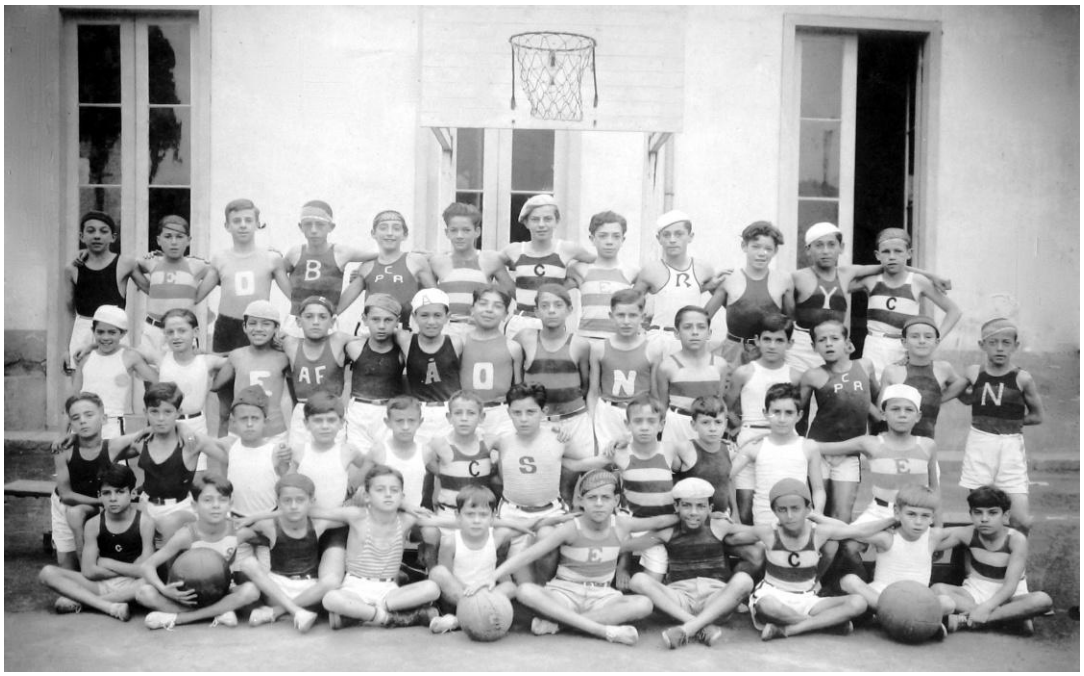


Fonte: Revista do 7ª aniversário do Turnerschaft. 1916.
Arquivo pessoal: LISBOA, Jakeline

Os primeiros relatórios de aulas foram encontrados em 1915. Neste ano havia no quadro de ginastas (homens) 134 sócios dando um total de 3.715 freqüências. Na outra turma de ginastas (mulheres), havia 38 sócias, dando um total de 1.440 freqüências. Um ano depois, registrou-se um número de 227 sócios, dos quais 118 são ativos e 109 passivos. Na turma de moças, o número de sócias ativas era 38. Baseados nestes dados percebemos que o número de sócios apresentados nestes dois anos não teve alteração significativa.

No ano de 1922 foi apresentado um relatório do diretor de ginástica sobre as suas aulas em Assembléia Geral. Segundo ele, entre o mês de março de 1921 a março de 1922, registrou-se uma freqüência total de 3.349, sendo que na turma de rapazes registrou-se 1.220 freqüências entre 72 alunos, na turma de meninos uma freqüência de 1.599 entre 58 alunos e na turma de moças uma freqüência de 530 entre 38 moças. Neste momento, o número de sócias ainda não era muito significativo.

FIGURA 21- Turma infantil de basquete-década de 1940



Fonte: arquivo particular: ALMEIDA, Climene Evangelista de

Com a procura pelas atividades após a inserção das modalidades esportivas, como o voleibol e basquetebol, uma nova turma se abriu destinada ao público feminino infantil.

Segue abaixo relatório do diretor de ginástica no ano de 1936, que consta em ata, em tabela organizada por nós. Analisando este relatório e comparando-o com aquele realizado em 1921, no que tange à participação na turma de moças, observamos um aumento de 126% no número de alunas, além é claro da abertura de outra turma. Houve também um aumento na turma de meninos em 62%, afirmando desta maneira a confiança e valorização da sociedade diante as atividades desenvolvidas pelo Clube Ginástico.

TABELA 6 – Relatório de aula de 1936

TURMA	NÚMERO DE AULAS	NÚMERO DE ALUNOS (as)	FREQUÊNCIA MÉDIA	FREQUÊNCIA GERAL
RAPAZES	94	197	43	3.789
MENINOS	94	104	31,6	2.975
MOÇAS	86	173	39, 6	3.406
MENINAS	86	89	23,1	1980

Outro relatório do diretor de ginástica foi apresentado em Assembléia do dia 25 de maio de 1937. Segundo o relatório, não houve uma diferença expressiva no número de sócios, chegando a aumentar em média cinco alunos por turma. O número de freqüência geral das aulas que aumentou em média 43%, passando de 10.830 no ano de 1936, para 15.480 no ano seguinte.

Além das quatro turmas (rapazes, moços, meninos, moças e meninas), foi aberta uma nova turma para as senhoras. No relatório apresentado no ano de 1940, observamos a presença desta turma com um número elevado de sócias e um aumento significativo, se compararmos com as outras turmas. Esta turma era composta de pessoas mais velhas e de mulheres casadas que queriam apenas praticar a ginástica. Dona Ophélia (entrevista 3), ex-aluna desta turma de senhoras, rememora algumas alunas da turma.

> Dona Albertina era casada como doutor Procopinho, a irmã dela dona Áurea, a dona... a dona Augusta que morava perto ali do clube ginástico, a dona Pituca que morava também perto, eu, a minha irmã. Ah! Tinha mais gente, mas eu num 'tô' lembrando, não.

Se compararmos o número total de alunos registrado no ano de 1936 e 1940, temos um aumento de 109%.

TABELA 7 - Relatório de aula de 1940

TURMA	NÚMERO DE AULAS	NÚMERO DE ALUNOS	FREQUÊNCIA MÉDIA	FREQUÊNCIA GERAL
RAPAZES	92	246	24,3	1932
MENINOS	90	204	18,2	1814
MOÇAS	86	186	19	1472
MENINAS	86	180	17	1404
SENHORAS	122	168	13	1708

Em relação ao número de frequência média das aulas, há uma queda se compararmos com a tabela de 1936. A diretoria do Clube justifica em ata esta diminuição de freqüência pelo fato da obrigatoriedade das aulas de Educação Física nas escolas.

Neste período em que se observa esta diminuição da freqüência, há uma redefinição no campo das práticas dentro da escola. As atividades esportivas vão aos poucos sendo valorizadas, havendo uma mudança nas concepções educacionais que até então direcionavam seus discursos para a questão corretiva, ortopédica da ginástica. Surge então uma nova visão pautada na intervenção disciplinar através dos esportes.

> A intensificação do capitalismo industrial no Brasil, proporcionada pela Revolução de 30, determinou o desaparecimento e o aparecimento de novas exigências educacionais. As exigências da sociedade industrial impunham modificações profundas na forma e no modo de se encarar a educação, pois novas relações de produção colocavam-se na ordem do dia. (SCHNEIDER, 2004, p.48).

Não temos informações de pesquisa para afirmarmos que as modalidades esportivas passaram a tomar conta das aulas de educação física escolar em Juiz de Fora. Mas é interessante perceber esta relação entre as práticas corporais realizadas fora e dentro das escolas. A afirmação da Diretoria do Clube Ginástico revela a importância que a instituição escolar passa a ter progressivamente no desenvolvimento das práticas corporais para crianças e jovens. Em Juiz de Fora percebemos que associações como o Clube Ginástico passaram a ter, especialmente a partir da década de 1920, as escolas como “concorrentes” no campo das práticas corporais para crianças e jovens.

O Clube Ginástico começou um intenso trabalho de aquisição de novos sócios e de empenho daqueles que já praticavam as atividades do Clube. Esse objetivo foi sendo atingido e o Clube foi aos poucos melhorando a média de alunos nas aulas. O bom trabalho desenvolvido pelo Clube, sua aceitabilidade no meio social e respeito às atividades que foram desenvolvidas no decorrer da sua história levou o mesmo a propor ao Diretor de Esportes de Minas Gerais[26] no ano de 1948, a transformação da instituição numa Escola de Instrutores e Monitores Esportivos. No decorrer das leituras das atas não foi mencionado mais este assunto sobre a autorização em efetivar este projeto. Certo é que ele não foi concretizado.

---

[26] No ano de 1946 foi criado no estado a Diretoria de Esportes de Minas Gerais (DEMG) com a finalidade de fiscalizar e orientar os clubes e demais entidades. Era um órgão gestor e controlador de verbas públicas a serem aplicadas na difusão do esporte. Funcionou até 1985 quando se incorporou a Secretaria de Estado de Esportes Lazer e Turismo. Disponível em <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/>, acesso em 01 de Fev. 2010.

Não foram encontrados outros relatórios sobre o número de alunos após a década de 1950. O que podemos afirmar de acordo com as leituras é que o número de alunos foi decrescendo. Segundo Ítalo Luiz, enquanto professor “eu cheguei a ter aproximadamente uns 180 alunos ao todo. Esses 180 da ginástica tradicional, eu tinha apenas 30 aparelhistas, faziam só aparelhos”.

2.3 OS ESPAÇOS

As primeiras práticas de ginástica ocorreram conforme já mencionado no Parque da Cervejaria Stiebler. Neste local havia um espaço aberto para diversas atividades, o que era comum em outras cervejarias, sendo um local para festas, encontros e reuniões.

Além desse espaço havia um salão de festas, fechado, onde ficavam instalados os aparelhos de ginástica, como argolas, trapézio e paralelas. Dentro da propriedade havia ainda a Malharia Stiebler, seu escritório e a residência da família. Atualmente neste local encontramos um salão de festas onde ainda há presente o próprio salão de festas da cervejaria, porém com uma grande reforma.

O Turneschaft-Club Gymnastico Juiz de Fora permaneceu na cervejaria Stiebler por alguns anos. Em decorrência do crescente número de sócios e a distância do centro da cidade, no ano de 1911, surgiu a idéia de mudança do local do Clube. Para isto foi organizada uma comissão que sugeriu a mudança para o Club João Caetano, não sendo possível permanecer lá por muito tempo, pois, o mesmo estava naquele ano sendo extinto. No jornal O Pharol, encontramos esta notícia da mudança: “Club Gymnastico – Os sócios do T. Club Gymnastico Juiz de Fora farão exercícios agora no salão do Club João Caetano” (08/02/1911). Este Clube ficava localizado na atual Rua Espírito Santo.

Um ano depois foi organizada outra comissão para encontrar um novo local para instalar o Clube, mas dentre as propostas não foi feito nenhum acordo. Decidiu-se, portanto, pela a continuação na cervejaria, sendo realizado o pagamento a Carlos Stiebler pela concessão do espaço e luz elétrica, sendo paga a ele uma quantia de quinze mil réis.

Com o conhecimento das atividades exercidas pelo clube através das diversas apresentações que realizava na cidade e o crescimento dos sócios vindos das diversas classes sociais, algumas entidades passaram a se interessar pelas

suas práticas. A mais importante e que possibilitou uma mudança na história do Turnerschaft-Clube Gymnastico foi a Liga Mineira Contra Tuberculose.

No ano de 1912, o Presidente da Liga, Eduardo de Menezes, médico e sanitarista, convocou uma reunião com representantes do Turnerschaft. Estiveram presentes Oscar Meurer, Hans Happel e Augusto Degwert.

Menezes comunicou a eles que iria organizar uma escola de gymnastica chamada de D. Maria do Carmo, nome de sua primeira esposa, convidando a Turnerschaft para se responsabilizar pela mesma.

De acordo com Jornal da Tarde (s.d)[27], a motivação para que o Dr. Eduardo de Menezes criasse a Escola e convidasse o Turnerschaft para se responsabilizar por ela, está ligada ao fato de que ele viajou para a Alemanha para tentar se curar de uma tuberculose e, quando chegou ao Brasil, reconhecendo o valor da ginástica para a promoção da saúde fez o convite ao Turnerschaft.

Escreveu Albino Esteves (1915, p.254) sobre o Clube Ginástico:

> Turnerschaft-Club Gymnastico Juiz de Fora-Funcciona no edifício da Escola d. Maria do Carmo Menezes, próximo ao Dispensário Eduardo de Menezes, tendo sob suas vistas todo o material do Instituto de Cultura Physica da mesma escola.

O Clube Ginástico, portanto, passou a dirigir essa escola que tinha como objetivo o desenvolvimento da ginástica para fins higiênicos, direcionada ao tratamento e profilaxia de doenças principalmente do aparelho respiratório como a tuberculose. Mas o Clube não utilizava este nome para divulgar suas atividades. Ele apenas estava ligado à Liga Mineira Contra-Tuberculose através desta “escola”.

A transferência do Turnerschaft para o novo prédio da Liga Mineira foi feito através de um contrato. Segue abaixo, parte do contrato realizado entre a Liga Mineira Contra Tuberculose e o Turnerschaft, divulgado no Diário Mercantil, na coluna “A Pioneira” (1961, p.6).

> CONTRATO. A Liga Mineira Contra Tuberculose, como commondante e o Turnerschaft Club de Juiz de Fora, como commodatario, representados respectivamente por seus presidentes e seus directores abaixo assignados, contractam o seguinte: o commodante dá por empréstimo gratuito ao commodatario, o uso do edifício em que foi instalada a ESCOLA DE EDUCAÇÃO PHYSICA

[27] Recorte de jornal sem data de sua publicação importante a ser citado neste trabalho.

> DONA MARIA DO CARMO, à rua da Gratidão, n. 266, e o terreno anexo até a cerca que o separa do Instituto Pasteur de Juiz de Fora, com os móveis e aparelhos[28].

O Dr. Eduardo de Menezes foi um grande defensor e incentivador das atividades que eram oferecidas no Clube. Estava sempre presente nas atividades, buscando também propagar a importância desta instituição para outros setores da sociedade juizforana. Em um ofício dirigido ao Clube, ele escreve sobre esta sua iniciativa ao convidar Clube para mudar suas instalações e discute sobre o contrato firmado:

> Ilmos. Srs. Augusto Degwert, Antonio Stiebler, Marcellino H. Maranha, Phelippe Koeler, Roberto Surerus, Hans Happel e Henrique Surerus. M. DD. Presidente, Vice-presidente, 1º e 2º Secretários, Thesoureiro, Director de Gymnastica e Fiscal do Turnerschaft Club Gymnastico Juiz de Fora.
> Para documentação de V. V. SS., venho fazer-lhe por escrito as declarações verbais que mandei fazer, a respeito da relação entre a Liga Mineira Contra Tuberculose e o Turnerschaft Club Juiz de Fora na execução dos planos da "Escola de Educação Physica D. Maria do Carmo".
> A clausula segunda do contrato de "commodato" por nós celebrado nesta data não terá enquanto o Club for dirigido por VV.SS., a cujas pessoas a Liga confia, sem receios, os objetos emprestados. Assim, sendo, ser-lhes-á concedido o prazo de trinta dias para a entrega do prédio e objectos no caso do presidente da Liga resolver rescindir o contrato na forma da clausula primeira. Aproveito a oportunidade para reiterar a VV.SS. a afirmação de que sinto-me perfeitamente satisfeito com o uso e proveito que VV.SS. tem sabido dar às coisas emprestadas[29].

Aceito o convite pelo Clube para a mudança do seu local de atividades, agora na Avenida dos Andradas n° 266, tratou-se de organizar uma comissão para resolver os assuntos sobre a festa de inauguração da Escola que aconteceu no dia 7 de dezembro de 1913, à noite.

[28] Todo o contrato encontra-se em anexo.
[29] Diário Mercantil, 19 de maio de 1961.

FIGURA 22: Fachada do Clube Ginástico de Juiz de Fora-Avenida dos Andradas



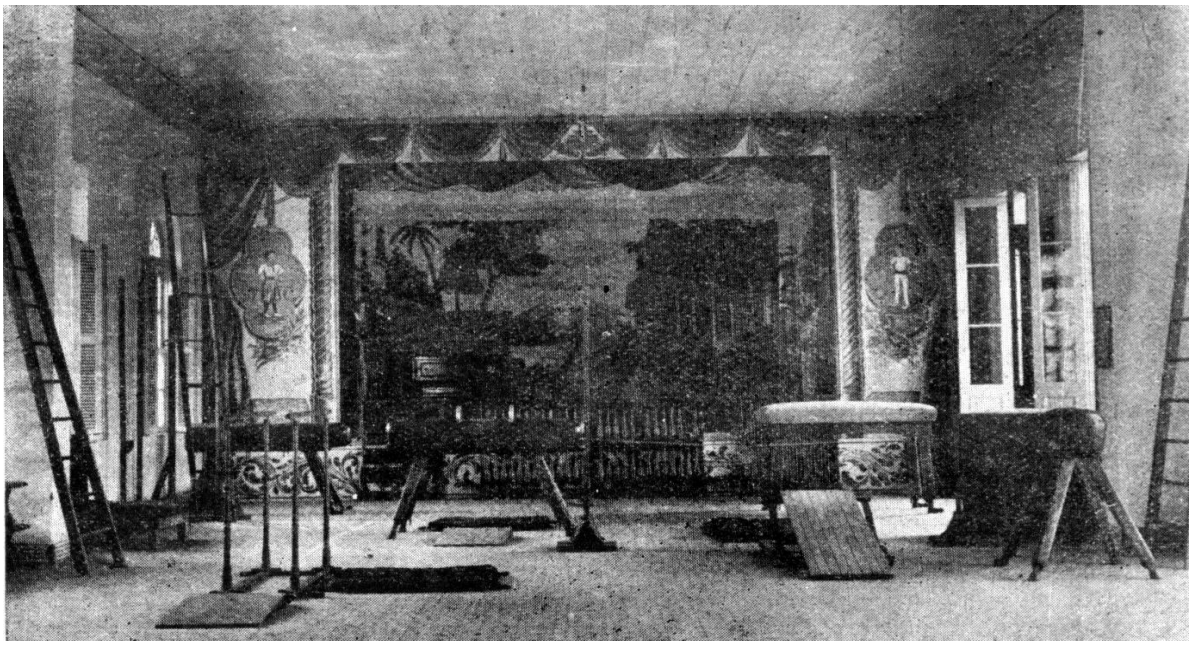
Fonte: arquivo particular: DEL´DUCA, Salcio

Na Revista de Comemoração do 7° aniversário do Clube (1916) encontramos uma descrição do dia de inauguração.

> Favorecida por bello tempo e com grande affluencia de público iniciou-se a festa. O Snr. Dr. Eduardo de Menezes, no início da solemnidade, fez uma exposição sobre a cultura physica qualificando-a como uma das mais nobres e úteis diversões. Após usou a palavra o Sns. Themistocles Halfeld que, em nome da sociedade se achava possuída para aquelle benemérito protector. Em seguida realizaram-se diversos exercícios que muito agradaram e foram amplamente applaudidos, contando-se entre os presentes diversos gymnastas do Rio de Janeiro e outros logares.

Quando o Clube se instalou no salão interno que compreendida a Escola D. Maria do Carmo, encontrou já instalados alguns aparelhos ginásticos. Não foi possível encontrar uma descrição exata dos aparelhos, mas analisando a fotografia a seguir podemos constatar a existência de cavalo sem alças e com alças, espaldar, paralela simétrica e prancha. Somado a estes aparelhos foram instalados outros que estavam na cervejaria Stiebler.

FIGURA 23- Salão D. Maria do Carmo



Fonte: Revista do 7ª aniversário do Turnerschaft. 1916.
Arquivo pessoal: LISBOA, Jakeline

O espaço que antes abrigava as aulas de ginástica e também de aparelhos ficou mais favorável para o desenvolvimento das atividades sem aparelhos, pois no final da década de 1910 foi construído um galpão específico para as aulas de ginástica de aparelhos que recebeu novos equipamentos como a barra fixa e a barra assimétrica. Mais tarde, este espaço fechado abrigou aulas de atividades esportivas que passaram a ser desenvolvidas no Clube Ginástico.

Para as atividades esportivas havia uma quadra na qual aconteciam as aulas de basquetebol e voleibol, bem como o espaço para o atletismo. Algumas modalidades de esporte eram realizadas na parte externa do Clube, onde se localiza a Avenida Barão do Rio Branco. Na foto em seguida observamos os fundos do Clube, com seu galpão de aparelhos, salão ao fundo e ao lado do galpão, a quadra aberta.

FIGURA 24 – Lançamento de dardo-década de 1910



Fonte: arquivo particular: ALMEIDA, Climene Evangelista de

O Clube Ginástico ficou instalado nas dependências da Liga Mineira Contra Tuberculose até a década de 30. Com a extinção da Liga, seus pertences foram doados ao Estado para que ele desse fim aos mesmos. Ficou deliberado através do Dr. Cícero Tristão, nomeado do Governo, que o Clube continuasse com seus serviços de ginástica e que os aparelhos para tal prática ficariam emprestados à instituição.

> O Presidente do Club communica que a Liga Mineira Contra Tuberculose doou todos os seus bens da sede, ao Estado de Minas Geraes, para que este realise os fins da instituição; o que o Director nomeado pelo Governo, Dr. Cícero Tristão consentiu até ulterior deliberação, os serviços de gymnastica continuam a cargo deste Club, permanecendo os apparelhos de gymnastica emprestados ao Club. (ATA, 22/04/1930)

Importante mencionar que os aparelhos que existiam no parque da cervejaria permaneceram lá, pois eram da família Stiebler e outros aparelhos que foram adquiridos pelo Clube Ginástico foram levados para o prédio da Liga, mas foram aos poucos sendo substituídos por outros mais novos pela própria Liga Mineira Contra-Tuberculose.

Para atender à demanda dos alunos, modificações estruturais e melhorias foram feitas, como alteração no chão do pátio, onde foi colocada areia sobre a serragem (1927), a instalação de telefone (1935), o concerto do galpão externo (1935), a substituição da grade pelo muro (1935), a pintura da fachada (1937), obras no banheiro (1938), criação de biombo para exames médicos dos sócios (1948), cimentação da quadra (1948), contratação de porteiro (1952). O dinheiro para estas melhorias vinha do Estado, pois este era responsável pelo Clube Ginástico que utilizava os seus espaços, assim como os materiais de uso doados pelo Estado ou vinham através de doações de sócios e pessoas “amigas” do Clube que além de pagar as mensalidades ajudavam com outros valores.

No ano de 1934, pelas grandes realizações do Clube e sua importância para a cidade de Juiz de Fora, o Clube Ginástico se tornou Utilidade Pública pelo Decreto 134/39, de 16 de julho de 1934, quando era Prefeito Menelick de Carvalho.

Essas modificações nos espaços do Clube apresentaram dificuldades sejam elas financeiras não permitindo a execução completa de algumas delas ou por questões burocráticas e de segurança já que o Clube não pertencia mais à Liga e sim ao Estado. Como exemplo, tem-se inicialmente o embargo das obras dos vestuários pelo fiscal do dispensário Eduardo de Menezes, Dr. Cícero Tristão. “Para resolver esta questão, Caetano Evangelista foi a Belo Horizonte conversar com o Diretor de Saúde Pública de Minas Gerais, Dr. Castilho que ordenou por carta a realização das obras”. (ATA, 24/10/1938).

As questões administrativas internas eram de responsabilidade de Selma e posteriormente de Olga Magaldi. Estas faziam o trabalho da profissão a que hoje conhecemos de secretaria e trabalhavam apenas à noite, no horário das aulas do Clube. Recebiam pagamentos, cobravam os alunos e emitiam documentos. Em outros períodos, este trabalho de cobrança era realizado por um cobrador que ia até as residências dos sócios, onde ali recebia o pagamento e para isso recebia uma porcentagem pelo serviço.

Segundo um dos ex-presidentes do Clube Ginástico, o Sr. João Roberto Nunam Vieira, que direcionou as atividades do Clube de 1953 a 1956, o Clube há algum tempo vinha necessitando de obras e quando assumiu o cargo tratou logo de fazê-lo (entrevista 1).

> O Clube era próprio do Governo Estadual e o Governo deixou aquilo um pouco abandonado de maneira que havia necessidade de reformar, construções e ... por motivos de segurança, por motivos técnicos, e já existia um projeto de presidentes anteriores que eu não sei quem entrou com esse projeto de reforma, mas já existia lá no Governo e não o Governo não tomava as providencias que deveriam ter sido tomadas. Por coincidência na minha presidência, um amigo de uma família tradicional de Barbacena, família Razzo, ele se chamava [...] Silvio Razzo, da família Razzo. Ele, na época, foi para a Diretoria de Esportes de Minas Gerais. Ele era o diretor, porque naquela época não era Secretaria de Esportes, era Diretoria de Esportes de Minas Gerais. Eu o procurei, falei com ele das necessidades prementes que haviam para a reforma das obras, do Clube, das dependências do Clube, ele prontamente desarquivou o processo, projeto que já estava lá anteriormente à presença dele na Diretoria e, é proporcionou a reforma toda que foi feita durante a minha gestão como presidente.[...] O Dr. Valfredo Mendonça que era o engenheiro residente do Estado aqui em Juiz de Fora, que era uma pessoa excepcional, um engenheiro, foi ele que tocou a obra tecnicamente, juntamente comigo que cuidei da parte comercial. Mas o doutor Valfredo Mendonça, que era o engenheiro do Estado, ele era o engenheiro residente do Estado aqui em Juiz de Fora.

A ligação entre o Clube e a Diretoria de Esportes do Estado e Governo Federal proporcionou ao Clube, o recebimento por vários anos de subvenções para melhorias e aquisições de materiais, chegando a receber Cr$ 6.000,00 (seis mil cruzeiros) do Estado de MG no ano de 1950. Para a construção do ginásio Caetano Evangelista, o Estado destinou o valor de Cr$ 753.992,00 (setecentos e cinqüenta e três mil novecentos e noventa e dois cruzeiros), mais a verba do Conselho Nacional de Desportos, em 1954, de Cr$ 45.000,00 (quarenta e cinco mil cruzeiros). Isto também é devido à classificação em sexto lugar no quadro de todos os clubes subvencionados pelo Estado, mostrando a qualidade do trabalho do mesmo. Esta classificação era dada pelo Estado avaliando-se os números de sócios dos Clubes assim como as vitórias obtidas nas competições em que participavam.

No final da década de 60, os espaços disponíveis para as aulas não eram muito diferentes. Assim descreve Rommel Jaenicke (Entrevista 11) os espaços neste período:

> Tinha a parte do Clube, a parte coberta, um grande galpão coberto, também tinha uma quadra de basquete e tinha alguns aparelhos instalados atrás da quadra de basquete para não atrapalhar o jogo

> de basquete. [...]. Era uma barra, uma paralela, duas paralelas, não, duas barras: a barra alta e depois tinha uma baixa também [...] tinha as argolas assim no canto, fora da quadra de basquete que era regulada com a roldana de corrente podia abaixar as argolas e não atrapalhava em nada as argolas, não. Existiam colchões na época para a ginástica, existiam apenas dois colchões básicos só para pular e sair do aparelho [...]. Então o Clube compunha assim: que a parte dele tinha um espaço totalmente livre para a ginástica sueca, para a ginástica e para o jogo de basquete.

Em um dos artigos publicados no Diário da Tarde foram relatadas estas reformas com o seguinte enunciado: Completamente remodelado o Clube Ginástico:

> O Clube Ginástico está remodelado e já possue a sua quadra coberta - As dependências do clube do professor Caetano Evangelista não podiam continuar como estavam, pois não atendiam às necessidades de seu seleto e numeroso corpo social. O presidente João Roberto Nunan Vieira resolveu construir a quadra coberta; terminar o novo salão de ginástica, constroir a secretaria, o arquivo e o bar, além de melhorar a quadra externa obra avaliada em setecentos mil cruzeiros e foi feliz em seu objetivo, estando ultimando o término de todas elas (23/07/1957)

Como forma de agradecer este incentivo recebido, o Clube procurava homenagear aqueles que sempre o ajudaram. Em telegrama de agradecimento, escreveu Carlos Campos Sobrinho: “Com sinceras felicitações benemérita iniciativa campeonatos internos agradeço sinceramente cativante homenagem feito bondade prezados amigos direção desse prezado Club”. (06/04/1951).

Muitos foram aqueles que trabalharam em prol do Clube Ginástico, como o Deputado Estadual Silvio de Abreu que, em 1953, levou à Assembléia um projeto pedindo a doação ao Clube Ginástico da sede e terrenos onde ele mantinha suas atividades, já que o espaço do Clube já estava sendo observado pelas autoridades para outros fins. O projeto não foi aprovado.

As dificuldades financeiras do Clube também ocorreram em função do não pagamento das mensalidades. As mesmas, segundo alguns entrevistados, não eram tão altas, mas o fato de que uma mesma família poderia participar pagando apenas um valor estipulado e não individual acabava por diminuir os lucros do Clube.

O clube, em decorrência das dificuldades financeiras, terceirizou seu espaço para um grupo de capoeira, Meia Lua, entre 1967 e 1971. Segundo Mariangela Vianna (entrevista 6),

> [...] em busca de sobrevivência econômica, o Clube foi cedendo seus espaços para o Instituto Vianna Junior, que usou as instalações do clube para complementar as instalações do instituto de ginástica e de campo. O Tupi treinou nas instalações do Clube Ginástico muito tempo, talvez uma forma de viabilizar economicamente a sobrevivência dele.

A perda dos espaços para as aulas começou quando a Prefeitura de Juiz de Fora, junto com o Estado, moveram uma ação contra o Clube Ginástico em 1971, pedindo a desapropriação de uma área utilizada pelo Clube para que fosse realizada uma obra pública. Para esta defesa, o Clube contatou o advogado Tarcísio Delgado, mas infelizmente não foi possível reverter este quadro, ficando o Clube apenas com o galpão.

Em entrevista para Jornal Tribuna de Minas em 1985, Tarcísio Delgado afirmou que foi procurado pelo professor Ítalo, mas já encontrou o processo em uma etapa adiantada. Tentou recursos de última hora, mas a decisão foi mesmo contrária. Segundo ele, depois como Deputado Estadual, tentou mais uma vez junto ao Estado, mas não conseguiu nada. (TRIBUNA DE MINAS, 07/04/1985)

A perda de espaço dificultou a continuidade das aulas de basquetebol e voleibol (esta atividade ainda perdurou por um tempo), perdendo o Clube cada vez mais sócios. Nos anos finais do Clube, havia apenas o espaço dos aparelhos no salão, sem a quadra.

Vários foram aqueles que defenderam a continuidade das atividades do Clube Ginástico. Um deles foi o jornalista Gabriel Gonçalves da Silva, que em um dos seus artigos, inicia seus versos de indignação e pesar a respeito do término das atividades do mesmo:

> Os tentáculos do polvo, traiçoeiro e perigoso, vão, lentamente, quebrando, num abraço de Judas, os últimos tijolos das paredes do Clube Ginástico Juiz de Fora - nobre forja de campeões [...]. Vem cá, Ítalo Paschoal Luiz! [...] Vem cá, grande mestre, esteio físico e moral das novas gerações, e que, com tanta coragem, dirige este morto-vivo, o CLUBE GINÁSTICO. Vem cá meu amigo! Vamos sentar no meio-fio, vamos para a beira da calçada, chorar, chorar, chorar! (SILVA, 1973, p.40-42).

Um recorte de jornal, sem referência, pertencente ao professor Ítalo Luiz, revela o desfecho da ação no poder judiciário:

> O assunto está na Justiça e na ação reivindicatória do Estado que o Estado move contra o Clube e contra o professor Ítalo Paschoal Luiz. A justiça já deu causa ganha ao Estado: "Determino a desocupação dos prédios e terrenos onde funciona o Clube Ginástico de JF, condenando ainda o pagamento de custas e honorários". Este é um trecho da sentença do Juiz da Vara da Fazenda na ação.

O Clube, até o ano de 1977, havia perdido a causa duas vezes em Juiz de Fora e uma vez em Belo Horizonte. Na busca de uma nova solução para a questão, neste mesmo ano seguiu

> com mais autoridades, em caráter oficial para no dia 12 a 15 de janeiro do próximo ano uma audiência especial com o Governador do Estado de M. Gerais, Sr. Aureliano Chaves para que de uma vez por toda deixem que o Clube Ginástico trabalhe em paz para ajudar o Brasil alcançar o lugar merecido entre as grandes nações; e possa deste modo concorrer com sua partícula de progresso, dando aos jovens o verdadeiro sentido do "Mens Sana in corpore sano". (ATA, 28/12/1977)

O presidente do Clube e também diretor de ginástica Ítalo Paschoal Luiz (entrevista 9), lamenta em ata a ação movida pelo Estado contra a instituição e a impossibilidade de continuar os seus objetivos: "O Clube Ginástico era enorme, veio o "progresso" e cortou-lhe a metade do seu terreno para dar passagem a pista de carros. (grifo do autor)".

Ainda em outro recorte de jornal, sem referencias, percebemos que as autoridades políticas não se interessaram em auxiliar e apoiar o Clube nesta luta, "abraçada" principalmente por Ítalo Paschoal Luiz. Assim escreve o jornal[30]

> [...] o professor Ítalo considera um grande erro a integração de posse movida pelo governo mineiro. Ele está lutando praticamente sozinho nesta questão, embora tenha o apoio de toda a classe. Já esteve com o prefeito de JF e pediu que solicitasse junto ao governo do Estado a manutenção do tradicional Clube Ginástico. Mello Reis prometeu-lhe apoio, mas na realidade até agora, este apoio não surgiu e a questão está se arrastando ameaçando Juiz de Fora de não contar mais com seu tradicional Clube, o que contraria inclusive medidas do governo federal interessado em incentivar o esporte amador e a ginástica entre os jovens brasileiros.

Quando perguntado sobre o fechamento do Clube, Ítalo relata e desabafa:

[30] Este trecho foi tirado de um recorte sem identificação.

> Morreu nas minhas mãos! [...] O Itamar Franco manda dois caminhões para derrubar os fundos lá que era frágil fundo pra fazer a passagem da rua e eu fiz a mesma coisa que aquela menina fez, ou menino ou menina não sei. Eu fui lá e fiquei na frente e disse assim: Então passa por cima de mim! Falou: então pode sair que eu vou passar! Falei então, mas passa, eu vou segurar isso aí. Porque você fez isso? Pra não acabar com isso. Já ninguém ajuda e o que eu tenho aqui serve.

Infelizmente este ato não impediu as máquinas de iniciarem a demolição de parte do Clube Ginástico.

As opiniões a respeito do fechamento do Clube são diversas, tendo até mesmo alguns ex-sócios não tomado conhecimento ou até não se lembram dos motivos de fechamento do mesmo.

> [...] mas uma das coisas foi, me parece a diminuição do próprio movimento do Clube, deve ter sido. Mas pior que isso foi a questão de ter que abrir uma parte da Rua Barão de Cataguases, Avenida dos Andradas e Avenida Rio Branco, onde residia também o Professor Caetano Evangelista com a família dele. Eu acho que o Clube foi acabando assim, por obra de um abandono, outro também, não houve recuperação de novos elementos. (Alberto Surerus – entrevista 7)

> Eu acho que o Clube entrou em declínio muito antes dessa data de fechamento. Acho que a perda do professor Caetano, nós já tínhamos até conversado sobre isso, trouxe uma lacuna muito grande pro Clube [...]. (Patria Soares de Oliveira Zambrano – entrevista 12)

> Outras academias foram surgindo, também [...]. Os jovens não queriam frequentar o Clube mais. Queriam ir para academia, para um meio social que mais agradavam a eles. Para o Clube ginástico continuar, teria que ter do meio ponto de vista uma forte estrutura cultural pra isso, entendeu? O ginástico não se sustentaria com o modismo, não. Seria uma herança cultural da cidade [...]. Os jovens queriam ir pro Clube, não! O clube estava velho, cansado, maltratado feio e a academia cheia de roupinha bonita, professores modernizados, aquela coisa gostosa da época mesmo e o clube foi ficando no tempo. Existiria, sim, se fizesse dele um clube com uma estrutura de ginástica mais atualizada, talvez pensando em competição, se filiar à federação de ginástica, formasse atletas, o tempo já pedia isso [...]. Não se falava em ginástica de Juiz de Fora. Rommel Jaenicke – entrevista 11)

> Já não estava aqui mais. Já tinha me desligado. Morava longe, morava no sul de Minas e só vinha aqui nas férias [...]. Não tomei conhecimento, o porquê do fechamento do Clube, lamentável. (Jorge Magaldi - entrevista 8)

Uma das entrevistadas (entrevista 6) acredita que questões políticas também podem explicar a derrubada do Clube Ginástico:

> Teve o abafamento da cultura, aqueles anos de chumbo. Teve o abafamento de qualquer cultura, né? Quer dizer, qualquer tipo de clube mal fechado podia ser perigoso. A gente podia, essa reunião tinha que ser muito clara, que era só em função da Educação Física, jamais em função do clube, não é? Aquele fechamento político também proibia a gente de se manifestar qualquer coisa que não fosse claramente a ginástica. (Mariangela Vianna)

2.4 CONHECIMENTOS E SABERES

2.4.1 A Hygiene e a Gymnastica

Ao analisar os discursos referentes à prática da ginástica no Clube Ginástico de Juiz de Fora, percebemos a forte presença de argumentos médicos que sustentavam e davam credibilidade aos exercícios.

> A defesa da Gymnastica realizada pelos médicos brasileiros ao longo do século XIX foi tema de vários estudos. No campo dos trabalhos da História da Educação Física é comum a visão de que esta ação esteve atrelada ao (re)ordenamento da sociedade brasileira desencadeado pela implantação do capitalismo no país. Dessa forma entendida no âmbito de um projeto-social, de formação moral e disciplinar, de regeneração/ aperfeiçoamento da raça, de construção/inculcação de um sentimento de identidade nacional, de desenvolvimento e aprimoramento do físico e da saúde. (CUNHA JUNIOR, 2008, p. 127).

Os médicos, em nome das medidas profiláticas, acabavam por exercitar um forte poder político sobre os indivíduos. De certa maneira, procuravam um controle das camadas pobres através da intervenção nos locais com intensa insalubridade, como ocorreu em Juiz de Fora, uma vez que a cidade realizava um projeto de modernização com a participação dos médicos, objetivando ao mesmo tempo controlar a mente, os braços dos trabalhadores e também a saúde:

> Na cidade de Juiz de Fora, foi fundada em 1889 por médicos, farmacêuticos, veterinários e dentistas, a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, que passará a defender a educação como ponto fundamental para este projeto modernizante e que passará a solicitar uma série de intervenções do dirigidas ao poder público do município. (CHRISTO, 1994).

Essa instituição e seus filiados defenderam e divulgaram as práticas corporais, especialmente a ginástica, como meio de elevar o nível da saúde da população juizforana. Renata Correia Vargas em seu trabalho de mestrado intitulado Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora: Escolarização e Educação Physica (1889-1911) analisou as representações sobre a Educação Física que estiveram presentes nos discursos de agentes relacionados a esta sociedade. Segundo ela, o discurso médico produzido ressaltou a importância das práticas corporais como forma de disciplinar os alunos nas escolas, conscientizando os mesmos para uma vida mais saudável.

A Liga Mineira Contra Tuberculose, diretamente ligada ao estado mineiro, também procurava desenvolver uma verdadeira profilaxia social, proporcionando o tratamento de tuberculosos, ao mesmo tempo em que buscava divulgar os meios de prevenção da mesma. Em uma das reuniões realizadas na Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, o Dr. Eduardo de Menezes, Presidente da Liga Mineira, relatou os meios de se precaver a tuberculose, entre eles, a "educação physica"[31], incluindo-se a prática de atividade física com destaque para a ginástica.

> Além dos que se referem aos perigos do alcoolismo e das habitações insalubres, há a tomar-se em consideração a bôa nutrição dos recemnascidos pelo aleitamento natural e puro, a educação physica e sem sobrecarga intellectual da infânia, em collegios que sejam ao mesmo tempo sanatórios e installados em climas apropriados, a alimentação sã do proletario, a vida hygienica e confortavel da mulher do periodo de gravidez, as medidas contra a syphilis, o socorro hospitalar prestado e ao pobre aos primeiros ameaçados da tuberculose. (VARGAS, 2008.)

O Turnerschaft desenvolveu suas atividades físicas, em especial, a ginástica, em consonância com o discurso médico de profilaxia e de desenvolvimento da saúde corporal conforme relata Climene Evangelista (entrevista 10), filha de Caetano:

[31] Desenvolvimento moral, físico e intelectual do indivíduo.

> Ele então sentiu necessidade de fazer um curso pra poder se atualizar naquela época porque ele sabia apenas o que ele aprendeu no clube. Então ele foi ao Rio de Janeiro, na Associação Cristã de Moços e lá ele aprendeu, fez curso de Biologia, fez o curso de massagista, aprendeu todo o corpo humano para poder fazer isto, todos os médicos aqui, qualquer pessoa que tivesse qualquer quebradura, escoliose ou cifose o que fosse, era o papai que era o fisioterapeuta. Não tinha fisioterapeuta naquela época, tudo era mandado lá pra casa. Aí que ele conseguia então ganhar um trocadinho com aulas particulares e com este tipo de tratamento para as pessoas. Era uma profilaxia, uma prevenção que ele fazia com as pessoas, cuidava muito da postura [...].

Sobre esta relação entre a ginástica e a medicina, continua Climene Evangelista (entrevista 10):

> Eduardo de Menezes dizia assim: ô Caetano essa, e *mens sã in corpore sano*, então, a gente quer que seja assim muita respiratória, muita postura sabe, formar as atletas com postura de um atleta, com disciplina de um atleta (...). Depois de toda a série de exercício vinha a respiratória porque era ligada a Liga Mineira Contra Tuberculose, no Instituto Pasteur. Então havia essa profilaxia que o doutor Eduardo de Menezes fazia muita questão.

Este programa de ginástica corretiva, ortopédica é ainda revelador: “conjunto de movimentos suficientemente precisos, mobilização de músculos suficientemente individualizados para pretender corrigir as más curvaturas do corpo”. (VIGARELLO; HOLT, 2008, p.404).

A ginástica era compreendida como uma receita para os males físicos, assim como para a moralização social. Em uma das cláusulas do contrato firmado entre a Liga Mineira e o Turnerschaft, esta questão se evidencia:

> PRIMEIRA: O presente contracto vigorará emquanto o commodatario realizar, com efficiencia, **os fins hygienicos e moraes (grifos nossos)** da Escola de Educação Physica Dona Maria do Carmo e zelar cuidadosamente pela conservação do prédio e moveis, tudo a juízo do presidente da commodante exclusivamente.

O Dr. Eduardo de Menezes, Presidente da Liga, tinha uma boa relação com a diretoria e associados, sendo dado a ele o título de sócio benfeitor. Nas reuniões e assembléias ele estava presente. Por vezes presidia a sessão realizava discursos, como este no ano de 1915, presentes em ata do dia 21 de fevereiro.

> A minha satisfação é grande, a que experimento agora, porquanto observo o espírito de conservação que impera os corações, dos membros desta associação, elegendo quase a mesma directoria passada e, isto, considero o maior factor para a elevação de todas as grandes obras.

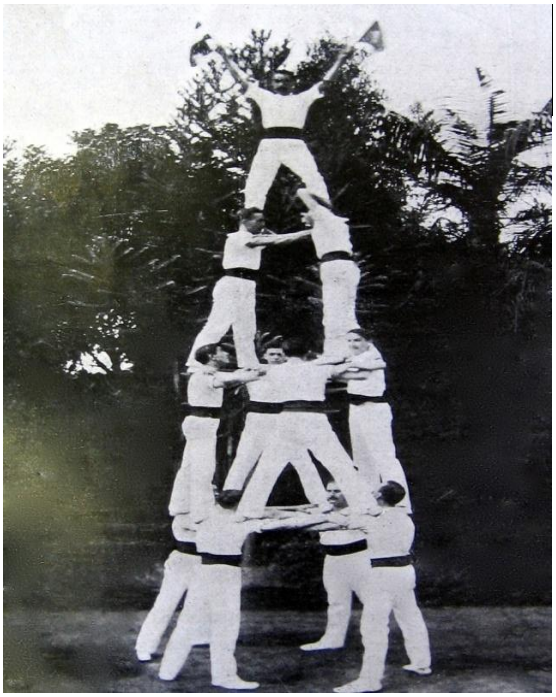
De todo modo, percebemos que o discurso médico em favor da ginástica, no caso do Clube Ginástico de Juiz de Fora, revelado pela presença de Eduardo de Menezes, não explica, se for pensado de maneira isolada, o desenvolvimento da instituição. Desde a criação do Clube a ginástica esteve associada a outras atividades - festa, jogos, esportes – que indicam a presença de outros motivos e valores que levaram os sócios do Clube Ginástico a freqüentar aquele espaço.

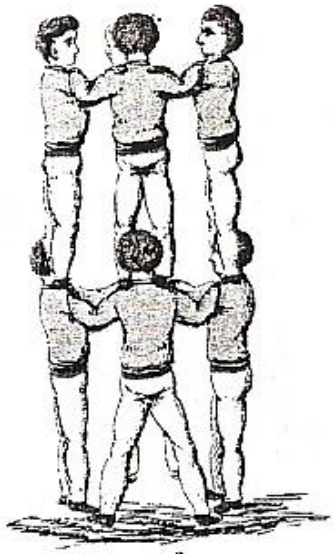
2.4.2 Ginástica

No período em que o Clube esteve instalado no parque da cervejaria Stiebler, suas aulas eram realizadas em dois espaços: um espaço aberto onde se realizava atividades ao ar livre, sendo possível a realização das conhecidas “pirâmides humanas”, características da ginástica alemã, aulas de ginástica; e outro espaço fechado, com um salão onde eram realizadas algumas aulas e reuniões de diretoria. Sobre competições de ginástica neste período, somente encontramos informações de atividades internas.

Dentro desta cultura da ginástica, alguns movimentos são característicos de determinadas escolas. Um destes movimentos é a formação das pirâmides humanas. Observamos na figura abaixo, uma foto dos alunos do Turnerschaft fazendo esta formação no Parque da Cervejaria, localizada á esquerda. Ao lado desta, observamos uma outra figura representada no livro: Pyramiden Für Turner (s.d), dentre outras diversas formações de pirâmides alemãs que encontramos neste livro.

FIGURA 25- Pirâmide Humana



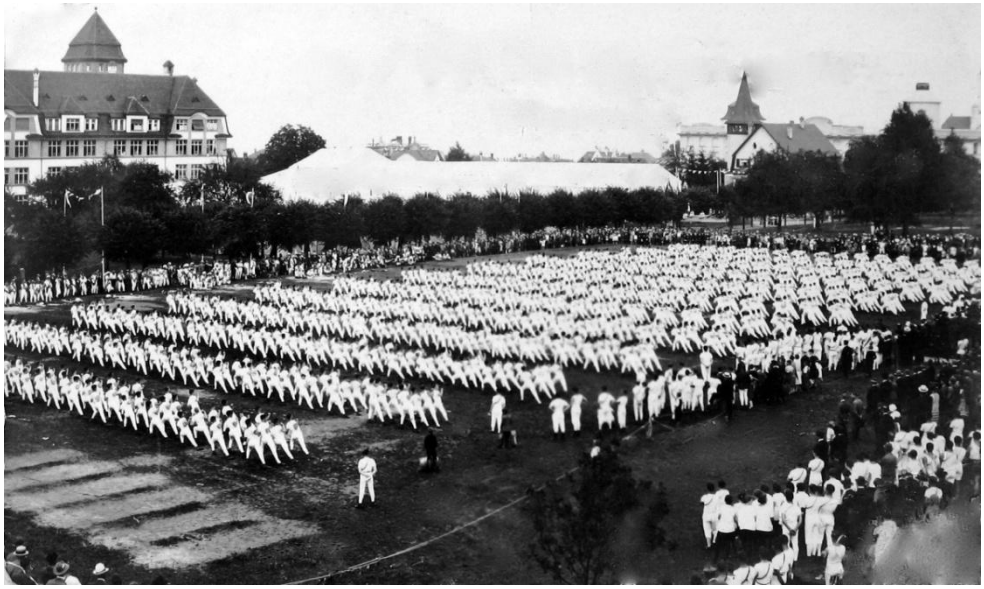


Fontes: ESTEVES (1915); PURITZ; LION (s.d)

A partir de 1913, o Clube passou a realizar encontros com outras sociedades, participando de diversas competições. Um das primeiras competições foi realizada no ano de 1916, no Rio de Janeiro, quando o Clube obteve as seguintes colocações: 2° lugar - Caetano Evangelista, 4° lugar – Alfredo Surerus, 6° lugar - Carlos Grunewald; 8° lugar – Felipe Kascher.

Com isso, o Clube passou a ser mais reconhecido e a se preocupar com a melhoria do trabalho que ali era desenvolvido. Para tanto, tornou-se sócio da União Turnerschaft da Allemanha (Deutscher Turnerschaft Leipzig). (ATA, 08/07/1914). Ainda de acordo com as atas, na década de 1920 foram enviados dois representantes para um destes encontros ginásticos realizados em Leipzig, Alemanha. Abaixo, foto deste encontro.

FIGURA 26- Encontro de Ginástico em Leipzig



Fonte: arquivo particular: ALMEIDA, Climene Evangelista de

No ano de 1918, o clube, em decorrência da gripe espanhola, teve suas atividades canceladas por um período de um mês. Vários estabelecimentos na cidade de Juiz de Fora se tornaram verdadeiros hospitais para atender aos afetados pela gripe. Uma destas instituições foi o Centro de Cultura Physica Força e Coragem, clube de origem italiana.

O Clube Ginástico chegou a oferecer seu espaço para a prática dos associados do Força e Coragem. Segue abaixo cópia do ofício dirigido ao Força e Coragem:

> Exmo. Sr. Presidente do Clube de Cultura Physica Força e Coragem
> Tendo o Club Gymnastico Juiz de Fora offerecido à Camara Municipal os seus salões para hospital de “gripados” e não sendo os mesmo acceitos, e estando os salões do nosso Club occupados para o mesmo fim, cumpre-me informar-vos que a Directoria do Gymnastico Juiz de Fora põe os seus salões e apparelhos a disposição dos seus gymnastas 3 vezes por semana, isto é, às Segundas, Quartas e Sextas – feiras para que os mesmos possam fazer seus exercícios, e isto até quando foram reorganisados os nossos salões.
> Aproveito a opportunidade para apresentar-vos os mais altos protestos de estima e consideração.
>
> 1º Secretário
> Zeferino de castro Andrade
> Juiz de Fora, 28 de Novembro de 1918

No Campeonato Nacional de Ginástica realizado pelo Club Gymnastico Portuguez no Rio de Janeiro, em 1919, o Clube também foi bem classificado tendo Caetano Evangelista ficado em 2° lugar; Carlos Grunewald, 5° lugar; Antonio Bechara e Honório Carvalho Filho em 8° lugar.

Neste mesmo ano, o Clube, como já era de costume, realizou uma festa em comemoração ao seu aniversário. Para momentos destinados à ginástica, o clube convidou alguns clubes como os o Turnverein Petrópolis, Club Gymnastico Portuguez, Turnerschaft Von 1890 in São Paulo e Centro de Cultura Physica Força e Coragem, para tomarem parte dos exercícios, conforme ofício abaixo:

> Illmo. Snr. Presidente do _____
>
> Cordeaes Saudações
>
> Commemorando o Club Gymnastico Juiz de Fora, no dia 20 de abril p. f. o seu 10º anniversario, e realizando-se neste mesmo dia um concurso de Gymnastica, venho de ordem do Sr. Presidente saber si tem o vosso Club, gymnastas cujo estado de training permitte que os mesmos compareçam ao referido concurso.
>
> Esperando uma resposta urgente para lhe seja enviado o programma, prevaleço-me da occasião para apresentar-lhe os protestos de elevada estima e consideração.
>
> 1º Secretario
>
> Zeferino de Cast*ro Andrade*
>
> Juiz de Fora, 18 de março de 1919.

Sobre o Campeonato de 1920 realizado pelo mesmo Clube, escreveu o Jornal Correio de Minas:

> Caetano Evangelista, que foi infeliz em duas provas, foi quem mais se destacou entre os nossos e não fora o azar que o perseguiu, nos teria trazido a belíssima taça Turnverein. Assim mesmo o querido gymnasta alcançou o 3° lugar. (13/10/1920)

As diversas participações dos atletas do Clube Ginástico em competições chamaram a atenção da Confederação de Desportos Terrestres. Por intermédio da Sub-Liga Mineira de Desportos Terrestres, no ano de 1920, foi solicitada ao Clube a presença de alguns ginastas capazes de representarem o Clube oficialmente na prova eliminatória dos Jogos Olímpicos de 1920. Não foi possível conseguir mais informações sobre esta proposta nos documentos analisados.

Ainda assim, notamos que a ginástica começou a perder adeptos no Clube, conforme observou Eduardo de Menezes Filho, presidente do Clube Ginástico, entre os anos de 1918 a 1935:

> A gymnastica devia ser freqüentada e cultivada por todos os jovens, acrescentando mais que, é este Sport mais util entre todos os congêneres, e que, no entanto a nossa mocidade parece que desconhecendo as suas vantagens, abandonam-na completamente, como se verifica, pelo declínio de freqüência no ultimo anno. (ATA, 29/03/1921).

Não há um motivo específico para a perda desta freqüência nas aulas de ginástica. O que podemos analisar para a incidência deste fato é a oferta de atividades esportivas por outros Clubes da cidade, tendo então diversos sócios do Clube Ginástico talvez se associado a outras instituições. Fato é que com a inserção de esportes, como o voleibol e basquetebol, o Clube passou a aumentar seu quadro de sócios, e assim aumentando o número de alunos nas aulas de ginástica.

As aulas de ginástica começaram a se modificar a partir de 1926, através da inserção da ginástica calistênica.

> A Calistenia é um sistema de ginástica que encontra suas origens na ginástica sueca e que apresenta como características, a predominância de formas analíticas, a divisão dos exercícios em oito grupos, a associação da música ao ritmo dos movimentos, a predominância dos movimentos sobre as posições e exercícios à mão livre como também pequenos aparelhos como halteres, bastões e etc. (MARINHO, 1980, p. 265).

O professor Caetano Evangelista trouxe a prática da Calistenia e possivelmente dos esportes das suas experiências e vivências na Associação Cristã de Moços, no Rio de Janeiro, conforme relata Climene Evangelista (entrevista 10):

> Ele então sentiu necessidade de fazer um curso pra poder se atualizar naquela época, porque ele sabia apenas o que ele aprendeu no clube. Então ele foi ao Rio de Janeiro, na Associação Cristã de Moços.

O ex-aluno e professor do Clube Ginástico Ítalo Paschoal Luis lembra como eram as aulas de ginástica calistênica ministradas pelo professor Caetano Evangelista. Sobre o desenvolvimento das aulas, Ítalo relembra (entrevista 8):

> Aquecimento com marchas de piano, ou Célio ou a Climene. De maneira que começávamos marchando, fazendo já evoluções, dali ia surgindo os exercícios tudo andado, movimento. Saiam todos e formavam desenhos, eram vários desenhos. Depois nós passávamos para o estático.

Segue o exemplo de uma aula, descrita por Ítalo. É possível notar a presença de elementos característicos desta ginástica como o uso de materiais na execução de exercícios e também a mãos livres e o acompanhamento musical.

> Aula de Calistenia dada pelo Prof. Caetano
> No piano Célio e Climene Evangelista
> Aquecimento: Ordem Unida, coluna por 1 (um); formação dois a dois, por 3 e 4; linhas sinuosas, formar dois círculos no centro da quadra, girar com a turma em “caracóis”; retornar a ordem-unida em formação: fila indiana e numerar a turma de : 1 a quatro, cada qual guardar o seu número; em seguida fazê-los avançar com os passos nos números escolhido pelo Prof.
> Observação: Os exercícios ministrados poderiam ser executados: mãos livres, halteres de ferro, massas ou garrafas de madeira.
>
> 1ª Parte, exercícios localizados, braços e pernas
> P.I. em pé com afastamento lateral das pernas entendidas, tronco erecto, braços dobrados a frente do corpo (esquerdo sobre o direito). Execução: afastá-los mantendo os cotuvelos à altura dos hombros como se fossem pistões e retorná-los ao ponto de partida. O movimento consiste em fazer com o ante-braço esquerdo passe por cima do direito e vice-versa, manter o tronco ereto; erguer sempre a ponta dos pés esticados e elevando os calcanhares do solo. Total 10 vezes
>
> 2ª Parte Pescoço:
> 1ª Parte: Tocar o queixo no peito= frente e atrás
> 2ª II : Da esquerda para direita
> 3ª II : Rotação completa do pescoço da esquerda para direita e vice e versa; todos estes exercícios serão executados de 1 um a dois tempos cada.
>
> 3ª Parte: Lateral de tronco com combinação das pernas. Execução: P. I. esticar a perna esquerda abrindo simultaneamente os braços estendidos; tronco erecto-molejar a cintura e retorna-lo ao ponto de partida descendo os braços no sentido horizontal (molejar a cintura, retorná-lo ao ponto de partida descendo os braços as coxas cujo ponto é de partida; Repetir tudo do lado oposto 10 vezes.
>
> 4ª Parte. Lateral de tronco combinação das partes. Execução: 1ª na posição de sentido esticar a perna esquerda a frente e abrir simultanemente, com o tronco erecto, os braços estendidos no sentido horizontal; (molejar a cintura) retornar ao ponto de partida descendo os braços às coxas cujo ponto é o de partida; repetir à direita igualmente. 10 vezes para cada lado.

5ª Parte: Em pé firme, calcanhares unidos e as pontas do pé ligeiramente separados. Execução: P.I, em pé firme, pernas separadas e mãos na cintura, tronco erecto: tocar com as mãos espalmadas no solo 10 vezes e 10 vezes com a pernas unidas.

6ª Parte: Moinho de Vento:
Exercício: P.I, pernas separadas e esticadas- tronco erecto, mãos na cintura. Execução: Flexionar o tronco: mão direita ao pé esquerdo e vice-versa; erguer o tronco após tocar o pé pelo hombro; lado oposto; 10 vezes.

7ª Parte: Corrida (estacionária) 1 minuto.

8ª Parte: Kangurú 10 vezes (este exercício foi abolido por Lei Federal).

9ª Parte: Apoio de frente sobre o solo: 5 vezes de um tempo só e 5 vezes com duplo balanços de braços.

Exercícios Abdominais

1ª P.I. sentado: estender a perna esquerda a frente e ao tempo o braço no plano vertical com equilíbrio nos glúteos; 20 vezes.
Mesmo.
2ª Sentado: Tocar as pontas dos dedos no solo dobrando o tronco e às vezes.
3ª Sentado: Abrir as pernas esticadas e tocar com as pontas dos dedos da mão e cada perna 20 vezes
Deitado de costas: Erguer o tronco sentado com a abertura da perna esquerda e aproximar a cabeça da canela da perna esquerda com as pontas dos dedos das mãos envolver a perna esquerda 10 vezes e retornar ao ponto de partida; idem 10 vezes ao lado contrário.
P.I. Deitado de costas: a) erguer o tronco, b) alcançar as pernas unidas e esticar e envolver os calcanhares com as mãos e retornar ao ponto de partida: 10 vezes.
P.I. De bruços no solo; braços estendidos juntos no pescoço. Execução: flexionar as pernas, mão em cada perna e em seguida soltá-las 10 vezes.

Volta a Calma

O professor escolhe a formação dos alunos e executar um “volta à calma”. Em círculos de 3 ou quatro alunos: Fazê-los abaixar-se descontraído: a) esvaziar todo ar dos pulmões (relaxados); b) inspirar pelo nariz até a contagem n° 4; c) reter o ar nos pulmões até n° 4; em seguida, soltar o ar pela boca até o número mental 4; sucessivamente 3 vezes.

No ano de 1926 foi comprado um piano para as aulas de ginástica. Inicialmente quem o tocou foi Célio Evangelista, filho de Caetano. Depois de Célio, suas irmãs assumiram a função. As especificações do piano eram:

> Compra de uma piano “Lux”, de 5:920,ooo (cinco conto e novecentos e vinte réis), dos quaes 370$ foram pagos á vista, e o restante o será em 30 prestações mensaes de 185$, vencíveis em 27 de cada mês e a ultima em 27/ 11/ 28; que para cobertura do preço, a Directoria actual assignará tantas duplicatas de facturas, quantas prestações referidas, e ao mesmo tempo firmará um contracto com os vendedores, “Abílio Ferreira & Cia”, estabelecidos na cidade á R. Halfeld 612 (...) o piano tem o n°1292, 3 pedaes, arandelas electricas, e é de cor nogueira; e que o Club se obriga a conserval-o no mais perfeito estado. (ATA, 16/06/1926)

Este piano,

> situado estrategicamente nos limites entre a sala familiar e o acesso à quadra coberta, dá início aos acordes de uma canção que ditará o ritmo dos movimentos simultâneos de braços troncos e pernas... Marchas militares no melhor estilo American patrol e Fox-trots (grifo dos autores) em compasso acelerado... (YAZBECK; GAMA, 1996, p.22.)

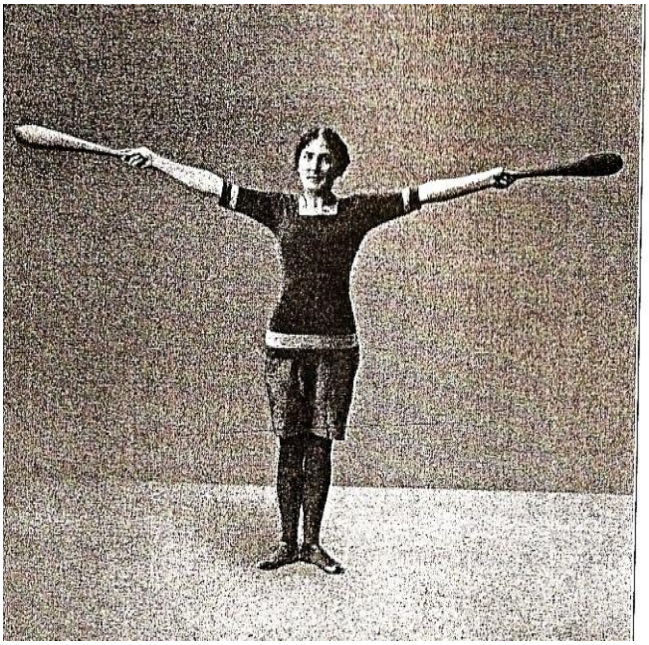
Ítalo Paschoal Luiz, em depoimento ao estudo de Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior (2003), nos dá uma impressão das aulas e do local da prática:

> Revejo o salão do Clube Ginástico de Juiz de Fora com mais de 100 alunos, todos garbosamente perfilados. Numa saleta, próxima ao salão nobre, os seus filhos, Célio e Climene, revezavam-se juntos no piano. O professor dá um sinal e inicia-se a aula de ginástica. O aquecimento com evoluções, marchas e desenhos variados. Seguem-se os exercícios de cabeça, tronco e membros nas mais variadas posições, e todos com acompanhamento musical [...]. No centro do salão, estava a figura central e responsável por tudo que acontecia. Sim, o professor Caetano Evangelista era o regente da orquestra. O insigne mestre, com um uniforme branco impecável. Com gestos firmes e concisos, um sorriso carismático a conduzir mais uma sessão de educação física. (CUNHA JUNIOR, 2003, p. 370).

Além do piano, outro elemento esteve presente no salão das aulas de ginástica: um palco. Poucas informações foram encontradas a respeito deste palco. Em entrevista, Climene Evangelista (entrevista 10) relembra este palco, através de lembranças contadas por suas irmãs, já que a mesma não participava das atividades neste período. Acreditamos na utilização deste palco para uma melhor visualização da aula pelos alunos, visto que as aulas de ginástica eram obrigatórias a todos os atletas e que, por isso, era grande o número de praticantes.

> Nos áureos tempos do Clube Ginástico, diziam minhas irmãs que tinha um palco no salão e o papai tinha umas garrafas assim de madeira envernizadas que eu não sei, e elas também não sabem, como que aquilo podia ser iluminado, porque papai era muito engenhoso, muito habilidoso. Então apagavam-se as luzes do clube e as ginásticas eram feitas com movimentos, com lâmpadas, azuis, vermelhas, amarelas, verdes, formando desenhos.

FIGURA 27- Exercício com maça



Fonte: RÖCH, 1915

A ginástica oferecida aos alunos era obrigatória a todos, mesmo àqueles que praticavam basquetebol e voleibol. Mas isto não agradava a muitos, como observamos na fala de Haroldo Thess (entrevista 5):

> Lembro direitinho: começava do maior a fila, quando era em fila, até o menor, depois ele escolhia um dos mais aficionados para comandar todos. Só depois da ginástica que vinha a sobremesa que era o basquete. Confesso que a ginástica a gente fazia assim sem ser muito prazeroso. Criança, né! Gosta de uma bola!

Com o aumento dos gastos em função das diversas atividades do Clube, resolveu-se, em Assembléia do ano de 1932, aumentar as mensalidades. Até aquele momento, o valor pago era de 2$00 (dois réis). A proposta era para aumentar o valor para 3$00 (três réis), o que foi aprovado.

As atividades esportivas do Clube tinham como diretor geral Caetano Evangelista que ministrava diretamente as aulas de atletismo, ginástica de aparelhos e a ginástica propriamente dita, pois antes de cada aula seja de basquete ou vôlei, ele dava o chamado “aquecimento”.

Antes do falecimento do professor Caetano, seu auxiliar que era o professor Ítalo já ministrava algumas aulas de ginástica a pedido de Caetano, assumindo o cargo no ano de 1961, quando passou a dirigir o Clube Ginástico.

Sobre as aulas ministradas por Ítalo Paschoal Luiz, recorda seu ex-aluno Rommel Jaenicke (entrevista 11), que praticou ginástica na década de 60. Aqui já percebemos que a ginástica musicada já não existia neste período, sendo utilizada a comunicação verbal ou de movimentos corporais.

> Era uma média de 50 minutos de aula mesmo. Aquela ginástica que começava sempre com uma caminhada, pra depois vir aquele tradicional estilo da calistenia: acertar o passo, esquerda, direita. (...) Não peguei a fase do acompanhamento de piano, geralmente era marcação de palmas: um, dois, um dois, três, quatro.

Os alunos e sócios do Clube Ginástico, além da carteirinha, recebiam um certificado de sócio ginasta. Segue abaixo um exemplo deste certificado conferido pela Diretoria do Clube Ginástico.

FIGURA 28- Certificado de sócio ginasta-1970



Fonte: arquivo particular: JAENICKE, Rommel

Observamos no certificado a data de fundação do Clube, a continuidade da utilização do símbolo dos quatro efes em formato de cruz. Não identificamos o nome de origem do Clube, Turnerschaft, perdido para alguns na memória e nos documentos “oficiais” da instituição, mostrando desta forma uma perda da identidade do Clube.

Durante suas atividades, o Clube também promoveu campeonatos internos de ginástica, como forma de estimular a prática da atividade. Nestes concursos havia até mesmo uma comissão julgadora e eram estipulados os exercícios obrigatórios a serem executados pelos atletas.

No período em que Ítalo Paschoal esteve à frente das atividades, ele promoveu alguns campeonatos internos de ginástica. Um destes campeonatos internos ocorreu no dia 2 de junho de 1967 conforme notícia no Jornal Diário da Tarde (1967).

> Na noite de sexta-feira, o Clube Ginástico Juiz de Fora viveu uma jornada de expressão quando da disputa do seu movimentado e interessante Campeonato Interno de Ginástica de Solo e Aparelhos. A competição agradou plenamente e serviu para provar as ótimas qualidades dos alunos do professor Ítalo Paschoal Luiz, cujo progresso na ginástica vem sendo notável. Melhor coisa não temos

> para justificar esta impressão do que a citação dêste fato: Carlos Reis, Rômulo Jaenick, Ronaldo de Oliveira e Hermenegildo Giovanoni já asseguraram sua inclusão na equipe que representará Minas Gerais no próximo Campeonato Brasileiro de Ginástica. (05/06/1967)

FIGURA 29- Alunos de ginástica-década de 1960



Fonte: arquivo particular: JAENICKE, Rommel - da esquerda para direita: Aymoré, Adalberto, Rommel, Gilson, Carlos

Os atletas do Clube Ginástico eram convidados a participar de eventos promovidos por outras instituições, como no caso dos desfiles cívicos, como se lembra Mariangela Vianna: “(...) a gente se apresentava em Desfile de sete de Setembro. A gente era requisitada pela 10º Região, pelas Olimpíadas do Exército. A gente gostava daquilo”.

FIGURA 30 - Apresentação nas Olimpíadas do Exército-Semana da Pátria-1971



Fonte: arquivo particular: LUIZ, Italo Paschoal

Ao nos remetermos a um período anterior a este, especificamente na década de 20, percebemos uma mudança nos papéis exercidos pelo Clube, analisando aí esta perda da sua característica esportiva. Enquanto em 1922 o Clube recebe um convite da 4º Região Militar para as Olimpíadas, participando das competições, em 1971 ele é convidado para a parte artística do evento, através de demonstrações de ginástica. Se observarmos a fotografia acima percebemos os meninos realizando exercícios ginásticos e as meninas se exercitando com bastões.

Antonio Henrique de Mattos Vianna, presidente no ano de 1971, em Assembléia Geral chama a atenção para a continuidade dos objetivos daquela instituição e especificamente da Ginástica:

> Continuando, frisou o papel relevante da Educação Física e sua influência direta na mocidade, afirmando a sua importância para os jovens que, como hábito salutar de prática, oferece aos mesmos uma fuga a ociosidade numa marcha alegre e triunfante na formação de jovens adestrados e fortes para a grandeza de nossa Pátria. (ATA, 04/04/1971)

Com a perda de espaço, o que prejudicou a continuidade de algumas atividades como o basquetebol realizado na quadra aberta, houve a necessidade de modificar os horários de aulas:

Departamento Feminino: segundas e quartas-feiras;

Departamento Masculino: terças e quintas-feiras;

Sábado e Domingo: dois horários para crianças, com aulas mistas de ginástica de solo e dois horários para os adultos com aulas de voleibol.

As dificuldades para a continuidade das atividades aumentavam a cada ano. Os relatórios apresentados pelo tesoureiro apresentavam na maioria das vezes um déficit:

TABELA 8 – Déficits entre 1973 a 1977

ANO	DÉFICIT (em cruzeiros)
1973	178,00
1974	0
1975	391,00
1976	149,00
1977	623,00

Percebemos que mesmo com uma média elevada de aulas por ano, por volta de 400 aulas, não foi possível o clube obter lucros. Segunda a tabela, este déficit aumentava a cada ano, não permitindo aos diretores realizar melhorias e assim oferecer aos associados melhoras na estrutura para o desenvolvimento das atividades. Isto também está relacionado ao trabalho social que o Clube exercia, dando a diversas crianças e jovens que não tinham a oportunidade de praticar a ginástica em outros locais, a possibilidade de vivenciar esta atividade.

O último aniversário do Clube foi comemorado com festa e demonstração de ginástica. Esta notícia foi encontrada em um dos inúmeros recortes de jornais que Ítalo guarda com muito carinho e zelo.

> Uma exibição de ginástica está programada para o próximo domingo na comemoração dos 70 anos de fundação do Clube Ginástico de Juiz de Fora, que é uma das glórias do nosso esporte amador.
> O programa está assim elaborado: demonstração de ginástica calistênica (turma mista); demonstração com cavalete com alças (saltos e números obrigatórios); demonstração de ginástica de solo (mista), obrigatórios e livres; encerramento: entrega de diplomas, troféus e medalhas aos alunos que mais se destacarem durante o curso.

2.5 PRÁTICAS ESPORTIVAS

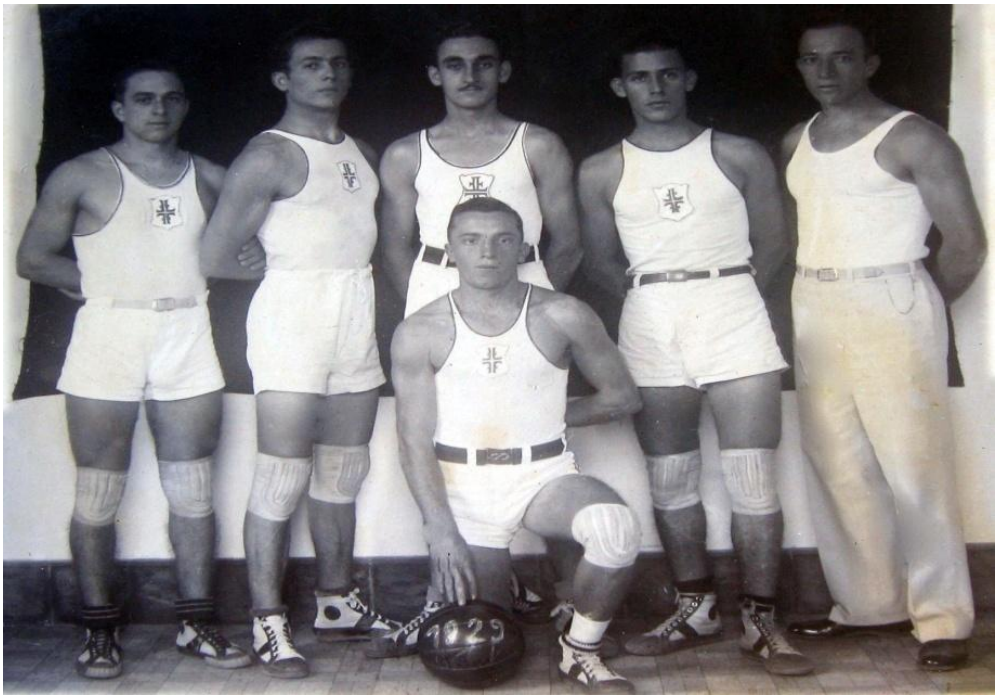
2.5.1 Basquetebol

São vários os estudos que demonstram a importância que o esporte passa a ter no Brasil, especialmente a partir dos primeiros anos do século XX. (RODRIGUES, 1997; JESUS, 1999; MELO, 2001).

O Clube Ginástico de Juiz de Fora, além da prática dos exercícios ginásticos, começou a organizar, a partir da década de 1920, aulas de basquetebol, criando, inclusive, a Liga Juizforana de Bola ao Cesto.

> A princípio o esporte havia sido organizado por iniciativas isoladas e diferenciadas, tendo como protagonista os vários imigrantes, que trouxeram as diferentes modalidades esportivas. Esses grupos, autonomamente, foram-se organizando, constituindo clubes e agremiações para a prática esportiva. (RODRIGUES, 1997, p. 256)

FIGURA 31 – Turma de basquete-1929



Fonte: arquivo particular: ALMEIDA, Climene Evangelista de

Hoje, quando ouvimos alguém dizer que vai jogar bola, logo pensamos no futebol pela sua popularidade. Naquela época, ir jogar bola se referia à prática do

basquete que era esperada com muita ansiedade pelos alunos do clube. As chamadas “peladas” realizadas com os amigos era um grande motivador para a prática deste esporte. Até mesmo nos finais de semana esta atividade “enchia os olhos” dos seus alunos, que tinham consciência do rigor exigido nas aulas até mesmo nos treinos de final de semana. Haroldo Pagy Thees, ex-sócio do Clube e jogador de basquetebol rememora sua participação no Clube, pontuando sobre a relação que o Clube tinha com sua vida cotidiana: “às vezes, no domingo, era obrigado a participar da missa da Igreja São Roque às oito horas e ficava maluco porque se eu chegasse lá as nove eu perdia, perdia o dia”.

Segundo Arides Braga (1977, p.98), no dia 27 de março de 1941, foi criada pelo esportista e diretor do departamento de basquete, a Escola de Oficiais deste esporte, criada pelo esportista e diretor do departamento do Clube Ginástico Ernesto Evangelista que no ano seguinte “diplomou” os primeiros juízes sendo alguns sócios do Clube: Hélio Tibúrcio Dias, Heider Santos, Geraldo Gomes Caraca, Fernando M. Monteiro, Teôncio da Cunha Mendes, Rubens Sá, Paulo Barbosa, Carlos Otávio de Sá Fortes, Rubens Navarro e Hélio Loureiro. O paraninfo da turma foi o Presidente da Liga de Bola ao Cesto, Dr. João Luiz Valadão.

Esta Liga de Bola ao Cesto tinha como objetivo uma maior organização das atividades referentes ao basquete na cidade. Ele ficava responsável pela organização dos torneios que existiam, assim como pela seleção dos árbitros das partidas, já que eram muito disputadas. Podemos citar aqui o nosso ex-Presidente da República, Itamar Franco, como um dos Presidentes desta liga, já que ele participou como atleta durante alguns anos do Sport Clube Juiz de Fora.

As aulas de basquete, ao serem oferecidas pelo Clube, foram destinadas também ao público infantil e juvenil. Esta atividade esportiva, por mais que tenha sido aberta a ambos os sexos, teve como principal público os homens. As aulas para os menores eram realizadas no mesmo local e com os mesmos materiais, conforme lembra a ex-aluna Climene Evangelista (Entrevista 10), em depoimento no ano de 2004[32]. A preocupação com estes alunos ultrapassava os muros do clube e chegava até sua vida escolar, sendo colocado neste momento a importância dos estudos para a continuidade das atividades extra-curriculares:

[32] Trabalho realizado em pesquisa de iniciação científica na Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora sob orientação da Profa. Dra. Eliana Lucia Ferreira em 2004.

> Havia os times das crianças pequenininhas com aquelas bolas grandes, entendeu? O time terminava assim 4x2, 6x2, porque era difícil encestar, né? Ali, eles iam aprendendo a bater na bola, não tinha bola menor ou cesta mais baixa, não. Era tudo do mesmo jeito. Então papai ia ensinando as pessoas. Conforme o boletim deles no colégio, eles tomavam parte no torneio interno. Se ele não fosse bom aluno, ele ficava esperando um pouco. (Climene Evangelista - Entrevista 10)

No ano de 1935 alguns atletas do Clube participaram de jogos amistosos realizados em Belo Horizonte e dos Campeonatos Brasileiros de Atletismo e Basquetebol no Rio de Janeiro: Ernesto Evangelista, Geraldo Carraca, Luiz Enéas Mescolim Junior, Jacy de Oliveiras, Crescencio Ferrara Neto, João Ribeiro Krauss, Adhemar Lima, José Dayrell e Joaquim Simão Sffeir. Este último chegou a jogar no primeiro time de basquete do Sport Club Tietê, em São Paulo.

Nesse mesmo ano, dois atletas do Clube foram requisitados para as provas seletivas nacionais de basquete destinadas à designação dos atletas brasileiros que representaram o País nas Olimpíadas de Berlim de 1936. Eram eles: Geraldo Carraca e Adhemar Lima. Para tanto, os mesmos foram acompanhados pelo diretor de ginástica Caetano Evangelista. O Clube procurava nas competições auxiliar seus atletas financeiramente e para este evento foi dada a quantia de 150$000 (cento de cinquenta réis).

Com a implantação dessas aulas, foram criados departamentos, sendo que cada um ficava sob responsabilidade de um sócio, que possuía autonomia para arrecadação de fundos. O primeiro diretor de voleibol e basquetebol foi Ernesto Evangelista e o diretor de atletismo foi João Ribeiro Krauss. Após estes, dirigiram as aulas Heider Santos (Basquete) e Arlindo Ferreira (Volei).

Ainda em 1937 o time de basquete foi a Belo Horizonte para participar de uma partida mista com o Sport Club Paysandú. Para tanto foi liberado pelo Clube Ginástico um auxílio de 300$000 (trezentos réis) para as despesas dos atletas. Na foto a seguir, o momento de concentração para este jogo entre Caetano Evangelista e seus atletas.

FIGURA 32 - Caetano e os atletas do time de basquete
antes do jogo contra o Paysandú-década de 1930



Fonte: arquivo particular: ALMEIDA, Climene Evangelista de

Outros encontros ocorreram na história do Clube. Em 1938, foi realizado um acordo esportivo entre o Minas Tênis Clube de Belo Horizonte e o Clube Ginástico. Neste processo ficou acordada a realização de dois jogos anuais, um em cada cidade, com jogos de vôlei e basquete num espaço de três anos. A taça foi chamada de Taça Juiz de Fora que foi instituída pelo Presidente do MTC, Major Ernesto Dornelles que também era chefe da polícia do Estado. Sobre o comportamento dos atletas na disputa em Juiz de Fora, foi escrito em ata: “Os rapazes do Minas provaram possuírem as mesmas bases orientadoras da disciplina, o maior factor da existência do Club Gymnastico nos seus vinte e nove annos de luctas e glorias, em benefício da nossa raça”. (ATA, 20/06/1938)

Cada time levava sua torcida. Os jogos decisivos lotavam as quadras dos clubes finalistas. As decisões contra os clubes tradicionais do Rio de Janeiro – Flamengo, Botafogo, Tijuca, Fluminense – eram saudadas com laudas de elogios nas páginas do Diário Mercantil, Gazeta Comercial, e Folha Mineira. “As rádios Sociedade de Juiz de Fora (PRB-3) e Industrial (ZYT-9) abriam seus microfones para transmitir os jogos com emoção”. (YAZBECK; GAMA, 1996, p.25).

FIGURA 33-Caetano sendo entrevistado por Mario Helênio e, ao centro, o árbitro José Airy assinando a súmula:



Fonte: YAZBECK; GAMA, 1996.

Nas partidas de basquete que eram realizadas em Juiz de Fora, existia sempre uma grande rivalidade entre os times participantes. Segundo Alberto Surerus, ex-atleta do time de basquete, o time de maior rivalidade no basquete era o time do Sport. Sobre estas partidas ele rememora (entrevista 7) :

> Os campeonatos de basquetebol eram mais ou menos, era dúzia de clubes, muito bem disputados, eram muito bem apreciados, muita torcida. Porém ao ar livre. É importante que se diga, pois, não tínhamos ginásio e tínhamos basquete. Os juízes costumavam ir do Rio de Janeiro para apitar os jogos principais, os jogos decisivos. Às vezes chovia, tinha que voltar para o Rio pra ir outro dia. (Alberto Surerus)

Alberto Surerus entrou para o time de basquete do Clube Ginástico no ano de 1948, junto com Aloísio Tavares, para jogar o Campeonato, já que eles, na época, eram atletas do Sport Clube e este, em função de uma intriga com a Liga de Bola ao Cesto, não participou da disputa. Além disso, diversos atletas de deslocaram para outros Clubes. Segundo ele: “Nós fomos vice-campeões na cidade, perdemos o título numa melhor de três, ganhamos a primeira e perdemos a 2ª e a 3ª e então nos sagramos vice-campeões”. Quando saiu do Clube para retornar ao Sport, foi enviada e ele um ofício de agradecimento. Segue abaixo um trecho:

> Assim, amigo Surerus, queremos deixar bem claro os nossos sinceros agradecimentos pela sua preciosíssima cooperação, na sua efêmera, porém vitoriosa estada entre nós, onde militou defendendo com prazer e de coração nossas cores, havendo deixado uma lembrança indelével de sua educação, personalidade rica de princípios substanciosos, simpatia e amizade sincera, que jamais serão esquecidas. (30/08/1949)

FIGURA 34 - Time de basquete vice-campeão-1948



Em pé da esquerda para direita: Céu Azul, Detzi, Paulo Garcia, Heider Santos com o Presidente Ivan Vidal Leite Ribeiro. Agachados: Alberto Surerus, Darcy Brega, Pedro Couri e Aloisio Tavares.
Fonte: arquivo particular: SURERUS, Alberto

O Clube mantinha times de basquete para disputas. Havia o time principal, que eram os mais velhos, o segundo time e o juvenil. O time infantil participava apenas das competições internas. Às vezes, alunos do segundo time eram convocados para jogar no time principal. O time juvenil chegou a ser campeão invicto durante oito competições, isto nos finais da década de 40 e início de 50.

Interessante nas falas dos entrevistados é que muitos se lembram da vantagem de ser fazer parte das atividades esportivas do Clube, pois nos Jogos Universitários muitos se destacavam em decorrência das experiências obtidas no Clube.

FIGURA 35- Time de basquete juvenil.-1952



Fonte: Arquivo particular: THESS, Haroldo Pagy

Os horários das atividades dos Departamentos Feminino e Masculino foram alterados em 1952.

a) Departamento Feminino
   Segundas e quintas – feiras das 20h às 21h30
   Sábado das 16h às 18h

b) Departamento Masculino
   Quarta das 19h30 às 22h
   Sábado das 13h30 às 16h

Mesmo com as vitórias obtidas nas diversas modalidades, como a de 1956 conseguida pelas três categorias de basquete saindo invictos no Campeonato da cidade, vitórias em concursos de ginástica e campeonatos de vôlei, a diminuição de alunos começou a dificultar o andamento das atividades do Clube. Além da obrigatoriedade nas aulas de Educação Física na escola, conforme justificaram alguns diretores, podemos também analisar a questão da criação de diversas outras

oportunidades de práticas oferecidas por outros clubes como o Sport Clube Juiz de Fora, Olímpico Atlético Clube, Clube Tupinambás entre outros, promovendo certa concorrência.

As atividades de basquete desenvolvidas foram aos poucos perdendo adeptos. Muitos são os motivos para este declínio, mas segundo Haroldo Thees (entrevista 5)

> a morte do Seu Caetano, antes do Seu Caetano morrer, houve um desfecho também, que houve um desentendimento do seu Caetano com o Weider. O Weider era nosso treinador de basquete, então, em um determinado momento o Weider rebanhou a gente para ir jogar no Tupi, entendeu? Aí deu uma caidinha no basquete do Ginástico.

Ítalo tentou dar continuidade a esta atividade, mas encontrou também diversas dificuldades. Em entrevista ao Jornal Tribuna de Minas, Ítalo esclarece:

> Eu mantive de pé a tradição do clube de educação física, levei à frente a ginástica olímpica, fiz retornar o basquete e dei continuidade no vôlei, O Ginástico era, na verdade, um celeiro de atletas, com o qual os clubes da cidade contavam para formar suas equipes. Lá eles iam buscar seus grandes valores. Mas, a tranqüilidade foi mesmo somente nos nove primeiros anos. (07/04/1985)

Ele ainda lamenta em ata a perda do espaço para as atividades do basquete quando o Clube perdeu seu espaço externo na década de 70:

> Com isto, não pôde mais o Clube ser o celeiro de craques que sempre foi no basquetebol, pois o seu time já representou Minas Gerais no campeonato brasileiro. O que aconteceu? Sim, deixando de preparar valores jovens, tarefa esta que poucos acham trabalhosa, morreu o basquete em Juiz de Fora [...](Grifo do autor)

2.5.2 Voleibol

Esta foi uma atividade desenvolvida pelo Clube Ginástico que recebeu na sua maioria mulheres. O basquete foi um esporte mais praticado pelos homens, por mais que a atividade fosse aberta a ambos os gêneros. Esta prática teve seu início junto com o basquete, na década de 1920, tendo como diretor de departamento, Ernesto Evangelista e, logo depois, Arlindo Ferreira

Os times de voleibol também obtiveram resultados importantes para o Clube Ginástico, sendo em Juiz de Fora seu maior rival o Sport Club:

> No Sport, a Fernanda e no Clube Ginástico, a Any Rosa. Então era um duelo muito interessante porque ali a Any Rosa era a jogadora de força, ela tinha uma pancada violenta, era uma grande atleta. A Fernanda era uma jogadora muito técnica, então era uma luta da foca com a técnica. (Patria Zambrano – entrevista 12)

Recebeu, também, o clube telegramas, dos Srs. Vivente Ferreira, Presidente da L. J. V. e do José Silvério Rosa, cumprimentando o Clube Ginástico pelas brilhantes vitórias alcançadas, levantando assim o título de campeão de voley-ball feminino. (ATA, 20/06/1954). Em consequência deste resultado, o Clube foi credenciado a representar a cidade de Juiz de Fora no campeonato de interior em Belo Horizonte no mesmo ano.

Além disso, houve atletas que foram convidadas a disputar campeonatos defendendo outros Clubes, como as atletas Any Rosa e Dayse Theresinha Thees, que jogaram no campeonato do Rio de Janeiro pelo Olímpico Atlético Clube de Juiz de Fora.

Interessante é a relação entre o aprendizado percebido pelas atletas de voleibol. Segundo a ex-aluna Patria Soares de Oliveira Zambrano, as turmas eram dividas com base na qualidade técnica. As alunas iniciantes praticavam as aulas de voleibol no salão interno e na quadra se exercitavam as mais experientes. Quando o treinador percebia a evolução técnica de alguma delas, era chegada a hora de “trocar o espaço e aula”. Ainda de acordo com ela (entrevista 12), este foi uma das suas principais lembranças:

> Uma lembrança muito importante pra mim foi o dia em que o professor Caetano chegou a mim e me disse: Pátria você já está preparada pra ir pro voleibol da quadra externa. (...) Nesse dia que ele me falou que eu já podia jogar lá fora eu me lembro que foi um dia muito feliz pra mim.

FIGURA 36 - Atletas do time de voleibol-1957



De pé da esquerda para direita: Vina, Marileia, Lúcia,
Pátria, Mariluce. Agachadas: Mirtes, Nízia, Maria Isabel, Ana Maria, Climene.
Fonte: arquivo particular – ZAMBRANO, Patria.

O Clube Ginástico, ao desenvolver estas duas atividades esportivas, proporcionou à cidade a possibilidade de conhecer e praticar estes esportes, o basquetebol e o voleibol, até então não tão praticados pela população.

Através do voleibol houve uma maior expansão da participação feminina no Clube. Com o basquetebol, o Clube trouxe para a cidade diversos times de outras cidades, divulgando desta maneira este esporte, tornando o basquetebol da cidade durante algumas décadas, um dos mais apreciados e praticados.

2.5.3 Atletismo

Esta atividade foi desenvolvida antes da inserção de outras modalidades esportivas, como o basquete e o voleibol. No Clube se praticava o salto com vara, salto em altura, salto em distância, arremesso de peso, lançamento de disco. Não foi encontrada em documentos nenhuma referência à prática de corridas dentro do Clube. O que podemos afirmar é que dentro de algumas festividades que o clube

realizou, houve a presença de algumas competições de corridas a pé e, além disso, a participação de alguns sócios em algumas competições na cidade de corridas.

FIGURA 37-Salto com Vara



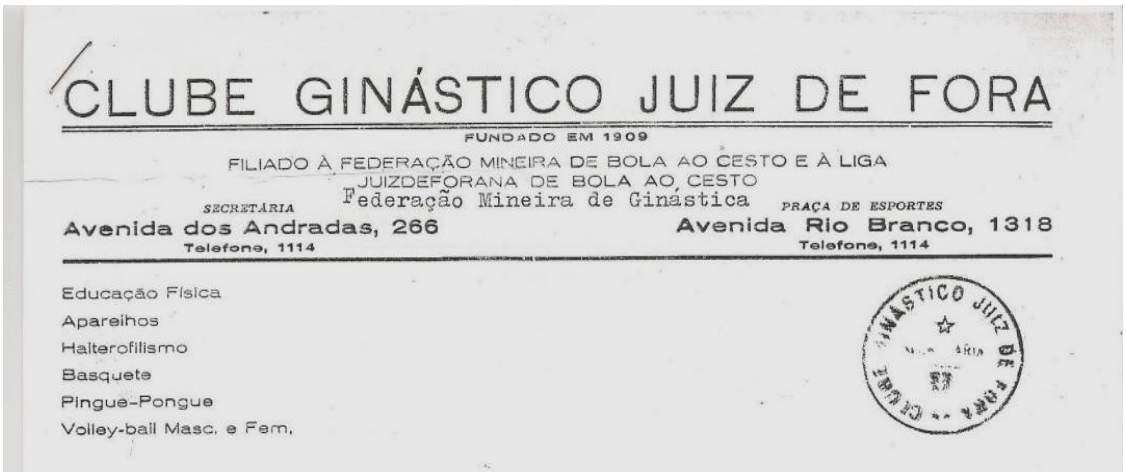
Foto: arquivo particular: ALMEIDA, Climene Evangelista de

Na competição promovida pelo Turnverein do Rio de Janeiro, em 1922, o Clube obteve cinco segundos lugares com medalhas para atletas como José Fontes no arremesso de peso e Caetano Evangelista, que competiu em salto em altura e distância.

O Departamento realizou, em 1936, uma corrida rústica na noite de São João, no dia 24 de Junho. A esta corrida foi dado o nome de Corrida do Balão. Participaram 52 concorrentes, pagando a inscrição houve 63 pessoas, e foi oferecida pelo Clube Ginástico uma medalha de ouro para o vencedor, sendo ele Geraldo Carraca.

Mas o atletismo dentro do Clube foi se enfraquecendo, deixando de ser uma prática oferecida. Apontamos esta perda a motivos de crescimento da cidade, pois a maioria das atividades desta modalidade eram realizadas na Avenida Rio Branco e com o crescimento da cidade não foi possível a continuidade. A própria valorização de outras modalidades como o voleibol e o basquetebol, e ainda a perda de espaço na década de 70. Observe abaixo o cabeçalho utilizado no papel timbrado do Clube do ano de 1974, no qual não há mais a oferta do Atletismo.

FIGURA 38– Papel timbrado do Clube Ginástico-1974


CLUBE GINÁSTICO JUIZ DE FORA

FUNDADO EM 1909

FILIADO À FEDERAÇÃO MINEIRA DE BOLA AO CESTO E À LIGA JUIZDEFORANA DE BOLA AO CESTO

Federação Mineira de Ginástica

SECRETÁRIA
Avenida dos Andradas, 266
Telefone, 1114

PRAÇA DE ESPORTES
Avenida Rio Branco, 1318
Telefone, 1114

Educação Física
Aparelhos
Halterofilismo
Basquete
Pingue-Pongue
Volley-ball Masc. e Fem.

Fonte: arquivo pessoal: LISBOA, Jakeline

Analisando ainda parte deste documento, observamos a presença do termo Educação Física e Aparelhos. Pelo primeiro, entendiam-se as atividades de ginástica com base na ginástica calistênica, com suas evoluções e materiais. Isto pode estar relacionado à própria modificação do termo ginástica, que era utilizado nas escolas para a disciplina que tratava da prática de atividades físicas para o termo Educação Física, que passou a ser a disciplina responsável por estas práticas. O segundo termo se referia à ginástica de aparelhos.

2.5.4 Outras Atividades

Além das atividades citadas anteriormente, encontramos outras que foram desenvolvidas, mas que não tiveram tanto êxito e adeptos, como boxe, pingue-pongue, escotismo e esgrima.

A atividade de ping-pong tinha caráter recreativo. No Clube existiam duas mesas, nas quais os alunos se divertiam em horários vagos.

Sobre a esgrima, consta em ata a proposta do Major Valério Falcão, do 2º Corpo de Trene, solicitando permissão para exercitar a esgrima aos sócios do Clube com aulas gratuitas (ATA, 19/05/1919). Além disso, a compra de medalhas para a prova de esgrima Coronel Valério Falcão oferecidas pelo Clube. (ATA, 31/12/1922)

Sobre o boxe, encontramos apenas citação de participação em competições como a que foi promovida pelo Turnverein do Rio de Janeiro de 1922, quando o Clube saiu vitorioso com o atleta José Fontes.

Em ata do dia 01 de abril de 1966 encontramos menção a outra atividade desenvolvida pelo Clube: O escotismo. Mas não foi possível obter mais informações sobre esta prática.

Ainda foi criado o Cineminha do Guri realizado aos sábados e domingos à noite, com pagamento de 1$00 (um réis) para associados e 2$00 (dois réis) para não associados, bingo com venda de cartões.

O Clube ainda ofereceu outra atividade no seu espaço: orientação à guarda-mirim com o Professor Ítalo. Este último foi realizado em parceria com a Prefeitura de Juiz de Fora já nos anos finais de atividade do Clube.

2.6 AS PRÁTICAS

2.6.1 Uniforme

O uniforme foi uma prática de se vestir muito presente no Clube, sendo importante na preservação da identidade alemã, assim como do Clube. Nele observamos o ideal preconizado pelo “pai da ginástica” identificado na figura dos quatro efes.

A instituição adotou para suas práticas o lema “Os exercícios fortalecem o corpo” e por escudo os quatro efes alemães dispostos a formar uma cruz, que ficava estampado no uniforme dos alunos e na bandeira, onde cada F (efe) tinham um significado: Frisch (jovial), Fromm (devotado), Frolich (alegre) e Frei (livre) ou apenas franco, firme, forte e fiel. Segundo o ex-professor Ítalo Paschoal Luiz (Entrevista 8), “são os quatro efes: franco, forte, firme e fiel é tudo. São quatro palavras cujo símbolo é muito marcante”.

Estes quatro efes carregavam o significado depositado por Jahn na ginástica alemã. As inúmeras sociedades baseadas nas idéias do Turnen fixavam este símbolo nos uniformes, bandeiras e estandartes. Grande parte destes distintivos foram adquiridos na Alemanha. No ano de 1913, foram encomendados 100 deles por intermédio do sócio Hermann Erhardt para serem colocados nos uniformes dos alunos.

FIGURA 39 - Distintivo dos 4 efes



Fonte: arquivo particular: ALEMIDA, Climene Evangelista de

Em 1919, foi sugerida a mudança do distintivo do Clube pelo então diretor Ginástico Caetano Evangelista. Segundo ele, os quatro efes eram muito usados na Europa pelos ginastas. Propôs sua continuação em vermelho colocando as iniciais C. G. por cima e embaixo Juiz de Fora, tudo também em vermelho. (ATA, 28/05/1919)

O ideal trazido pelos quatro efes perdurou até os anos finais do Clube Ginástico, quando através das atas ainda se podia perceber a preocupação em continuar as atividades baseando-se neste emblema.

Quando o Clube iniciou suas atividades, a preocupação com o uniforme estava apenas ligada ao público masculino. Quando foi solicitada a abertura da turma feminina em 1913, as interessadas propuseram seu próprio modelo, conforme encontramos em ata:

> A senhorita Maria Luisa Erhardt apresenta-se fardada de calção de casemira azul-marinho e blusa branca, sendo o mesmo adaptado e concedido o praso de 15 dias para que as demais gymnastas se mandem confecccional-o para se dar então início à instrucção.

Analisando algumas fotos do início da fundação do Clube até 1914, percebemos o uso de dois tipos de uniformes: 1) calça e camisa branca, sapato branco, meia e faixa na cintura em cor escura (possivelmente a faixa era vermelha combinando com o escudo dos quatro efes) e na camisa o escudo bordado dos quatro efes; 2) camisa branca com o escudo bordado, sapato e meia branca até a altura do joelho, um calção até o joelho que encontrava com a meia. Na década de 20, observamos algumas fotos em ocasiões formais como desfile da Independência, em que os alunos usavam um chapéu branco.

Com a inserção de outras atividades no Clube e a própria "modernização" dos uniformes, os mesmos foram se adequando às necessidades e exigências de tais práticas, como o uso de short, camiseta, o uso da numeração nas camisas nas atividades esportivas, macacão branco com uso de cinto. As crianças usavam as iniciais de seus nomes e colant. Há homogeneidade quase que na totalidade das fotos em relação aos calçados e agasalhos, atendendo a homens e mulheres.

Cada aluno era responsável pelo zelo com seus materiais e ao se desligarem do Clube eram obrigados a devolver os mesmos. Estes eram doados pelo Estado, conforme relata o tesoureiro da época, Jorge Magaldi (Entrevista 9): "O Estado é que fornecia o material: bola, na época era Keds, hoje é tênis, né? keds, bola, camisa e outros materiais da atividade". Ainda segundo Jorge Magaldi (Entrevista 9), o Clube, em troca desta ajuda, tinha que disponibilizar vagas para alunos que não podiam pagar as mensalidades.

Uma coisa é certa: havia disciplina e preocupação com o uniforme por parte dos instrutores de Ginástica do Clube. Quase sempre vestidos de branco, com calça, sapato e camiseta.

> O uniforme da ginástica era sempre um G, um G ou então a cruz com os quatro efes né! E basquete, nós primávamos pelo uniforme do basquete que a gente sempre achava o mais bonito do campeonato, entendeu! (...) Tinha o tênis, mas a gente usava o Keeps pra firmar mais o tornozelo. Mas o Keeps era padrão das lojas, não tinha essa escolha que a gente tem hoje. (Haroldo Pagy Thess, décadas de 40 e 50 – entrevista 5)

> Os homens todos de branco, branco impecável. As mulheres de branco com listras, o *short* era comprido até o joelho, vermelhos laterais. A blusa era toda branca c/ o símbolo dos quatro efes, franco, firme, forte e fiel. (Ítalo Pashoal Luiz, décadas de 40 a 70 – entrevista 9)

> O Clube teve sempre uniforme, embora variasse. A gente tinha sempre que estar naquela roupa. Muito tempo foi branco. Os homens calça comprida, as meninas *short*. Teve um tempo que mudou para verde, não lembro bem. Mas como foi a época da invenção da *lycra*, a gente estava saindo do uniforme de pano pro uniforme de helanca, *lycra*. Mudou muito neste período e a gente conseguiu uma coisa mais bonitinha, mais direitinha. (Mariangela Vianna, década de 60 – entrevista 6)

> Uniforme era tênis branco, meia branca, camiseta branca sem manga ou camisa de malha de manga branca. Existia o escudo do Clube, os quatro efes que a gente pregava na camisa, mas essa exigência foi diminuído com o tempo. Mas o uniforme branco era exigido. (Rommel Jaenicke, década de 60 - entrevista 11)

2.6.2 As Festas

Quando falamos sobre os imigrantes de origem alemã na cidade de Juiz de Fora, assim como em outras localidades em que se instalaram, não podemos deixar de mencionar a rica cultura na qual também observamos o gosto pelas festas.

Era comum nos parques das cervejarias a realização de diversos festejos e também a degustação de diversos alimentos, como o pão alemão, as comidas regadas a chucrute[33], joelho de porco[34], sanduíches, soda ou grenadina e muita cerveja.

Segue abaixo algumas festas que foram realizadas dentro das diversas cervejarias divulgadas no jornal O Pharol, organizadas por outras instituições:

"Parque Weiss – Realiza-se domingo, neste aprazível logradouro, uma grande festa em benefício do Culto Catholico de Mariano Procópio". (12/07/1911)

"Parque Weiss – Realizou-se domingo neste logradouro a tômbola em benefício da Sociedade Alemã de Beneficência". (17/10/1911)

"Realiza-se no dia 12 no Parque Weiss um bello festival promovido pela Sociedade B. Barsileira Allemã, em benefício dos seus cofres sociais". (17/10/1911)

[33] O chucrute, em alemão Sauerktaur, é uma conserva de repolho fermentado.
[34] O joelho de porco, em alemão Einsbein, é um embutido defumado de porco.

"Kermesse – Será realizada, no parque da Cervejaria Weiss, em beneficio da Associação Beneficente dos Conductores e Motorneiros". (03/03/1912)

"O Pharol toma iniciativa de uma festa de caridade a realizar-se no dia 21/04 no Parque Weiss". (23/03/1914)

Os festejos eram também uma característica do Clube Ginástico. Frequentemente eram realizadas no Clube festas comemorativas entre os sócios, suas famílias e sociedade em geral. Para estas festas, era organizado um cronograma no qual se incluíam sempre exercícios ginásticos e, logo após, baile. A comissão geralmente era divida entre as tarefas de recepção, convites, programa de ginástica, música e ornamentação. Realizada a festa, era feito um balanço para ser divulgado aos sócios.

Diversas foram as comemorações realizadas nas cervejarias, conforme observamos abaixo notícias do O Pharol:

"Gymnastico Juiz de Fora – Realiza-se hoje, às 3h da tarde a festa familiar promovida por este simpático Club no parque da cervejaria Stiebler". (16/01/1911)

"Turnerschaft Club – Esta sympathica associação esportiva realizará no dia 17 uma esplendida festa, no Parque Stielber. O programa que será executado é o seguinte: 1° pulos em altura; 2° pulos com vara; 3° exercícios flexíveis; 4° exercícios na barra fixa; 5° exercícios na paralela; 6° pyramides; 7° pulos (Cavallo); 8° exercícios à vontade. A noite haverá grande baile nos confortáveis da cervejaria". (14/09/1911)

"O Club Gymnastico Juiz de Fora realizará festival no parque Weiss". (16/04/1912)

Mesmo o Clube se instalando na Liga Mineira Contra Tuberculose, isto não impediu que ocorressem reuniões entre as famílias como era comum no Parque da Cervejaria, na época em que o Clube estava instalado neste local. Encontros como pic-nic foram realizados no dia 26 de setembro de 1915 na caixa d`água de São Mateus e conforme observamos: "Como é de praxe, no club, reuniões familiares, o Snr. Hans Happel encarregou-se dos preparativos para uma dessa reuniões, marcada para dia 13". (ATA, 03/06/1915)

Desde a fundação, o Clube procurava organizar eventos e concursos internos entre os sócios. Diversos eram os concursos internos que o Clube realizava, como um que aconteceu no dia 15 de abril de 1915. Como parte do cronograma do concurso, pela manhã foi realizada uma marcha pelas principais ruas da cidade acompanhada da banda de música Carlos Gomes, com a participação de sócios ativos, assim como sócias. À tarde, foi realizada a competição, a qual teve como orador oficial o doutor Franscisco Prados "que expoz os relevantes benefícios que o Turnerschaft tem proporcionado ao povo desta cidade, considerando-o como um poderoso factor de desatrofiação espiritual e physica do homem." (ATA, 03/05/1915)

Neste concurso foram oferecidas cinco medalhas (ouro, prata e ouro, prata e duas de bronze). Participaram dezessete sócios que foram avaliados pelos juízes: Hans Happel, Alvin Kluger, Antonio Stiebler, Dr. Eduardo de Menezes Filho, Carlos Hugo Beck. O concurso teve a duração de duas horas e meia e teve como resultado final: 1° lugar – Oscar Surerus; 2° lugar – Alberto Surerus; 3° lugar – Antonio Petermann; 4° lugar – Otto Surerus; 5° lugar – Phelippe Kaeller; 6° lugar – José Schoeder, João Müller, Newton de Souza, Marinho Vianna, Eli Hirsch; 7° lugar – Frederico de Assis; 8° Nicolau Scoralick; 9° lugar – Alfredo Surerus e 10° lugar – Carlos Stiebler Junior.

Logo após o concurso, houve um baile com as principais famílias da cidade até duas horas da madrugada.

Anualmente o Clube comemorava seu aniversário com festa e concurso ginástico no mês de abril. Em diversos concursos, houve a participação de outras sociedades. Na festa de comemoração de 7° aniversário do Club houve passeata pela cidade, em número superior a 120 alunos ao som da banda de música Carlos Gomes e passeata de automóveis. Além disso, estiveram presentes para os concursos atletas do Turnverein de São Paulo e Rio de Janeiro, finalizando as comemorações com um baile. Nesta ocasião foi distribuída uma revista comemorativa contendo assuntos sobre a história do Clube.

O Clube Ginástico tinha participação ativa nas comemorações realizadas em Juiz de Fora pelo Dia da Independência do Brasil. De acordo com as atas e fotos, sua participação nos desfiles era comum, com marchas dos sócios pelas ruas da cidade, carregando a bandeira nacional, a bandeira do Clube e/ou o estandarte, quase sempre acompanhados de banda de música. A foto abaixo mostra um destes

momentos em um desfile realizado na atual Avenida Barão do Rio Branco nos anos iniciais da década de 10.

FIGURA 40 - Desfile na atual Avenida Barão do Rio Branco



Fonte: Arquivo particular: ALMEIDA, Climene Evangelista de

O valor do patriotismo estave presente em diversos discursos que constam nas atas. Em um deles escrito por Adolpho Matos Filho, secretário, que ao falar sobre a organização de uma festa, deixa isto se evidenciar:

> Fica encarregado a organisação do programma de gymnastica, e aos demais membros da directoria tudo quanto foi a bem do festival, que deverá reverter-se do brilho e ponpas que tragam ao Clube não só resultado material, mas Victoria em manter a sua justa reputação como verdadeiro centro que visa o patriótico (grifos nossos) fim de dar à mocidade uma cultura physica, solida, que lhe robusteça e desenvolva os músculos, desafiando assim a tarefa penosa da cultura intelectual e moral, que encontrando um organismo forte, vence as dificuldades e se concretiza-se. (ATA, 10/08/1920)

Com o desenvolvimento das atividades e a inserção de outras modalidades, as festas que antes sempre tinham o caráter ginástico foram sendo modificadas e o caráter ginástico delas foi se perdendo em decorrência da diminuição da influência da cultura germânica tal como foi no início do Clube. Não que isto significasse uma desvalorização destas atividades, mas acreditamos ser mais um fator cultural e também administrativo de acordo com determinado período histórico. Um exemplo de uma festa que por muitos anos foi organizada no Clube foi a Festa Junina, aberta a toda sociedade juizforana, mediante o pagamento do convite para os fundos do

Clube. Esta era organizada tal como conhecemos hoje com quadrilha, barraquinhas entre outras coisas.

FIGURA 41: Festa Junina-1950



Fonte: arquivo particular: MAGALDI, Jorge

Esta festa é lembrada com muito carinho por diversos ex-alunos:

> (...) a gente participava com um entusiasmo muito grande, tudo cabia a nós, agente decorava o clube todo, era um tempo muito bom. (...) Eram muitas danças, né? A gente fazia, tinha muitas danças, tinha o grande baile e depois tinha as barraquinhas também. (Pátria Soares de Oliveira Zambrano – entrevista 12)

"A gente participava das festas juninas e de vez em quando tinha uns bailinhos lá". (Haroldo Pagy Thees – entrevista 5)

"Eles faziam festas boas, bonitas e era o congraçamento com as moças em geral. Aí, a essa altura, a gente entra com as moças!" (Alberto Surerus – entrevista 7)

> A festa tinha uma quadrilha e depois vinha o baile junino. [...] Era gostoso ensaiar quadrilha. Sempre tinha um "Cristo "que puxava a quadrilha e ensaiava uns dois meses antes da festa. Tinha sempre um dia para treinar, para ensaiar [...] As atletas eram responsáveis pelos enfeites e alguns elementos da turma de basquete, né? Aí juntava a turma. À noite, fazia estas bandeirinhas, tudo era feito a mão. (Jorge Magaldi - entrevista 8)

> Umas destas comissões realizadas para a festa foi composta no ano de 1949 pelos seguintes sócios: Céu Azul Soares, Heider Santos, Detzi de Oliveira, Jorge Magaldi, Ruth Miterhofer, Judith Coutinho e Climene Evangelista. (ATA, 08/06/1949)

O último aniversário do Clube foi comemorado com festa e demonstração de ginástica. Esta notícia pode ser encontrada em um dos inúmeros recortes de jornais que o Ítalo guarda com muito carinho e zelo.

> Uma exibição de ginástica está programada para o próximo domingo na comemoração dos 70 anos de fundação do Clube Ginástico de Juiz de Fora, que é uma das glórias do nosso esporte amador.
> O programa está assim elaborado: demonstração de ginástica calistênica (turma mista); demonstração com cavalete com alças (saltos e números obrigatórios); demonstração de ginástica de solo (mista), obrigatórios e livres; encerramento: entrega de diplomas, troféus e medalhas aos alunos que mais se destacaram durante o curso.

2.6.3 A Bandeira

FIGURA 42 – Bandeira do Turnerschaft-Club Gymnastico-década de 1910



Fonte: arquivo particular: DEL´ DUCA, Salcio

Foi organizada uma comissão para a confecção da bandeira do Clube Ginástico. A tarefa ficou a cargo, no ano de 1913, dos sócios Hans Happel e Pedro Netto devendo os mesmos apresentarem o desenho da bandeira. Outra comissão foi feita para obter fundos para sua aquisição através da realização de uma festa,

sendo o tesoureiro desta o sócio Oscar Meurer. Esta bandeira foi ao longo do tempo modificada, mas sempre havia nela o símbolo dos quatro efes.

2.7 INFLUÊNCIAS

Não podemos afirmar que o Turnerschaft – Clube Ginástico de Juiz de Fora influenciou diretamente a fundação de outros clubes. O que percebemos é que diversos sócios tinham ligação também com outros Clubes, tais como o Sport Clube Juiz de Fora, o Tupi, o Tupinambás, o Kegel Clube e o Clube D. Pedro II.

Sobre este último, em documentos oficiais do Turnerschaft não encontramos nenhuma informação sobre a prática do tênis nas suas dependências, mas vários sócios praticavam este esporte e participaram da fundação do Clube de Tênis D. Pedro II, em 1927. Na ata de fundação do Clube Dom Pedro II notamos a presença dos sócios Roberto Surerus, Felippe Griese, Caetano Evangelista e Carlos Hugo Becker.

> Por sugestão do Sr. Roberto Surerus, reuniram-se no “Frauen Versein”[35] de Juiz de Fora, no dia 31 de julho de 1927, as senhoras e senhores, interessados na fundação de um clube de tênis [...] Em seguida votou-se, por proposta do Sr. Presidente, a eleição de uma comissão composta dos Srs. Heinrich Krambeck, Roberto Surerus, Felippe Griese, Caetano Evangelista e Carlos Hugo Becker, que deverá cuidar da instalação da quadra.

[35] Este encontro se realizou onde hoje é o salão da Igreja Luterana em Juiz de Fora situada à rua D. Pedro II, 45 no bairro Mariano Procópio em Juiz de Fora. A grafia correta seria “Frau Verein”.

FIGURA 43: Alguns dos fundadores do Clube de Tenis D. Pedro II - década de 30
À direita, o professor Caetano Evangelista



Fonte: arquivo particular: ALMEIDA, Climene Evangelista de
.

O Clube Ginástico influenciou a escolha de diversos de seus alunos pela profissão da Educação Física. Em ata dia 4 de abril de 1975, Ítalo Paschoal (Entrevista 8) ressalta esta questão e cita nomes de ex-alunos que naquele momento estavam estudando ou já haviam se formado professores: Suzana Quinoud, Jocely Pacheco, Fátima Gamonal, Maria Alice Rabello, Gotardello Filho, Wemerson Amorim, Gilson Lopes, Rommel Jaenicke e Paulo Bassoli. Vários ex-alunos foram, inclusive, professores do primeiro curso de formação de professores de Educação Física organizado na Universidade Federal de Juiz de Fora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos apresentar a história do Clube Ginástico de Juiz de Fora, fundado em 1909, uma das primeiras instituições na cidade, e em Minas Gerais, a organizar práticas de ginástica e outras modalidades esportivas.

A fundação do *Turnerschaft-Club Gymnastico Juiz de Fora* foi motivada pela necessidade de imigrantes alemães praticarem a ginástica e terem um espaço de divertimento. As primeiras atividades foram realizadas no pátio da Cervejaria Dois Leões e incluíam a ginástica, festas e encontros.

Os imigrantes alemães chegaram a Juiz de Fora em 1856 para a construção da Estrada União e Indústria e outro grupo veio em 1858 para a constituição da Colônia Agrícola.

A análise da história do Clube Ginástico de Juiz de Fora permitiu ampliar nossas compreensões sobre o processo de desenvolvimento e modernização da cidade, especialmente no que diz respeito ao papel desempenhado pelas práticas corporais e de divertimento. A “Manchester Mineira” ou “Atenas Mineira” era considerada a principal cidade em termos culturais no Estado de Minas Gerais até a década de 1930. Em Juiz de Fora eram bem desenvolvidos os teatros, os cinemas, os grupos musicais, os bailes e festas de carnaval, as associações e clubes.

A proximidade de Juiz de Fora com o Rio de Janeiro e a grande produção de café na região nas últimas décadas do Século XIX explicam o desenvolvimento da cidade. Para escoar a produção cafeeira até o Rio de Janeiro foi preciso abrir estradas, como a “União e Indústria”, obra de iniciativa de Mariano Procópio Ferreira Lage. No trabalho de construção da estrada foi empregada mão-de-obra especializada: os imigrantes alemães contratados diretamente na Europa.

Os alemães contribuíram significativamente para o desenvolvimento de Juiz de Fora. Fundaram associações, clubes, instituições educativas, desenvolveram cultos religiosos, práticas de divertimento e a ginástica. Fundaram o Clube Ginástico adotando o lema - “os exercícios fortalecem o corpo” – e o símbolo dos “quatro efes” da ginástica alemã: Frisch (jovial), Fromm (devotado), Frolich (alegre) e Frei (livre) ou apenas franco, firme, forte e fiel.

Esta pesquisa permitiu compreender a importância do Clube Ginástico para o desenvolvimento das práticas corporais na cidade. No decorrer dos seus 70 anos de

atividades passaram por esta instituição mais de 4000 associados, entre estes, pessoas que dedicaram suas vidas profissionais ao mundo das práticas corporais e da Educação Física devido à motivação inicial que receberam na instituição. O Clube desenvolveu as atividades de ginástica, basquetebol, voleibol, atletismo e também esgrima, boxe e escotismo.

Na ginástica, primeira atividade desenvolvida no Clube, vários resultados e intercâmbios com outras instituições oportunizaram à instituição o reconhecimento em outras regiões, como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Estiveram presentes em Juiz de Fora instituições ginásticas como o Turverein Petrópolis/RJ, Club Gymnastico Portuguez/RJ, Turnerschaft Von 1890 in São Paulo/SP e Centro de Cultura Physica Força e Coragem/MG. Em 1913, o Clube Ginástico mudou de sede e passou a funcionar no prédio da “Liga Mineira Contra-Tuberculose”, uma associação organizada pelo médico e higienista Eduardo de Menezes.

A modalidade esportiva do basquetebol também teve seu desenvolvimento em Juiz de Fora a partir do Clube Ginástico. O basquetebol foi desenvolvido na instituição a partir da década de 1920 e foram várias a participações do Clube em torneios e campeonatos na cidade e em outras regiões. O Clube Ginástico, através do seu Departamento de Basquetebol, desenvolveu atividades com outras instituições, como o Minas Tênis Clube, Flamengo, Botafogo, Tijuca e o Fluminense. O Clube teve ainda convite feito a dois de seus atletas - Geraldo Carraca e Adhemar Lima - para participarem das provas seletivas nacionais destinadas à designação dos atletas brasileiros que representariam o país nos Jogos Olimpícos de Berlim, em 1936.

A atividade esportiva na qual as mulheres mais se identificaram, além da ginástica, foi o Voleibol. Foram desenvolvidas equipes femininas de voleibol no Clube Ginástico que participaram de várias competições.

A inserção do Atletismo no Clube ocorreu quando o mesmo ainda estava instalado na Cervejaria Dois Leões. Era uma prática que contava com muitos adeptos.

O Clube Ginástico de Juiz de Fora perdeu força, especialmente a partir da década de 60, finalizando seus trabalhos no ano de 1979. Não há um motivo específico para o encerramento das atividades, mas podemos enumerar algumas hipóteses: a) o desligamento da Liga Mineira Contra-Tuberculose; b) as dificuldades financeiras; c) a perda de espaço externo ficando apenas com o salão fechado; d) a

ampliação das instituições que ofereciam as práticas da ginásticas e das modalidades esportivas; e) a falta de atualização em termos de metodologias de ensino das atividades oferecidas.

Quando a Liga Minera foi extinta pelo Estado, o Clube perdeu um dos seus grandes incentivadores e “financiadores” visto que a Liga auxiliava o Clube nas suas dificuldades e trabalhava em uma verdadeira parceria e sociedade. Assim, com a finalização da Liga na cidade, o Clube deixou de ter este auxilio e passou a trabalhar praticamente sozinho.

Com o tempo dificuldades financeiras foram aparecendo, principalmente nas duas últimas décadas de suas atividades onde percebemos uma queda no número de alunos assim como o aumento do déficit financeiro.

Estas dificuldades estão relacionadas a perda do espaço para o desenvolvimento das atividades, não sendo possível a continuação delas com a mesma qualidade oferecida antes, tendo as aulas de basquetebol, voleibol e ginástica diminuído seus adeptos e/ou deixado de ser oferecido como foi o caso do basquetebol. O Clube Ginástico passou a oferecer suas atividades em espaço fechado.

Com esta limitação espacial, a motivação em se associar a este Clube Ginástico foi sendo substituída pela possibilidade de participar de outras instituições esportivas na cidade que estavam atraindo diversas pessoas também pelas suas novas metodologias de ensino o que não aconteceu com o Clube que de certa maneira não acompanhou estas transformações.

Todas estas questões podem ter sido utilizadas como causa e argumento para que o Estado junto à Prefeitura da cidade exigisse aquele espaço onde o Clube estava instalado para a abertura de uma rua assim como a utilização do mesmo para outro fim.

Com esta ação, a cidade perdeu um valioso patrimônio histórico, social, cultural e principalmente esportivo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: Pinsky, C.B.(org.). **Fontes Históricas**. Pinsky, C.B. (org.). São Paulo: Contexto, 2006.

AMARAL, Aelson Faria. Juiz de Fora: ontem e hoje. Juiz de Fora (MG): FUNALFA Edições, 2006.

ANDRADE, Sílvia Maria Belfort Vilela de. **Classe Operária em Juiz de Fora**: uma história de lutas. Juiz de Fora: Edufjf, 1987.

Aniversário Natalício do Imperador Guilherme II, com festa na Cervejaria Weiss. O Pharol, Juiz de Fora, 28 Jan 1909

ARANTES, Luiz Antônio Valle. Caminhos incertos, conflitos religiosos e empreendimentos: a trajetória dos alemães na cidade. In: BORGES, Célia M. (org.) **Solidariedades e Conflitos**: Histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora. Juiz de Fora: Edufjf, 2000.

As estradas e Juiz de Fora em meados do século XIX. Disponível em: <http://www.estradareal.org.br/mapas/index.asp>. Acesso em: 16 fev. 2010

Atas do Turnerschaft-Club Gymnastico (1909-1979).

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: Pinsky, C.B.(org.). **Fontes Históricas.** Pinsky, C.B. (org.). São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA; RODRIGUES: Juiz de Fora: um mosaico construído por poetas. In: NEVES, José Alberto Pinho; DELGADO, José Godinho; OLIVEIRA, Monica Oliveira (Org.). **Juiz de Fora: história, texto e imagem.** Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2004.

BASTO, Fernando Lázaro de Barros. **Síntese da História da Imigração no Brasil**. Rio de Janeiro: 1970.

BASTOS, Wilson de Lima. **Mariano Procópio Ferreira Lage**: sua vida, sua obra, sua descendência. Juiz de Fora: Caminho Novo, 1961.

_____. Do caminho Novo dos Campos Gerais à Estrada de Rodagem União e Indústria e Estrada de Ferro D.Pedro II. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**. n° 03, ano III, 1967.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENCHIMOL, Jaime L. **Pereira Passos: um Haussmann Tropical**. Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro/ Carioca 11: Rio de Janeiro, 1990.

BENJAMIM, Walter. **A Modernidade e os Modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

BRAGA, Arides. **Futebol, Futebolistas e etc**. Juiz de Fora, 1977.

BURKE, Peter. Abertura: A Nova História, seu passado, seu futuro. **A Escrita da História. Novas Perspectivas**. Peter Burke (org.) São Paulo: Unesp, 1992.

CARNEIRO, Deivy Ferreira. **Conflitos, Crimes e Resistência: uma análise dos Alemães e Teuto-Descendentes através de Processos Criminais (Juiz de Fora-1858/1921).** Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Niterói: UFRJ, 2004.

CASTRO, Newton Barbosa de. A contribuição dos imigrantes alemães a industrialização de Juiz de Fora. In: **História Econômica de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: IHGJF, 1987.

CID, Wilson. Visão da imprensa sobre o processo de desenvolvimento. In: **História Econômica de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: IHGJF, 1987.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril. Cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Schwarcz, 2004.

CHARTIER, Roger. A **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **A Europa dos Pobres: Juiz de Fora na Belle-Époque Mineira**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994

CORREA, Eliane Machado. Ecos da Reforma: **Imigracão e Protestantismo em Juiz de Fora na segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em ciências da religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2003.

Correio de Minas, Juiz de Fora 05 Fev. 1907. p.3

Correio de Minas, Juiz de Fora, 13 Out. 1920.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. Ítalo Paschoal Luis: Uma vida dedicada à ginástica em Juiz de Fora. In: CUNHA JUNIOR, Carlos; MARTIN, Edna; ZACARIAS, Lidia. (Org.). **Educação Física: Memórias e Narrativas em Juiz de Fora.** Juiz de Fora: UFJF, 2003.

_____. **O Imperial Collegio de Pedro II e o ensino secundário da boa sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

DELGADO. Alexandre Miranda. Documento nº 9. In**: Revista do Instituto Histórico de Juiz de Fora**. Ano IX. Nº 9. Juiz de Fora: Esdeva, 1985.

Diário da Tarde, Juiz de Fora, 23 Jul.1957

Diário da Tarde, Juiz de Fora, 05 Jun.1967

Diário da Tarde, Juiz de Fora, 09 Abr.1970

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 03 Jul. 1955

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 19 Mai. 1961, coluna A pioneira, p. 6

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 18 Mar. 1961, coluna A pioneira

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 04 Mar.1961, coluna A pioneira

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 24 Mar. 1961, coluna A pioneira

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 1978

DIWAN, Pietra. **Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Contexto, 2007.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **Caminhos Operários nas Minas Gerais:** um estudo de práticas operárias em Juiz de Fora e Belo Horizonte na Primeira República. SP: HUCITEC/ED UFMG, 1988.

Edição Comemorativa dos 150 anos da cidade de Juiz de Fora. Tribuna de Minas, Esdeva, Juiz de Fora, 31 de maio de 2000.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães**. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____ ; DUNNING, Elias. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1985.

ESTEVES, Albino. **Álbum do Município de Juiz de Fora**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1915.

FAZOLATTO, Douglas. **Juiz de Fora: imagens do passado**. Juiz de Fora: Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, 2001.

GATTI JUNIOR, Décio. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas e temáticas. In: ARAÚJO, José Carlos; GATTI Junior, Décio (org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa.** Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, s/d.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____.**As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIL, Claudio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROLETTI, Domingos. **A Industrialização de Juiz de Fora**: 1850 a 1930. Juiz de Fora: Edufjf, 1988.

GUIMARÃES Heitor. Artigo. **O Pharol**. Juiz de Fora, 17 Abr. 1909

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos Esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Revista Estudos Históricos, vol. 13, nº 23, 1999.**

JOCHEM, Toni Vidal. **A Epopéia de uma Imigração.** Águas Mornas: Do Autor, 1997.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação,** n.1,jan/jun.2001.

JUNIOR, Carlos H. Oberacker. A Contribuição Teuta à formação da Nação Brasileira. Rio de Janeiro: Presença, 1968.

KREUTZ, Lúcio. **Material Didático e Currículo na Escola Teuto-Brasileira**. São Leopoldo: Unisinos,1994.

_____. Escolas étnicas na história da imigração da educação brasileira: a contribuição dos imigrantes. In: **Histórias e Memórias da Educação no Brasil. V.II, seculo XIX**. STHEPANOU, Maria; CARRARA, Maria Helena. (org). Petrópolis: Vozes, 2005.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: Le Goff, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

_____ Memória. In: Le Goff, Jacques. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LESSA, Jair. **História de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Esdeva, 1985.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. **Pangermanismo e Nazismo**: a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MENDES, Murilo. **A Idade do Serrote**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

MELO, Vitor Andrade de. **Cidade Sportiva: Primórdios do Esporte no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MONTEIRO, Norma de Góes. **Imigração e Colonização em Minas 1889-1930**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1973.

MÜLLER, Telmo Lauro. **Sociedade Ginástica: cem anos de história**. São Leopoldo: Rotermund S.A.,1986.p. 10.

NAVA, Pedro. **Balão Cativo - Memórias 2**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

OLIVEIRA, Almir de. O advento da energia elétrica em Juiz de Fora. In: **História Econômica de Juiz de Fora.** Juiz de Fora: IHGJF, 1987. p. 82-92.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Imigração e Industrialização**: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1991.

OLIVEIRA, Paulino. **História de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Dias Cardoso, 1966.

O MUSEU MARIANO PROCÓPIO. São Paulo: Banco Safra, 2006.

O Perigo Alemão. O Pharol, Juiz de Fora, 01 Jan 1905, p. 01

O Pharol, Juiz de Fora, 08 Fev. 1911

O Pharol, Juiz de Fora, 17 Out. 1911

O Pharol, Juiz de Fora, 03 Mar. 1912

O Pharol, Juiz de Fora, 23 Mar. 1914

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PAULA, João Antonio de. **Raízes da modernidade em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, v.2, n.3, 1989. Disponível em <www.cpdoc.fgv.br>. Acesso em 20 Fev 2010

PRINS, Gwyn. História Oral. **A Escrita da História. Novas Perspectivas**. Peter Burke (org.) São Paulo: Unesp, 1992.

PURITZ, J.C.; LION, L. **Pyramiden Für Turner**. Hof: Rud. Lion, s.d.

RAMOS, Jair de Souza. O Brasil sob o Paradigma Racial: Sociologia Histórica de uma Representação. In: **Homo brasilis-Aspectos Genéticos, Linguísticos, Históricos e Socioantropológicos da Formação do Povo Brasileiro.** Sergio D.J.Pena (org.). Ribeirão Preto: Funpec, 2002.

RÖSCH, Friedrich. **Die Grundlegenden Übungen dês Deutchen Turnens in 80 Bildern.** Karlsruhe: G. Braun, 1915.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. O Esporte Minas Tênis Clube: um olhar sobre a trajetória de sua institucionalização. In: SOUSA, Eustáquia Salvadora; VAGO, Tarcísio Mauro. (Org.) **Trilhas e Partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sócias.** Belo Horizonte: Cultura, 1997.

VIGARELLO, Georges; HOLT, Richard. O Corpo Trabalhado: Ginastas e Esportistas no século XXI. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História Do Corpo.** Tradução: KREUCH, João Batista; CLASEN, Jaime. 2. Ed. Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 2ed, São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. Transformações da linguagem e o advento da cultura modernista no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol.6, N. 11, 1993

SILVA, Haike Roselane Kleber da. **Sogipa: uma trajetória de 130 anos** (publicação comemorativa). Porto Alegre: Palloti, Editores Associados, 1997.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. **A Escrita da História. Novas Perspectivas**. Peter Burke (org.) São Paulo: Unesp, 1992.

SOARES, Carmem Lúcia. **Raízes Européias e Brasil**. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. **História, Memória e História da Educação. Histórias e Memórias da Educação no Brasil. v.III. século XIX.** STHEPANOU, Maria; CARRARA, Maria Helena. (org). Petrópolis: Vozes, 2005.

STEHLING, Luiz José. **Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria e os Alemães**. Juiz de Fora: FUNALFA, 1979.

SURERUS, Henrique. Viagem Imperial de Petrópolis a Juiz de Fora por ocasião de inaugurar-se a estrada "União e Indústria". **Coleção de Artigos publicados no "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro em 1861**. Juiz de Fora: Typographia "Sul", 1919.

TESCHE, Leomar. **O Turnen, a Educação e a Educação Física nas Escolas Teuto-Brasileiras, no Rio Grande do Sul (1852-1940**).Ijuí: Unijuí, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral**.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

TOMAZ, Vandelei. Caminho Novo da Estrada Real em Juiz de Fora. In: **Juiz de Fora – a cidade em Revista.** Juiz de Fora: Secretaria de Educação, 2006.

Tribuna de Minas, Juiz de Fora, 07 Abr. 1985

VAGO, Tarcísio Mauro **Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920).** Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

VARGAS, Renata Corrrea. **Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora: Escolarização e Educação Physica (1889-1911).** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

VAZQUEZ, Pedro Karp. **Fotógrafos alemães no Brasido século XIX**. São Paulo: Metalivros, 2000.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

YAZBECK, Dalva Carolina de Menezes. Formando os bons trabalhadores: Os primeiros Grupos Escolares em Juiz de Fora, Minas Gerais. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia: n.2, jan/dez., 2003.

_____,Marília Neto Kappel da. Imprensa e Educação:Concepção e trajetória do primeiro ano de funcionamento dos Grupos Escolares de Juiz de Fora, através das páginas dos jornais locais.IN: **Anais do IV Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais**.Juiz de Fora (7 a 10 de maio de 2007)

YAZBECK, Ivanir; GAMA, Maurício. **O Espírito do São Roque.** Juiz de Fora: Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura, 1996.

ANEXO I – Contrato do imigrante Heinrich Griese

Transcrevemos o contrato do engajamento do Sr. Griese.

"Companhia União e Indústria - Contracto de engajamento do Sr. Heinrich Griese, mestre carpinteiro de seges.

Eu abaixo assignado Heinrich Griese, natural de Holstein, mestre carpinteiro de seges, obrigo-me a servir a Companhia União e Industria, estabelecida na província de Minas Geraes do Imperio do Brazil, na dita qualidade fazendo toda obra do meu officio, e segundo exigido fôr caixas de seges, carruagens e carros de correio, assim como toda obra de carros de correio e de carreto pelo tempo e condições seguintes:

1ª - A duração do presente contracto de engajamento será de dous annos a contar do dia da chegada ao meu destino na estação de Juiz de Fóra.

2ª - O meu jornal por cada dia em que trabalhar será de dois mil reis moeda brasileira, cujo jornal ser-me-ha pago no fim de cada mez.

3ª - As despezas de transporte tanto por mar como por terra até chegar a mencionada Estação de Juiz de Fóra serão pagas pela Companhia.

4ª - A Companhia fica obrigada a sustentar-me e alojar-me durante o tempo do meu contracto, de conformidade ao que pratica com outros em eguaes circumstancias.

5ª - A Companhia se obriga a dar-me trabalho durante o tempo do meuençajamento, e desde que chegado seja, ao pre-citado destino.

6ª - O proponente contractado não poderá ser roto por mim ou pela Companhia sem uma indenização do duplo do importe de minha passagem e despezas.

7ª - Todas as desintelligencias que possam apparecer acerca da execução das clausulas precedentes, serão decidi das pelo administrador das officinas, com appellação para o director-presidente da Companhia.

Feita em duplicata em Hamburgo, aos 11 de outubro de 1855.

Ass. Heinrich Julios Griese

Ass. H. F. Eschels, pela Companhia União e Indústria

Visto Consular

O presente contracto foi acceito pelo Sr. H. F. Eschles em nome e com poderes especiaes do Director-Presidente da Companhia União e Industria, a qual, como seu representante, garante a devida execução das precedentes condições.

Ass. José Lucio Correa

Consul Geral do Brasil em Hamburgo.

ANEXO 2- Lista de Diretorias do Turnerschaft-Club Gymnastico Juiz de Fora

Data: 05 de junho de 1910
Presidente: Matheus Kascher
Vice-Presidente: Gustavo Nietzsch
1 Secretário: Joaquim Ferreira Primo
2 Secretario: Augusto C. Bastos
Tesoureiro: Carlos Stiebler
1 Diretor de Ginástica: Gustavo Nietzsch
2 Diretor de Ginástica: Hans Happel

Data: 22 de junho de 1911
Presidente: Matheus Kascher
Vice-Presidente: Carlos Stiebler
1 Secretário: Manoel José de Castro Junior
2 Secretario: Augusto C. Bastos
Tesoureiro: Carlos Stiebler
1 Diretor de Ginástica: Hans Happel
2 Diretor de Ginástica:?

Data: 28 de janeiro de1912
Presidente: Augusto Degwert
Vice-Presidente: Herman Nort
1 Secretário: Oscar Halfeld
2 Secretario:Rodolpho Stiebler
Tesoureiro: Oscar Meurer
1 Diretor de Ginástica: Hans Happel
2 Diretor de Ginástica:Herman Nordt

Data: 09 de fevereiro de 1913
Presidente: Augusto Degwert
Vice-Presidente: Antonio Stiebler
1 Secretário: Antonio Celso Vieira
2 Secretario: Christiano Degwert
Tesoureiro: Oscar Meurer
1 Diretor de Ginástica: Hans Happel
2 Diretor de Ginástica: Pedro Pereira Neto
Guarda Aparelhos: Arlindo Mattoso

Data: 30 de janeiro de 1914
Presidente: Augusto Degwert
Vice-Presidente: Antonio Stiebler
1 Secretário: Philippe Kaehler
2 Secretario: Christiano Degwert
Tesoureiro: Roberto Surerus
1 Diretor de Ginástica: Hans Happel
2 Diretor de Ginástica: Francisco L. Kascher
3 Diretor: Aristids F. da Costa
Fiscais: Henrique Surerus, Oscar Meurer

Data: 12 de fevereiro de 1915
Presidente: Augusto Degwert
Vice-Presidente: Antonio Stiebler
1 Secretário: Marcellino Henriques Maranhas
2 Secretario: Felippe Kaehler
Tesoureiro: Roberto Surerus
1 Diretor de Ginástica: Hans Happel
Fiscal Geral: Henrique Surerus

Data: 04 de fevereiro de 1916
Presidente: Augusto Degwert
Vice-Presidente: Antonio Stiebler
1 Secretário: Marcellino Henriques Maranhas
2 Secretario: Philippe Kaehler
Tesoureiro: Roberto Surerus
1 Diretor de Ginástica: Hans Happel
Fiscal: Henrique Surerus

Data: 18 de abrl de 1917
Presidente: Coronel Theodorico de Assis
Vice-Presidente: Antonio Stiebler
1 Secretário: Genaro Vidal Leite Ribeiro
2 Secretario: Dr. Martinho da Rocha Junior
Tesoureiro: Horacio de Medeiros
1 Diretor de Ginástica: Hans Happel
*Caetano Evangelista obtém apenas 1 voto

Data: 10 de abril de 1918
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Dr. José Flores
1 Secretário: Francisco L. Junior
2 Secretario: Dr. Martinho da Rocha Junior
Tesoureiro: José Chelini
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Francisco Mattos
Revisão de contas: Roberto Surerus, Horacio Medeiros

Data: 07 de abril de 1919
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Dr. Nisio Baptista de Oliveira
1 Secretário: Zeferino de Castro Andrade
2 Secretario: Francisco Mattos
Tesoureiro: José Chelini
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Carlos Grünewald

Data: 05 de abril de 1920
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Francisco de Garcia Lacerda
1 Secretário: Adolpho Mattos Filho

2 Secretario: Honório Carvalho Filho
Tesoureiro: Francisco Camara eleito e logo após pede exoneração do cargo assumindo José Chelini
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal:Antonio Bichara eleito mas não assume por ser menor de 21 anos. No seu cargo fica Felicio Bichara
Comissão de contas: Odalcino Marques, Lauro de Oliveira

Data: 29 de março de 1921
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Zeferino de Castro Andrade
1 Secretário: Adolpho Mattos Filho
2 Secretario: Honório Carvalho Filho
Tesoureiro: Francisco Camara
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista

Data: 20 de março de 1922
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Zeferino de Castro Andrade
1 Secretário: Adolpho Mattos Filho
2 Secretario: Honório Carvalho Filho
Tesoureiro: Francisco Camara Portocarrero
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Felício Bechara

Data: 10 de Abril de 1923
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Zeferino de Castro Andrade
1 Secretário: Adolpho Mattos Filho
2 Secretario: Honório Carvalho Filho
Tesoureiro: Antônio Correa
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Reynaldo Teixeira

Data: 27 de Março de 1924
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Lauro Oliveira
1 Secretário: Bolívar G. Duque
2 Secretario: Afonso Eschold
Tesoureiro: Sebastião Carvalho
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Gentil Costa(até Janeiro de 1925) Antônio Urso Filho

Data: 17 de Março de 1925
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Theodomiro Róthiés Duarte
1 Secretário: Bolívar G. Duque
2 Secretario: Valdemar Herdtman

Tesoureiro: Sebastião Carvalho
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Antônio Urso Filho

Data: 23 de Abril de 1926
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Aristeu de Castro
1 Secretário: Manoel Gomes Filho
2 Secretario: Alceu Dias
Tesoureiro: Sebastião Carvalho
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Manoel Gonçalves da Silva

Data: 20 de Maio de 1927
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Henrique Meurer Sobrinho
1 Secretário:Aristeu de Castro
2 Secretario: Sebastião de Carvalho
Tesoureiro: Edgard de Castro
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Antonio Urso Filho

Data: 15 de Maio de 1928
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Zeferino de Castro Andrade
1 Secretário:Bolívar Guimarães Duque
2 Secretario: Guilherme Surerus
Tesoureiro: Rubens Pinto de Moura
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Jandyr Barbosa

Data: 1929 ?
Data: 22 de Abril de 1930
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Moacir Fernandes
1 Secretário: Moacir Paula
2 Secretario: Guilherme Surerus
Tesoureiro: Bolívar Guimarães Duque
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Ernesto Evangelista
Data: 03 de Julho de 1931
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Dr. Alberto Andrés
1 Secretário: Luiz Enéas Messcolin Júnior
2 Secretario: João Roberto Krauss
Tesoureiro: Alberto Fonseca
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Antônio Fraga

Data: 26 de Abril de 1932
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Dr. Clóvis Jaguaribe
1 Secretário: Adolpho Gonçalves Moreira
2 Secretario: João Ribeiro Krauss
Tesoureiro:
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Sebastião de Carvalho

Data: 1933 ?

Data: 1934 ?

Data: 07 de Maio de 1935
Presidente: Dr. Eduardo de Menezes Filho
Vice-Presidente: Sebastião Lopes de Carvalho
1 Secretário: Luiz Enéas Mescolin Júnior
2 Secretario: João Ribeiro Krauss
Tesoureiro: Geraldo Carraca
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Ernesto Evangelista

Data: 28 de Fevereiro de 1936
Presidente: Dr. José Carlos de Moraes Sarmento
Vice-Presidente: Sebastião Lopes de Carvalho
1 Secretário: Gabriel Gonçalves
2 Secretario: Pedro Couri/depois Moacyr Girardi
Tesoureiro: Geraldo Carraca
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Ernesto Evangelista/depois Antonio Bechara

Data: 25 de Maio de 1937
Presidente: Dr. José Carlos de Moraes Sarmento
Vice-Presidente: Sebastião Lopes de Carvalho
1 Secretário: Gabriel Gonçalves da Silva
2 Secretario: Célio Evangelista
Tesoureiro: Geraldo Gomes Carraca
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Antonio Bechara

Data: 1938 ?

Data: 1939 ?

Data: 19 de Julho de 1940
Presidente: Norberto Pinto
Vice-Presidente: Olegário Gerheim
1 Secretário: Rinaldo Orlandi
2 Secretario: Ernesto Evangelista
Tesoureiro: Geraldo Gomes Carraca

Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Conselho Fiscal: Dr. José Procópio Filho, Sr. Luiz Correa e Castro e Dr. Luiz Alves Valadão.

Data: 29 de Março de 1941
Presidente: Norberto Pinto Junior
Vice-Presidente: Olegário Gerheim
1 Secretário: Heider Santos
2 Secretario: Geraldo Gomes Carraca
Tesoureiro: Guilherme Ritter
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista

Data: 28 de Abril de 1942
Presidente: Dr. José Carlos Moraes Sarmento
Vice-Presidente: Ernesto Evangelista
1 Secretário: Heider Santos
2 Secretario: Célio Evangelista
Tesoureiro: Pedro Couri
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Socrates Miranda

Data: 1943 ?

Data: 14 de Abril de 1944
Presidente: Capitão Alvaro Cardoso
Vice-Presidente: ?
1 Secretário: Fernando Ozório Alves
2 Secretario: Geraldo da Silva Gomes
Tesoureiro: José Fábio Rocha
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista

Data: 1945 ?

Data: 1946 ?

Presidente: ?
Vice-Presidente: ?
1 Secretário: Célio Evangelista
2 Secretario: ?
Tesoureiro: Olavo Ferreira Leite
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista

Data: 21 de Março de 1947
Presidente: Ivan Vidal Leite Ribeiro
Vice-Presidente: Fernando Osorio Alves
1 Secretário: Célio Evangelista
2 Secretario: Virgilio A. Pereira da Silva Jr.
Tesoureiro: Olavo Ferreira Leite
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Conselho Fiscal: Heider Nunes dos Santos, Pedro Couri, e Italo Pasquini

Fiscal Geral: Antonio Mauler

Data: 13 de Abril de 1948
Presidente: Ivan Vidal Leite Ribeiro
Vice-Presidente: Fernando Osorio Alves
1 Secretário: José Ceo Azul Soares
2 Secretario: Virgilio A. Pereira da Silva Jr.
Tesoureiro: Olavo Ferreira Leite/Auxiliar: Flora Vidal
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Fiscal: Gilberto Vellaco de Oliveira

Data: 1949
Presidente: Ivan Vidal Leite Ribeiro
Vice-Presidente: Fernando Osorio Alves
1 Secretário: José Ceo Azul Soares
2 Secretario: Jorge Magaldi
Tesoureiro: Olavo Ferreira Leite/Auxiliar: Flora Vidal
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista/Auxiliar: Heider Santos e Ézio Mazocolli

Data: 1950 ?

Data: 06 de Abril de 1951
Presidente: Ivan Vidal Leite Ribeiro
Vice-Presidente: Fernando Osorio Alves
1 Secretário: Severiano de Moraes Sarmento
2 Secretario: Jeferson Daibert
Tesoureiro: Olavo Ferreira Leite/
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista

Data: 19 de Agosto de 1952
Presidente: Fernando Osorio Alves
Vice-Presidente: Luiz Eugênio Corrêa Maia
1 Secretário: ?
2 Secretario: Ulisses Altomar
Tesoureiro: Olavo Ferreira Leite
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista

Data: 19 de Maio de 1953
Presidente: Mauro Caldeira de Miranda Ribeiro
Vice-Presidente: João Roberto Numan Vieira
1 Secretário: Dr. Roberto Medeiros/Luiz Rangel
2 Secretario: Julio Coelho/Jorge Magaldi
1 Tesoureiro: Olavo Ferreira Leite
2 Tesoureiro: Eddi Jorge
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista

Data: 25 de Abril de 1954
Presidente: Mauro Caldeira de Miranda Ribeiro
Vice-Presidente: João Roberto Numan Vieira
1 Secretário: Jorge Magaldi

2 Secretario: Luiz Carvalho Magaldi
1 Tesoureiro: Abdo Wadih Farah
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista
Comissão de Contas: Major Francisco José Afonso, Ezio Mazocolli e José Pedro Barata de Pinho.

Data: 05 de Abril de 1955
Presidente: João Roberto Numan Vieira
Vice-Presidente: Felicio Pifano
1 Secretário: Mauro Marsicano Ribeiro
2 Secretario: Celso Miranda Andrade
1 Tesoureiro: Olavo Ferreira Leite
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista

Data: 1956 ?

Data: 17 de Novembro de 1957
Presidente: José Vale da Fonseca
Vice-Presidente: Pedro Coury
1 Secretário: Geraldo Mendes
2 Secretario: Gudesteu Mendes
1 Tesoureiro: Diógenes M. Rocha
Diretor de Ginástica: Caetano Evangelista

Data: 1958 a 1965 ?

Data: 01 de Abril de 1966
Presidente: Joaquim Henrique Viana Junior
Vice-Presidente: Geraldo Mendes
1 Secretário: Silvio Netto Junior
2 Secretario: Jair Nascimento
1 Tesoureiro: Roque Lovisi
Diretor de Ginástica: Italo Paschoal Luiz
Presidente de Honra: José Valle da Fonseca

Data: 01 de Abril de 1967
Presidente: Joaquim Henrique Viana Junior
Vice-Presidente: Antonio Henrique Viana
1 Secretário: Geraldo Fernandes Ervilha
2 Secretario: Jair Nascimento
1 Tesoureiro: Roque Lovisi
Diretor de Ginástica: Italo Paschoal Luiz
Presidente de Honra: José Valle da Fonseca

Data: 01 de Abril de 1968
Presidente: Joaquim Henrique Viana Junior
Vice-Presidente: Antonio Henrique Viana
1 Secretário: Jair do Nascimento
2 Secretario: Edison de Oliveira Miranda
1 Tesoureiro: Roque Lovisi

Diretor de Ginástica: Italo Paschoal Luiz

Data: 05 de Abril de 1969
Presidente: Joaquim Henrique Viana Junior
Vice-Presidente: Antonio Henrique Viana
1 Secretário: Jair do Nascimento
2 Secretario: Edison de Oliveira Miranda
1 Tesoureiro: Roque Lovisi
Diretor de Ginástica: Italo Paschoal Luiz

Data: 02 de Abril de 1970
Presidente: Antonio Henrique de Mattos Vianna
Vice-Presidente: Italo Paschoal Luiz
1 Secretário: Edison de Oliveira Miranda
2 Secretario: Reynaldo Teixeira Alves
1 Tesoureiro: Roque Lovisi
Diretor de Ginástica: Italo Paschoal Luiz

Data: 04 de Abril de 1971
Presidente: Antonio Henrique de Mattos Vianna
Vice-Presidente: Italo Paschoal Luiz
1 Secretário: Roque Lovisi
2 Secretario: Maria José Cigani Luiz
1 Tesoureiro: Roque Lovisi
Diretor de Ginástica: Italo Paschoal Luiz

Data: 04 de Abril de 1972
Presidente: Italo Paschoal Luiz
Vice-Presidente: Antonio Henrique de Mattos Vianna
1 Secretário: Roque Lovisi
2 Secretario: Maria José Cigani Luiz
1 Tesoureiro: Roque Lovisi
Diretor de Ginástica: Italo Paschoal Luiz
Data: 04 de Abril de 1973
Presidente: Italo Paschoal Luiz
Vice-Presidente: Antonio Henrique de Mattos Vianna
1 Secretário: Roque Lovisi
2 Secretario: Maria José Cigani Luiz
1 Tesoureiro: Roque Lovisi
Diretor de Ginástica: Italo Paschoal Luiz

Data: 07 de Abril de 1974
Presidente: Italo Paschoal Luiz
Vice-Presidente: Antonio Henrique de Mattos Vianna
1 Secretário: Roque Lovisi
2 Secretario: Maria José Cigani Luiz
1 Tesoureiro: Roque Lovisi
Diretor de Ginástica: Italo Paschoal Luiz
Fiscal: Hildebrando Barbosa

Data: 04 de Abril de 1975
Presidente: Italo Paschoal Luiz
Vice-Presidente: Roque Lovisi
1 Secretário: Dimas Teixeira da Silva
2 Secretario: Maria José Cigani Luiz
1 Tesoureiro: Roque Lovisi
Diretor de Ginástica: Italo Paschoal Luiz
Fiscal: Hildebrando Barbosa

Data: 01 de Abril de 1976
Presidente: Italo Paschoal Luiz
Vice-Presidente: Antonio Henrique de Mattos Vianna
1 Secretário: Dimas Teixeira da Silva
2 Secretario: Maria José Cigani Luiz
1 Tesoureiro: Roque Lovisi
Diretor de Ginástica: Italo Paschoal Luiz
Fiscal: Hildebrando Barbosa

Data: 31 de Março de 1977
Presidente: Italo Paschoal Luiz
Vice-Presidente: Antonio Henrique de Mattos Vianna
1 Secretário: Dimas Teixeira da Silva
2 Secretario: Maria José Cigani Luiz
1 Tesoureiro: Roque Lovisi
Diretor de Ginástica: Italo Paschoal Luiz
Fiscal: Hildebrando Barbosa

Data: 31 de Março de 1978
Presidente: Italo Paschoal Luiz
Vice-Presidente: Antonio Henrique de Mattos Vianna
1 Secretário: Paschoal Antonio Cigani
2 Secretario: Maria José Cigani Luiz
1 Tesoureiro: Roque Lovisi
Diretor de Ginástica: Italo Paschoal Luiz
Fiscal: Hildebrando Barbosa

Data: 31 de Março de 1979
Presidente: Italo Paschoal Luiz
Vice-Presidente: Antonio Henrique de Mattos Vianna
1 Secretário: Paschoal Antonio Cigani
2 Secretario: Dimas Teixeira Silva
1 Tesoureiro: Roque Lovisi
Diretor de Ginástica: Italo Paschoal Luiz

Anexo 3 - Contrato entre a Liga Mineira Contra Tuberculose e o Turnerschaft-Club Gymnastico

CONTRATO. A Liga Mineira Contra Tuberculose, como commodante e o Tunerschaft Club Juiz de Fora, como commodatário, representados respectivamente por seus presidentes e directores abaixo assignados, contractam o seguinte: A commodante dá, por empréstimo gratuito,ao commodatario, o uso do edifício em que foi instalada a ESCOLA DE EDUCAÇÃO PHYSICA DONA MARIA DO CARMO, á rua da Gratidão, n. 266, e o terreno anexo até a cerca que o separa do Instituto Pasteur de Juiz de Fora, com os móveis e apparelhos descritos na relação junta (a qual faz parte integrante deste contracto e é assignada e rubricada por ambos os contractantes) sob as seguintes condições:

PRIMEIRA

O presente contracto vigorará emquanto o commodatario realizar, com efficiencia, os fins hygienicos e Moraes da Escola de Educação Physica Dona Maria do Carmo e zelar cuidadosamente pela conservação do prédio e moveis, tudo a juízo do presidente da commodante excluivamente.

SEGUNDA

Caso não sejam satisfeitas pelo commodatario as exigências da clausula retro, o mesmo commodatario entregará – In Continent – á commodante os objectos emprestados e predio, sob a pena de contra elle usar-se de ação summaria de despejo do predio urbano.

TERCEIRA

Correrá por conta do commodatario toda a culpa lata, leve e levíssima falta de conservação das coisas emprestadas.

QUARTA

O comodatário não poderá fazer qualquer modificação ou alteração no prédio e demais coisas emprestadas sem licença escripta da commodante convenção sobre a qual das duas partes se obrigará pelas respectivas despezas.

QUINTA

Serão pagas pelo commodante as seguintes dês, despezas das coisas emprestadas: impostos de qualquer natureza sobre o prédio, luz electrica e reparações, tanto internas, como externas, que sejam necessárias por obra natural do tempo.

SEXTA

Nenhum objecto dos emprestados poderá ser retirado do prédio sem licença escripta da commodante e convenção sobre quem será responsável por extravio ou estrago provindo da retirada.

E de como assim hajam livremente contratado, lavrou-se, para constar, o presente instrumento em duas vias, que depois de lidas por ambas as partes contractantes, por ellas assignadas, por estarem conformes, tudo na presença das duas testemunhas abaixo assignadas. Para o effeito de ser pago o imposto deste contracto, ambos os contractantes avalizam a responsabilidade resultante do mesmo contracto em dois contos de reis.

Juiz de Fora, 29 de setembro de 1915.

Pela Liga Mineira Contra Tuberculose, ass.- Dr. Eduardo de Menezes, Presidente.

Pelo Turnerschaft Club Juiz e Fora, ass.- Augusto Degwert, Presidente. Antonio Stiebler,Vice-Presidente. Marcellino Henrique Maranha, 1º secretario. Phellipe Koeler, 2º Secretario. Roberto Surerus, Thesoureiro. Hans Happel, Director. Henrique Surerus, Fiscal.

Anexo 4 - ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1) Nome completo
2) Data de nascimento e local onde nasceu
3) Qual é sua profissão ou quais atividades profissionais você já realizou?
4) Qual foi o período que você participou do Clube?
5) O que significou o Clube na sua vida? Qual importância ele tem ou teve para você?
6) Como era seu instrutor? Como ele se relacionava com a turma?
7) Você lembra de alguns exercícios?
8) Havia exigência de alguma roupa para as atividades?
9) Quantas pessoas frequentavam a sua turma? Quantas frequentavam o clube?
10) Quem participava da sua turma?Quem eram eles e o que faziam? Você tem contato com algum deles? Sabe endereço, telefone por exemplo.
11) Você se lembra de outros alunos do clube? Quem eram eles e em que trabalhavam? Pertenciam a que classe social?
12) Como eram divididas as turmas, quais horários eram as aulas, e dias da semana. Quais eram os espaços de aula?
13) Era necessário o pagamento de alguma quantia ao clube?
14) No clube eram realizadas várias festas comemorativas. Você participou de algumas delas? Como as descreve?
15) O clube participava de várias competições com outros times. Você participou de alguma destas competições? Você lembra de algum jogo?
16) Você saberia me dizer os motivos do seu fechamento?
17) Qual melhor lembrança do período em que participou do clube? Quais ensinamentos o clube deixou para você?

ANEXO 6 - Resumo biográfico dos entrevistados

1) João Roberto Nunam Vieira

Nasceu em Belo Horizonte no Estado de Minas Gerais no dia 18 de maio de 1925. Trabalhou em Belo Horizonte no Banco Nacional de Minas Gerais e depois em Juiz de Fora com uma firma de representação. Participou como sócio do Clube em duas fases da sua vida: quando criança e depois aos 30 quando foi convidado para ser vice-presidente. Hoje está com 85 anos de idade.

2) Odett Ciampi

Nasceu em Juiz de Fora no Estado de Minas Gerais no ano de 1921. Formada em Serviço Social, trabalhou durante anos no Educandário Carlos Chagas. No Clube participou das aulas de voleibol ainda jovem. Hoje está com 89 anos.

3) Ophélia Ciampi Nóbrega

Nasceu em Juiz de Fora no Estado de Minas Gerais no ano de 1920. Direcionou suas atividades profissionais para área administrativa. Participou no Clube das atividades de ginástica. Hoje está com 100 anos.

4) Elyett Villela de Castro

Nasceu em São João Del Rei no Estado de Minas Gerais. Trabalhou na cidade em cartório e no Inamps, atual Instituto Nacional de Previdência Social em Juiz de Fora. No Clube participou das aulas de voleibol na década de 50.

5) Haroldo Pagy Thees

Nasceu em Juiz de Fora no dia 26 de março de 1935. Bancário aposentado do Banco do Brasil, trabalhou com taxi aéreo na parte burocrática. Foi produtor rural e atualmente é empresário. Foi atleta de basquete no Clube Ginástico, e esteve associado ao Clube dos seis aos vinte e cinco anos de idade. Hoje está com 75 anos.

6) Mariângela Soares Vianna

Nasceu em Juiz de Fora no dia 12 de setembro de 1956. É Psicóloga e Filósofa. Trabalhou durante anos como professora e hoje dirije o Instituto Viana Junior. Participou do Clube Ginástico nas aulas de ginástica na década de 1960. Hoje está com 54 anos

7) Alberto Surerus

Nasceu em Juiz de Fora no dia 26 de junho de 1926. Exerceu toda suavida na área industrial sendo diretor e acionista dos Curtumes Surerus S. A. da Vila Ideal e S. A. Curtume Krambeck no bairro Fábrica, durante 45 anos ininterrupitos. No Clube Ginástico praticou basquetebol e quando criança da ginástica. Hoje está com 84 anos.

8) Jorge Magaldi

Nasceu no Rio de Janeiro no dia 20 de março de 1928. Advogado, trabalhou como Juiz na comarca de Extrema no sul de Minas, onde ficou 19 anos em Extrema. Depois foi promovido para Lima Duarte, Cataguases, Juiz de Fora e por último para

Belo Horizonte. Participou das aulas de basquetebol e foi secretário do Clube nos anos 1949, 1953 e 1954. Hoje está com 82 anos.

9) Ítalo Paschoal Luiz

Nasceu em Juiz de Fora no dia 15 de fevereiro de 1927. Dedicou sua vida ao esporte, foi goleiro do Tupi e ginasta do Clube Giástico e posteriromente se tornou preparador físico do Tupi e Professor e Diretor do Clube Ginástico. Hoje está com 83 anos.

10) Climene Evangelista de Almeida

Nasceu em Juiz de Fora. Participou do Clube Ginástico a maior parte de sua vida, pois é filha de Caetano Evangelista, ajudando-o durante suas aulas tocando piano. Além disso, foi atleta de voleibol. Trabalhou em Juiz de Fora como professora da Escola Normal, depois como secretária na Universidade de Brasília e voltando a Juiz de Fora assumiu a profissão de professora do Jardim de Infância Mariano Procópio.

11) Rommel Jaenicke

Nasceu em Juiz de Fora no dia 13 de Julho de 1950. Professor de Educação Física, trabalhou em Belo Horizonte, lecionou no Colégio de Aplicação João XXIII de Juiz de Fora e no Colégio Estadual, aposentou como professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora. Foi atleta de ginástica de aparelhos no Clube Ginástico de 1965 a 1970.

12) Patria Soares de Almeida Zambrano

Nasceu em Juiz de Fora no dia 30 de agosto de 1939. Professora de Educação Física formada pela Escola de Educação Física de Minas Gerais. Trabalhou em diversos colégios da cidade. Foi uma das responsáveis pela introdução da disciplina Educação Física na Rede Municipal de Ensino. Atuou como Secretária de Educação e como Superintendente da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (FUNALFA). Foi aluna do Clube Ginástico aos 8 anos e mais tarde participaou das atividades de voleibol. Hoje está com 71 anos.

ANEXO 6- Entrevistas

Entrevista 1: JOÃO ROBERTO NUMAN VIEIRA

J: Bom, estou aqui com João Roberto Nunam Vieira. João por favor, seu nome completo.
JR: João Roberto Numan Vieira

J: É...qual é a data do seu nascimento?
JR: 18 de Maio de 1925

J: E onde o senhor nasceu?
JR: Nasci em Belo Horizonte.

J: Em Belo Horizonte?
JR: É.

J: Qual foi a sua profissão durante toda a sua vida? Quais as atividades que o senhor exerceu ao longo de sua vida, desde o período? Se o senhor se formou, onde trabalhou, que o senhor já fez, assim... se fosse para perguntar para o senhor descrever um pouquinho da sua vida.
JR: Eu direi... eu estudei no Granbery de 1939 a 1945 e em 45 eu tirei o científico. Na época existia o cientifico e o clássico. Eu tirei o cientifico em 1945. Poucos meses depois, eu consegui um emprego no Banco Nacional de Minas Gerais em Belo Horizonte. Então, eu fui ser funcionário do Banco Nacional na rua Tupinambás em Belo Horizonte. Eu fiquei lá mais ou menos uns 10 meses ou, é... menos de um ano um pouquinho. Saí, fiz uma... uma sociedade. Não foi uma firma criada, eu e meu amigo compramos um caminhão financiado e eu fui pegar areia, pegar... pegar tijolo. Tinha um amigo meu que tinha uma olaria lá que hoje é o bairro da barroca, aquilo ali era descampado de maneira que existia uma olaria. Então eu comprei um caminhão e eu pegava tijolo desse amigo e entregava nas obras, ganhava um carreto. Isso durou mais ou menos um ano e pouco porque pegar... trabalhar carregando tijolo e areia num é fácil. Eu tinha nessa época, eu me casei com 24, isso foi uns 2 ou 3 anos antes, eu devia ter 21, 22 anos no máximo, quando eu tive esse caminhão de sociedade, depois eu....nessa época eu fiquei, já tinha interesse em trabalhar com representações, porque eu não tinha capital para montar nada que fosse... que dependesse de capital, de maneira que comei a trabalhar como representações. Fiquei conhecendo em Belo horizonte uma pessoa que trabalhava com representação de madeira, um velhinho maravilhoso e ele me deu então a sub-representação pra Juiz de Fora, aí eu fui e voltei pra Juiz de Fora como sub-representante de madeira dele. Pouco tempo depois ele mesmo começou a me... me autorizar e me pediu pra eu dirigir diretamente à firma, porque ele nunca tinha vindo aqui e não se interessava pelo...pelo mercado de Juiz de Fora. Naquela época eram onze horas de estrada, porque a estrada não era asfaltada de maneira que um caminhão demorava, um carro demorava onze horas de viagem quando chegava bem, né? E os caminhões é... muito mais, de maneira que ele nunca se interessou pela Praça de Juiz de Fora. Aí, ele me autorizou e eu fiquei sendo representante

direto. Eu devo isso a esse senhor que se chamava Geraldo Figueiredo. Aí, eu comecei a lidar diretamente com a firma e daí criei um escritório que na época foi um dos maiores escritórios de representações de madeira da cidade. Eu tive muitos fregueses grandes, só trabalhava no atacado. Então, essa que foi a minha profissão até o fim da vida. Até o fim da minha vida profissional.

J: Bom, o tema da pesquisa, ele fala sobre o Clube Ginástico, né? É... no início é... quando jovem, o senhor participou desse Clube?

JR: Eu fui convidado. Eu fiquei fora da vida do Clube Ginástico muitos anos, porque eu frequentei quando eu era garoto, minha família morava aqui, meus pais é...frequentaram o clube. A minha mãe, na hora das senhoras, meu pai, na hora dos homens, senhores, porque era tudo separado, as moças num dia, os rapazes outros dias, tudo. Então eu frequentei quando era garoto e minha família toda frequentou. Depois eu fiquei ausente muitos anos, porque minha família mudou daqui. Meus pais mudaram daqui, porque ele era do Ministério da Agricultura, ele foi transferido. E eu então fui pro Granbery, no Granbery é que eu pratiquei muito esporte, tirei o curso cientifico. Fiquei longe das atividades do Clube Ginástico. Que até que um belo dia eu já estava casado, devia estar com uns 29 anos mais ou menos, eu recebo o telefonema de um conhecido meu, o Mauro Miranda, me convidando para ser o vice presidente dele lá no Clube Ginástico, e o professor Caetano, com todo apoio do professor Caetano, que já era conhecido da família, essa coisa. Eu pensei, aceitei e fiquei sendo o vice-presidente do Mauro.

J: Qual período que o senhor ficou como vice e como presidente?

JR.: Como vice. Honestamente acho que foram dois anos de cada. Dois anos como vice, quando ele saiu eu... eu assumi a presidência e fiquei como presidente por mais dois anos.

J.: O senhor lembra o ano que foi mais ou menos isso?

JR.: Por uma reportagem que existe no Diário da Tarde feita pelo cronista Alides Braga é... traz 1957. Quer dizer, retroagindo, eu devo ter entrado em 1953 como vice, e saí em 57 como presidente. Agora, a memória já não ajuda muito. Detalhes e muitos detalhes e tal eu não sei, eu não me lembro.

J.: Se fosse perguntar para o senhor hoje, qual que foi o significado do Club pra você, enquanto pessoa, qual que é a importância que ele teve pra sua vida?

JR: Eu comecei a fazer ginástica e a minha vida esportiva começou no Clube Ginástico quando eu era menino, quando eu era garoto. Nós morávamos na Rua Barão de Cataguases e ficávamos eu e mais uns dois ou três amigos esperando a luz do Clube Ginástico acender lá na Avenida dos Andradas e descíamos na hora que a luz à noite ascendia para a hora da nossa ginástica. Nós descíamos correndo porque tava na hora de abrir a porta, de maneira que a minha vida esportiva começou no Clube Ginástico com o professor Caetano Evangelista.

J: É... que você... como você lembra do seu instrutor? O senhor já falou que era o Caetano, né? E como que era a relação dele com os alunos? O senhor lembra alguma coisa?

JR: Não. Eu lembro que nós gostávamos muito de lá. Então, ele devia ser um ótimo professor. Devia ser uma pessoa muito querida por nós. Porque nós, era... nós tínhamos muita satisfação, ficávamos torcendo para a luz ascender pra gente fazer ginástica. Então, consequentemente, ele devia ser uma pessoa muito boa e que nós todos gostávamos dele.

J: E você lembra de alguns exercícios que fazia?. Como era assim, a estrutura de aula? Como que era?

JR: A ginástica era aquele processo antigo de fila indiana, marchando compreendeu? É aquele movimento de braços, de pernas. Coisa... aquela ginástica antiga que existia na época. Na época era o que havia de mais moderno.

J: E você lembra, Sr. João, de alguma roupa. Se existia alguma roupa, como é que era, uniforme?

JR: Não. Isso não me lembro.

J: Não, né?

JR: Não. Não tenho noção nenhuma como é que nós íamos pra lá.

J: E eram muitos alunos por turma? Como que era?

JR: Nós tínhamos, nós tínhamos lá... eu lembro que era uma fila indiana e uma fila grande, vamos dizer ai o quê... vinte, trinta, num era.

J: Por turma?

JR: E... mais ou menos, mais ou menos... eu acredito que umas trinta por turma, mais ou menos. Isso eu não tenho certeza.

J: E hoje, o senhor lembra de algumas pessoas que participaram do Clube? Que foram ou da sua turma ou pessoas que estiveram no Clube no período que o senhor participou como vice ou como presidente que a gente possa hoje ter um contato com eles ou procurar? Que possa ajuda na pesquisa.

JR: Na minha época, infelizmente... Eu não sei se o Fernando Ozório é vivo, ainda que mora em Belo Horizonte, ele teve uma ligação muito grande com o Clube Ginástico durante muito tempo e se chamava Fernando Ozório e... mudou-se para Belo Horizonte e depois de muito depois de ter participado da vida do Clube Ginástico, muitos anos, a família toda mudou. Ele mexia com seguros, trabalhava com seguros. Fernando Ozório, não sei se ainda é vivo.

J: Alguns outros alunos de quando o senhor foi presidente ou vice? O senhor lembra de alguma figuras?

JR: Infelizmente eu não lembro não.

J: E... o senhor poderia me dizer assim, essas pessoas que participavam do Clube era...a classe social delas, eram pessoas que tinham uma boa condição, eram pessoas que tinham menos... Como que era essa classe dessas pessoas que participavam?

JR: Eram, eu posso dizer que era quase a elite de Juiz de Fora que frequentava. Nós tínhamos ali, tinha a família Moraes Sarmento, tinha a família Teixeira, tinha a família Assis, é... que eu me lembro são essas e tem mais...

J: Tem problema não! Mas como que eram as aulas assim... O senhor falou questão de turmas, né? Como que eram divididas as turmas? O senhor lembra assim... horário... quando o senhor foi presidente?

JR: Não. Quando eu fui presidente eu participei mais da parte de construção, da reforma que nós fizemos lá naquela ocasião de remodelação do Clube. Construção mesmo, não foi só remodelação não, foram dependências que foram é... reformadas tecnicamente.

J: O senhor poderia me falar um pouquinho (junto com o término da resposta) melhor dessas reformas... Quando começou? O que foi? Qual que foi o incentivo que o senhor a... querer fazer essas reformas no Clube.

JR: Não. Não foi incentivo, foi necessidade. O Clube era próprio do Governo Estadual e o Governo deixou aquilo um pouco abandonado de maneira que havia necessidade de reformar, construções é... por motivos de segurança, por motivos técnicos, e já existia um projeto de presidentes anteriores que eu não sei quem entrou com esse projeto de reforma, mas já existia lá no Governo e não, e o Governo não tomava as providências que deveriam ter sido tomadas. Por coincidência na minha presidência, um amigo de uma família tradicional de Barbacena, família Razzo, ele se chamava, se chamava, eu também "tô" sem saber se ele já é falecido porque ele regula comigo e eu não sei mais dele chama-se Silvio Razzo, da família Razzo. Ele na época foi para a Diretoria de Esportes de Minas Gerais. Ele era o diretor, porque naquela época não era Secretaria de Esportes, era Diretoria de Esportes de Minas Gerais. Eu o procurei, falei com ele das necessidades prementes que havia para a reforma do, das obras do Clube, das dependências do Clube, ele prontamente desarquivou o processo, projeto que já estava lá anteriormente à presença dele na Diretoria e, é... proporcionou a reforma toda, que foi feita durante a minha gestão como presidente.

J.: E quando foram essas reformas assim... Que o senhor poderia falar? O que foi feito de mudança dentro da estrutura do Clube? (pausa curta)

JR.: Construímos a quadra da gente, foi toda reconstruída inclusive com, como que é... chama essa do basquete:

J.: Cesta?

JR.: Cestas. Toda, toda, toda nova. É... fizemos o bar, reformamos vestiário, reformamos o... Acabamos de reformar o salão de aparelhos que já tinha sido, já tinha sido começado, já estava uma parte pronta. Foi uma reforma praticamente geral no Clube. Na quadra externa nós fizemos também, mexemos na quadra externa. Foi uma reforma geral no Clube porque há muitos anos o Estado havia deixado aquilo lá mais ou menos de lado, apesar dos esforços das diretorias anteriores.

J: Além do Razzo que o senhor falou, né? Tem alguma outra pessoa que foi importante pro desenvolvimento...?

JR: Quê?

J.: Algumas pessoas que foram importantes pra que essa construção, essa mudança das estruturas fosse feita. Pessoas que foram importantes para que isso fosse possível.

JR.: Bom.

J: O Silvio, né? Que o senhor já tinha falado.

JR: Silvio Razzo como diretor de... principal. O cargo dele era presidente da Diretoria de Esporte de Minas Gerais. Ele é quem proporcionou a reforma. Porque ele é que soltou o dinheiro, né? Ele é que desarquivou um processo antigo conforme eu já falei e... e pagou a obra, financiou a obra que era deles. Então, não fizeram mais que a obrigação. Professor Caetano sempre participou das atividades do Clube, porque inclusive residia lá, num é? Além de ser professor de ginástica, ele participava de todas as atividades do Clube. Eu como presidente. O Dr. Valfredo Mendonça que era o engenheiro residente do Estado aqui em Juiz de Fora que era uma pessoa excepcional, um engenheiro, foi ele que tocou a obra tecnicamente, juntamente comigo que cuidei da parte comercial, mas o Dr. Valfredo Mendonça que era o engenheiro do Estado, ele era o engenheiro residente do Estado aqui em Juiz de Fora.

J: E... lá no Clube é... era necessário algum pagamento de mensalidade? O senhor lembra como que era feito esse pagamento ou alguma coisa assim?

JR: Honestamente na época que eu frequentei como é... aluno, naturalmente meu pai pagava e eu não tinha muito conhecimento disso.

J: Tá, e... das competições que o Clube participou, o senhor lembra de alguma assim que foi importante de algum jogo em Juiz de Fora que aconteceu?

JR: Na época o Clube Ginástico era um dos principais clubes que disputavam o basquetebol. Naquela época, o basquetebol era um esporte muito disputado na cidade, porque tinha o Olímpico que era clube muito é... bom e muito vivo com grandes jogadores, enfim, um clube também de muita categoria na parte esportiva, na parte social também, mas era uma disputa de basquete entre o Olímpico, entre o Ginástico e Tupi é... o Sport, Sport Club, quer dizer o Basquetebol era o principal é... esporte, além da ginástica, era o principal esporte que era disputado pelo Clube Ginástico.

J.: E... O Clube ele foi fechado em 1979, o senhor saberia me dizer hoje assim... alguns motivos que o senhor acha que poderiam ter sido pro seu fechamento?

JR.: Infelizmente não posso. Não posso porque quando entreguei a presidência, já com as obras inauguradas, fizemos uma festinha e tudo pronto, tudo inaugurado, tudo sanado, tudo comprovado. Quando eu entreguei a presidência eu me desliguei porque eu já nessa época, eu fui mais para o Clube Bom Pastor, porque eu fui diretor do Clube Bom Pastor e o Clube Bom Pastor estava sendo fundado, eu morava em frente, perto, do lado, de maneira que com entusiasmo, eu fui convidado para ser Secretário do Clube na 2ª diretoria. Eu fui 1° Secretário durante quatro anos mais ou menos. O presidente era o Dr. Darcy Bandeira. Foi na época do começo do Clube Bom Pastor. Aí eu já fiquei dedicado para o lado de cá e tal e já não tenho mais conhecimento de mais nada sobre o Clube Ginástico.

J.: O senhor falou que fez uma festa, o senhor lembra de algumas festas que ocorreram na Clube? Se...

JR.: Não. Começo que tinham condições de dar festas, infelizmente o salão não tinha, não tinha condição de dar festas não, na época. Depois vieram as obras o que as atividades que tinham lá era justamente as atividades esportivas, o basquetebol funcionando a todo vapor, sendo que num desses anos que eu tive lá foi campeão da cidade na direção de Wender Santos compreendeu! E... a parte de ginástica de aparelhos e tal que continuou funcionando no salão.

J.: E pra gente terminar, João, qual que é a melhor lembrança que o senhor tem assim do período do Clube? Ou como aluno, na época, ou como direi, como Presidente. Qual que é a melhor lembrança que o senhor tem e os ensinamentos que o Clube deixou?

JR: Eu aprendi muito ali e eu acho que o esporte até hoje, qualquer pessoa que entra para um Clube para fazer uma ginástica, pra praticar um esporte, pra conviver, conviver com o ambiente só leva saudade pro resto da vida. Fiz a parte física, é excelente porque um atleta tem é... no esporte é... uma... tem o preparo físico para a vida toda, quem pratica um esporte fica com um preparo físico melhor do que quem não pratica, entendeu? Na minha opinião, de maneira que o que eu tenho de lembrança de lá e que eu fui bem orientado e que pra mim foi muito fisicamente, eu continuei fazendo os meus esportes no Granbery e acho que levei vantagem com isso. Eu acho que foi ótimo pra minha vida.

J: João, tem alguma coisa que eu não perguntei que o senhor gostaria de falar, que você acha assim interessante estar contribuindo para o estudo, para a história do Clube Ginástico que eu não tenha perguntado?

JR.: Jakeline, eu acho que o trabalho que você está fazendo é de muita, traz muito beneficio para a história inclusive da Cidade, porque o Clube Ginástico foi um pioneiro em Educação Física aqui em Juiz de Fora. A parte moral que existia, que sempre existiu lá no Ginástico foi um exemplo pra rapaziada da época, pras famílias que frequentavam, pra tudo. Então, esse seu trabalho que “tá” revivendo isso tudo. Você está de parabéns.

J: Obrigada João. Eu que agradeço a sua entrevista. E muito obrigada, espero poder contar com o senhor mais vezes.

Entrevista 2: ODETTE CIAMPI

J: E queria saber Dona Odette o nome completo da senhora
O: Odette Ciampi só..
J.: Só Odette Ciampi

J: E qual a data de nascimento da senhora e onde a senhora nasceu?
O: 1921
J: 1921? E a senhora nasceu onde?
O: Aqui em Juiz de Fora

J: E a senhora... Qual que é a profissão? A senhora se formou? O que a senhora já fez durante a vida inteira da senhora?
O: Eu formei primeiro normal no Santa Catarina depois eu fiz o...mais o supletivo lá na Escola Normal porque a escola Normal ela não dava diploma no terceiro ano normal, o Santa Catarina é que dava. Então formei no Santa Catarina, depois eu não tinha o que fazer fui pra Escola Normal e na Escola Normal era a mesma coisa que eu tinha estudado lá, mas fiquei lá 'né?' Depois eu fiz o.. que eu queria fazer serviço social que eu sempre trabalhei nisso, mas é... eu não tinha ginásio, então eu fiz o ginásio num ano lá em , no Stella e fui fazer exame em Oliveira, depois eu fiz quatro anos de serviço social, não que abriu, eu fiz ouvinte, que eu não gosto de fazer lição e pra mim não interessava a parte de, não interessava o diploma não, me interessava era a parte teórica que eu não tinha, a prática eu tinha muita que eu trabalhei quarenta anos no Educandário Carlos Chagas e trabalhei dezenove ou dezoito na Ação Social Arquidiocesana do Seu Morão, então... trabalhei como voluntária, aí eu tinha a prática agora não tinha teoria nenhuma 'né?' Então eu fiz os quatro anos ouvinte, não sei se é três ou quatro anos, eu acho que são quatro anos, logo que abriu. Era aqui na Avenida Rio Branco depois ela foi pra faculdade 'né?' Medicina, a faculdade era das irmãs missionárias. Eu gostava muito!

J: E... a senhora participou do Clube Ginástico 'né?' E qual... a senhora lembra qual período que a senhora participou?
O: Não! Não tenho nem idéia
J: Assim, qual ano?
O: Tenho nem idéia, nem a idade que eu tinha pra ir lá. Eu sei que era mocinha mas não sei, não me lembro mesmo.

J: E a senhora assim, hoje quando a senhora pensa no Clube, qual que é a importância que a senhora tem, teve 'pra' vida da senhora?
O: Ah! Mas muita porque eu, eu acho que era uma época assim que nem todo mundo fazia esporte e a gente fazia o (gaguejou) o esporte. Era uma coisa que a gente gostava, encontrava com as amigas apesar delas serem mais idosas do que a gente, porque nós éramos mocinha ainda. Elas não eram idosas, mas nós éramos mocinha ainda. Era uma... turma muito agradável, muito boa, coisa assim mesmo de (pausa curta) de amizade assim de família.

J: E lá no Clube a senhora lembra quem era o seu professor, como ele se relacionava com a turma?

O: Ah... Muito bem, muito educado, muito bom. Ele era enérgico, mas ele era é... dessas pessoas enérgicas mas educadas 'né?', o seu Caetano era muito educado e... tudo muito... também ali não tinha nenhuma criança 'né?' Então a gente fazia ginástica ou jogava vôlei, mas nada assim pra competir, não tinha nada dessas coisas não.

J: A senhora lembra como que era a aula? A senhora lembra de alguma algum exercício?
O: Não. Não! eu não me lembro nem fazendo ginástica eu não me lembro. Só me lembro do vôlei, eu era levantadora.
J: Olha...
O: É só isso. Levantadora não, eu acho que eu... que eu era cortadora. Ah nem sei! È uma vez uma coisa, outra vez outra.
J: Uma coisa que cada dia, era boa em tudo.
O: Era. Boa não, mas, a gente não tinha ali pretensão nenhuma não 'né?'. Era pra diversão mesmo.

J: E a senhora lembra se havia assim a exigência de alguma roupa?
R: Não, não!
J: Como que era essa roupa...
O: Não!Não, não lembro não. Eu lembro só que tinha que por um calção 'né?', mas eu não me lembro. Não me lembro não como era... eu não sei não.

J: E a senhora lembra quantas pessoas tinham na sua turma? Em média.
O: Não. Mais ou menos essas que a Ophelia falou 'né?' Não sei. Essas senhoras que ela falou, era mais ou menos isso. Eu não me lembro não, ela que lembrou dos nomes.

J: E... Como a senhora falou a senhora não lembra. A senhora lembra de alguém que participava da turma?
O: Não. Lembrar eu lembro essa Dona Pituca e agora a Ophelia depois que ela falou eu me lembro das outras, depois que ela falou (ênfase) aí eu me lembro delas.
J: E a senhora tem contato com alguma delas?
O: Não, não.
J: A senhora...
O: Já morreu tudo. Já morreu tudo. Eu só tinha com a dona Betina, com a dona Pituca mas é depois elas morreram e também depois a gente, a Ophelia não, mas eu, papai e mamãe nós jogávamos lá no Dom Pedro à noite. Então umas que estavam lá à noite, jogavam lá também.
J: Ah 'tá'.

J: E você lembra de alguns outros alunos? Outras pessoas que participavam também sem ser da turma da senhora.
O: Não! Num lembro não. Que a gente ia lá fazia, vinha embora pra casa né?. Você sabe naquele tempo a gente não tinha assim muito interesse, mesmo quando as pessoas perguntam aqui da casa eu passo aperto porque a gente não tinha muito esse negócio de 'tá' perguntando e o papai ficava falando não. Hoje em dia não, as escolas pedem, hoje em dia é mais importante essa parte 'né?' Mas no nosso tempo de criança, de mocinha também, os colégios

não pediam nada dessas coisas não, nem perguntavam quem fez isso, quem fez aquilo, não perguntava nada. Hoje em dia os colégios já ‘tão’ mais é... atualizados ‘né?’

J: A senhora lembra como... qual que era o horário da sua aula, como que eram as turmas?
O: Eu sei que era de manhã. Eu sei que a gente ia lá de manhã o horário eu não sei não, mas devia ser cedo porque eu não fazia nada a tarde, aqui em casa almoçava cedo. Então acho que devia ser oito horas, sete, oito horas assim mais ou menos.

J: A senhora lembra quantas vezes por semana?
O: Não. Talvez duas vezes não sei.

J: E qual que era o espaço assim de prática da aula? Onde vocês faziam a aula?
O: Ali mesmo onde você mostrou naquele.... Era grande ali ‘né?’ Aquele espaço ali era muito grande.

J: E a senhora lembra se era preciso pagar... se tinha alguma mensalidade?
O: Tinha
J: Se tinha que pagar...
O: Só não lembro quanto não.

J: Era mensal? Era trimestral...
O: Tinha que pagar. Era mensal. Mensal.
J: Era mensal...
O: Era mensal e não era caro não. Mesmo naquela época não era caro não

J: E a senhora lembra assim, no Clube eles faziam várias festas, a senhora lembra de ter participado de alguma comemoração?
O: Não!
J: De alguma festa?
O: Não. Festa lá nunca ouvi falar em festa lá.
J: Assim organização de coisas para arrecadar dinheiro... eles... A senhora não lembra de...
R: Não... eu acho que não, acho que não tinha nada disso não. Eu nem sei se aquilo era particular ou do Seu... do professor ou se era do governo que... não sei não de quem era aquilo não sei não, sei que ele morava lá.

J: E o Clube ele tinha algumas competições com outros times, a senhora lembra de...?
O: Com o que?
J: Com outras equipes. O Clube tinha o clube, tinha o jogo de vôlei, por exemplo, ele jogava... a senhora lembra dele ter jogado com outra escola?
O: Nosso não, o nosso jogava com ninguém não. O nosso era particular assim coisa muito mais restrita, mas aí eu tenho a impressão que o Seu Caetano tinha sim, mas não sei não Sei pouca coisa daquela época.

J: E a senhora sabe... O Clube fechou em 1979, a senhora sabe me falar, a senhora lembra de alguma coisa na época quando ele fechou, por que?
O: Num sei não.
J: Sabe não ‘né`.

J: E se eu perguntar pra senhora assim, qual que é a melhor lembrança que a senhora tem da época que a senhora estava no Clube.
O: Ué... no Clube era a convivência com as pessoas lá ‘né’. Tanto com seu Caetano como com as que faziam que eram as nossas colegas lá ‘né’ .Era uma convivência muito boa. Mas também saiu dali acabou, a não ser conhecendo aqui ali, encontrando. Mas não havia promoção nenhuma da nossa turma não, agora acredito que o seu... professor lá tivesse ‘né’.

J: E nesse período, que a senhora lembra assim do Clube Ginástico, como que a senhora lembra que era a cidade? Como que era Juiz de Fora? Como a senhora se deslocava? Como que era...
O: Nós íamos a pé ‘né’ porque a gente já morava aqui, a gente ia a pé porque era perto era ali onde é a coisa de saúde ‘né’. Mais ou menos naquele ponto ali ‘né’ ia a pé

J: E como é que era a cidade naquela época a senhora lembra?
O: Não, não era essa juiz de Fora de hoje ‘né’. Poucos prédios e... muita velharia ‘né’!
J: Muita?
O: Muita velharia ‘né!’ Velharia de prédio que eu digo ‘né’ e mesmo aqui em frente ao parque era muito mais bonito. O parque aqui tinha um chafariz no meio que a gente gostava de ir lá quando era pequena pra ver os peixinhos dentro d’água, sentava ali na , em volta. Hoje em dia acabaram com o chafariz ‘né?’

J: Como que a senhora lembra assim a parte cultural, como que era Juiz de Fora? Teatro, dança...
O.: Ah... teatro tinha muito, muito mais que agora. Agora tem com o Pró-Música tem muito ‘né!’ isso tem, ultimamente tem tido muito mas no nosso tempo tinha muito, o popular trazia muito lá o seu Carlinhos trazia muitas... Muitas é... Como é que chama?... Companhias de ópera, então papai comprava, chamava a recita, era toda a temporada acho que eram cinco, cinco óperas e eu e a Ophelia éramos pequenininha e nós tínhamos que ir também, então a gente aprendeu a gostar. A Ophelia não gosta de ópera não, eu conforme a ópera eu gosto e... e a gente ia era obrigado a ir, papai levava. Agora tinha muito cinema também, tinha cinema lá o Rex, tinha aquele... quando nós morávamos em Santa Terezinha a gente ia muito no Rex. Tinha aqui o Popular, o Central, o Glória acho que onde é o Palace era o Glória. O resto num sei não.Tinha muito,muito, muito teatro, concerto também tinha. Hoje em dia tem também ‘né’!
J: Tem
O: Hoje em dia tem muito, num é ópera essas coisas que o pessoal não é muito ‘né’ de ópera.

J: O que que a senhora sente mais saudade daquela época de Juiz de Fora pra hoje?
O: É do tempo da gente 'né'. Que é um tempo diferente, um tempo assim de... que... não tinha... não tinha como é que se diz é... a gente não tinha medo de sair na rua,num tinha. A porta aqui ficava aberta, nossa porta de casa ficava aberta a noite inteira, lá embaixo ficava aberto, nós não tínhamos nem chave lá de baixo, nem da escada. Ninguém entrava, era quieto, era calmo, num tinha... é... como é que fala esse negócio aqui: um mata, outro faz outro acontece... a violência, num tinha essa violência não. Era uma cidade muito calma. Tinha às vezes uma coisinha ou outra mas isso aí de roubo de hoje, dessa facilidade de roubo não tinha não. Ficava tudo aberto aí, num acontecia nada. De manhã abria a porta aí e ficava o dia inteiro aberto. A Ophelia ainda é assim, ela larga tudo aberto, mas lá embaixo é fechado. Num tinha nada disso, era tudo aberto, a gente num tinha medo não.

J: Dona Odette muito obrigada 'tá pela entrevista da senhora.
O: Desculpa se eu não lembro dessas coisas não
J: Não!!! Mas a senhora contribuiu com certeza muito com a pesquisa.
O: Não. Uma coisinha ou outra pode ser, mas eu num... Num engraçado eu num me lembro muitas coisas não

Entrevistada 3: OPHELIA CIAMPI NÓBREGA

Bom, Dona Ophelia estamos aqui pra gente começar nossa entrevista.

J: Por favor, qual é o nome completo da senhora?
O: Ophelia Ciampi Nóbrega

J: E qual que é a sua data de nascimento e onde a senhora nasceu dona Ophelia?
O: Juiz de Fora, vinte de ... não! 10 de junho de 1920

J: 1920? E a senhora se formou em alguma coisa?
O: Não eu fiz o curso que...

J: O que a senhora já fez assim durante a vida da senhora?
O: Os cursos naquela época eram propedêuticos, era um tipo de curso para escritório. Formei para pra trabalhar em escritório.

J: E ... dentro do Clube Ginástico, a senhora participou do clube?
O.: Participei, fui aluna 'né'!
J: A senhora foi aluna do Clube Ginástico?

J: E qual o período que a senhora participou no clube? A senhora lembra?
O: Não tenho...
J: Quantos anos a senhora tinha...
O: Não lembro
J: Quantos anos a senhora tinha quando a senhora fez os exercícios?

O: Ah ‘tá’ ok! Antes de eu casar... Eu casei com vinte e ... acho que com vinte e cinco anos ou vinte e quatro por aí... Esse tempo aí eu frequentei antes e frequentei depois que eu casei eu ainda frequentei o clube, mas não me lembro quanto tempo nem...

J: E qual que é a importância que a senhora vê assim do clube pra vida da senhora?
O: Primeiro que eu fazia muito exercício e era um local muito agradável, companhias ótimas e em geral casadas, mas o que precisa?

J: Era uma turma?
O: Uma turma grande, mas já quase todo mundo já morreu, eu nem sei se tem algum solteiro eu acho q tem a Climene só, os outros eram... porque o que lembro estão mortos.

J: E quem que era o seu instrutor lá, quem que era seu professor lá?
O: Senhor Caetano

J: E como que era a relação dele assim com a turma?
O: Muita amiga e... Mas ele era severo ‘né’! Mas conversava, ria muito com a gente, era um amigo!
J: Um amigo?

J: E a senhora lembra assim como que era a aula, alguns exercícios e como começava a aula, como que era no final, como que era assim?
O: Não, eu num me lembro bem como que era não. Eu sei que eles faziam um exercício no chão, fazia exercício naquelas barras assim ‘né!’

J: Na parede?
O: É na... agarrada na parede. A gente fazia exercício ali e depois jogava vôlei um grupo pra uma lado, outro grupo pro outro às vezes num dava o grupo o número certo mas... a gente
J: Dava pra jogar...
O: Ah dava pra jogar e a gente se distraia muito
J: Ah que bom!

J: E a senhora lembra se tinha assim exigência de ter alguma roupa adequada?
O: Não, eu lembro que eu tinha um calção preto mais nada.
J: Aí cada um ia de um jeito? Como que a senhora lembra das outras pessoas?
O: Num lembro minha filha, num lembro...

J: E quantas pessoas a senhora acha assim mais ou menos que tinha na sua turma?
O: Ah num chegava a dez... eu acho que não, do que eu lembro.

J: E a senhora lembra no clube se tinha quantas pessoas ao todo assim no clube, era muita gente?
O: Ah não... aí eu num sei não porque eu tinha a minha aula aquela hora e acabou ‘né!

J: Qual que era o horário da sua aula?
O: Meu horário era de manhã.

J: E quem que participava? Quem eram as pessoas que participavam da sua turma? Que essas pessoas assim... que senhora lembra que elas faziam?
O: Não! Elas participavam a mesma coisa que eu 'né!. Agora...

J: Quem eram essas pessoas? A senhora lembra dos nomes?
O: Lembro os nomes... mas de algumas 'né!'

J: Quem são?
O: Dona Albertina era casada como doutor Procopinho, a irmã dela dona Áurea, a dona Augusta que morava perto ali do clube ginástico, a dona Pituca que morava também perto, eu, a minha irmã. Ah! Tinha mais gente, mas eu num 'to' lembrando não.

J: E a senhora tem algum contato com alguma?
O: Não, 'to' te falando que morreu tudo...
J: Morreu tudo 'né'?
J: E você lembra assim de outros alunos sem ser da sua turma?
O: Não!

J: Assim outra pessoa, outros alunos do clube?
O: Não, não lembro não. Eu só frequentava aquele horário, sei que tinha turma da noite, a noite tinha uma turma mas eu não frequentava, num sei quem era não.

J: E lá no clube tinha que pagar alguma mensalidade? Alguma coisa...
O: A gente pagava... Acho que a gente pagava sim, só não me lembro quanto que era não. Eu acho que pagava, mas não me lembro quanto. Devia ser uma coisa de visória 'né'!
J: Ah 'tá'.

J: E lá no clube a senhora lembra se tinha algumas festas comemorativas? Se a senhora participou de alguma festa?
O: Não! Se tinha eu nunca participei. Porque eu tinha casa, tinha filho, tinha marido eu não podia me dar esses luxos não.

J: E a senhora participou? O clube, ele participava de vários jogos com outros com outros, a senhora participou de algum jogo assim?
O: Eu acredito que sim. Com outras...outros... é... Eu acredito que sim. Eu não, eu nunca. Eu num tenho certeza se a minha irmã participou porque a Odette era alta e ela jogava bem. Eu não... Eu era baixa e ficava no jogo assim de qualquer jeito.

J: E senhora assim sabe me dizer, o clube foi fechado em 1979.
O: Num me lembro quando não

J.: Mas a senhora lembra assim qual que foi o motivo que a senhora acha do seu fechamento?

O: Nunca, a gente nunca ficou sabendo e eu também não ‘tava’ entranhada nisso ‘né’ porque eu estava muito cuidando da minha família e aí depois eu sai do clube porque num deu mais que já estava com cinco filhos e tudo difícil e ainda eu tive uma época com... que eu não podia frequentar porque eu tive ... então eu parei.

J: E aí dona Ophelia pra gente terminar, qual que é a melhor lembrança a senhora tem lá do clube? Que o clube deixou de ensinamento de bom pra senhora?

O: Ah! Aquela convivência muito agradável com as companheiras, a gente saia junto pra ginástica ia conversando, cada um ia ficando na sua casa, uma coisa alegre que a gente ficava... o dia inteiro a gente pensava naquelas horinhas que passou lá. Foi muito agradável e a musiquinha também que eles tocavam a Carminha, às vezes quando a Carminha não podia era o, como que ele chamava, o filho do senhor Caetano?

J: Célio

O: Célio... O Célio, ele ’tava’ sempre lá. ‘Tava’ sempre lá. Ele trabalhava no banco também eu acho ‘né’! Mas ele ajudava às vezes tocar, a Carminha não podia tocar eu acho ... eu acho que ela tinha aula também porque nós estudamos no mesmo colégio, Santa Catarina e aí o Celso tocava.

J: O Célio tocava?

O: O Célio tocava

J: A senhora tem mais alguma coisa dona Ophelia?

O: Não! Minha filha... Eu num lembro to te falando

J: A senhora gostaria de falar assim do clube... Que a senhora...

R: Era muito agradável, me lembro direitinho como é que ele era. Aquele... O chão assim de ... daquele ladrinho hidráulico ‘né’, um espaço muito grande com as portas assim lá pra fora. Antigamente tinha rede de vôlei, mas a gente jogava sempre dentro do... do clube ‘né’? É o que eu lembro de lá é isso...

J: Como que a senhora lembra assim que era Juiz de Fora nessa época?

O: Juiz de fora era ótimo, eu tinha... eu morava aqui. Eu vim pra cá com oito anos mais ou menos, que era interno o Santa Catarina, depois eu vim pra cá aí eu ia assistir aula e voltava, meu pai mandava levar depois a gente vinha de bonde.

J: De bonde?

O: Ah! De bonde... maravilhoso! Ainda dava... o que dava a volta, descia a rua Espírito Santo, passava na Estação, subia a Marechal e parava aqui ‘né’... aqui não tinha nada, ‘ce’ parava o bonde e descia em frente de casa, era muito bom!

J: Ah! Que bom!

O: Ah! Num dá pra você saber muita coisa não porque eu não lembro de nada

J: Não, ‘tá’ ótimo Dona Ophelia... Muito obrigada

O: Você desculpa, mas foi que nem eu te falei.

J: Não a senhora lembrou...
O: Eu não lembro mesmo.

J: Só de lembrar das pessoas foi ótimo!
O: Bem pois é... e essas pessoas às vezes juntavam e vinham jogar aqui em casa com o papai, sabe? . Jogar carta...

J: Ah é! Então o convívio era muito bom?
R: Muito bom... Muito bom!

Entrevista 4: ELYETT VILLELA DE CASTRO

Bom, estou aqui com a dona Elyett e vamos começar nossa entrevista dona Elyett?

J: Nome completo da senhora
E: Elyett Villela de Castro

J.: É... qual é a data do seu nascimento dona Elyett?
E.: 21 de Fevereiro
J: 21 de Fevereiro? E a senhora nasceu onde?
E: São João Del Rei
J: São João Del Rei?

J: E a senhora assim a senhora tem alguma profissão? Quais as atividades que a senhora exerceu na vida inteira da senhora?
E: Bem... quando eu saí, eu fiz o científico depois fiz vestibular pra direito comecei o primeiro ano aí desisti. Entrei fui ... fiz uma prova, fui trabalhar no cartório Aloísio Vilela... era lá embaixo, quase em frente ao Vianna Junior hoje e trabalhei fiz prova pra trabalhar no cartório 'né'? Trabalhei lá quinze ou dezessete anos, depois eu falei assim: -Ah gente... eu vou fazer um concurso melhor. Aí comecei a preparar, estudar pra fazer o concurso. Fiz o concurso pelo DASP naquela época e fui passar, passei e fui nomeada para o IAPB, instituto dos bancários. Trabalhei lá vários anos depois com a unificação eu fiquei no INAMPS aqui em Juiz de Fora. Aposentei e fui fazer outras coisas.

J: E a senhora gostava de praticar alguma atividade física?
E: Fiz. Ah! Joguei muito vôlei. Praticava muito vôlei

J: E a senhora participou do Clube Gymnastico?
E: Participei, pratiquei...Eu estudava...
J: E a senhora lembra assim qual que foi o período? Qual foi a época assim? Quantos anos a senhora tinha?
E: A época foi 45-46. 1945 e 46 que o seu Caetano, que era o presidente 'né' do Clube Ginástico ou diretor? Num sei. Ele era lá o nosso professor, técnico lá no Colégio Stella Matutina, ele que organizou o time de vôlei de lá e eu fazia parte do time principal do colégio, então, ele me convidou pra entrar pro Clube Ginástico, pra jogar lá, eu fui e fazia parte também do time de lá. Até uma vez nós ganhamos medalha, eu procurei pra te mostrar mas não sei onde que eu

guardei. Então eu trabalhei ... eu fiquei lá um ano mais ou menos, um ano e meio

J: Em quarenta e..?

E: 45-46

J: E como a senhora pensa assim Clube Gymnastico, qual que foi o significado do Clube pra sua vida? Qual que á importância que ele tem assim pra você hoje, quando a senhora pensa nele?

E: Foi muito grande porque não só o esporte em si mas a convivência também com as outras colegas de lá. O seu Caetano que era espetacular, uma pessoa muito boa e tudo e me traz muita recordação.

J: Então a senhora já comentou um pouquinho mas a senhora falou que o seu instrutor era o... Como que chamava?

E: Caetano Evangelista

J: E como que era a relação dele assim com a turma, com...?

E: Formidável... formidável porque além de dar da ginástica ele dava ... além do vôlei ele dava ginástica pra nós também e naquela época acompanhada no piano, quem tocava era a filha dele, que tocava o piano pra nós fazer a ginástica.

J: Era a Climene?

E: Não, a outra.

J: A Carmelita?

E: A Carmelita.

J: E a senhora lembra assim como que era a aula? Alguns exercícios assim como começava a aula, como que era o meio da aula, como que a aula era terminada, a senhora lembra?

E: Começava com uma marcha, a turma toda marchando uma atrás da outra depois fazia as filas e a gente fazia ginástica com os braços, com as pernas e acompanhada da música ‘né’, e depois terminava também todas marchando.

J: Usavam algum... Algum material? A senhora lembra de alguma coisa?

E: Não minha filha. Não lembro.

J: Não tem problema não.

E: Não lembro.

J: E tinha assim a exigência de alguma roupa, um uniforme?

E: Ah tinha um uniforme próprio.

J: Como que era assim a roupa?

E: Era um calção preto calção preto assim no joelho mais ou menos e uma blusinha de manga curta.

J: Manga curta? Tinha alguma coisa assim na blusa... A senhora lembra?

E: Não... só tinha eu acho que o emblema do colégio. Sabe... se eu não me engano.

J: E assim lá no Clube Ginástico, a senhora lembra quantas pessoas participavam da sua turma? (pausa longa) uma média assim de quantas pessoas?
E: Olha aqui. Esse era o time principal, aqui ó 2, 4, 6, 8, 10, 12 mais ou menos... 12 a 15 mais ou menos. O nosso time era esse!

J: E o clube quantas pessoas a senhora lembra assim que tinha no clube? Era muita ou eram poucas pessoas em geral?
E: Era muita gente 'né'. Porque tinha vôlei, tinha outros esportes.

J: O que a senhora lembra que tinha lá? Basquete?
E: Basquete. Ah... não lembro, eu num lembro mais assim. Lá no clube era basquete.

J: E das pessoas que participavam da sua turma, quem a senhora lembra e a senhora lembra assim o que elas faziam na época se eram... Se tinham alguma profissão, se eram pessoas mais novas?
E: Não, que eu lembro só essa aqui que era minha prima e a Climene que era também do time... Do time... Que hoje ela é casada, mora fora daqui de Juiz de Fora... Marisa.

J: A senhora lembra o nome dela também?
E: Marisa... Ai meu Deus! Marisa... Santos. Agora casou e já foi embora.

J.: Mas aí... a senhora lembra dela mas lembra de alguma outra assim, que mora aqui que a senhora sabe o endereço?
E: Não. Eu esqueci... Não, não, não lembro, não lembro.

J: E lá como que era assim dividido, como que era a turma, como que era dividida? É... tinha horário? Quais eram os dias?
E: Ah tinha horário, tinha os dias e horário.
J: A senhora lembra qual que era?
E: O horário era à noite.
J: Era à noite?
E: Era.

J: Quantas vezes por semana assim? A senhora lembra? Se eram todos os dias...
E: Não, não! Eu não sei se era uma ou duas vezes por semana.

J.: E assim quais que eram os espaços que você fazia aula? Quais eram os locais, se eram espaços fechados, era espaço aberto?
E.: Ah era bem amplo, que era um salão amplo, bem alto, bem confortável.

J: E a senhora lembra se era necessário... tinha o pagamento de mensalidade? Como que era?
E: Eu não sei. Eu não sei se é porque eu fui convidada. Eu ... não me lembro de ter pago, sabe? Eu não sei se ele me convidou, mas agora eu não tenho lembrança mais.

J: E no Clube quando eu faço a leitura assim das atas ‘né?’ quando eu vejo, eu vejo que eles tinham uma preocupação muito com arrecadação, com festa ‘né?’
E: Tinha... muita

J: Pra sempre estar organizando o Clube, e a senhora participou assim de alguma delas, a senhora lembra?
E: Festa não, mas jogos eu participei.
J: Ah é?
E: É
J: Quais... A senhora lembra de alguma competição?
E.: Hein?

J: A senhora lembra assim de alguma competição que a senhora tenha participado?
E: Pois é, tem essa que nós ganhamos a medalha. Mas eu não lembro, eu procurei... não sei onde foi parar a medalha. Eu falei, ai meu Deus, seria tão bom se eu achasse porque tem, tinha o nome tudo direitinho ‘né’.

J: Ia algum time pra lá?A senhora lembra de alguma coisa?
E: Foi, um time, mas não lembro assim. Não sei se era de outro colégio, também não tenho lembrança mais, ‘tá’?

J: E hoje assim, a senhora sabe que o Clube ele fechou em 1979, a senhora sabe hoje o motivo assim, qual o motivo que a senhora acha que foi o incentivador assim pro fechamento do Clube? Quais a senhora acha?
E: Eu não sei se foi por causa de criação de outros clubes, não sei, não tenho mesmo a noção do motivo principal, eu não sei.

J: E quando a senhora fala assim sobre o Clube qual que é a melhor lembrança que a senhora tem do Clube? Algum ensinamento, o que ele deixou pra senhora, pra senhora levar pra vida inteira?
E: A melhor lembrança que eu tenho é do Seu Caetano porque ele era formidável. Além de professor ele era amigo, sabe? Então a gente podia contar com ele qualquer hora. Era muito bom!

J: E aqui em Juiz de Fora. Nesse período ô... Dona Elyett que que a senhora lembra? Como que era a cidade naquela época que a senhora participava do Clube? Fala assim Juiz de Fora como que era a cidade?
E: É, a cidade naquela época era bem mais modesta ‘né’. Tinha... não tinha tantos automóveis, mas tinha uma coisa boa naquela época que eram as paradas: parada do aniversário da cidade, parada 7 de Setembro, parada de 15 de Novembro, então aquilo era uma festa pra gente ‘né’.
J: E o Clube fazia?
E: E os colégios todos. Não, o Clube não, aí eram só os colégios.
J: Só os colégios ‘né’?
E: Só os colégios.
J: Ah... que bom!

J: Tem alguma coisa que a senhora não falou que a senhora acha que seria interessante estar falando? Sobre o clube para que eu possa estar colocando nessa minha pesquisa, assim de coisa boa, alguma coisa, algum momento que a senhora lembra que aconteceu, alguma coisa engraçada, alguma coisa que a senhora acha...
E: Não, não tenho não. Já tem tanto tempo 'né' !
J: Não lembra não?
E: Não, só lembro a recordação boa que foi um tempo que ficou, sabe, no coração.
J: Que marcou a vida
E: Marcou!

J: Ah que bom. Então Dona Elyett era só isso que eu queria te perguntar.
E: ' Desculpa eu não ter mais nada pra te fornecer, mas...

J: Nada, de forma alguma. Muito obrigada e com certeza a senhora vai ajudar muito nessa minha pesquisa. Obrigada.
E: Ah que bom! De nada.

Entrevista 5 : HAROLDO PAGY THEES

J: Bom estou aqui com o Sr. Haroldo para a gente fazer a nossa entrevista. Sr. Haroldo, por favor, o seu nome completo.
H: Haroldo Pagy Thees

J: Qual a data de nascimento? E qual foi o lugar que você nasceu?
H: Juiz de Fora 26 de Março de 1935.

J: Quais foram as atividades que você já realizou durante sua vida? Algumas das principais, a sua profissão hoje, o que o senhor já fez.
H: É... A principal, eu sou bancário aposentado do Banco do Brasil. Antes do Banco eu lidei com táxi aéreo, com a parte burocrática, sem ser piloto. E ao aposentar eu fui ser produtor rural e agora eu sou empresário, mexo com atividades empresariais.

J: E o senhor durante a sua vida o senhor participou de atividades esportivas, e uma delas foi dentro do Clube Ginástico. O senhor lembra qual período o senhor participou do Clube?
H: Olha desde os seis anos até os vinte e cinco eu participei intensamente. Depois eventualmente.

J: O senhor lembra qual ano?
E: Então, somando à idade de 1941 à 1960.

J: E se fosse perguntar para o senhor assim qual que teve o significado do Clube pra sua vida? Qual que é a importância que ele tem pra você? Que você imagina hoje: o Clube e a sua vida hoje?
E: É... O Clube Ginástico nós temos que falar nele pensando no Sr. Caetano, que era um homem que exigia muita disciplina, era um homem que sabia ser

mestre além de dirigir atividades de basquete, de ginástica, ele era um homem de dar exemplos pra gente.

J: Então, o senhor falou já um pouquinho era o Caetano o seu instrutor?
E: Caetano Evangelista.

J: E qual que era a relação dele com a turma, com os alunos. Com os pais desses alunos? Como que era essa relação dentro do Clube?
E: Com relação aos pais eu não posso lhe dizer porque eu não era atento a isso, meus pais não participavam e eu acredito que os pais participavam pouco, até mesmo da torcida na época dos campeonatos né.

J: Ah ta! E dentro lá do Clube Ginástico quais atividades que você participou?
H: Eu participei da ginástica, a gente chamava de ginástica alemã né! E o basquete.

J: E você lembra como era assim a estrutura da aula, assim como ela iniciava, você lembra de alguns exercícios que eram feitos? Como que era dividida a sua aula assim?
H: A ginástica que o Sr. Caetano passava para a gente era coletiva e interessante eu lembro do rigor no horário de começar, ela era ao som do piano que todos os filhos dele tocavam piano. E a gente praticava a ginástica é... como que é? Eu não estou lembrando o nome que se dava à ginástica.

J: Calistênica?
H: Hein?

J: Calistênica?
H: Não! Mas lembra muito àquela ginástica que a gente ouvia na rádio na rádio existia um professor de ginástica. E ele era muito rigoroso nos movimentos na disciplina. Lembro direitinho começava do maior a fila, quando era em fila, até o menor, depois ele escolhia um dos mais afixionados para comandar todos né! Só depois da ginástica que vinha a sobremesa que era o basquete. Confesso q eu a ginástica a gente fazia assim sem ser muito prazeroso, criança né! De uma bola né!

J: E você lembra quanto tempo que era assim a aula de ginástica?
H: Eram de 15 a 20 minutos

J.: Ai depois era....
H: Depois vinha o basquete.

J: A parte do basquete né! E... você lembra de alguma roupa? Era exigido alguma roupa pra participar da atividade? Tinha algum uniforme? E como era esse uniforme?
H: O uniforme da ginástica era sempre um G, um G ou então a cruz com os quatros efes né! E basquete, nós primávamos pelo... pelo uniforme do basquete que a gente sempre achava o mais bonito do campeonato, entendeu!?

J: O que eu percebo em algumas fotos Sr. Haroldo, é assim, a questão todos estão iguais, até se for observado o calçado, todo mundo ali era, tinha assim a preocupação de estar uniformizado. Tinha realmente essa preocupação de estar todo mundo igual pra estar participando?

H.: O uniforme tinha que ser igual. Agora o calçado era pura coincidência porque era o famoso Keds num é? Tinha o tênis, mas a gente usava o Keds pra firmar mais o tornozelo. Mas o Keds era padrão das lojas, não tinha essa escolha que a gente tem hoje.

J: E na sua turma quantas pessoas que frequentavam? Qual que era a média de alunos por turma?

H: Nós temos Que imaginar os alunos é... da ginástica eram muitos. Os alunos da ginástica eram muitos, mas nem todos depois iam para o basquete. Alguns após a ginástica iam para os aparelhos, onde tinha a Paulinho, onde tinha o ítalo.

J: Então era assim: Primeiro você tinha a ginástica e misturava todos os alunos. Depois dessa, como se fosse um aquecimento.

H: É.

J: Depois cada um ia para a sua atividade.

H: É

J: Ginástica de aparelho, basquete...

H: Isso!

J: Ah ta!

H: E além dos aparelhos tinha aqueles.... tinha os saltos de distância, salto de altura, que a gente praticava também.

J.: Era incluído dentro do início da aula? Antes do basquete?

H: É... Era no intervalo. Entre a ginástica de salão e o basquete tinha a...

J: Essas atividades?

H: Essas atividades.

J: E no atletismo?

H: Era uma caixa de areia. É no atletismo.

J: E o Clube era muito frequentado? Pelo período que você esteve lá tinham muitas pessoas que frequentavam esse Clube?

H: É... baseado na memória de criança, pra mim como criança era muito. Mas hoje eu imaginando era pouco, não é?

J: E o senhor lembra assim de pessoas que participavam na sua turma do Clube Ginástico? O que eles faziam, se você tem algum contato com eles hoje e onde que eu posso encontrá-los?

H: O Clube Ginástico era também muito em função do lugar que a gente morava. Era 80% dos frequentadores eram do largo de São Roque, eram vizinhos ao

Clube. Então esses ainda a gente tem ligação pelo Ginástico e pela turma do São Roque.

J: Você lembra de algum assim que eu poderia estar indo atrás buscando mais informações...
H: Olha, uma turma boa eu acho que morreu né! Vou me lembrar aqui é.... Evander Dori.

J: Evander Dori?
H: Evander Dori.

J: E mora ali perto ainda? Você sabe se....
H: Não, mas é fácil achar.

J: É fácil encontrar?
H: Aqui em Juiz de Fora e “ta” difícil se eu soubesse dessa pergunta eu tentaria já vim com a lembrança ai .

J: Não tem problema não a gente vai lembrando. Você lembra as pessoas que participavam do Clube, o que você acha, eram pessoas de qual classe social daquele período?
H: A média, no máximo média. Tinham dois ou três que se destacavam que a gente sabia né! Da condição boa e financeira deles, mas, sempre. Classe média e alguns de classe média-baixa.

J: E essas turmas, você tinha várias turmas dentro do Clube, você lembra como que era dividido assim os horários, se a turma era junta, se era os homens com mulheres ou se a turma era dividida?
H: De jeito nenhum! Tinha nada de homem com mulher naquela época não, era tudo separado. Tudo, tudo, tudo! Os horários eram....

J: E você lembra qual era seu horário de treino?
H: Era 19 às 20.

J: De 19 às 20?
H: Terça e sexta, e, domingo das 09 ao meio dia.

J: De 9 ao meio dia né!? E você lembra se era necessário pagar alguma quantia ao Clube? Se havia pagamento de mensalidade.... como que era essa questão de gestão mesmo?
H: Tinha uma pequena mensalidade, mas era irrisória porque se fosse muito meus pais não poderiam pagar.

J: E... você lembra assim no Clube várias festas foram realizadas dentro do Clube?
H: É, principalmente juninas né!

J: Você participou de algumas delas? Quais festas você lembra assim?
H: Ah participei. A gente participava das festas juninas e de vez em quanto tinha uns bailinhos lá.

J: E quem que organizava assim essas festas?
H: O baile eu me lembro da... muito da época do João, do Nunan né! Quando ele era presidente. O senhor Ivan Vidal, não sei se foi citado para você né, também gostava de promover essas festas.

J.: Acabava que era para arrecadar alguma coisa. Você lembra quais eram os objetivos?
H: Não. Isso eu ignoro. O objetivo eu ignoro por causa da minha idade né! O Seu Caetano era uma pessoa interessante, ele era um cara amoroso, mas muito fechado e às vezes distante e a gente ficava a manhã muito na... nas mão da mulher dele.
J: A dona Neném.
H: É, a dona Neném!
J: Você lembra?
H: Tudo que a gente queria a gente se aliava a dona Neném porque o Seu Caetano era rigoroso.

J.: E lá dentro do Clube, Senhor Haroldo, o senhor participou, assim, de alguma competição? Você lembra de competições que o grupo participou ou alguma que você tenha participado com outro time?
H.: Eu desde... eu joguei desde o juvenil até o primeiro time. Eu tive uma época muito interessante que eu ficava na reserva do segundo time, que os nossos times eram bem campeões né! Respeitando o Olímpico, o Sport, mas a gente, então, o juvenil e o segundo time eram imbatíveis às vezes eu ficava na reserva do segundo time apesar de ser do primeiro time. Aí se o Senhor Caetano não precisasse de mim, aliás já nessa fase já era o Weider Santos, você já deve ter... se ele não precisasse de mim eu era bom para o segundo time para dar um reforço, mas ficava no banco o tempo todo.
J: Então...
H: Aí ele não me usava na hora de jogar, não jogava porque não precisava aí eu ia “pro” primeiro time na mesma noite.

J: Como que eram essas divisões de times dentro do basquete? Tinha o infantil ou não?
H: É. O infantil mais ou menos interno sabe! O campeonato infantil era interno. Formava equipes dentro do próprio ginástico.
J: Depois vem o juvenil?
H: Agora, a liga de basquete só cuidava do juvenil, do segundo time e do primeiro time.
J: O primeiro time seria o principal do Clube, aquele que ia nas principais competições?
H: Isso. É.

J: Ah ‘tá’. E você lembra de algumas pessoas, assim, desse primeiro time, alguma competição que você lembre, assim, que o Clube teve êxito, você lembra do placar ?
H: Ah lembro! É. Eu lembro. O juvenil eu tenho que dar ali uma ênfase maior, nós fomos oito anos campeões invictos, oito anos em seguida. O celeiro de

basquete era muito o Clube Ginástico, dali às vezes demandava para outro clube, mas o celeiro mesmo era do Clube Ginástico.

J: Essas vitórias eram em cima de quais times? Você lembra de alguma?
H: Normalmente Sport e Olímpico.
J: Sport e Olímpico?
H: É, Sport e Olímpico. Eu lembro muito bem pelo fato de eu jogar basquete, eu tinha... eu fazia um cartaizinho nas olimpíadas universitárias né!?
J: Ah...
H: Que marcava bem, porque era tudo perna-de-pau danado né! Aí eu fazia...
J: Aproveitava as habilidades né?
H: É.

J: E o Clube, senhor Haroldo, ele foi fechado em 79. Você, assim, dentro do que você vivenciou, do que você viu qual o motivo principal que o senhor acha do fechamento do Clube? O senhor acompanhou?
H.: Não eu não acompanhei não. A morte do Seu Caetano, antes do seu Caetano morrer houve um desfecho também que houve um desentendimento do Seu Caetano com o Weider. O Weider era nosso treinador de basquete, então, em um determinado momento o Weider rebanhou a gente para ir jogar no Tupi, entendeu? Aí deu uma caidinha no basquete do Ginástico.

J: Várias pessoas foram para o Tupi jogar? Você lembra?
H: Praticamente todas. Mas isso...

J: Então o Weider, ele treinava?
H: O Weider treinava, era o treinador nosso.

J: O Caetano então ficava com a parte de ginástica e era responsável pela parte...
H: Quem?
J: O Caetano?
H.: O Caetano.

J: O Weider, ele treinava o basquete?
H: O basquete para disputar externamente né!

J: Então ele foi... ele saiu do Clube?
H: O Seu Caetano ficava com a parte do infantil.

J: Ele saiu do Clube e foi para o Tupi?
H: É... ele... Houve um desentendimento com Seu Caetano, o Tupi soube e chamou todo mundo para lá para defender a camisa dele lá.

J: Então você acha que um dos motivos de certa forma foi essa perda de...
H: Não, não... Não 'tô' te dizendo isso como motivo. Em 79, em 79 eu não estava tomando muito conhecimento do Ginástico não. Mas eu acredito que foi essas aberturas de rua, o Ginástico era propriedade, o imóvel era propriedade do estado. O Ministério da Saúde deve ter... E depois 'pro' meu tempo de menino

aquilo era grandioso ! Em 79 talvez a área ali não fosse tão grande como a gente imaginava no tempo de menino ser né! Talvez isso tenha definhado né!

J: E qual que é a melhor lembrança que você tem do Club?
H: Melhor lembrança?
J: Quais ensinamentos que, assim, ele deixou para você?
H: Ah, eu achava... eu achava o Seu Caetano muito interessante e no basquete eu lembro direitinho que a gente era obrigado, 'tá' se usando agora na seleção, a gente era obrigado a fazer um círculo, a fazer uma saudação a torcida e a gente era obrigado a abraçar os companheiros, os adversários e cumprimentá-los depois principalmente se a gente fosse derrotado. Cumprimentá-los pela vitória deles. Isso foi um ensinamento muito grande a gente aprender a lutar e aprender a lutar e saber perder.

J: Tem alguma coisa que eu não perguntei para o Senhor, Senhor Haroldo, que você acha interessante estar me ajudando a colocar na pesquisa que eu não tenha te perguntado? Que você ache importante estar relatando da vivência, do que você vivenciou lá dentro, de problemas, de coisas boas, que a gente não vê nos livros, que a gente não encontra e que pode estar me auxiliando?
H: É... já falei para trás aí né!? É... o senhor professor que era o Seu Caetano sabia conduzir, o respeito que a gente tinha por ele que... a gente não sabia se era respeito ou medo, a criança confunde um pouco. Que a gente recorria à dona Neném. Mas, assim, a alegria da criançada em praticar o esporte porque naquela época não tinha o que fazer, a gente era moleque de rua mesmo, não tinha brinquedo, não tinha nada para fazer. Então, o basquete era uma conquista né! Ás vezes no domingo era obrigado a participar da missa da igreja de São Roque às oito horas e eu ficava maluco porque se eu chegasse lá as nove eu perdia, perdia o dia. Então, é isso aí. Saudades de criança, de rapaz! A camaradagem entre nós.

J: Ah que bom! Senhor Haroldo, muito obrigada pela sua entrevista 'tá'? Com certeza você me ajudou bastante.
H: É, você me desculpa de estar um pouquinho rouco.

Entrevista 6: MARIANGELA SOARES VIANNA

J: Bom, estamos aqui com Mariângela para nossa entrevista. Mariângela, por favor, o seu nome completo.
M: Mariângela Soares Vianna.

J: É... O local onde você nasceu?
M: Juiz de Fora.

J: E a sua data de nascimento?
M: 12 de setembro de 1956.

J: É... Mariângela, qual que é a sua profissão hoje? Quais as atividades que você já realizou durante a sua vida? Se você se formou... Onde você trabalha...
M: Sou psicóloga e filósofa de formação. Formei na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fui professora a vida toda e hoje dirijo o Instituto Viana Junior.

J: Você, na nossa outra conversa, você falou que você participou com atividades físicas dentro do Clube Ginástico ? É... Qual que foi o período que você participou?
M: Eu me lembro que em 66,67 eu já participava do Clube, na ginástica olímpica que era muito forte no Clube neste tempo. Aliás, eu acho que era a única turma de ginástica olímpica em Juiz de Fora. Mesmo o balé que o clássico acabou, se a gente quisesse dançar só fazendo ginástica olímpica no Clube Ginástico.

J: E você lembra quanto tempo você ficou participando das atividades do Clube?
M: Até 74, 75 por aí.

J: Se eu perguntar pra você hoje, qual que a importância. O que o Clube significou para sua vida? Os momentos que você participou no Clube hoje, qual que é o significado? Se ele tem um significado e a importância dele?
M: Qualquer preparação física eu acho que pra te dar assim a importância dela é você aprender a ter disciplina, a ser perfeito mesmo sem conseguir repetir até perfeição. Lhe dá a disciplina, lhe dá uma formação era muito bom. Mas também aquela convivência com outras pessoas jovens, outras meninas da mesma idade, a paquera era tudo muito bom.

J: É... Dentro lá do Clube quem era o seu instrutor?
M: Professor Ítalo.

J: Qual que era assim... A relação dele com a turma? O cotidiano, como que eram as aulas que ele ministrava?
M: Olha é até engraçado lembrar disso hoje porque mudou muito que a gente faz hoje que é todo um aquecimento, alongamento. Não tinha muito essa noção naquela época não era mais uma coisa de ‘vamos treinar’, ‘vamos fazer’ né! A gente sempre confia muito no instrutor, no professor, e ele tinha uma relação de proteção com os alunos. Embora as aulas fossem de uma forma, de coisa militar, você forma. Você faz até doer o meio assim.

J: Ele era rígido? Como que ele era?
M: Você... é... pula e não importa se dói, se cai do outro lado. Mas a gente conseguia um grupo com as qualidades, a gente se apresentava em desfile de 7 de Setembro. A gente era requisitada pela décima região, pelas olimpíadas do exército. A gente gostava daquilo.

J: Então você tem boas lembranças do seu instrutor?
M: Com certeza.

J: E você lembra de alguns exercícios que eram feitos? Como que era assim a aula?
M: Olha era um tempo que eu lembro assim de transição da ginástica sueca né! Uma coisa mais moderna, aqueles exercícios mais tradicionais que era o 'jairzinho' , polichinelo. Tinha esses nomes. Uma coisa assim de subir a pressão da gente mesmo.

J: E era... Como que você lembra? Era a aula inteira de ginástica... Tinha alguns outros tipos de movimentos? Como que era?
M: Tinha esse crescimento adicional que era sueco mesmo... O abdominal né! Na prancha, o jairzinho, o polichinelo, pra depois... Uns 20 minutos disso para depois o treinamento de ginástica olímpica mesmo.

J: Você lembra de alguma coisa?
M: De que?
J: O que era ensinado da ginástica olímpica?
M: Alguma coisa como? Os movimentos?
J: Movimentos... Quais aparelhos? Era de aparelhos? Era solo?
M: Ah! Tinha solo, tinha barra, barra paralela simétrica, cavalo e... uma coisa que só os meninos faziam que era aquela argola.

J: Argola... é... havia exigência de alguma roupa para fazer essas atividades? Como que era essa roupa?
M: O Clube teve sempre uniforme embora variasse. A gente tinha sempre que estar naquela roupa. Muito tempo foi branco. Os homens calça comprida, as meninas short. Teve um tempo que mudou para verde, num lembro bem. Mas foi a época da invenção da lycra, a gente estava saindo do uniforme de pano pro uniforme de helanca, lycra. Mudou muito neste período e a gente conseguiu uma coisa mais bonitinha mais direitinha.

J: E na sua turma era... Quantas pessoas, você lembra que tinha em média na sua turma de ginástica?
M: Eu fazia duas atividades, que era ginástica feminina e a ginástica olímpica. A ginástica olímpica tinha muito estudante, uma criançada e já era uma turma maior assim, embora tivesse vários níveis. Então, talvez umas 4 turmas de 20 a 30 alunos cada uma, cada um num nível. E a turma de ginástica feminina era mais no fim da tarde, era assim, tinha senhoras, moças, minha mãe... As pessoas mais velhas participavam que já era uma coisa assim mais de fazer uma ginástica para cintura sabe? Abdominal para ficar mais modelado, aí era 8 a 10 pessoas.

J: **V**ocê lembra de algumas pessoas que participavam da sua turma de ginástica? Se você tem contato com elas hoje, sabe onde eu poderia encontrá-las?

M: Como eu morei no Rio, me afastei de Juiz de Fora. Não me lembro muito das pessoas, eu me lembro assim de algumas alunas que assim ... as melhores, as que foram destacadas, me lembro de um sobrenome ou outro. Mas eu vou prestar atenção aqui, Jakeline, que eu vou procurá-las pra você.

J: Ai que ótimo!

M: Que vai ser difícil eu lembro 'Pavão' um sobrenome, eu sei onde está a irmã desta moça, através da irmã dela eu vou encontrá-la com certeza.

J: Ai que ótimo!

M: E uma vai trazer a outra, você vai ver um monte de filme e foto que eu ainda vou te encontrar.

J: É... na sua opinião, no período que você participou do Clube quem eram as pessoas que participavam? Classe social, como que era assim o Clube? Quem eram essas pessoas, quem que frequentava? Se eram famílias importantes depois ele foi mais aberto, todo mundo podia participar....

M: Pois é eu posso usar palavra.... Que foi uma época de transição mesmo do Clube, foi... Foi abrindo portas para diferentes classes sociais, para diferentes segmentos da sociedade. Então, o Clube foi assim... Foi uma época em que eu senti, a gente sentiu a gente que estava lá foi sentindo descaracterização. Não só mudança, mas descaracterização e até o começo da morte do clube.

J: É... Dentro das atividades você já falou um pouquinho, mas eu queria ver se você buscava na sua memória é... Como que eram divididas as turmas, você já falou um pouquinho né! Mas, os horários, quantas vezes por semana, onde eram os locais que se faziam essas aulas, se era em espaço fechado, se era um espaço aberto. Como que era?

M: Bom, geralmente no espaço fechado até porque tinha um chão, um taco muito bom, ali era bom para fazer exercício. Raramente, quando acumulava horário aí a gente usava o espaço externo, mas era uma aula mais incômoda porque tinha sol né!? Tinha a temperatura, mas, em geral as aulas eram dadas no salão interno. Que às vezes era até dividido em dois porque era muito grande o espaço.

J: E você lembra quantas vezes por semana eram as aulas?

M: As de ginástica feminina eram 2 a 3 vezes por semana a gente podia escolher já o treinamento da ginástica olímpica era quase toda tarde, talvez de segunda a quinta.

J: Uma média de quantas...?

M: Uma hora.

J: Uma hora de aula?

M: Uma hora por dia .

J.: Você lembra se era necessário pagar alguma quantia, uma mensalidade para participar?

M: Olha, eu me lembro sim que tinha uma mensalidade. Todo mundo pagava uma quantia que era módica, mas eu não me lembro quanto que era meu pai que pagava.
J: Essa mensalidade né!

M: Mas com certeza todo mundo pagava alguma coisa, exceto os alunos que se destacavam muito, esses eram bolsistas.
J: Então, quem...
M: Os estrelas .

J: Quem escolhia, no caso, esses alunos era o professor Ítalo?
M: O professor Ítalo. Não me lembro de outro professor atuando no club.
J: É...
M: Ele praticamente era o clube.

J: No clube, tinham assim, no decorrer da história do clube a gente encontra, é possível encontrar várias festas e participações em vários eventos. Você lembra de algum desses eventos que o Clube tenha participado?
M: Evento, em especial, não lembro nenhum. Só me lembro de apresentações para as famílias, apresentações de final de ano... Mas todas ligadas à atividade da ginástica olímpica e mesmo que é uma ginástica de apresentação. Tinham times que jogavam lá com certeza, mas eu... Coisa mais de menino, eu não lembro muito.

J: O clube tinha times que jogavam lá e você lembra como que era essa abertura para outras equipes participarem?
M: Eu creio que...

J: A questão do espaço...
M: Em busca de sobrevivência econômica do Clube. O Clube foi cedendo seus espaços para o Instituto Vianna Junior usou as instalações do Clube para complementar as instalações do instituto de ginástica e de campo. O Tupi treinou nas instalações do Clube Ginástico muito tempo, talvez uma forma de viabilizar economicamente a sobrevivência dele.

J: Então, você já comentou alguma coisa, mas você poderia hoje me dizer assim um dos motivos, ou qual motivo que você acha pro fechamento do Clube em 79? Que você conhece da história que você poderia estar me contando?
M: Olha, eu me lembro pouco, já estava morando no Rio. Mas eu me lembro assim da tristeza de papai que era da direção do Clube, assim... da tristeza até do professor Ítalo com o aperto do espaço, da cidade apertando o Clube precisando daquele espaço e o Clube ficando sem lugar para ir, sentindo muito a especulação imobiliária, então, a gente vendo o aperto econômico do Clube morrendo, sendo transferido para uma casa de uma pessoa deixa o Clube sem espaço, sem capacidade de atuação. Então eu lembro de uma parte triste dissidente.
J: Do Clube?
M: É.

J.: Mariângela, qual que é a melhor lembrança que você tem assim... do período que você participou do Clube? Ensinamentos, quais você acha que ele deixou?Uma lembrança boa, uma coisa que tenha ocorrido assim...

M: A lembrança do trabalho em equipe de você fazer as coisas juntos, até de passear no quartel era bom.

J: Por quê? Eram feitas competições lá?

M: No quartel a gente tava sempre requisitado pelo general que mandava... Até o general Paca adorava a gente.

J: Como?

M: General não sei o que Paca.

J: Então era o sobrenome Paca?

M: É... Adorava a gente. E a gente fazia, a gente ficava fazendo abertura das olimpíadas do exército, datas importantes assim... Aquela equipe que se apresentava bem enfeitava muito, o general adorava aquilo. Sete de setembro, o general fazia a gente parar na frente do palanque e apresentar de novo e voltar de novo.

J: É... Dona Mariângela, tem alguma coisa que eu não perguntei que você, que você acha interessante estar sendo colocado pra história do Clube, pro próprio trabalho né! Que estou desenvolvendo, que você acha relevante estar colocando até pela experiência, vivência que você teve ali no Clube?

M: Pergunta difícil Jakeline! Assim né, ampla!

J: O que eu não perguntei pra você assim... o que você acha que é interessante estar sendo colocado nesse estudo?

M: A história é tão longa desse Clube que a gente poderia fazer um emblemático na cidade. Assim, até ele ter morrido com a especulação do crescimento desenfreado é uma coisa emblemática. A formação, a criação dele, alemã, assim bem lá no princípio aquela coisa de mente sã e corpo são que depois chega lá na década de 70 e vai virando... continua com toda aquela coisa de mente sã e corpo são mas já começa toda uma abertura de crescimento, pessoas de várias formas participando da olímpica e aquela coisa também militar ali de você está ali vivendo tipo um exército que a gente marchava, a gente cantava hino nacional todo dia. E vem fazendo... A história dele vai fazendo um paralelo com a história da cidade e a história do Brasil mesmo, nessas épocas políticas né! A guerra, os alemães saindo... Essa... os brasileiros entrando... Os brasileiros entrando e modificando isso tudo mas ainda assim seguindo sempre aquela linha inicial do Clube. Até vir morrer nos anos 70. Hum... deixa eu ver...

J: Você acha que essa morte está ligada mais ao contexto histórico daquele período ou está ligada a outros fatores?

M: Eu acho... Tem a especulação imobiliária que eu já falei né! Canso de falar, mas tem o contexto histórico assim que... é... teve o abafamento da cultura, aqueles anos de chumbo! Teve um abafamento de qualquer cultura. Quer dizer, qualquer tipo de Clube mais fechado podia ficar perigoso... A gente podia... essa reunião tinha que ser muito clara que era só em função da educação física, jamais em função de nenhum outro tipo de manifestação ou tipo de reunião. Ficou o inverso da fundação do clube não é? Aquele

fechamento político também proibia a gente de se manifestar de qualquer outra coisa que não fosse muito claramente a ginástica.

J: Mais alguma coisa?
M: Ah... Jakeline.
J: Tem muita coisa né!
M: Tem muita coisa.

J: Mas eu acho que questões já foram feitas. Acho muita coisa você pode me proporcionar com as informações que você me passou. Eu acho que vão ser com certeza vão ser de muita valia né! De muito valor para o meu trabalho e qualquer coisa que você lembrar.
M: Vou tentar... Você me pegou de surpresa, vou lembrar muita coisa!
J: Então ta bom Mariângela, muito obrigada.

Entrevista 7: ALBERTO SURERUS

J: Bom, estou aqui com Alberto Surerus, para fazermos nossa entrevista. Senhor Alberto, por favor seu nome completo.
A: Alberto Surerus

J : Qual lugar o senhor nasceu.
A : Nasci em Juiz de Fora, em 26 de junho de 1926.

J: Ao longo da sua vida, quais atividades o senhor exerceu?
A: Exerci toda a minha na área industrial. Eu fui diretor e acionista dos Curtumes Surerus S. A. da Vila Ideal e S. A. Curtume Krambeck no bairro Fábrica, durante 45 anos ininterruptos. Pratiquei muito esporte a vida inteira, paralelamente. Muito, muito.

J: O senhor esteve presente no Clube Ginástico. O senhor se lembra em qual período o senhor participou do Clube, o ano, quantos anos tinha?
A: Foi na década de 30 a primeira vez. Eu frequentei a aulas de ginásticas que o Clube proporcionava as terças e sextas-feiras a noite, sob o comando do Prof. Caetano Evangelista, grande nome do Clube. Essas aulas eram ministradas por ele e acompanhadas ao piano pela família dele, inclusive a Climene que esteve na homenagem lá e o Célio Evangelista, Ernesto Evangelista, cada noite um que acompanhava ao piano a nossa ginástica. Terminada havia um "racha" de Basquetebol, ali que eu comecei aprender a jogar basquete.

J: Qual foi o período que o senhor participou com o basquete?
A: Foi nessa década de 30, o ano certo talvez tenha sido 36, 37, 35. O fato é que nasceu essas aulas de ginásticas e como complemento agente saía da aula ali, na Av dos Andradas ia ao Sr. Oswaldo das cocadas, é um fato importante pro Clube, pois todos nós íamos pra lá, porque ele tinha uma famosa cocada preta, branca e de leite. Automaticamente agente ia. Agora vou aproveitar para citar uns pequenos nomes que iam junto comigo. Severiano de Moraes Sarmento, hoje falecido; Maurício, eu chamo Maurício

Procópio; Maurício Teixeira Leite... ia mais quem.....João Roberto Nunam Vieira que veio a ser Presidente do próprio Clube anos depois; os meus irmãos Hélio de Castro Surerus e Eurico Surerus e eu Alberto Surerus. Quer dizer nós e mais uns 15 ou 20 tinhamos essas aulas de ginástica sistematicamente. Isso foi meu início no Clube Ginástico.

J: Na pergunta: O que significou o Clube na sua vida? Como o senhor responderia? Que importância ele teve para sua formação?

A: Naturalmente, e é claro que se diga, como é. Jogador de basquete que fui a ser anos depois no Sport Club Juiz de Fora, o Ginástico no início, foi ali através da ginástica, dos "rachas" de basquete eu fui aprendendo essas movimentações, enquanto que paralelamente a ginástica lá fora com os associados. Inclusive minha família toda que foi fundadora, frequentava as aulas de ginástica.

J: O senhor sabe um pouco da história do Clube, como foi fundado? Quais motivos levaram a fundação deste Clube?

A: Para mim o motivo único foi exatamente a existência da descendência de alemães em Juiz de Fora, na área onde é hoje a Igreja Luterana, o Clube D. Pedro II, ali nos tínhamos as reuniões e paralelamente a prática de esportes, de ginástica. Um fato muito interessante é que nós tínhamos um Pastor que era instrutor nosso e ele era meio pra frente, e certa vez ele disse, - Olha hoje nós vamos fazer uma ginástica diferente, todos nós vamos atravessar o Rio Paraibuna a nado. Aí um ah! Eu não sei nadar, outro não sei, não, não. Todo mundo pra lá e eu vou junto. E todo mundo foi nadar. Naquela época o Rio era sinuoso, não era retificado, conforme foi na enchente de 1940. Então o que queria saber mesmo?

J: O que o Sr. sabe sobre a história do Clube?

A: Exatamente. Esse pessoal, esse jovens, principalmente da família Surerus e outros mais resolveram então fundar um Clube específico para ginástica, principalmente ginástica é onde fundaram o Clube Ginástico em 1909, não foi isso? Foram meus pais, meus tios, meus primos, eu cito nomes: Henrique Surerus Sobrinho, meu pai; Oscar Surerus, meu tio; João Surerus, meu tio; Alfredo Surerus; tio também; Roberto Surerus, tio também e muitos outros Surerus que frequentavam o Clube. Esses é que fundaram o que se cham de TURNERSCHAFT, em alemão que é o Turnen da Ginástica, fazendo a transposição ao português. Aí é que surgiu o Clube Ginástico na Av. dos Andradas e fundos para Av. Rio Branco, ali no largo do Riachuelo, mais ou menos, que acabou por ser cortado pela Av. Barão de Cataguases, no seu fianl, foi assim.

J: O senhor falou que quem ministrava as aulas era o Caetano, não é?

A: Era o quê?

J: As aulas eram dadas pelo Caetano de ginástica?

A: E às vezes até os filhos também.

J: Como era o Caetano, qual a relação dele com a turma, o que o senhor lembra dele?

A: Eu convivi com ele muito, muito tempo, ele naturalmente era muitos anos mais velho que eu. Ele era uma figura que eu poderia citar como ímpar na

cidade de Juiz de Fora. Tanto é assim que ele foi instrutor do Stella Matutina onde minha senhora frequentava, a Mirian Hargreaves. Ele foi instrutor do Colégio Santa Catarina e foi instrutor no próprio Clube Ginástico, de basquete, ele era uma pessoa muito dinâmica, muito querido, ele era um atleta perfeito, a vida dele era o atletismo. Isso é que posso falar, tanto é assim que em homenagem a ele existe o prédio do Esporte Amador no Santa Terezinha, tem o nome do professor Caetano Evangelista.

J : Era ele que também dava as aulas de basquete que o senhor participava?
A: Também, também, era instrutor também.

J: Você senhor Alberto lembra como eram os exercícios que dava, se usava aparelhos, se era a mãos livres, como era essa aula de ginástica e basquete?
A: O Clube era dividido em 2 partes: uma era relacionada a basquete, vôlei e ginástica e a outra parte era exclusivamente dos ginastas, lá fora um barracão específico pra eles. Então a gente via sempre. Eu nunca fui lá, nunca fui, mas via sempre muita gente fazendo ginástica e exercícios ali. Não recordo os nomes, não recordo.

J: Faziam aulas nos aparelhos fixos que tinham lá?
A: Vários aparelhos. Elementos como esse Italo Pascoal Luiz, possivelmente foi ou será entrevistado, pode dizer com propriedade como era aquilo lá, entende? A parte dele.

J: E como era a aula, como começava, quanto tempo era essa aula?
A: Nossa aula, o apito chamava a turma toda, piano em ação e nós na ginástica. Aquilo muito organizado, muito simples, não tinha bagunça nenhuma, nada. E era assim, uma coisa muito simples.

J: Havia exigência de alguma roupa para fazer as aulas, Sr. Alberto? Tinha uniforme, vocês mesmos combinavam?
A: Não. O uniforme era camisa sem manga, né. Camisa de ginástica que é até hoje. O Prof. Caetano era mestre em colocar esta camisa em todo mundo.

J: Tinha alguma coisa na camisa?
A: Não, tinha os quatro efes, aqueles que tinham os quatro efes, fora disso era camisa branca, calção e mais nada.

J: Quantas pessoas frequentavam a sua turma?
A: Quantas pessoas frequentavam minha turma?

J: Isso, quantas pessoas faziam aula ao mesmo tempo?
A: É muito difícil eu falar. A idéia que faço é de 20, 25. As terças e sextas-feiras, a noite.

J: Na época que o senhor praticou atividades lá, haviam muitas pessoas no Clube? Ele era muito frequentado?
A: Naquele horário, terças e sextas-feiras somente a parte, nessa de ginástica e a parte de atletismo lá fora. Nada, depois mais tarde eu vim a saber que eles

fomentavam também o voleibol e o próprio basquete mesmo, oficialmente. Muitos anos depois eu vinha a jogar pelo Ginástico.

J: O que o Sr. acha sobre essas pessoas que frequentavam o Clube? Qual classe elas pertenciam? Todos podiam participar? Eram pessoas que tinham mais condições, menos condições, pelo o que vivenciou lá dentro?

A: É difícil eu precisar isso, mas a exemplo destes 5 ou 4 nomes que eram amigos nossos, muitos outros moravam nas imediações, por ali, ou de outras famílias. Mas seria um porte médio de educação, de possibilidades financeiras, não era coisa de rico, nem de pobre.

J: Uma classe média?

A: É, a classe média.

J: O senhor já falou alguns nomes pra mim, mas quem participava da sua turma de basquete, quem são as pessoas que o senhor lembra?

A: Aí, você está dando um salto para o ano de 1946, possivelmente quando eu era jogador de basquete do Sport de Juiz de Fora, e o Sport por questões de problemas com a Liga Juizdeforana de Basquetebol, o Sport não disputou o Campeonato daquele ano e liberou todos os jogadores para disputar para outros Clubes da cidade, que eram vários. Eu tomei o rumo do Clube Ginástico, com Aloísio Tavares, eu e ele, apenas os dois do Sport. Então você queria saber o que a respeito?

J: Quem participava?

A: Ah bom! Aí nesse particular, nesta minha vinda pro Ginástico eu tive o prazer de jogar ao lado de muitos que no ano vinham sendo adversários, porque eu jogava no Sport e a turma era a do Ginástico, era um time muito bom, muito bem treinada. Então eu tive a oportunidade de jogar com nomes de real valor de Juiz de Fora como; Heider Nunes Santos, um dos maiores jogadores que já tivemos, Paulo Garcia que nada mais é que avô do Márcio Garcia, que hoje está na Tv Globo, Paulo Garcia jogava muito bem. Céu Azul Soares, Pedro Couri, Détis de Oliveira, Darci Brega, Aloísio Tavares e eu Alberto Surerus, são os nomes que eu joguei o ano inteiro.

J: O senhor tem contato, eles vivem em Juiz de Fora?

A: Só mais um detalhe. Nós fomos vice-campeões na cidade, perdemos o título numa melhor de três, ganhamos a primeira e perdemos a 2ª e a 3ª e então nos sagramos vice-campeões. Então o que você ia falar?

J: Desses nomes que o senhor falou tem algum hoje que a gente possa encontrar, algum contato?

A: Que eu saiba acho que são falecidos. Inclusive o Aloísio Tavares faleceu agora, há alguns meses atrás. Eu acho que todos esses aí, Heider Santos, Paulo Garcia, Pedro Couri, todos falecidos, Darci Brega, Décio de Oliveira, eu acho que não tem nomes a ditar.

J: Além dessas pessoas da sua turma, senhor Alberto, o senhor lembra de outras pessoas que participavam do Clube, de outra turmas?

A: Não, não. A minha passagem pelo Clube foi exatamente, foram duas. Essa inicial de aprendizado ginástica, basquete e tudo. E essa outra já como

jogador do 1º time. Só convivia apenas com esse grupo, mais ninguém. Eu falo sempre na Pátria Soares que era do voleibol, era 1ª linha do vôlei e outras jogadoras cujo nome eu não me recordo agora. Era bem movimentado o voleibol, a Pátria Soares deve ser entrevistada, ela vai poder falar muita coisa a respeito do Clube.

J: Como eram divididas as turmas, quais os horários? As mulheres participavam juntas, seus horários eram diferentes?

A: Não. Terças e sextas eram só rapazes. Não havia misto não. Provavelmente elas tinham outras turmas em outros horários e turnos. Então era só rapazes. E o basquete já do 1º quadro era só homens, eu convivi só com homens ali.

J: Como era o espaço do Clube? Quais espaços haviam para as aulas?

A: O espaço do Clube, o Clube tinha 3 espaços: a coberta voltada para a Avenida dos Andradas, a coberta onde eram ministradas as aulas de ginástica e racha de basquete, uma quadrazinha coberta. Quadra ao ar livre do lado de fora que era oficial do Clube, além do barracão de atletismo ao lado. Então a área não era muito espaçosa não, mas dava para movimentar os esportes.

J: Dentro da história do Clube Sr. Alberto, ele realizou várias festas comemorativas, fez vários eventos. O senhor participou de alguma delas ou se lembra?

A: Não, porque eu me afastei totalmente. Quando fui para o Sport, eu virei totalmente Sport, jogando basquetebol durante 14 anos seguidos, então praticamente eu fui ao Clube Ginástico 1 ou 2 vezes. Festas juninas eu me lembro. Eles faziam festas boas, bonitas e era o congraçamento com as moças em geral, ai a essa altura a gente entra com as moças. Essas passagens eu tomei parte, fora isso não.

J: O senhor falou que participou no Clube com o basquete. O senhor lembra de algum jogo que tenha ocorrido, competições com outros times, com quais times jogou?

A: Eu joguei contra, era o Ginástico contra o Olímpico e o Tupi de Juiz de Fora. Além desses tinha o Círculo Militar, o Sport Clube Mariano Procópio. Todos esses Clubes tinham equipes de basquete que disputavam o Campeonato anual da cidade. O que eu me lembro foi que joguei exclusivamente este ano foram essas finais, foram muito disputadas. Ganhamos uma, perdemos duas, mas não tenho outras recordações.

J: Como era a participação do povo de Juiz de Fora. Quem assistia?

A: É muito fácil, é fácil explicar. Os Campeonatos de basquetebol eram mais ou menos meia dúzia de Clubes, muito bem disputados, eram muito bem apreciados, muita torcida. Porém todos ao ar livre. É importante que se diga, pois nós não tínhamos ginásios e tínhamos basquete. Os juízes costumavam vir do Rio de Janeiro para os jogos principais, os jogos decisivos. As vezes chovia, tinha que voltar para o Rio de Janeiro pra vir outro dia, então era difícil, mas o basquete teve uma época muito boa que até existe uma reportagem minha com um jornal da cidade, o Josino, você sabe como chama o jornal?

J: Diário Regional.

A: É uma parte inteira onde ele focaliza comigo, onde eu tive o ensejo de dizer tudo o que existia naquela época em matéria de arbitragem, times e tudo mais. E eles colocaram a “Era de Ouro do Basquete de Juiz de Fora”, foi realmente esta época que girou entre 1942 e 1960, quando eu praticava esporte.

J: O senhor se lembra quando foi esta reportagem no Diário Regional?

A: Eu tenho o Xerox. Isso não faz muito tempo, eu diria, nós estamos em 2009, deve ter sido em 2002 ou 2003, porque já foi recordação. Esse jornal focaliza vários jogadores que tiveram uma atuação acima do normal como Dirceu Santiago no voleibol, me lembro mais de... vários outros, o Pavi que era goleiro do Tupinambás e foi do Sport também. Então eles fizeram, focalizavam, pegaram esse elemento, então ele dava o retrato de como tinha sido o esporte em Juiz de Fora, há 10 ou 15 anos atrás. Então foi isso.

J: O senhor saberia me dizer quais foram os motivos para o fechamento do Clube em 1979?

A: Certo, eu não sei, mas uma das coisas foi, me parece a diminuição do próprio movimento do Clube, deve ter sido. Mas pior que isso foi a questão de ter que abrir uma parte da Rua Barão de Cataguases, Avenida dos Andradas e Avenida Rio Branco, onde residia também o Professor Caetano Evangelista com a família dele. Eu acho que o Clube foi acabando assim, por obra de um abandono, outro também, não houve recuperação de novos elementos. Só pode ter sido isso.

J: Qual a melhor lembrança do Clube? Quais ensinamentos ele deixou?

A: Bom, a melhor lembrança que tenho é a carta que recebi quando joguei lá esse ano, que eu respeito pra mim como esportista, como melhor prêmio que recebi na vida, acima de todas as medalhas que ganhei pelo Sport Clube Juiz de Fora, muitas e muitas, essa carta que eu recebi do Clube que até te entreguei, ela relata aquilo que eu fui dentro do Clube, para eles e para mim. É o que eu lembro.

J: Tem alguma coisa Sr. Alberto, que eu não perguntei que o senhor gostaria de falar, que acha importante a se colocar no meu estudo? Outras afirmações?

A: É eu acredito que o principal já foi dito. Eu lembro a você, não sei se a Pátria Soares, Dr. Jorge Magaldi deve ser entrevistado, é uma pessoa importante na vida do Clube Ginástico, né. O Presidente na minha época era o Ivan Leite Ribeiro, falecido; Caetano Evangelista, falecido e João Roberto Nunan, eu não sei se você anotou, esse deve ser entrevistado, sabe a vida do Ginástico melhor que eu, muito mais, porque ele chegou a ser secretário e Presidente do Clube, além de ter sido junto comigo frequentador de ginástica na década de 30. É o que posso falar sim, é o que tenho, é o que pensei, foi por aí.

J: Em conversa anterior, informal, o senhor disse sobre sua família a respeito da questão de doação de terreno, o que foi isso?

A: Ah, sim! O Clube Ginástico, a origem dele vem exatamente dessa, eu diria uma pléiade de descendentes alemães que frequentavam uma área que foi cedida ou doada por minhas avós Cardina e Catarina Kremer. Essa área é onde hoje está a Igreja Luterana na Praça Agassis ao lado do Clube Dom

Pedro II. Tinha o boliche, hoje extinto, que era o jogo da bola, chamava Kegel Club Juiz de Fora, durou muitos anos, mais também parou. E a casa social do Culto, esse setor aí que deu chama, aqui os elementos que iam lá sempre praticar alguma ginástica, funda-se o Clube Ginástico. Quer dizer, ele é obra, conclusão dessa turma. Inclusive a família Surerus, muitos, muitos Surerus foram pra lá pro Ginástico também. É o que posso falar.

J: Desculpe senhor Alberto, eu esqueci de perguntá-lo se era necessário pagar alguma mensalidade ao Clube?

A: Não, lembro não. Na minha época quem pagava era meu pai. Quando eu saí, nunca fiquei sabendo nada, nada. Mas o Jorge Magaldi pode dar muita informação a você, muita, muita, vai esquecer isso aí, Jorge Magaldi e Pátria Soares.

J: Senhor Alberto, agradeço ao senhor. Acho que contribui bastante e espero que a gente consiga terminar este estudo e contribuir para a história do esporte de Juiz de Fora?

A: Faço votos que você faça um trabalho muito bonito, com está sendo que eu estou notando, por pessoas que já foram entrevistadas né, e parabéns pra você e sucesso na vida porque você está exatamente no momento de arrancada na vida.

J: Obrigada senhor Alberto**!**

A: De nada.

Entrevista 8: ITALO PASCHOAL LUIZ

J: Bom, eu estou aqui com o Professor Ítalo. Professor Ítalo, por favor, fale seu nome completo.

I: Ítalo Paschoal Luiz, mas na cidade seria Louvisi, porque sou filho de italianos, mas meus documentos estão Luiz, e que assim seja.

J: Qual a data de nascimento do Sr.?

I: Outro erro. Eu nasci no dia 15/02, aquariano de 1927. Porém meus pais ficaram encantados com meu nascimento, se esqueceram e me registraram mo dia 05/06/1927.

J: Onde foi feito esse registro?

I: Em Juiz de Fora mesmo.

J: Quais foram as atividades, professos Ítalo, que o senhor desenvolveu ao longo de sua vida. Dentro da ginástica e também em outras áreas?

I: Dentro do esporte, vamos assim dizer, eu tinha uma paixão louca pelo futebol. Goleiro do Tupi Juvenil. Fiz o tiro de guerra, goleiro e fui juvenil com 17 anos e meio. Mal podia sonhar que seria preparador físico. Gostava de ginástica, mas não tinha mestre. Um dia passando pelo Riachuelo e vi o prof. Caetano, um senhor de idade, e perguntei pra ele o que era aquilo, ele falou é ginástica e rudilmente mal sabia que eu seria mais tarde seu melhor auxiliar,

mas dedicado ao ponto dele afirmar a um vizinho que é vivo até hoje que eu um dia seria seu substituto.

J: Você lembra quem era?

I: No momento não to lembrando. O apelido era dona Noca, ela morava próxima do clube e ele particularmente ele disse : esse menino vai ser meu substituto. Além de forte corajoso, eu fui com ele e realmente isto aconteceu.

J: Além do clube, e preparador físico, o senhor fez alguma outra atividade?

I: O meu pai tinha uma casa de comércio, vivia pegando peso sem necessidade. Mudava uma fileira de arroz por exemplo, pra outro lugar pra poder se exercitar. Naquele tempo tinha fogão a lenha, rachava muita lenha não só para a casa mas também pros vizinhos pra ganhar uns trocados e com isso manter um braço grosso, e tinha muita força.

J: O senhor comentou que estudou psicologia, como foi isso?

I: Isso já foi com, após o término do primário, que eu estudava ali no italiano, 2 horas de italiano e 2 horas de português. Era na Casa D'Italia, ainda no prédio antigo, da Getúlio Vargas. Mas eu tinha uma influência por alemães, mas eu via falar, mas não sabia como até que conheci posteriormente o professor Caetano da maneira que eu já descrevi. E nos afeiçoamentos um pelo outro e foi, foi assim que nasceu meu entusiasmo pela Ginástica.

J: Qual o período que o senhor participou do clube?Quando entrou e finalização das atividades.

I: Eu entrei muito tarde. Eu tava com 20 anos, no dia que o Pelé comemorava aniversário se eu não me engano, 23 de outubro de 1947, tava com 20 anos. Mas eu fazia coisas extraordinárias, que eu via fazer no cinema, no circo queria, mas não sabia o local próprio para isso. Não tinha quem me informasse. Mas brigador, gostava de uma briga. Mas não era por nada não, mas por pouca coisa, eu levava sempre vantagem nas brigas. Tinha mesmo mais força e só certificava-me disso, mais confiança eu fiquei em praticar, mas na era só força, ginástica aprender com o tempo, porque precisa de equilíbrio, de jeitos, de maneiras e treinamentos e foi assim que eu iniciei.

J: Qual significado o clube teve pra sua vida, qual a importância dele para você?

I: São os 4 efes : franco, forte, firme e fiel é tudo. São quatro palavras cujo símbolo é muito marcante e tem uma história interessante nele, corrida entre os 2 melhores da época, entre eu e Paulinho que acabou de falecer. O presidente do clube ginástico o senhor Ivan Vidal fez com que eu e o Paulinho fizéssemos uma luta livre, do jeito que pudesse. O Paulo me pega numa chave de pernas e me deu um laço e eu não soube sair da chave. Então ele mesmo me ensinou, então ficou 1 x 0 pro Paulo. Mas eu havia jogado ele no chão mas não soube aproveitar. Daí o Ivan deu ordens que nós continuássemos e aí fui eu que novamente joguei ele no chão e dei-lhe uma chave de braço e ele bateu. Então pra não ficar, pra não houver desempate ficou 1 x 1 quer dizer ele venceu uma e eu venci outra. Quer dizer, era uma rivalidade muito grande, nós dois, tudo queria um pegar mais peso outro fazia isso e mais aquilo enfim essa foi construtiva, essa brincadeira, e nós crescemos amigos e juntos de premeio o Edson Peterman que é, foi o primeiro trio Brasil, é o Paulinho e o Edson. Depois entrou o Geraldo

Fernandes Ervilha que sustituiu o Edson que havia ido embora para o Rio. Então ficamos até que épocas se desentenderam o Edson e o Ervilha e ficou a dupla denominada Lô e Rub e fomos campeões brasileiros. Mas é história pra contar e é longa.

J: Vocês foram campeões brasileiros de que? Com sua DUPLA?
I: Nós fomos campeões brasileiros de ginástica de força combinada.
J: E onde foi o evento?
I: Este evento começou a ocorrer na TV Rio, do RJ. Teve Rio, depois TV Tupi, depois fomos para Belo Horizonte na TV Alterosa, TV Excelsior e uma vez com a Turma do Clube Ginástico do Belo Horizonte me lembro de um grande efeito, vendo meus alunos tentarem em cima de um caminhão Scania , eles tentaram fazer cavalo de pau e não paravam e eles iram devagarzinho e aniversário em Belo Horizonte e tinha uma paralela, uma paralela nova, não havia pego na paralela. Sei que eu peguei a paralela nova, não havia pego na paralela. Sei que eu peguei a paralela e fiz 4 números: 3 a tempo e 1 a força. Mais por fim sucesso tamanho que na frente uma turma de acrobatas de salto, de salto de lona. Tinha um outro nome também que eles davam também, o trampolim. Eles ficavam, o povo todo eles viviam me aplaudindo-me sozinho e eles largaram lá o número deles pra mim assistir eu fazer o número em Belo Horizonte. Isso foi na época em que fui dar aulas para os professores de todo o Brasil em Belo Horizonte e a minha fama percorreu Brasil inteiro. Mas não tinha a divulgação que tem hoje. Outra pergunta.

J: Em 47, o senhor disse que entrou no Clube Ginástico. Quem era seu instrutor neste período?
I: Professor Caetano.
J: Como era a relação dele com a turma e com as pessoas do clube?
I: Ele era muito enérgico, ele não permitia o sujeito fazer ginástica c/ uniforme sujo, tinha que ser todo branco a ala masculina né, e o detalhe: muita atenção, muita disciplina, muita rigidez. E entre aspas “ Moral, tinha que ser aluno disciplinadíssimo, e eu procurei preencher todos esses requisitos e tornei-me seu fã direto e na sua falta que dava aula, era eu.

J: O senhor se recorda de alguns exercícios, como era a aula, o início, aulas em aparelhos, no solo?
I: Aula acompanhada de piano, tinha um piano, os movimentos eram feitos com o piano. Ora o Célio, que não sei se está vivo. Está?
J: Não, já morreu. Dos filhos somente a Climene.
I: E a Climene que tocava também. Eu fiz uma homenagem a ele, no livro você pode ler.
J: Vou ler com prazer depois, obrigada.
I: Onde paramos?

J: Estávamos falando como eram as aulas como elas começam, era um aquecimento, era direto aos aparelhos?
I: Aquecimento com manchas de piano, ou Célio ou a Climene. De maneira que começávamos manchando, fazendo já evoluções, dali ia surgindo os exercícios tudo andado, movimento. Saiam todos e formavam desenhos, eram vários desenhos. Depois nós passávamos para o estático né, o Caetano

parava e socorríamos ele. Até eu conto a história no livro, desta aula mas eu não lembro a página.

J: Podemos ver isso se quiser.

I: Homenagem póstuma ao Caetano.

J: Que bom. Depois vou ler com calma. Aqui o Sr. falou um pouco sobre ele, sobre sua aula.

I: Deixa eu ver se é nesse que eu falo. Vou fazer um teste pra minha leitura, pode?

J: Claro!

I: Nossa menina, nunca vi gente igual a você pra gostar disso!

J: Faço com prazer

I: Homenagem Póstuma sobre o Prof. Caetano Evangelista: Revejo o salão do Clube Ginástico de Juiz de Fora com mais de 100 alunos, todos garbosamente perfilados. Numa saleta, próxima ao salão nobre, os seus filhos, Célio e Climene, revezavam-se juntos no piano. O professor dá um sinal e inicia-se a aula de ginástica. O aquecimento com evoluções, marchas e desenhos variados. Seguem-se os exercícios de cabeça, tronco e membros nas mais variadas posições, e todos com acompanhamento musical. No centro do salão, estava a figura central e responsável por tudo que acontecia. Sim, o professor Caetano Evangelista era o regente da orquestra. O insigne mestre, com um uniforme branco impecável. Com gestos firmes e concisos, um sorriso carismático a conduzir mais uma sessão de educação física. Já tinham feito um corte na Avenida Rio Branco, diminuindo, diminuindo o numero de alunos, talvez poderia até ter sido triplicado, covardia, né. Tanto lugar para fazer, porque eles foram acabar c/ aquilo! Até começar a querer brincar para eu entrar para a escola de, de, professor, sei lá, criadores. Mas não sei se era isso que eu queria falar.

J: Estávamos falando sobre os exercícios, o senhor descreveu um pouco sobre como era a aula do seu livro. O senhor se recorda se havia exigência de alguma roupa para fazer as aulas, tanto as mulheres quanto aos homens? Quando o Sr. era aluno, como era?

I: Os homens todos de branco, branco impecável. As mulheres de branco com listras, o short era comprido até o joelho, vermelho laterais.

J: Então o short era branco e listas vermelhas ao lado. A blusa era branca e tinha o símbolo dos 4 efes?

I: A blusa era toda branca c/ o símbolo dos 4 efes, franco, firme, forte e fiel.

J: E como era o símbolo? Qual era sua cor?

I: O uniforme era vermelho e branco.

J: Tem algumas fotos onde os alunos usam uma faixa na cintura. O senhor sabe me dizer qual a cor destas faixas?

I: Eram usadas anteriormente às que o professor criou

J: O senhor lembra da cor?

I: Agora você me apertou. Eram cores listradas, mas sempre a predominância do branco com vermelho.

J: Você já falou alguma coisa sobre isso. Mas quantas pessoas frequentavam sua turma?

I: A minha turma era mais ou menos de uns 50 alunos. Ele dava a aula e até as vezes iniciava no meio da aula, parava p/ mim continuar ou eu dava a aula todinha. Dava confiança e ele ficava de fora, ele era muito emotivo e às vezes chorando ver eu dar aula, imitando né, nos gestos dele e depois quem criou um gesto, cria dois, cria três né. Me lembrei esqueci. Queria ser cópia fiel, como falou mesmo?

J: Xerox.

I: Xerox. Até meu andar ele imitava o Gilson queria.

J: Ele fazia aula junto com você?

I: Éramos alunos do professor. Depois o professor largava e deixava eu dando aula de aparelhos. Todos sobre o meu comando.

J: Quais eram os aparelhos que o clube tinha?

I: Nós praticávamos muito era todos eles. Barra fixa, barra baixa como esta ali, barra alta, paralelas, cavalo e salto sobre o cavalo sem alça. Todo dia a gente faria isso.

J: Quando o senhor foi professor dentro do clube ginástico, quantos alunos tinham nas suas turmas? Você enquanto professor?

I: Eu cheguei a ter aproximadamente uns 180 alunos ao todo.

J: E numa turma? Quantos alunos o senhor aceitava em cada aula?

I: Esses 180 da ginástica tradicional, eu tinha apenas 30 aparelhistas, faziam só aparelhos.

J: Era um bom número então.

I: Seguiam entre eles, olha, o Rominho e eu era nuito exigente. Me lembro do Pai do Roninho, primeiro dia que ele foi lá falou assim: vim entregar o meu filho a você. Olha o que fui lembrar. Tinham 2 irmãos: Aníbal, Otávio, Otávio Aníbal. São médicos e distinguia eles pela falha dos dentes. Sabe o que que é, um era Aníbal e me levou uma melancia enorme e disse que era só para lembrar aí de castigar meus filhos pois eu não quero que eles fumam e siga a moral, os preceitos. Tudo o que um professor ensina a ele e como eu era enérgico demais, quer dizer e hoje vejo que eu era demais né. Mas meus pais também era muito enérgico, era tudo certinho, duto direitinho, tudo na maior coisa. Hoje eu vejo coisas e faço de conta que não vejo e não acredito que as crianças façam.

J: Quem participava da sua turma? O senhor se lembra de alguns nomes? Da sua turma com o Caetano?

I: Inicialmente, por muitos anos ficou sendo Paulinho, mais antigo, ele arrastou o Edson, o Edson quando o Paulinho já tinha uns 3 anos de turma, ele ficava dividido entre o basquete que a turma chamava ele p/ completar o time e o Caetano que queria ensina-lo a ele a fazer aparelho porque o pai já tinha se distinto. Não se sabe como , tinha uma turma grande e de repente o professor , os alunos perderam o interesse não sei porque, houve lá uma diferença qualquer, uma luta não sei explicar, não tenho elementos pra ti explicar. Então o Caetano falou assim: ah, eu acho que uma oportunidade boa pra mim,

começar a ensinar em cima deste menino que tem, tem vontade, que viu o Paulinho pular daqui, pular pra dali e começar a ensinar o Paulinho. O Paulinho chamou o Edson em menos de 1 ano o Edson me chama, eu chamo o Ervilha e ficou só nós quatro.

J: Qual era o nome do Ervilha?
I: Geraldo Fernandes Ervilha, era o nome todo, compreende?

J: Alem de vocês, tinham mais outras pessoas?
I: Ai ficou só nós quatro. Aí o Caetano tava sentindo que ele gostava de beber escondido e não tava agüentando mais. Aí ele: Ítalo me ajuda aí, empurra a turma. E eu comecei a empurrar e cheguei a ter uns 30 alunos. Aí ele ficava satisfeito porque a turma tava pronta e ele vinha e que que sê ta querendo dar? Cavalo? Não, uma exibição, vamos a marcar uma exibição aí. Era assim ele confiava em mim e ficava por minha conta.

J: Seus alunos, o senhor lembra de alguns deles?
I: Meus alunos. Pinheiro que perdeu o braço num desastre, dois irmãos Maltoni e Sérgio, Sérgio Maltoni, esses foram meus alunos mesmos. Agora eles chamaram o pessoal do Granbery, Marcio Cleiton, que foi campeão brasileiro de vara, salto c/ vara. A família de três irmãos Seixas, Nilson, um deles, Aldebaram, um fez campeonato brasileiro, eu realizei, comecei a criar campeonatos internos. Em vários campeonatos, eu sei que um, este ficou muito marcado com 4 ginastas bons, houve uma votação, foi filmado compreendeu, mas você interessa por essas coisas, meninas?
J: Interesso! Claro!

J: Mais alguns alunos?
I: Esses foram destaques né! Antonio Marangon no Campeonato, até Antonio Marangon que tirou em primeiro lugar. É o único aluno que me visita, ele vem de São Paulo para me visitar e está na época dele vir a JF.

J: Quando ele vir, vou deixar meu contato, se for possível, pede a ele para me ligar .
I: Pode deixar, quem conta acrescenta um ponto não é mesmo?Isso é bom!

J: Você lembra de outros alunos que não eram da sua turma e que jogavam basquete ou vôlei, ou outra atividade?
I: Não. No basquete dentro do próprio clube tinham muitos: os Zanzoni que depois foram para o Olímpico, o Tortoriel, mas não tem jeito.
J: É muita gente, não é mesmo?
I: É mesmo, passa um filme.

J: Na sua época como aluno, como eram divididas as turmas? O horário, o dia, quanto tempo de aula?
I: Enquanto aluno era ,deixa eu ver quantas turmas. Era terças e sextas os dias. Terça e sexta-feira. A aula do Caetano durava pelo menos uma hora. Quando ele resolvia dar aparelho ele lotava lá, o aparelho que achava que agente devia fazer e dava as explicações e depois passava aquilo pro Paulinho ficou com uma turma e outro mais adiantado ficou com outra, eu

com outra. /assim até que ficou isolado, eu sozinho dado, porque eles não tinham interesse mais. Quando o Caetano me chamou e, o primeiro dinheiro que ganhei foi do Caetano. Ele tirou do bolso dele e falou assim: Você tem mais interesse, você, ele, me fez entender que eu era muito dedicado, esforçado diferente e seguia as normas dele, foi isso.Tô te sendo franco como se tivesse num confessionário.

J: Que aulas o senhor dava no Clube?
I: Que aula era?
J: Isso, o senhor dava ginástica...
I: Eu dava ginástica natural, mais livres, costumava dar de bastão, muito raro mas livres e aparelhos. Eu escolhia um aparelho por dia. As vezes fazíamos os dois.

J: Todos tinham que fazer todos os aparelhos?
I: Ah, aí tinha que fazer, tinha que aprender todos os aparelhos.Cavalo com 2 alças, que era o cavalete né e barra fixa baixa, barra fixa alta, paralelas e argolas que era o mais difícil.

J: O senhor chegou a ensinar o basquete?ou vôlei?
I: Não, não. Eu nunca , interessante, nunca. Me lembro que fui visitar o Tupi, joguei voleibol, mas eu era pequeno, tinha tendência a uma estatura menor, não me interessei e já se olhava altura naquela época pra praticar e o basquete era o mesmo um certo rigor. Agora a ginástica não tinha limites não e talvez uma das razões, pq eu gostava mesmo de ginástica e me acrescentava isso né. Não tinha problema na altura.

J: Na sua época, enquanto aluno, quais eram os espaços que o clube tinha para fazer aula? Lá nos anos 40, 50?
I: Depois que ele dava a aula.
J: Onde era a aula?
I: Dentro do salão fechado. Ele terminava a aula e escolhia um aparelho qualquer. E nessa escolha desse aparelho qualquer, nós tínhamos os chamados números obrigatórios. Às vezes ele ia ensinar um número novo, ele chamava todo mundo, reunia ali, explicava o número mas já subia com dificuldade né, de demonstrar e então aproveitava a gente mais adiantado pra fazer. Entregava na nossa mão os aparelhos quer dizer, chegou a ter 2 professores, 2 instrutores de aparelho né, cada um mostrando uma coisa, muita escola, muita perfeição, exigia-se muito isso.

J: Além desse espaço do saldo havia algum outro espaço que o clube tinha prática?
I: Não, só tinha mesmo o salão.

J: Tinha quadra aberta em algum outro espaço?
I: A quadra não Ele simultaneamente largava a gente ia lá pro clube dos Alemães joga Boti.
I: Era o Kegel Clube? Um boliche?
I: Um clube alemão. Ele participava daquilo lá e foi até campeão lá. As vezes ele vinha de fogo, escondia, mas não tinha jeito não, ele gostava de beber.

J: Esses alunos que participavam do clube, você acha a que classe social eles pertenciam?

I: Nas mais diversificadas. O que predominava era a classe alta, os filhos do Pantaleoni Arcuri, famílias tradicionais de Juiz de fora, muitos alemães, alguns italianos, Hargreaves, famílias mais, tinham muitos alemães. Aquilo ficou misturado, foi misturando, misturando aí era só quem gostasse mesmo né, quem ficava na pratica daquilo e eu fui um desses.

J: Como funcionava a questão das mensalidades, qual valor?

I: Era dois mil réis.

J: Na sua época enquanto aluno?

I : A mim, esses dois mil reis ele me perdoa, porque ele sabia que meu pai tinha condições né, era comerciante, e ele sabia mas, ele sabia que papai não gostava de ginástica, então ele ... o primeiro dinheiro que eu ganhei foi dele, auxiliar dele.

J: Os melhores alunos então não pagavam?

I: Não. Eram poucos, muito poucos.

J: No seu período o senhor lembra como era?

I: No meu período era 2 mil réis.Aí então o clube o que ele fez. Ele me inscreveu como Liga de Desportos de MG'. E dava um tanto a ele para incentivar essa parte. Olha o que você ta me fazendo lembrar. Era uma verba, uma coisa relacionada a Loteria Mineira.

J: Quer dizer, dava dinheiro ao clube para ele incentivar a prática.

I: Então a Liga, quando fecha essa transação, ele tirou do bolso dele para me pagar. Então o dinheiro foi ganho com suor do bolso dele, ele me deu chorando e que isso sirva de lição pra você. Que você continue com esse entusiasmo e siga em frente porque nós precisamos de gente assim. São os ensinamentos.

J: O senhor já comentou alguma coisa, mas o senhor se recorda de alguma festa realizada no clube, seja para arrecadar fundos, demonstrar, competir?

I: Festa Junina, eu participei de uma.

J: E como era esta festa, na forma como conhecemos hoje, com danças, comes e bebes?

I: Era essas coisas.

J: Tinha algum baile?

I: Tinha um baile sim.

J: E competições. O Senhor disse já fez foi no clube?

I: Eu fiz uma demonstração pro Turunas do Riachuelo, era uma escola de samba, mas aí o Caetano já tinha morrido. Mas a presidente do clube ginástico e eu era o tomador de conta, nem sei o termo que usavam. Quase me lembrei tava na minha cabeça, o nome do Presidente que já tinha vencido o mandato dele.

J: João Munam?

I: Esse já foi. Foi antes desse.

J: Antes foi o Ivan.

I: Ivan! Seu Ivan eu tenho uma recordação boa não sei se cabe contar, tenho comigo.

J: O Ivan ficou um bom tempo no clube

I: Estimulava demais. Ele que estimulava essa briga entre eu e o Paulinho que eu já contei antes, empatamos 1 a 1. Eu Joguei ele no chão mas ele me deixou lá numa tesoura de perna e a saída era tão simples, era só deslocar um pé do outro mas eu não soube sair. Então aí ele falou assim: agora vamos a uma segunda vez confirmar ou não. Aí, eu joguei ele no chão, dei-lhe uma gravata e ganhei. Aí então eu falei assim: vamos pra terceira pra ver o vencedor e ele falou assim: entre vocês dois não pode haver isso. Vocês são ginásticos. Aí passou uma na gente, que...

J: Guardou pra vida inteira, viu!

I: Guardei mesmo. Fica o empate porque vocês dois merecem. O Paulinho era muito dedicado.

J: Ítalo, você participou de alguma competição?

I: Interessante. Eu tentei participar no Rio de janeiro no Ginástico Português. Então escreveram meu nome e tal e quando fui lá eles barraram a minha apresentação.

J: Senhor lembra o porquê, o motivo?

I: Porque antes eu havia trabalhado num circo, tinha um feito com o Geraldo Fernandes Ervilha, tinha feito um número com pinga fogo, porque tinha um aparelho no nariz e acendia e apagava esse carvam é nosso. Então havia feito com ele então eles falaram que eu era profissional . Nem sei o que era profissional na época, nem sabia e não permitiram eu participar. Se eu tivesse participado pelo que eu assisti no treino deles lá, não permitiram eu treinar, eu teria ganho em todos os aparelhos.

J: Como era as competições? Só amadores?

I: Eram os exercícios obrigatórios, né. Cavalo, paralelas, barra e argolas. E eu fazia com muita facilidade e isso me garantia.

J: Quais era os outros clubes que participavam?

I: Tinha o extinto Clube Força e Coragem que era de minha colônia e do meu pai, a italiana, né. Eu não sei porque eu fui lá pro clube ginástico. Sei que eu tive quando menor na Cervejaria Stiebler, cerveja, que eles treinavam bebendo o chopp né. Então eles treinavam assim e eu não podia imaginar que eu ia participar um dia, a gente não sabe explicar como e quando vê já ta lá dentro.

J: Ítalo o clube foi fechado em 79.

I: Morreu nas minhas mãos! A última aula foi com o prefeito Melo Viana que falou que ia fazer alguma coisa para o clube não se extinguir e eu caí na conversa dele.

J: Durante um tempo, a Prefeitura e o Estado tentou fechar o clube.E vejo que foram várias lutas de vocês. Então, quais foram na sua opinião, os reais motivos do fechamento do clube? O que o senhor me diz?

I: Digo nas palavras do Gabriel que defendeu o clube, Gabriel Gonçalves assim, como jornalista. Que essas crianças, que esses homens parecem que

não tiveram infância, não tiveram infância e que frequentavam o clube ginástico, passou a frequentar? Nós com uma brincadeira, fazíamos as coisas sérias. Mas a palavra que ficou e eu não tive como compreender isso, fui compreendendo com o tempo, foi que achei também uma covardia. Fecharam o clube. Fecharam na minha mão, morreu na minha mão o clube ginástico!

J: Vocês tiveram reunião, audiência, alguma coisa assim?

I: Isso foi política. Foi política do Melo Reis, antes com a palavra. E vou falar isto pela primeira vez. Nunca disse isso pra ninguém. Você vai ter o prazer e o privilégio. Tinha um pedacinho que sobrou lá nos fundos que eu aproveitei esse canto que era de telha de folha de zinco, que eles passavam a rua ali, né. O progresso era sempre a desculpa né, que iam cortar então e tinha que passar ali. Cortaram a rua e o zelador do clube, seu zé com a família, eu com eles, eu dava o que podia para eles não pagarem a luz, etc, etc, ele ajudava, fazia limpeza lá no clube né e eu contribuía com a turma do clube ginástico. A arrecadação era mínima, uma coisa irrisória, vinha no meu bolso, ele era tarado, a palavra era essa.se é tarado! Fazia por gostar mesmo.

J: Por que não tinha muito lucro, não é?

I: Não tinha lucro nenhum. Tinha uns que assinavam lá uns antigos, mas eu tinha um cobrador e ele trazia lá uns dinheiros até. Eu que acabei quando vi ele, ficou doente, falou: Ó sei Heitor não vou agüentar mais não.

J: Heitor?

I: Era nome José. Coitado né?

J: Ele cobrava as pessoas?

I: Ele cobrava, arrecadava e tirava a comissão e dava. Mas as despesas tinham e eram grandes, não era brincadeira não e eu assumi, tive que assumir sem saber, casa que não havia isso, mas eu não entendia bem o negócio. O fato que fui entendendo, comecei entender. Tinha que ter presidente, então elegeram os Vianna.

J: Joaquim ou Antonio?

I: Joaquim. O Antonio já indicação minha. O Joaquim me viu e gostava muito disso, gostava a família toda. Onde eu fiz 3 anos de direito lá, nunca paguei nada também, tem esse lado. Muito bacana, e eu to contando pra você e ninguém sabe disso então o Joaquim ele começou a querer, que ele fez pra aparecer, ele mexia com política então ele me incentivou é falou assim ó: você sabe que você fala bem de improviso? Porque o professor habitua ele adquiriu o hábito de falar com os alunos, disciplina, né. Então era bom. Voz alta, punha voz, falava, mas o coração era mole, mole. Então eu, ele me pagava lá uns trocados pra mim ficar, pra mim tanto faz, gostava do negócio e como se diz até pago pra fazer. Então eu pagava pra trabalhar! Pergunta foi forte.

J: Então o clube teve dificuldades financeiras?

I: Nossa Senhora! Aí você perguntou um negócio que eu tava falando?

J: Separar um cantinho...

I: Ah! Porque eles abriram a rua né e então no abrir ia cortar um pedaço do Clube Ginástico. Coce lembra de uma cena no cinema em que uma menina

não sei se na Índia ou na Coréia, onde foi? Acho que China, não sei. O caminhão, não sei que instrumento era aquele. Ele vinha assim por um lado e o menino ia pro outro lado. Tinha que passar em cima dele, a máquina né. Mas era um tanque de Guerra. O Itamar Franco manda dois caminhões para derrubar os fundos lá que era frágil fundo pra fazer a passagem da rua e eu fiz a mesma coisa que aquela menina fez, ou menino ou menina não sei. Eu fui lá e fiquei na frente e disse assim: Então passa por cima de mim! Falou: então pode sair que eu vou passar! Falei então.... mas passa, eu vou segurar isso aí. Porque você fez isso? Pra não acabar com isso. Já ninguém Ajuda e o que eu tenho aqui serve. Quanto ta muito cheio eu vou pro outro lado, espalho o pessoal, não deixo ir embora, fica preso aqui. Eu fiz isso. Segurei ali na frente, eles puseram. É. Então eles queriam derrubar aquilo lá porque a casa tava ruim mesmo. Foi assim: porque vocês não fazem uma reforma aí?

J: Mas o clube era do Estado quando começou com a Liga Mineira. Acabou mais ou menos no final da década de 30. Como ficou esta relação depois? De quem era o clube?

I: Aí eu não sei, não sei te explicar, só que Caetano lá assumiu, passou pra mim, eu fico. Sei que ta o Melo Reis era Prefeito, fiz uma demonstração, preparei meus alunos lá, fiz uma ginástica de solo, saltos e etc, cavalo no chão. Solo eu comecei ali sem ter instrução disso heim, e ficou chorou, ele chorou lá, não sei o que... Aí veio o Itamar Franco.

J: Depois do Melo?

I: Isso. Eu tinha feito a coisa, o Itamar veio hipotecar minha solidariedade a você. È homem de... pesado assim sabe.

J: Quem fez esta obra, o Estado ou a Prefeitura?

I: Aí foi Estado e Prefeitura e Associado . Estado, Prefeitura e Sociedade, Clube.

J: A obra que digo é de finalizar o clube.

I: Para terminar?

J: O que o senhor diria a essa pergunta: quem matou o clube?

I: Quem matou? Foi os políticos. Agora se me pedir que aponte quem? O que poderia dizer, são muitos. E sorrindo com você, conversando com você, participando com você e te apunhalando por trás.

J: Isso é que estou pensando. Porque o senhor falou, por exemplo, o Itamar.

I: O Itamar me prometeu o seguinte. Se ele tiver, agora, aqui agora neste momento, eu ia cobrar dele. Sabe como o senhor prometeu pra que eu ficasse calmo e não embaraçasse o problema, não criasse caso, que ele iria defender o Clube Ginástico. Qual foi a defesa dele? Foi no período dele que eles fizeram a passagem. E qual é o progresso de Juiz de Fora?Está atrancando aqui, vai abrir uma rua. Falei, até concordo, eu acho isso lindo, mas em troca o que poderia ser feito para o clube, porque o clube vai ser prejudicado, vão tirar pedaço dele. O que que tem: basquete e vôlei e aparelhos. A quadra vai diminuir e como é que fica? Aí entra o presidente, tinha vencido o prazo dele, foi o Vianna. Para agradar os outros ele deu uma festa, permitiu uma festa. Turunas do Riachuelo e eu bobamente fiz uma

demonstração de barra fixa alta e fiz giro gigante de frente, giro gigante, eles não tinham visto isso. Fiz uma exibição na barra, criei um número na barra, criei uma coisa espetacular, não deixa eu lembrar essas coisas, aí eu fico... Sei que você está falando numa disposição eu to te respondendo num outro.

J: Eu queria saber mesmo já que o senhor vivenciou, viu como foi aquela situação e participou diretamente nesta "briga", era só mesmo que falasse na sua visão como foi o fechamento, quem são as pessoas, como estava o clube naquela época de alunos, de verba.

I: Ele tinha aluno mas a maioria não pagava. Tinha o cobrador antes como eu tava te contando, fui vendo que a gente, não tinha, não arrecadava dinheiro pra pagar o homem poxa! Dinheiro, mas que negócio é esse, tem alunos, muitos alunos e não sobra dinheiro.

J: Quando percebia, poucos pagavam.

I: Poucos pagavam. Quer dizer era uma coisa fictícia né. Então eu botei, o que eu fiz: eu pus meu filho a ser cobrador. Aí eu vi que o moleque também não tinha muita experiência eu falei com ele: ó quem quiser fazer ginástica o caixa é aqui ó.Quer fazer paga aqui. Mas eu cobrava aquele preço baratinho, 2 mil réis, meu Deus do céu, aquilo tava cheio de aluno, dava pra despesa.

J: Outras escolas faziam aula lá, alugava ou autorizava o uso da escola para outra escola?

I: Não, não. Eu lembro assim, foi assim por exemplo: Eu mesmo dava aula pro colega Vianna Junior pq me aposentei pelo Vianna e dando aula pelo Vianna ele me pagava as aulas e ele não tinha espaço para dar ginástica e eu levava eles lá pro Clube Ginástico. Agora aí, ele era Presidente, ele que sabia não sei se cobrava pq ele não falava nada. Eu era um trouxa lá, mandado lá e como eu gostava de ginástica eu ficava lá comandando aquilo lá. Ginástica eu comandava, isso aí, eu era bravo mas a parte de dinheiro eu não sabia nada, não entendia.

J: Ítalo, pra gente finalizar eu gostaria que o senhor falasse da melhor lembrança que teve do clube e alguma coisa que gostaria de falar e eu não tenha perguntado para você?

I: Você foi muito perspicaz, muito inteligente, falamos sobre um defunto, vivo e morto ao mesmo tempo, porque ali foi uma escola de aprendizado, de disciplina e ao mesmo tempo não teve proteção nenhuma, nenhuma das autoridades. Eles tinham uma concepção errônea, vamos dizer assim, faltam-me palavras neste momento. O clube não podia sustentar-se sozinho, compreendeu? Eles tinham que ajudar e nunca teve ou se teve foi muito pouco. Mais conversa fiada do que tudo. Agora quem gostava de ginástica..... E assim são os professores, principalmente de Educação Física. Agrada, tinha que trabalhar em vários colégios pra fazer um salário. Bom seria trabalhar no Estadual mas ali só entrava os protegidos e eu não tinha proteção nenhuma. Tinha os fãs que me aplaudiam, gostavam, ginasticamente falando, mas que na verdade monetariamente não ajudava e hoje tudo é a mola real. Mas quando cheguei a compreender isso já tava velho, cansado e pouco pode contribuir.

J: Pouco? Contribuiu muito.

I: Só o prazer de ensinar, de entusiasmar a pessoa não desistia, continuava porque a vida é uma seqüência de continuidades, repetições, aprendizagem e essa aprendizagem será eterna. Você nunca pode bater no peito e dizer que sabe porque você pode ter recuperado o método, você, porque tem uma coisa que é como a luz a isso e chamasse progresso.

J: Como pode não é. Ao invés de ajudar mais coisas atrapalha. Ítalo queria te agradecer por ter me cedido a entrevista e deixo aqui meus contatos com você.

I: Menina, é tão difícil, tão raro conversar com pessoas assim que se interessam por aquilo, foi a minha vida, tem sido minha vida.

J: É, porque o senhor entrou com 20 anos.

I: É, entrei com 20 e to com 82.

J: Bem vividos.

I: Devo à ginástica. Quer dizer praticamente eu acho que sou quase que o vovô dos que se... se tem gente aí tem pouca gente que passou da minha idade. Deve haver Colônia alemã, colônia italiana, de maneira que...

J: É muita coisa não é. Obrigada professor Ítalo.

Entrevista 9: JORGE MAGALDI

J: Bom, estou aqui com o Doutor Jorge Magaldi, e por favor me diga seu nome completo?

JM: Jorge Magaldi.

J: Sua data de nascimento?

JM: 20 de março de 1928.

J: E o local onde o senhor nasceu?

JM: No Rio de janeiro

J: Doutor Jorge, quais foram as atividades que exerceu ao longo da sua vida?

JM: Primeiro eu trabalhei no fórum. Quando tava fazendo o curso de direito, eu trabalhei no fórum da primeira vara cível. Depois de direito. Depois fiz o concurso pra juiz, passei, foi em 1964 e tomei posse em 1955, em novembro. Fui para a comarca de Extrema no sul de Minas, onde fiquei 19 anos em Extrema. Após eu fui promovido para Lima Duarte. De Lima Duarte, fui para Cataguases. Cataguases vim para Juiz de Fora, de Juiz de Fora fui para Belo Horizonte onde aposentei. Quando foi a aposentadoria?

Olga (esposa) : Sei que você trabalhou 43 anos como Juiz .

JM: Tem 10 anos que eu aposentei. Então foi em.....?

J: 1999?

JM: Então é 1999.

J: Em conversa anterior, o senhor falou que participou como atleta no Clube Ginástico. O senhor lembra o período que o senhor participou? O ano?

JM: A data de entrada eu não sei, mas que eu me desliguei foi em 55.

Olga: O que é que ela quer?

JM: A minha participação no Clube Ginástico

J: Quantos anos o senhor tinha quando jogava...basquete, não é?
JM: Exatamente. Eu era novo e eu fui para Extrema, fui nomeado com 21 anos. Eu tava com 21 anos quando fui para Extrema?
O: Não, tava com mais um pouco.
JM: Não, era 21.

J: Sobre o Clube Ginástico, qual a importância que ele teve para você?
JM: Eu era muito ligado à família do Caetano, dona Neném. Quase que nós fomos criados ali dentro. Então nós tínhamos uma amizade muito grande com a Climene, com os mesmos, todos gostavam muito da Dona Neném, do Caetano. Exerceu uma influencia muito grande.

J: O senhor lembra quem era seu instrutor, o professor?
JM: Era o Caetano.

J: Como era a relação dele com as pessoas do clube?
JM: Era muito bom. Ele era enérgico, ele era muito enérgico, mas sempre foi muito bom, muito amigo. Ele manobrava aquele clube como se fosse a residência dele. Então ninguém extrapolava em fazer bagunça, não tinha bagunça no clube. Ele zelava por tudo.

J: Nas aulas de basquete o senhor se lembra como era o início... Como era essa aula?
JM: Era terça...não...era duas vezes por semana que tinha atividade. Antes tinha uma aula de ginástica e a Climene que dedilhava o piano. Depois então vinha o treino de basquete que era sempre orientado pelo Heider, né, que era o técnico de basquete, ficava até mais ou menos dez horas, dez horas de atividade encerrava. Sábado a tarde tinha atividade, mas sem a obrigação de treino e Domingo na parte da manhã.

J: Então o senhor era do time principal?
JM: Era, mas não muito. Eu Era muito baixo, os demais era bem altos, mas eu sempre ajeitei com eles, os colegas e aproveitei muito, era muito boa as atividades lá do ginástico.
O: Sabe o que que é, você errou na data. Você foi pra Extrema em 55, nós casamos em 56. Você não falou 51 não?
JM: Não

J: Observando algumas fotos, percebemos que todos se vestem de maneira igual. Tinha a exigência dessa roupa para praticar aula? Pra competir?
JM: Não, só pra competir que tinha a camisa oficial do clube né.
J: Só a camisa ou tinha o calção?
JM: Tinha calção. O calção era vermelho, camisa vermelha, algumas vezes calção branco e a camisa branca também. Mas a obrigação era só nos jogos.
J: Vocês compravam ou o clube oferecia?
JM: O clube oferecia, o Estado era quem fornecia o material. Bola. Na época era keds, hoje é tênis né. Keds, bola, camisa e outros materiais da atividade. O Estado é que fornecia.
J.: O aluno se quisesse sair, ele tinha que deixar o material?
JM: Entregava o material ao clube.

J.: Quantas pessoas frequentavam sua turma de basquete?
JM: Minha turma de basquete, eram umas quinze pessoas.
J: No clube, o senhor tem uma média?
JM: Ah, no clube tinha muita gente, inclusive esses meninos que não podiam pagar a mensalidade, eles faziam as atividades lá graciosamente. Isso por conta do Estado que obrigava que ajudasse esses meninos.
J: Era uma contrapartida, não é?
JM: É

J: Então o clube para receber, esse financiamento, esse investimento, tinha que ter algumas vagas para alunos que não tinham condições.
JM: Exatamente. Quando tinha condições, não sei se era 5 mil réis, eu sei que era barato. Tinha a carteirinha, tinha sempre uma carteirinha.

J: Quem participava da sua turma, o senhor se recorda?
JM: Céu Azul, Paulo Garcia, Rubens e o sobrenome dele eu não sei, Ilton D'agosto, Zé do Pomba, Darci Brega, o Barone que era um médico que tinha aqui em Juiz de fora já morreu.

J: O senhor lembra o que eles faziam ou fazem?
JM: Basquete
J.: Além do basquete?
JM: Não lembro, isso não.

J: Se estão em Juiz de Fora?
JM: Tem muitos que estão, outros não.

J.: O senhor tem contato com alguns deles?
JM: Não. Nós perdemos contato. Depois que eu fui pro Sul de Minas nós perdemos o contato.

J: Se lembra de outros alunos do clube? Alunas da turma feminina ou do time infantil?
JM: Tinha o time de vôlei também. Era a Climene... porque quando tinha atividade para as mulheres os homens não entravam no clube. Era proibida a entrada.

J: Nem ficava no clube?
JM: Não, não era permitida a entrada. Agora não me lembro o nome... a Climene não sei se chegou a jogar bola. Mas a Patriazinha jogou.
J: Mais quem?
O: A Climene. Aquela moça que morava ali embaixo, como e que ela chama?
JM: Morava onde?
O: Na Avenida dos Andradas, em cima onde era o Getúlio de Carvalho. Não sei o nome dela não.
JM: Eu tinha o contato com elas. O Caetano não deixava os homens entrar.
J: Ficava em cima não é?

J: O senhor se lembra dos espaços de aula que tinha no Clube? Quais eram os espaços internos e externos?

JM: Tinha interno e tinha externo. A ginástica era no salão interno e o basquete era na quadra né.

J: E a parte de ginástica de aparelhos?
JM: Era separada, tinha um outro galpão.
J: Ficava peto da quadra de basquete?
JM: Isso, no fundo da quadra de basquete.

O: Você falou dos dias que era dos rapazes e das moças?
JM: Das moças era...
O: Segunda e quinta e os rapazes sexta e domingo.
JM: Mas não entrava quando era atividade feminina, não entrava.

J: O senhor era da turma do São Roque? Pela proximidade não é!
JM: Não, não participei não.

J: Era necessário o pagamento de alguma quantia? O senhor já comentou, mas essa quantia no início do Clube, o pai pagava uma mensalidade e de certa forma a família participava, todos eles. Isso mudou?
JM: Não me lembro como era esse esquema de pagamento. Eu sei que pagava, tinha uma contribuição ao Clube.

J: Dentro do período que o senhor participou como secretário do Clube, como o senhor percebia que eram as votações para chapa? Era uma votação aberta ou as pessoas eram convidadas?
JM: Era por aclamação, por aclamação. Preparava os elementos antes da eleição e no dia só apresentava a chapa e era automaticamente aceito né! Porque ninguém queria ficar. A dificuldade era encontrada alguém que quisesse participar da diretoria. Então podia ser considerado um sacrifício porque o Clube era pequeno é, não tinha condições financeiras.

J: Então o Clube de certa forma era difícil neste sentido porque as pessoas não queriam entrar por essas dificuldades financeiras?
JM: Era dificuldade mesmo de você encontrar uma turma que quisesse enfrentar essa diretoria. Tanto assim que O Ivan foi um baluarte lá no Clube, ele ficou muitos anos né. O Ivan Vidal. Ele gostava do ambiente, tava sempre lá nas atividades mas era sempre...

J: Eram frequentes as reuniões, vocês de encontravam sempre?
JM: Não, não. Cada um resolvia. O Ivan resolvia, eu passava, pedia para fazer as atividades, como esse aqui. Eu não lembro que tinha feito não.

J: Aqui é uma carta.
JM: Isso, uma carta pro Surerus.

J: Mas essa carta que foi feita, era sempre feita aos alunos ou feita em especial?
JM: Ao Surerus. Porque ele saiu do Ginástico e foi pro Sport. Eu não me lembro de outra carta referente àqueles elementos que saíram do Ginástico e procurou outros clubes.

J: Percebo na carta que tem pingue-pongue. Existiu isso lá no Clube?
JM: O pingue-pongue não era um jogo oficial do Clube não. Distraía la, tocando...
J: Tinha uma mesa?
JM: É.
J: Então não era um atividade oficial?
JM: Não, não.

J: Quem eram as pessoas que participavam do Clube no seu período? Classe social? Na época não tinha muito essa divisão, não sei. Mas como eram essas pessoas, com condições financeiras ou não?
JM: Ah sim! Pessoas de certo gabarito.
J: Lembra de alguma família?
JM: Não me lembro agora.
J: Então você acha que eram pessoas com condições?
JM: Eram elementos da sociedade daqui que frequentavam. Os bailes, quando havia baile junino, ah mas aquilo ficava fervilhante de presença.

J: O senhor comentou da festa junina, eu gostaria que falasse das festas.
JM: Era só a festa junina.

J: Porque dentro da história do Clube, a gente vê bailes, festas para arrecadar dinheiro. No seu período foi só festa junina?
JM: Só festa junina.

J: Como o senhor descreve estas festas?
JM: A festa tinha uma ... quadrilha e depois vinha o baile junino.
J: Essa quadrilha era ensaiada?
JM: Era ensaiada, era gostos ensaiar quadrilha.
J: Quem ensaiava?
JM: Sempre tinha um que puxava. Então fazia na quadra.Uns 2 meses antes da festa junina. Tinha sempre um dia pra treinar, ensaiar.
J: Quem era responsável pelos enfeites, barraquinhas?
JM: As meninas, as atletas e alguns elementos da turma de basquete né. Juntava a turma a noite e fazia essas bandeirinhas, era tudo feito a mão.
J: Esse baile era aberto pra sociedade?
JM: Não. Pagava, era pago e aí arrecadava pro Clube.

J: O Clube participou de várias competições com outros times. O senhor participou de algumas delas?
JM: Todas.
J: Com quais times?
JM: Era o Ginástico, Sport, Olímpico, Tupi e Círculo Militar. Eram esses os times que disputavam na cidade. Teve um período, uma certa época que o Itamar era Presidente da Liga de Basquete de Juiz de Fora. Hoje não tem mais, acabou né! Mas naquela época tinha uns jogos disputadíssimos, no Tupi, aí onde era a Reitoria no Clube dos ... não me recordo.
J: Pessoal de outros estados vinham pra jogar no Clube?
JM: De vez em quando vinha o Botafogo, você pode ver que tem a fotografia do Botafogo. A gente saía pra outros ... fomos para Belo Horizonte, no Estado do Rio. Tudo era festa, era muito gostoso.

J: O Clube depois que o Caetano faleceu e até mesmo antes, vemos uma dificuldade em continuar as atividades e ele foi fechado em 1979. O senhor tomou conhecimento ou saberia me dizer os motivos?

JM: Não, não estava aqui mais. Já tinha me desligado, morava longe, no Sul de Minas, vinha aqui só nas férias e não temer conhecimento do porquê do fechamento. Lamentável, né!

J: Qual é a melhor lembrança que o senhor tem do Clube, algum momento...?

JM: Não tem. Pra mim o meu período lá dentro do Clube foi ótimo e depois eu casei com ela...

J: Tem alguma coisa doutor Jorge que eu não perguntei pro senhor e que acha relevante estar sendo colocado no estudo? Importante para as pessoas conhecerem como foi este Clube?

JM: Não. As perguntas que você fez abrangeu tudo, o esquema do Clube. Não tenho mais nada assim em especial.

J: Então eu agradeço a você doutor Jorge pela sua entrevista e espero daqui a um tempo poder contribuir com a história deste Clube. Obrigada.

JM: Pra você também.

Entrevista 10: CLIMENE EVANGELISTA

J: Dona Climene gostaria que a senhora falasse a respeito do clube ginástico. Como foi sua passagem pelo clube, como ele era e o que lembra daquela época?

C: Olha, eu nasci no clube ginástico. Eu nasci, meu pai já era professor, eu tive uma infância privilegiada porque eu tive assim vários pátios para brincar, 2 cobertos e 1 sem cobertura, entendeu. Muitas amigas, muita gente frequentando o clube, e aquele ambiente saudável porque papai e mamãe sempre se deram muito bem e sempre educaram muito a gente a conviver com os meninos e as meninas né, porque era um clube que a ginástica era separada mas a gente convivia. Depois fui crescendo, convivendo com os rapazes, com as moças não é. Tínhamos as aulas de ginástica segundas e quintas para as moças e terças e sextas dos rapazes á noite, sendo que em 2 horários segunda-feira e quinta a das meninas era 7h e 19h e das moças às 8h e 20h e dos rapazes a mesma coisa às terças e sextas, os meninos faziam separados. Então nós somos 5 irmãos e todos nós acompanhávamos e ajudávamos o papai na profissão dele porque tínhamos o dom de tocar piano, temos todos. Célio, meu irmão mais velho já é falecido, mas ele começou a tocar. Então naquele tempo a ginástica já era ao vivo, musicada. Os associados do clube não eram assim conforme é na época atual, porque hoje cada pessoa pagou a sua matricula e o seu, é como se diz.

J: mensalidade?

C: Isto sua mensalidade. Lá no clube não. O chefe de família pagava uma mensalidade de 5 mil réis, que eu acho que era naquela época, e dava direito a todos os filhos. Por isso foi sempre um clube que lutou, porque hoje se tivesse, se naquela época tivesse cada uma pessoa pagando sua parte, a

gente teria até pudido crescer mais. Mais eu acho que ficou assim uma família, muito unida, foi até melhor porque todos congregaram da mesma idéia, comungavam das mesmas opiniões, gostavam de esporte, faziam por amor. Ninguém ganhava um material esportivo, eles tinham os deles, eles compravam,gastavam o dinheiro deles, o normalzinho deles, com todo o material que eles necessitavam e no clube tinham chuveiros, eles tomavam banho depois iam para casa depois de praticar o esporte, os rapazes, os meninos, as moças não, só os rapazes. A gente tinha aquelas aulas, era muito engraçado. Tem uma parte aí que eu gostaria de colocar: quando chovia, os meninos eram tão apaixonados, tão apaixonados pela ginástica, que eles ligavam para lá e perguntavam: “hoje tem clube?” E a gente respondia: “ clube tem todo dia, não é?” Agora ta chovendo, se sua mãe e seu pai deixarem, o salão é coberto, podem vir. Eles viram a luz acessa, já corriam todo mundo que era tudo uma família, que morava tudo ali por perto e frequentava o clube. Fora isso o meu pai, como professor até hoje ganha pouco, o meu pai então tinha que ter umas aulas particulares. Essas aulas particulares eram pela manhã, eram as senhoras da alta sociedade que frequentavam o clube. Ele então sentiu necessidade de fazer um curso pra poder se atualizar naquela época porque ele sabia apenas o que ele aprendeu no clube. Então ele foi ao Rio de Janeiro, na Associação Cristã de Moços e lá ele aprendeu, fez curso de Biologia, fez o curso de massagista, aprendeu todo o corpo humano para poder fazer isto, todos os médicos aqui, qualquer pessoa que tivesse qualquer quebradura, escoliose ou cifose o que fosse, era o papai que era o fisioterapeuta. Não tinha fisioterapeuta naquela época, tudo era mandado lá pra casa. Aí que ele conseguia então ganhar um trocadinho com aulas particulares e com este tipo de tratamento para as pessoas. Era uma profilaxia,uma prevenção que ele fazia com as pessoas, cuidava muita da postura, a disciplina era uma coisa assim bem, não era assim bravo, mas ele se impunha muito porque foi criado com alemães. Os alemães foram sempre muito rígidos e então papai tinha uma disciplina assim natural. Lá em casa a gente tinha disciplina para tudo, para comer, para sair, para brincar. Fomos habituados a este tipo de vida. Então a gente brincava, a gente estudava as colegas todas iam para lá porque tinha espaço, a gente não ia para casa de ninguém mas todo mundo ia para lá para poder brincar porque tinha argola, trapézio, barra fixa, cavalo com alça e sem alça, caixa de areia, trampolim. Então quer dizer, a gente podia brincar com isso tudo e todas as pessoas que iam lá, os pais por exemplo recomendavam para que papai e mamãe tomassem conta do procedimento deles lá, porque às vezes se encontravam rapazes e moças pra fazer ginástica, então papai e mamãe tinha muito cuidado com isso. As vezes certos pais telefonavam lá pra casa pra mamãe dizer a hora que tinha acabado a ginástica pra eles esperarem lá na casa dela. Era esse tipo de família, família mesmo. A gente fazia o intercambio e jogava voleibol, basquete, tinha pingue- pongue, mesa de pingue-pongue, salto de altura, salto de extensão, tudo isso tinha lá em casa, pra gente fazer. De modo que tinha varias modalidades, só não tinha piscina, não tinha futebol, mas o papai se tornou sócio benemérito em homenagem ao que ele era lá no Clube Pedro II, então ele praticou tênis lá como meu tio Ernesto também praticou tênis lá. Ele foi aquele atleta que representou o Brasil no Campeonato Sul-Americano pra diversas modalidades e o que mais contava no premio, da premiação era a postura que ele tinha impecável.ele

dificilmente saía de uma paralela ou saía de um cavalo com alça ou sem alça, ou saltando uma vara ou qualquer coisa, caía ou desequilibrava.a técnica o fazia merecedor das medalhas que ele tinha. Podia ter até gente que fizesse melhor, mas a técnica dele era invejável, sempre foi. Ele caía assim de uma maneira que hoje a gente vê na Olimpíada, as pessoas as vezes ditubiam um pouco, desequilibram um pouco né, mas eu nunca vi meu pai desequilibrar, eu nunca, não sei se ele chegou a desequilibrar alguma vez mas que eu tivesse visto não. Sempre caía sabe muito ereto, elegante, sempre de calça branca e fazia a ginástica muito bem vestido porque ele trabalhava em colégio de irmã, então ele tinha que ter muita... tinha que se dar ao respeito, se respeitar e ser respeitado. Todo mundo gostava de mais dele porque ele foi um líder sem ser uma ditador. Ele foi um líder nato, ele chegava, a presença dele as vezes já bastava porque na guerra por exemplo, quando houve a guerra, as irmãs do Stella e do Santa Catarina, elas ficavam meio apavoradas porque tinham muitas irmãs alemães e o papão se responsabilizou por elas. Então quando queriam fazer alguma confusão na frente do colégio, eles chamavam o papai e ele ia, só a presença dele porque ele não gritava, não chamava atenção nem nada, mas a presença dele quando ele chegava, acabava nos dois colégios. Como também sempre foi e fazia as paradas esportivas de estudantes. Começava na Praça Antonio Carlos e terminava no Spot Clube. Engenharia, odontologia, medicina, todas essas universidades que tinham naquela época ele fazia a parada porque tinha depois a disputa dão campeonato entre uma faculdade e outra. Nas paradas de 7 de setembro era ele também que organizava.A gente fazia também o nosso encontro de todas as escolas lá na praça Antonio Carlos e a gente desfilava pela Avenida Rio Branco. Ele sempre que comanda tudo, todas as paradas esportivas. De modo que pra mim eu tenho assim na minha cabeça um ídolo, que ele foi um bom pai, viveu muito bem com minha mãe, minha mãe foi uma mulher extraordinária, ajudou ele muito porque eu quantas vezes fui porteiro do clube e a mamãe também. A gente não tinha como pagar uma pessoa, um porteiro pra ficar lá né. Então quando ele começou a se interessar pela ginástica ele estava fazendo curso de... lá na fabrica chamada George Grande, ele era marceneiro profissional. Então ele praticava porque era pertinho de onde ele morava, era só atravessar a rua, então ele praticava esporte e dali ele começou a ser o melhor aluno do Hans Happel que era o diretor do clube. Daí que começou a historia toda dele fazendo a ginástica, sendo um bom aluno, sendo disciplinado, obedecendo as ordens porque tinha gente assim muito rebelde, que não gostava daí um dia um mês e o papai não, sempre ali,sempre gostando daquilo que fazia entendeu. De modo que ele foi nos educando da mesma maneira que ele foi educado pela vovó, pelo vovô que falava hoje é dia de ginástica, você vai lá pra ginástica e eu falava não, eu já estou me aprontando e eu ia pra lá fazer ginástica e tudo. Aí ele passa pra substituir o Hans Happel por causa da perseguição de guerra contra os alemães e ali ele fez a vida dele, nos criou, constituiu família, casou-se com mamãe entendeu e nós todos a não ser o Célio mais velho que nasceu na avenida Perry, nós todos nascemos no clube, todos nós. O clube funcionava na avenida Rio Branco, 290 pegado ao Instituto Pasteur. Não havia aquela rua interrompida, ali. Era galpão onde o papai tinha todos os aparelhos. Então a gente, era uma medida que o doutor Eduardo de Menezes ele dizia assim: ó Caetano essa é...mens sã in corpore sano, a gente quer

que seja assim, muita respiratória, muita sabe, formar indivíduos atletas, com a postura de um atleta, com a disciplina de um atleta. Então assim o papai foi fazendo entendeu? Todo o exercício que terminava, uma serie de exercício vinha a respiratória, porque ela era ligada a Liga Mineira de Tuberculose, Instituto Pasteur, então havia essa profilaxia que o doutor Eduardo de Menezes fazia muita questão. O Eduardo de Menezes mais velho porque o Eduardo de Menezes filho já foi cumpadre do papai, conviveu mais com a gente, eu me lembro dele vagamente, ele é padrinho da minha irmã. Então a gente tinha muito contato com o pessoal de juiz de fora, das diversas camadas que existiam aqui, inclusive tinha um fato que todo mundo sabia das pessoas que não podiam pagar. Esses a mamãe fazia, conseguia dinheiro pra poder comprar o uniforme dos meninos. Aqui tinha varias fabricas, a chamada Manchester Mineira, era uma cidade de operários, muitos operários, então os mesmos que levavam os almoços dos seus pais, eles passavam lá pelo portão dos fundos do clube porque já sabiam que ali eles podiam jogar uma bolinha no intervalo, tomavam um banho rápido, a mamãe tinha umas toalhas que fez pra eles, então a gente viveu numa, como se diz... respeitando o ser humano, fosse ele de qual classe que fosse porque no enterro dela, quando ela morreu ou no do papai, tinha gente da camada mais simples à camada mais alta da cidade porque nós nunca distinguimos ninguém. Os estudantes que vinham pra cá, eram duros, não tinham dinheiro, então pra eles treinarem pra poderem disputar os jogos o papai cedia o clube. Eu me lembro também que ele cedeu o clube o clube pro circo, porque ali na Avenida Rio Branco antigamente, não tinha rua, era mato. Então os circos e parques de diversão eram armados ali e os artistas do circo faziam o trapézio ou argola ou qualquer coisa, quando estavam lá os aparelhos eles iam lá em casa, então a gente tinha até entrada grátis pra poder ir no circo. E a gente teve contato com vários tipos de pessoas com diversas atividades. Então a gente não podia... a respeito que hoje em dia é meio difícil. Amizade entre um rapaz e uma moça,né. Eles são meus amigos até hoje, são amigos nossos até hoje. Haja visto se você for na casa de alguém pra pedir informação, ele te encaminha pra cá. Quer dizer, ou é aluno do papai, ou filho ou o pai dele foi aluno do papai, os netos agora já conhecem o papai de tanto ouvirem falar, aonde eu vou o nome dele sempre é lembrado. Isso é o motivo de orgulho muito grande pra nós. Os campeonatos que ele tomou parte foram campeonatos de atletismo: lançamento de disco; de dardo;de paralela fixa, não havia a paralela assimétrica naquele tempo, nem solo. Ele lançava disco muito bem, dardo também, salto de altura, a corrida do salto triplo,aquela de obstáculos né, também fazia aquilo, jogava tênis. Isso ele não disputava, tênis ele não disputava fora, era mais um hobby. Agora os outros ele levou muito a sério, de ganhar medalhas de ouro, de bronze, medalha de prata. Ele ganhou muitas medalhas. Agora coisa interessante nisso é que ele ia pra esses lugares sempre com o dinheiro dele porque a Prefeitura conforme uma vez o Melo Reis disse pra mim, na inauguração do Cesporte, ela falou que naquele tempo a Prefeitura já era falida né Climene. É verdade porque ele ia com um empréstimo, depois ele ia pagando aos poucos. Era por amor... agora nunca recebia. Ele foi empregado do governo anos e anos, a gente tinha à casa pra morar mas ele não recebia. Depois de um certo tempo que os rapazes começaram a receber material esportivo mas assim muito pouco, não mandavam muito não. Pra construir a nossa casa pra sair e o clube ginástico

ter uma secretaria, a outra casa que nós moramos foi com as economias do papai e com uma ajuda do Estado e por isso nós tivemos.

J: Como era a atividade da senhora dentro do clube?

C: Eu fazia ginástica enquanto meus irmãos tocavam. Depois que todos casaram, eu passei a tocar e não fazer ginástica, mas tinha que fazer um exercício antes de ... esquentar o corpo pra poder fazer a ginástica e tocar piano pra ginástica, todos nós tocamos,entendeu. A minha vida assim de ver os treinos de basquete lá no clube, tomar nota dos pontos porque eles sempre gostavam que a gente tomasse nota e convivia demais com eles, todos eles eram irmãos da gente entendeu, e eram amigos. Certos amigos até assim de muito respeito, que acompanhava a gente em festas porque a mamãe não deixava a gente não ir festas com qualquer pessoa. Minha vida foi uma infância maravilhosa, uma mocidade maravilhosa, minhas colegas de colégio ficavam com inveja de mim nas férias porque elas iam pras fazendas ricas, cheias de piscina e coisa, ficavam com inveja da minha vida por eu ter aquele contato assim, aquele aconchego, aquela turminha né, que eu sempre tive muita amizade, mais masculina do que feminina porque as moças, eu acho, elas reparavam mais as coisas,falavam mais e os rapazes sempre foram muito sinceros, eu sempre achei. Na minha época, era uma sinceridade incrível, não faziam fofoca. Então a gente ficava muito unido. Eu trabalhava no clube com o papai pra tocar piano, ajudava em casa a mamãe, trabalhava fora, pois eu trabalhei 15 anos em 3 lugares. Então quer dizer tudo em função da Educação Física, do Esporte. O papai ficava com o campo do lado de fora que era descoberto com o time principal e o time aqui de dentro que era no salão coberto, eu é que ficava quando chegou a minha vez porque todos passaram por isso: o Célio, a Celina, Carminha, Carmelinha, até chegar a minha vez ou a mamãe quando não tinha quem ficasse. Depois disso pessoas que começaram a praticar esporte aqui dentro passavam pro time principal. Então tinham aqueles torneios internos. O time, aquelas crianças pequenininhas com aquelas bolas grandes, entendeu e o time terminava assim 4 a 2, 6 a 2 porque era difícil encestar. Ali eles iam aprendendo a encestar a bola, era tudo do mesmo jeito. Então o papai ia ensinando as pessoas conforme o boletim deles no colégio, eles tomavam parte no torneio interno. Se eles não fossem um bom aluno, eles então ficavam separados um pouco. Então ele ia educando fisicamente entendeu, na parte de sabedoria e de conhecimento de tudo e levando assim. Com isso a família ficava muito unida porque todos iam nos torneios, iam os pais, ao avós, iam todo mundo pra ver os filho disputarem. Eram cinco, seis times, ele conseguia medalha, tinha uma casa aqui chamada mundial, ele conseguia medalhas na São Sebastião pra poder dar estímulo aos meninos. O time que era campeão ganhava a medalha. Agora as mães é que arcavam com as despesas das camisas, calções e tudo porque o clube não podia dar isso né. Mas elas ficavam satisfeitas porque os meninos tinham aquela hora de ir lá pra fazer ginástica, sabia que o papai prestava atenção em cada um, fechava o clube todo, quer dizer ninguém ia pra rua, ficava tudo ali dentro fazendo ginástica. A minha vida foi essa, de ficar lá praticando esporte, saindo, fui a bailes, fantasiei no carnaval, nadei no esporte, joguei voleibol, fui professora e então com o conhecimento de tudo que eu fui adquirindo ali com o papai.

J: Então a senhora depois que saiu do clube passou a aplicar o que você aprendeu?

C: O que eu aprendi. Eu já ajudava o papai, porque no Stella tinham dois campos então ele tomava conta do campo principal e eu ensinava as outras. Eu punha o apito assim pendurado no pescoço, eu jogava quando faltava gente e apitava o jogo porque na cadeira que eu tinha, que eu exercia a minha função eu tocava, eu jogava vôlei e tava a par das regras todas do vôlei e eu jogava e ensinava entendeu e era professora. Então quer dizer quando faltava uma aluna, eu fui uma modelo lá pra tocar quando o papai tinha uma aula junto, eu tinha uma aula e ele também, eu o acompanhei, trabalhei lá 7 anos, trabalhei 10 mas acontece que depois o doutor Repeto falou com o papai e tudo que eu tava trabalhando, que ele tava pagando do bolso dele então que devia de tomar uma providencia que foi muito bom. Alias porque eu ganhei esse tempo pra minha aposentadoria né. Senão ia desperdiçar esse tempo todo. Depois então eu fui pra, depois que papai e mamãe adoeceu as coisas começaram a piorar em casa porque foi uma doença de mais de um ano, aí ela veio a falecer, o papai acho ficou mais 6 anos vivo porque eu era solteira, fiquei com ele em casa, sempre com ele, trabalhando com ele, eu ia pro serviço com ele, voltava com ele, senti muito a falta dele. Agora não é uma coisa de amargura não, é uma saudade gostosa, não tenho o que lembrar de coisas ruins eu só lembro de coisas boas deles todos. Mamãe e papai sempre lutando, sempre conosco, sempre junto nas reuniões de família e tudo de modo que as pessoas tinham a família que moravam lá perto de casa que perdeu a mãe e a mamãe praticamente trouxe os meninos pra lá. Quer dizer a única moça tomava conta deles, dos rapazes. Aí depois eles iam comemorar a primeira comunhão, comemorar aniversário, essas coisas todas, eu só tenho lembranças boas e exemplares.

J: A senhora acha que o clube influenciou o esporte na cidade de juiz de fora?

C: Influenciou, mas quando papai morreu houve uma parece uma debandada aí geral, porque ninguém ligou mais pra basquete porque viam times de fora pra cá, todo mês tinha competição, vinha o Fluminense, o Flamengo, vinha todo o mundo jogar aqui. Depois é que veio a época do Bom Pastor que começou com natação, natação no Sport também, futebol entendeu que já não era mais a parte do papai e apareceu esse Flavio Vilella que por sinal eu dou muito valor pra ele porque ele que formou o Giovani, o André Nascimento entendeu. Esses dois que estão na seleção brasileira agora. Então papai fazia isso porque os nossos jogadores jogavam, competiam com times grandes, não eram so esses times de cidade não. Aqui tinha o Mariano Procópio, tinha o Vasquinho, tinha o Olímpico Atlético Clube, tinha o ginásio. Então era aquela rivalidade, tinha torcida organizada, iam pro campo, a gente ia... tinha movimento todos os dias da semana. Domingo lá em casa funcionava das 8 da manha ao meio- dia para o treino dos rapazes. Papai também, o clube ginástico abria pra poder ter os treinos. Aí não tinha ginástica, só aquecimento. Só tinha folga quarta e sábado. E a minha vida foi assim eu achei assim que com muito... muito tempo sem criar uma escola, uma didática, formar uma pessoa, um clube assim sabe pra ter mais times de basquete, ter mais times competitivos de vôlei. Foi muito difícil. Surgiu a Márcia Fú no Bom Pastor também. Foi o único clube que eu me lembro de ter. Olímpico também tinha de vôlei e de basquete que competiam também. Mas

agora o olímpico foi formado com uma turma do Clube que saiu e formou o Olímpico. Tinha o círculo militar, porque se brigasse lá dentro, um não gostava do outro eles iam pro outro clube, mas já sabendo das noções todas de basquete, de vôlei, de tudo.

J: Quanto tempo a senhora ficou no clube fazendo atividade?

C: Atividade... até quando papai morreu em 1961, depois eu não fiz mais aula. Não fiz sabe porquê? O clube pertencia ao Estado, política muda e então eu me via assim sozinha, sem saber pra onde ir ou o quê fazer. Então eu fui, minha irmã me levou pra Brasília, eu trabalhei lá pra Universidade de Brasília na secretaria. Depois voltei pra cá e assumi minha profissão de professora do jardim de infância Mariano Procópio e fui morar com meus tios ate casar. Em atividade mesmo eu fiquei ate 61. faleceu em 61, praticamente 60, 61 porque papai adoeceu no final de 60 e morreu com 61 anos. Então ele já tava assim mais desanimado com a ginástica porque o que ele teve foi coisa de fígado, deu aquele desanimo nele mas mesmo assim ele foi até o fim, eu fui ajudando ele, mas eu pratiquei bastante esporte, bastante esporte. Depois quando virei professora eu ficava bem satisfeita quando uma aluna faltava porque eu entrava no campo também. Punha o apito aqui e jogava. Gostava muito de fazer, até hoje eu preocupo muito com minha postura, eu me preocupo muito com meu modo de andar, modo de sentar porque o papai sempre prestou muita atenção. Mesmo eu tocando piano eu não relaxo, sabe como é, costume, eu fui educada assim. Foi aquela vida maravilhosa, eu gosto de lembrar disso porque é coisa boa, as coisas ruins, as doenças do papai, da mamãe e tudo, tudo passa, passou,passou, porque eles foram muito cedo, um foi com 60 e outro com 66.Então foram muito cedo e eu tive que me virar, foi quando eu comecei a trabalhar em uma porção de lugar entendeu, e não tinha republica naquele tempo, tive então que morar com meus filhos. Então foi uma parte mais enjoadinha da minha vida foi essa vamos dizer assim. Fui feliz lá na casa dos meus tios, depois conheci o Mario, casei, porque aquela casa não era nossa, era do Estado.

J: A casa de vocês era próxima ao clube?

C: Do lado. A nossa sala de visita dava pro Salão de ginástica e então o piano era educado, a parte de trás do piano era colocado de frente, pro som sair, de frente pro salão porque era muita gente fazendo ginástica entendeu. A ginástica calistênica, sueca e ginástica corretiva e nos tempos, nos áureos tempos lá de principio de clube ginástico, diziam as minhas irmãs, que eu não peguei esse tempo, que tinha um palco e o papai tinha umas garrafas assim de madeira envernizadas que eu não sei e nem elas também sabem como que aquilo podia ser iluminado porque papai era muito engenhoso, muito habilidoso, então apagavam-se as luzes do clube, eu tinha tanta vontade de ter ver visto isso, e as ginásticas eram feitas com movimentos né, com lâmpadas azuis, vermelhas, amarelas, verdes formando os desenhos: círculos, essas coisas. Dizem que era muito bonito e a ginástica também de quando ele trabalhou na Escola Normal tinha 3 andares e a gente, eu tocava né, mas o pessoal que via lá de cima tinha uma visão muito bonita da ginástica porque ele era uma coisa assim... muito criativo e isso eu cheguei a ver. Teve uma missa muita bonita lá no clube ginástico que eu era pequena, também não vi e era aniversário de 25 anos do clube, tinha muita gente da

sociedade, eu era muito pequenininha, mas eu ouvia sempre falar das pessoas que compareceram, foi um movimento muito grande, teve noticia no jornal e na rádio. Tinha uma rádio chamada PRP-3 aqui também que falava muito nisso. De modo que então isso eu não vi mas depois quando eu me lembro o clube não tinha mais palco não. Depois eu me lembro do campo lá de fora sendo asfaltado e a minha casa sendo construída e depois nós mudamos pra lá porque teve a enchente de 40 e a minha casa ficou muito comprometida, entrou 1m 20 de água, então o papai conversou com um engenheiro do Estado, então ele foi lá em Belo Horizonte porque lá em Belo Horizonte, quando ele ia tratar do clube ginástico alguma coisa que precisava, ele tinha dentro da Secretaria de Esporte assim uns sempre 4, 5 ou 2 ou 3 alunos dele.

J: A senhora lembra de algumas pessoas que praticaram a ginástica?

C: Eu lembro das famílias todas que praticavam. Família Zaneti, família Farinazo, os Assis, a família Ribeiro de Oliveira, os Vilaças entendeu, eram muitas pessoas.

J: A senhora tem contato com alguém em Juiz de Fora?

C: A família Assis eu tenho porque a Lilina é muito amiga da minha irmã. A Lilina é filha do coronel Theodoro de Assis que morava naquela casa que foi derrubada na avenida Rio Branco. Então a Lilina é muito amiga da Carminha e a gente tem contato. As netas do coronel fizeram ginástica la em casa, eu as conheço entendeu. Quando eu fui receber a comenda do papai, eu fiquei no meio do Zé Rogério que é o vereador e de um Mascarenhas, a família Mascarenhas também frequentou lá em casa. Então em conversa com o Zé Rogério, eu tava falando em Zé Roberto e eu to assim um pouco emocionada porque sou eu sozinha aqui em juiz de fora pra receber isso. Ele disse: - então a senhora segura no meu braço, vamos lá e tudo. Quando foi falado o nome do seu pai pra ser homenageado foi por unanimidade aí o rapazinho que tava do lado falou: a minha mãe fala muito no professor Caetano, ela fez ginástica lá e de fato tem um retrato da mãe dele ali. Então a gente tem contato, aonde eu vou. Eu fui fazer fisioterapia numa ocasião porque me deram uma injeção, na bursite assim e me deram errado, então fiquei com o braço assim meio duro, então eu fui fazer a ginástica e chegando lá o pessoal perguntava o quê que eu tava fazendo alí e eu falava que vim fazer aula de postura porque meu braço não levantava direito né e então eles brincavam: você veio ensinar né? Você veio ensinar o fisioterapeuta né? Eu falei: não, vim aqui porque eu preciso dele pra fazer a ginástica corretiva. Então era gente assim o médico, Wilsinho Coelho, gostava muito dos coelhos, lá da windson. Essa turma toda a gente tem contato. O Mauro que era radialista né, o Paulino de Oliveira que eu conversava com ele, o Dormevelly Nóbrega que eu conversava muito. Ele tem um acervo muito de Juiz de Fora. Ele tem um acervo maravilhoso. Os filhos dele estavam até querendo doar este acervo e eu não sei se pra faculdade ou pra Prefeitura. Você procura saber. Ele chama Dormevelly Nóbrega, um sujeito muito estudioso e curioso das coisas. O Paulino de Oliveira, algum parente dele entendeu.eu conheço os filhos dos rapazes que frequentavam o clube, que já são também assim tudo da minha idade, tudo já vô e os filhos deles que são praticamente netos da gente conhece. Um me encontrou e disse: - Pois é Climene, onde eu vou mandar

meu filho? Vou mandar pra onde? E eu disse pra mandar pro Sport porque ele ainda é um clube bom pra ir ou ainda o Bom Pastor. E ele disse: - Ah, mas não é igual ao clube ginástico! Porque lá tinha a D. Neném e o senhor Caetano. Mas eu falei: - ah meu filho, mas tudo acaba nessa vida! Tudo acaba. Então eles davam um valor extraordinário, os vizinhos todos, tudo era uma família. Juiz de Fora era tranqüila, calma, não era esse movimento, essa correria que tem aí. Então a gente ia a festa, voltava a pé, saía, entendeu. Em cada quadra, quase uma quadra sim e outra não tinha um guarda civil tomando conta, o policiamento aqui era muito bom. A gente tinha mais liberdade de sair, de fazer as coisas. Então eu tenho muito contato com as pessoas que fizeram ginástica no clube. Inclusive minhas colegas de turma que fizeram ginástica no clube, minha turma do clube.

J: Elas participaram?

C: Participaram. Também muito da ginástica. Então quer dizer que a gente... ah então seu Caetano não existe mais ninguém. E disse: então não é assim gente, não é assim porque ele teve a época dele, foi aquela que ele foi importante assim dessa maneira. Hoje também tem muita gente que faz as coisas por amor, dedicação. Seu Caputo por exemplo que já morreu, dedicou sua vida inteirinha ao Sport Clube. Então tem muita gente assim, mas eles acham... Teve no jornal outro dia que tinham 3 pessoas em um artigo que ele considerava desde menino como um modelo. Era o doutor Procópio, o doutor Vilaça e o outro era o Caetano Evangelista. Quer dizer, todos dois ricaços e o papai pobrezinho do coitado do papai. Sempre todo mundo colocando o papai em evidencia, pela moral, eu tenho um orgulho incrível, ele não nos deixou nada, absolutamente nada, a não ser a coisa mais importante que é a educação, o respeito, a moral e um nome a zelar.

J: A senhora conhece alguma coisa a respeito do surgimento do clube?

C: Como surgiu não porque foi em 1909 né. Não foi 1909? Acho que foi 1909, 1917. todo ano tinha aquela celebração de aniversario do clube. Depois a mamãe adoeceu, papai adoeceu e terminou. Eu não sei se o Ítalo continuou. Nós tivemos muitos bons atletas lá também: o Ítalo Paschoal, o Paulino Lopes também, o Edson mas não sei o sobrenome dele no momento, o Ervilha. Tinha muita gente, o Salimena, a família Salimena, então o senhor Salimena eu encontro sempre com ele, ele era um atleta... você olha pra ele assim miudinho você não diz que ele era um atleta.

J: Qual o nome dele?

C: Eu não sei o nome dele se é José... eu sei que o sobrenome dele era Salimena. Mas eram todos muito amigos do papai, respeitavam muito o papai. Porque eu, por exemplo, o papai sendo assim desse jeito, de todo mundo ter respeito por ele, então eu nunca tive medo, eu tive respeito, medo não. Ele não passou isso para mim. Não se se passou para as minhas irmãs, nunca perguntei. Ele era enérgico, lógico, mas ele tinha que zelar porque éramos nós no meio daquela rapaziada toda do clube e tudo e ele então tinha que zelar pela nossa conduta e tudo. Ele dizia: vocês vão ter que aprender a se defender, não ensinar a vocês. Vocês já estão formadas, já sabem o que é certo e errado. Então foi uma casa que eu nunca esqueci. Eu tinha 13 anos quando ele falou isso.

J: Lá dentro do clube, quais eram as atividades desenvolvidas?

C: Basquete infantil, infanto- juvenil, 2º time e 1º time. No voleibol a mesma coisa. Atletismo e enquanto não construíam a avenida Rio Branco, a parte de atletismo era mais extensa porque tinha a rua que era de capim, então eles treinavam com as balizas, os arremessos, os saltos de revezamento e lançavam disco, dardo e eram essas as atividades. Ah! Salto com vara, salto sem vara, trampolim. Era um trampolim que você chegava, pulava, ele tinha aquela mola, você dava aquela cambalhota e caía na caixa de areia. Era uma caixa de areia porque hoje é colchão, aquelas coisas são mais chiques. Então era uma caixa de areia grande que tinha e o papai ensinava a gente por causa de voleibol a saltar, então a gente... ele fez 2 aparelhos assim de madeira, um tripé no chão, com vários buraquinhos assim, tudo milimetrado e tinha uma corda assim com um pano branco no meio e à medida que a gente fosse alcançando aquilo pra pular ela ia aumentando. A gente aprendia isso também. Ginástica de chão, a ginástica de chão era muito importante pros rapazes principalmente, as moças também faziam. Marchas, evoluções de marchas, muitas evoluções entendeu e depois começava a série de ginástica. Primeiro começava como acelerado, quando tava frio o primeiro era o acelerado, então a gente fazia corrida sabe, tudo musicada. Depois então a gente fazia a parte respiratória, volta a calma. Aí a gente depois... papai mandava parar, todo mundo formava a fila novamente e aí ele começava a marcha. Depois começava todo mundo a formação de 4,4,4,4 assim eram 4 e 4 sabe, filas pra fazer a ginástica. Enchia o salão todo e ele ficava lá na frente dando a aula de ginástica, a serie com 36 movimentos, a musica de acordo com a serie entendeu, tinham vários tipos de ginástica, eram vários mesmo tanto que numa das comemorações aí um dos rapazes foi falar: ô Climene, toca aí aquela musica que você tocava pra gente fazer ginástica? Eu fui lá no piano e toquei e eles relembraram né, a turma de São Roque, aquela saudade gostosa que a gente tinha né. Eles guardam ate hoje os nomes das musicas.

J: Como eram as musicas?

C: A música era fox que a gente tocava, eram valsas, eram marchas. A gente pegava de ouvido ou então as musicas atuais daquela época entendeu. O meu irmão que fez o arranjo de uma serie entendeu, é um tipo de fox mesmo. A gente não podia, papai, por exemplo, não podia passar do movimento e nem nós também porque senão a musica terminava e a gente ficava fazendo ginástica. Então era tudo contadinho, as musicas eram adaptadas aos movimentos de braços, de pernas, de cintura entendeu, e no chão também que a gente fazia. As musicas eram fox, era acelerado, eram as musicas mais depressa né que a gente fazia. Depois voltava a calma e já tava todo mundo preparadinha e aí o papai entendia a rede e a gente então ia jogar o voleibol da gente.

J: Tem mais alguma coisa dona Climene que a senhora gostaria de acrescentar sobre o clube?

C: É sobre a homenagem post mortem que eles fizeram quando Juiz de Fora fez 150 anos. Aqui esta o currículo dele, o convite e o diploma que recebi. Receber a comenda que eles dão a todas as pessoas que prestam serviços

relevantes. Atrás também está escrito. Então isso foi em 2000, 2001 eu não me lembro o ano que foi. Mas ele recebeu esta homenagem mesmo depois de morto. Eu acho que é uma coisa que devia ter sido prestada homenagem é antes dele morrer, mas... ninguém lembrou né, então lembraram depois. Aqui é o convite que eles me mandaram pra poder ir e eu fiz aqui o currículo dele menos pois a historia do meu pai eu tenho ela mas é bem maior sabe, explicando tudo, como foi, o que ele fez, tudo, tudo a respeito da vida dele. Mas isso porque as meninas lá do colégio vinham aqui e queriam saber a respeito do papai.

J: A senhora sabe dona Climene de algum aluno que foi do clube e que ainda esta em atividade, ou que se tornou professor em algum clube?

C: Professor do clube não. O único aluno que eu sei que tava em atividade era o Ítalo né. Ítalo Paschoal Luiz porque ele não parou, ele continuou aquilo que o papai ensinou, ele era o primeiro aluno do papai. Agora que eu lembrei assim, não eu não tenho que pratique assim esporte, que seja professor não. Meu tio, irmão do meu pai que foi professor também da Academia do Comércio, de ginástica. Era campeão mineiro de basquetebol, foi professor lá também. Nós éramos muito ligado ao esporte, a ginástica, titio era campeão mineiro de tênis, campeão mineiro de basquete. Agora papai ele era professor, jogava, mas não tomava parte, o negocio dele era atletismo. Ele jogava tênis, fazia de tudo um pouco, mas ele gostava mesmo era de atletismo. Fazia as paradas dele, ensinava e eu quando vi meu pai aos 60 anos pendurado numa barra eu quase caí pra trás com medo dele levar um tombasso de lá porque ele não tinha mais idade pra isso né, mas ele ainda fazia, perfeito, ele pegava aquela argola assim, esticava os braços e fazia o cristo né. Mas as argolas antigamente, elas eram o papai é que vinha entendeu, com uma postura muito bonita, vinha dava aquele salto e subia. Como eu era muito pequena achava que aquilo tinha elástico pra eu descer. Mas não, era ele que achava subia. Ele subia assim nas argolas, ficava em pé e começava a fazer ginástica e falava: minha filha se fosse elástico aquilo arrebentava né! Porque meu avô era coureiro, ele trabalhava na Itália, tinha a banca dele e tudo, então papai também aprendeu a mexer com couro, então ele comprava o couro importado e fazia aquelas argolas grandes, aquelas alças bem grandes, as cordas apropriadas importadas também, de modo que não tinha perigo. Tinha paralela que ele fazia, envernizava os cavalos.

J: Como viam esses aparelhos?

C: Esses aparelhos eu já nasci com eles lá dentro de casa, não posso te explicar se foram os Krambeck, eu sei que o piano foi os Krambeck que doou. Entendeu, não esse piano. Esse piano depois não sei pra onde que eles deram autorização e depois papai me deu esse. Mas os aparelhos eu acredito que tenha sido os alemães, que tinham levado lá pro clube porque os Hans Happel que era o presidente, quer dizer era alemão e o que tinha la no parque Stibler deve ter levado pra lá. Isso eu não sei informar certo mesmo porque a gente sendo a ultima, a gente fica assim sabe como é, já foi tem muitos anos e ele faleceu em 61, quer dizer muito tempo. A gente das coisas, da missa que as meninas contavam, as minhas irmãs e contavam das aulas particulares e tudo isso eu fiquei sabendo assim, fui me informando, fui vendo e tomando conhecimento das coisas, mas depois eu liguei pra minha irmã e

ela foi me dando algumas dicas também. Ela disse: Ah Climene, diz como você foi, que você tocava piano, que você acompanhava, que você dava aula, que você ajudava o papai porque nós todos ajudávamos. Todos éramos 5 e todos nós acompanhamos o papai. Ele tinha correspondência de professores de ginástica de todo lugar entendeu, que vinha, que mandava informação, ele trocava cartas com um, com outro. Foi professor do Granbrey, tinha e lá que ele levou o atletismo. Mas surguram tantos atletas no Granbery, tinha o tal de Carne Seca, tinha... tudo apelido porque eu não sei o nome: Papinha, tinha Milazo, isso tudo porque eu fui conhecer depois deles velhos porque o Célio, meu irmao era granbiense e tinha reunião dos ex-alunos. Eles vinham aqui na minha casa, entre 30 e 40 pessoas, faziam a reunião, choravam, riam, tocavam o hino do Granbery e aí eu fui conhecendo os atletas que já eram casados, avôs sabe como é, aquela reunião gostosa, boa la dentro de casa e o Célio tocando e a gente arrumava salgadinho, eu vi a continuação da vida da minha casa ali na minha casa na Barão de Cataguases, quando eu morava lá. Então eles iam pra lá, faziam cordão, contavam sabe,o Célio tocava, ficava todos emocionados e o nome do papai pairava para todos os lados que eles lembravam muito do papai. De modo que então eu conheço alguns granbienses, esse Reitor manda pra mim tudo qualquer revista do granbery, pra mim e pra minha irmã porque o papai trabalhou durante muitos anos né, então eles pensam que estudamos lá, mas não estudamos por causa de religião, mas o Célio estudou. Fez o primário no grupo, depois fez o 5º ano, os 5 anos de ginásio, fez o Direito lá no Granbery. Mas então a vida nossa foi essa sempre. Depois o Mario conheceu o papai, essa turma toda, esse pessoal todo da velha guarda que tem em Juiz de Fora. Raríssimas as pessoas que não conheceram o papai, a maioria conheceu e sentem tanto quando passam ali que não vêem o clube, entendeu. Muita gente esteve no governo e que frequentou o clube. Não é dizer que deixou de fazer, que não fez nada pro clube não. Deixou de fazer apenas, porque poderia estar ainda de pé assim como o jardim de infância também que acabou. Então a gente fica triste só nesse ponto mas como ali a Hemominas é um tipo de tratamento de Saúde que ali era um terreno pra isso, conforme doutor Eduardo de Menezes doou, o governo de Minas doou, quer dizer continuou né, aí eu fico satisfeita de saber e o jardim foi funcionar lá no São Mateus. Então de modo que a gente vê que os políticos... essa parte do Cesporte. Foi uma beleza, uma coisa linda, mas fugiu da finalidade porque ali funciona a Secretaria de Educação também e não deixa de seu uma coisa. Mas dizem que não é muito organizado. O que é bom minha filha acaba, mas a recordação fica e é recordação boa. Eu agradeço muito a você viu e se precisar de mais alguma informação, ou algum material está aí as ordens.

J: Muito obrigada Dona Climene.

Entrevista 11: ROMMEL JAENICKE

J: Bom, estou aqui para minha entrevista com o senhor Rommel. Por favor, Rommel, seu nome completo?

R: Rommel Jaenicke.

J: Sua data de nascimento?
R: 13 de Julho de 1950.

J: Local em que nasceu?
R: Juiz de Fora.

J: Rommel, quais foram as atividades profissionais que você desenvolveu ao longo de sua vida?
R: Profissionalmente falando, eu sempre dei aula de Educação Física e principalmente de ginástica. Na minha adolescência eu dava aula de ginástica no Clube Ginástico, depois fui fazer faculdade em Belo Horizonte, eu dei aula no Colégio Anchieta de Educação Física na Escola Normal e treinava equipes de ginástica do Colégio Anchieta também. Depois vim para Juiz de, dei aula 30 anos na faculdade de Educação Física de Fundamentos da Ginástica, Metodologia da Ginástica, Ginástica Artística, também aprofundamento em Metodologia de Ginástica. Dei aula também no Colégio Estadual no ano de 1975 de Educação Física e dei aula no Colégio João XXIII também em 1976, também aula de Educação Física.

J: No Clube Ginástico como você já falou.
R: Espera aí só um pouquinho, desculpe. Também na Academia de Comércio nós montamos a Ginástica Artística, Ginástica Olímpica, Ginástica Artística na Academia de Comércio também no ano de 1977.

J: Rommel, você já falou um pouco sobre sua passagem no clube. Mas qual foi o período que esteve dentro do Clube Ginástico?
R: No clube, efetivamente de 1965 a 1970.

J: Qual importância o clube teve para sua vida? Qual seu significado?
R: Teve muita importância porque antes de ir pro clube, até os 15 anos eu jogava futebol. Jogava no Estrela Mineiro, time de segunda divisão e as vezes eu treinava no Tupi e no Sport. Aos 15 anos, influenciado pelo meu irmão Adalberto que era ginasta do clube, eu fui conhecer, gostei e fiquei no clube fazendo ginástica. Um ano depois eu já tinha praticamente abandonado o futebol e fui direto para o clube.

J: E dentro do clube, quem era seu instrutor?
R: Dentro do clube, sempre quem ensinava ginástica era o professor Italo.

J: Como era o professor Ítalo? Qual era sua relação com a turma? Fale um pouco sobre ele.
R: Um homem sensato, alegre, feliz com a vida, com a família. Um homem que adorava falar, adorava dar aula e adora até hoje porque ele é vivo, não é? Dar aula de ginástica, tinha um estilo de ginástica muito bom, baseado na calistenia, na ginástica sueca. Tinha um conhecimento de princípios básicos da ginástica de aparelhos, muito gostoso e muito bom, e o clube pra ele, as aulas deles, o ambiente que ele tinha ali era um ambiente de total alegria, total satisfação, todas as pessoas que entravam ali se sentiam agradáveis. Sentiam-se satisfeitas, energizadas e prazeirosas de estarem naquele ambiente ali, tanto com a presença do professor Ítalo como também do

ambiente do Clube Ginástico e isso era impressionante. Era um lugar meio sagrado, vamos falar assim. Porque sofreu essa coisa toda, não é?

J: Você lembra de alguns exercícios de como era a aula, o início, quanto tempo de aula?

R: Era uma média de 50 minutos de aula mesmo. Aquela ginástica que começava sempre com uma caminhada, pra depois vir aquele tradicional estilo de calistenia: acertar o passo, esquerda, esquerda, direita!

J: Era musicada?

R: Antigamente, não peguei a fase de acompanhamento de piano geralmente era marcação de palmas: um, dois, Três, quatro, tá, tá, tá. Marcação oral ou marcação por palmas. Então uma caminhada, depois de começar a caminhar acerta o passo: esquerda, direita, não em estilo militar, forjado, mas a coisa assim ativa, né! Aí ta, depois começava correndo, ta, ta, acertar o passo: esquerda, direita, ta, ta. Depois corrida com saltitos pra frente, saltitos laterais, sempre a aula tinha essa forma.

J: Eram formações?

R: Isso em volta da quadra. Depois que corria bastante, saltitava bastante em deslocamento, parava numa fileira e numerava esse de 1 a 4. Números 1, um passo em frente, desculpe. Números 1, dois passos em frente; números 2, quatro passos em frente; números 3, seis passos em frente; números 4, oito passos em frente. Formava a turma do jeito que ficava cada um com espaço livre assim uma média de dois metros de espaço para poder se exercitar e sem atrapalhar um ao outro. Aí tinha a tradicional palavra: posição fundamental. Era a posição com os braços perto da coxa e coluna reta. Ali começavam os exercícios de respiração, colocava-se a mão no ombro, levantava o braço, deixava respirar, enchia o pulmão de ar, soltava os braços a frente, atrás e isto também tinha sido feito anteriormente saltitando em deslocamento e depois repetia. Depois começava os exe4rcícios de ginástica, de forma ativa, como sempre foi chamada, né. Exercícios de flexibilidade, põe as mãos no pé, afasta uma perna, leva a mão no pé, isso em pé, leva a mão no pé, junta as pernas, sempre a contagem: 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4 ai contagem com palmas, sempre marcando quatro tempos. Também existe agachar e levantar. Era muito comum esse exercício, gostava muito, agachar, pôr a mão no chão, jogar as duas pernas para trás, fica em posição de 2 apoios, volta à posição agachada, levantar de novo, fazer o mesmo exercício, afasta as pernas, fecha as pernas e volta. Sempre procurando variedades, mas sempre a marcação: 1, 2, 3, 4, 1, 2, é quando acrescentava alguma variedade de exercício era 1, 2, 3, 4, 4. Não. Era : 1, 2, 3, 4, 5, 6, variava também a contagem. Exercícios de flexão de braço, exercícios de por a mão no chão, caminhar com as mãos no chão, posição de apoio facial e voltava, depois caminhar. Fazer um círculo com os pés todos os pés 60 graus. São exercícios tipo assim, formativos, entendeu. Depois dos exercícios formativos sentados, sentar no chão, leva as mãos no pé direito, pernas unidas, leva a mão a frente, leva o corpo um pouco mais esticadinho sentado, mão na frente e volta, depois passando a perna pro lado e volta, perna por outro lado e volta, depois passando o mesmo exercício passando as duas pernas pro lado levando o corpo à frente. Depois deitava e começava os exercícios já com

braços esticados atrás, levava as mãos nos pés unidos, voltava os braços esticados atrás, levava as mãos nos pés, voltava as mãos nos pés direito, voltava,voltava, depois na frente com a perna afastada, voltava, então tinha essa forma. Do apoio facial passava para o apoio dorsal, depois do dorsal para o facial e essas coisas que pudesse fazer no chão. Depois vinha a parte pesada, isso assim eu to falando de exercícios na memória rapidinho assim e depois das coisas pesada vinha a parte de abdominais na aula. Deitado, levar as mãos nos pés e voltava, nunca curti abdominal, você deitava no chão, levava as mãos nos pés e voltava. Depois levava os pés para trás e voltava, levas as mãos nos pés e voltava, depois fazia com joelhos flexionados, sentando e descendo, sentando e descendo. Aí chegava em cima, mexia com o tronco e voltava, então era carga de abdominal. Mas isso repetidamente até o abdômen, eles falavam na época, até o abdômen queimar, então era muito abdômen. Dali quando terminava a parte de abdominal, todo mundo já cansado porque essa sessão durava uma média de 45 minutos, por aí, porque antes de começar sempre tinha uma pequena preleção do Italo e no final também uma pequena preleção dele, sempre com palavras bonitas, coisas assim voltadas para o processo de educação formação das pessoas, realmente isso era dele. Aí quando terminava o abdominal, a gente voltava-se para a fileira anterior, começava a caminhar de novo, voltava a saltitar e voltava a correr de novo, corria, corria bastante e depois quem terminava a corrida voltava a caminhar, caminhar até ir relaxando, parando a fileira novamente. Terminava a aula mais ou menos numa situação como essa.

J: Tinha exigência de alguma roupa Rommel, para fazer essas atividades?
R: Tinha. Uniforme era tênis branco, meia branca, camiseta sem manga ou camisa de malha de manga branca.

J: Mas essa camisa tinha o símbolo?
R: Existia o escudo do Clube, os 4 efes que a gente pregava na camisa, mas essa exigência foi diminuindo com o tempo. Mas o uniforme branco era exigido.

J: Quantas pessoas frequentavam em média sua turma?
R: Na fase que fiz nestes anos, o ginástico sempre teve em média de 30 alunos.

J: Por turma?
R: Só tinha uma turma. Era uma turma só que fazia na terça e na quinta. Tinha em média de 30 alunos.

J: Isso durante todo o período que participou?
R: É. Tinha dia que a gente até falava assim. Tinha a linha da quadra de basquete, tinha uma quadra de basquete né. Tinha dia que a fila ia do início da linha. Tinha época que já dobrava a linha em um L (ele). Dava então uma média de 30 alunos.

J: Quem participava da sua turma? Quem eram essas pessoas?
R: Olha, geralmente eram pessoas, não tinha crianças, eram adolescentes a partir de 15 anos e pessoas até na faixa de 40 anos.

J: Você lembra quem eram, o quê faziam?
R: Ah, na minha época tinha comerciantes, tinham médicos, tinha estudantes de médicos, tinha estudantes de medicina, todos pelo menos tinha assim um emprego bom mesmo se não fosse um emprego rentável, mas era um emprego assim digno, eram pessoas queridas, sabiam o que queriam da vida. Comerciantes, muitos estudantes de 2º grau, essa faixa de 15, 16, 17 anos, estudantes de 2º grau, estudantes de faculdade de medicina, direito sempre teve. Era assim um grupo assim diríamos assim de certa forma bem selecionado, com alta seleção, entendeu.

J: Então você acha que quem participava do Clube tinha boas condições?
R: Sim, uma classe social assim média e todos muito bem resolvidos na vida, interessante isso. Pessoas mais velhas, pra mim que tinha faixa de 15, 16, 17 anos né, faixa dos 40 anos né, todos pais de família, sérios, boas pessoas. Os estudantes todos sérios, estudantes de medicina, engenharia, tinha prazer em entrar no Clube e prazer em fazer o que faziam, entendeu. Os comerciantes, os profissionais de outras áreas também, os militares também tinha uns militares que faziam aula entendeu, então era um pessoal bem.

J: Você recorda alguns nomes, Rommel?
R: Tem o Leônidas, tinha o Carlos, o Gilson, o Adalberto, tinha o Stênio, tinha o Ronaldo, o Aymoré. Deixa eu viajar aqui, deixa eu me colocar na fila, pêra aí ta ...tinha Aldebaran, tinha o Cleiton, Leônidas eu falei. É isso.

J: Como era a questão mesmo das turmas, quais horários que eram as aulas?
R: As aulas eram na terça e na quinta-feira, de sete e meia de noite, das dezenove e trinta às vinte e trinta, sendo que a aula de ginástica, calistenia, vou chamar de calistenia e sueca ta, é um apelido que dou ta, porque já era uma ginástica sueca estilo Italo né, fala assim porque ele sempre fazia isso, as aulas mesmo eram de sete e meia as oito e meia. De oito e meia às nove e meia dava a iniciação de ginástica nos aparelhos. Interessante uma coisa: não era dada a ginástica olímpica, ginástica artística, ginástica voltada para a competição, porque existe essa cultura a ginástica nos aparelhos. Paralelas, na barra, nas argolas. Mas eu sou um ginasta, mas não só ginástica visando a competição. É igual eu fazer uma academia fitness, faço pelo prazer pessoal não pra ser um atleta fitness, tipo assim entendeu? Faziam ginástica, movimentos assim entendeu. De oito e meia a nove e meia.

J: Quais eram os espaços destas aula Rommel? Quais espaços existiam no Clube?
R: Espaços. As aulas eram dadas dentro do ginásio grande, porque era a noite, fechado né. Era um ginásio que tinha o piso de taco, madeira e o espaço era uma quadra de basquete com as laterais amplas entendeu, com os fundos amplos, iam até na base de cesta de ferro, que circula a cesta, aquela coisa toda.

J: E fora tinha outro espaço? Em todo o Clube quais eram os espaços?
R: O Clube num todo tinha a parte externa do Clube que era uma quadra de basquete grande, tinha atrás da quadra um espaço externo. Atrás da quadra de basquete tinha o galpão. O galpão onde tinha, ficavam montados os

aparelhos. Tinha a parte do Clube, a parte coberta, um grande galpão coberto, também tinha uma quadra de basquete e tinha alguns aparelhos instalados atrás da quadra de basquete para não atrapalhar o jogo de basquete. Nessa época os aparelhos eram instalados atrás da quadra de basquete então não atrapalhava basquete, pra não ficar montando e desmontando. Era uma barra, uma paralela, duas paralelas, não duas barras: a barra alta e depois tinha uma baixa também. Uma barra baixa, uma barra alta, duas paralelas: uma baixa e uma alta. Tinha as argolas assim no canto, fora da quadra de basquete que era regulada com a roldana de corrente, podia abaixar as argolas e não atrapalhava em nada, argolas e não existiam colchões na época para a ginástica, existiam apenas colchões básicos só pra pular e sair do aparelho, bem rústico mesmo, que eles pareciam mais carpelo. Eram dois carpetes, aliás, grossos, não era um colchão, eram dois carpetes grossos, grandes e grossos. Então o Clube compunha assim, que a parte externa dele tinha um espaço totalmente livre para a ginástica sueca, para a ginástica e para o jogo de basquete.

J: Esses aparelhos sempre ficavam neste espaço ou em alguns momentos do Clube eles saíram daquele espaço?

R: Não. Quando desmontaram o galpão, eles instalaram mais alguns aparelhos, uma barra, uma paralela, mas sempre atrás da linha de basquete pra não atrapalhar. Ficavam guardados num canto que não atrapalhasse. Claro que na hora do treino de ginástica os colchões ficavam dentro da quadra de basquete pra saída do aparelho. Mas não atrapalhava não o espaço.

J: Além da ginástica, quais outras atividades fez?

R: Eu fiz neste período da ginástica, de 65 a 70. O basquete que era um grupo de pessoas maduras, tinha idade de 30 a 40 anos, que eram ex-jogadores de times do Clube que mantinham o horário de domingo pra jogar, fazer recreação, do basquete deles e tinha a ginástica de leve treinamento no domingo para os ginastas de dia normal. Eu presenciei também o voleibol, presenciei também a capoeira, um período da capoeira e o pingue-pongue também. Tinha umas mesas de pingue-pongue no Clube, mas o pessoal jogava porque atrás da quadra tinha uma área fechada muito ainda, tinha uma secretaria, tinha mais uma área que o pessoal ficava jogando pingue-pongue mas não assim... de uma forma mais recreativa. Justamente foi isso que eu presenciei ali, não tinha mais nada não.

J: Era necessário o pagamento de alguma quantia ao Clube?

R: Era cobrada uma mensalidade.

J: Essa mensalidade era individual ou por família, por exemplo?

R: Olha, tínhamos eu e meu irmão no Clube. Nós pagávamos individualmente, pelo que sei. Mas era uma coisa pequena, não era coisa grande não porque eu era de família humilde e nunca vi na minha família assim que ia precisar deu sair do Clube pra aproveitar pra outras coisas, não sei o quê. Era natural na minha família, com 2 irmãos entendeu. Teve um outro irmão meu que participou também uns tempos e na época era interessante, pois o cobrador ia cobrar em casa, mensalmente, não pagava no Clube não. Tinha uma pessoa que ia em casa cobrar mensalidade.

J: Não tinha uma secretária ou secretaria?

R: Não. Tinha até o espaço da secretaria, mas não tinha uma secretária para você ficar pagando ali, entendeu. Só se anteriormente a minha estadia tinha. Mas a pessoa ali, a mensalidade era antiga no Clube então pelo jeito já era uma coisa tradicional na época, na cultura da cidade, ter cobradores. Eu via muito isso, pessoas que saíam com uma pastinha na mão e ia para cobrança.

J.: No Clube, na sua história, foram feitas várias festas comemorativas. Você participou de algumas delas?

R.: O que eu participei no Clube, que eu lembro, eu 76 ou 77, foi um campeonato interno do Clube Ginástico, um campeonato adulto interno que todos nós fazíamos ginástica na época, teve o privilégio, foi bom, foi diferente e o prazer de participar de Clube. Nós competíamos na barra, na paralela e no solo. Fizemos essas séries lá assim e na época, deixe eu ver, o Carlos foi campeão e acho que eu fiquei em 2º lugar parece. Não lembro mais de cabeça não, entendeu. Então tivemos festa mesmo do Clube que foi uma competição que falei. Agora parece-me que de vez em quando tinha um final de semana algumas coisas no Clube mas eu não participei não. Isso foi bem depois. Não sei se na época que começou a ligar com o São José, tinha o encontro de estudantes, alugavam, pediam o Italo o espaço para fazer uma reunião, alguma coisa assim, mas eu não tenho esse conhecimento de perto não. De ginástica mesmo eu só lembro dessa competição. O Clube não teve assim, ah uma festa alemã ou uma festa assim folclórica não.

J: Você falou dessa competição interna. Você sabe se o Clube ou você participou de alguma outra competição fora da cidade ou na cidade de Juiz de Fora?

R: Não. O Clube pelo que sei não tinha essa tradição de competição. Essa o Italo empolgou e fez uma competição, mas não tinha não. Mas era uma coisa interna, se teve uma competição ali ou se tiveram outras, foram coisas internas do Clube. O pessoal do Clube, Italo gostava muito de levar a equipe de ginástica para dar demonstração. Por exemplo, teve aqui um campeonato brasileiro ou internacional se não me engano, de voleibol. Então na final foi a equipe japonesa não sei com quem, entendeu, foi em 6 ou 65 parece, o ginástico foi convidado para no intervalo de jogo e antes do início do jogo sei lá, de voleibol fazer demonstração ou após o set no início, fazer uma demonstração de ginástica na paralela. Isso sempre o Italo levou atletas dele também para demonstração. Agora eu particularmente não gostava muito da demonstração não, mas o Italo sempre que podia pegava a equipe de dele pra... quando era convidado e ele era bastante convidado. Tinha também o grupo da força combinada.

J: Rommel, o clube foi fechado em 1979. Essas atividades que você citou, elas continuaram até o fechamento do clube?

R: Ah, eu não me lembro.

J: Basquete, vôlei...?

R: Ah não, o basquete eu me lembro que ele acabou em 77,78 quando o pessoal que jogava foi para o Olímpico. Então acabou o basquete no clube. Depois montaram o voleibol, uma turma entusiasmada com o Ildebrando. Foi lá,

montou o voleibol, o Ítalo empolgou também com o voleibol, ele ia lá e ensinava um pouco e apitava o jogo, ele sempre gostou, sempre se envolveu com as coisas do clube. Então, ele, como se diz assim... ele estimulava mesmo. Assim o basquete acabou e o vôlei, não sei até quando durou que em 1970 com certeza. Em 1970 eu me afastei interinamente, fui para Belo Horizonte. Quando eu vinha pra Juiz de Fora eu vinha final de semana, que em época de férias eu tava viajando, participando de curso, e vinha só passar um pouco com minha família e vinha embora. Eu desapareci do clube mesmo. Eu não posso assim mesmo com clareza, falar o que aconteceu dentro do clube de 1970 até 1979 quando o clube acabou. Eu lembro que eu fui lá pouquíssimas vezes porque já estava em Belo Horizonte, depois dando aula na faculdade e não tinha mais envolvimento não.

J: Você percebe, Rommel neste período em que você esteve no clube alguma mudança no ensino da ginástica, na própria forma da ginástica, nos exercícios?

R: Totalmente. O clube era montado, organizado na ginástica antiga alemã, não ginástica artística. Isso é uma coisa muito séria e eu como professor, posso falar isso com toda tranqüilidade, porque já pesquisei, já estudei, já pensei . Não tinha ginástica artística, tinha ginástica de aparelhos. Porque ginástica artística envolve treinamento na barra, nos aparelhos, nas argolas, era uma coisa completa, entendeu ? Pensam muito competitivos. È claro que tinha a ginástica artística, não voltado para o treinamento competitivo dentro das normas da FIA. Federação Internacional de Ginástica. Uma pessoa fazia excelentes séries na paralela, excelentes séries na barra, nas argolas. O solo sempre foi mito fraco no clube porque não tinha colchões pra saltar. Era difícil ver um trabalho de solo bom no taco. Mas apareceu coisas interessantes no solo mas não foi grandeza não, nos aparelhos foi melhor. Mas ninguém pensava em treinar sério para o campeonato carioca, Minas Gerais não existia ginástica competitiva, não tinha fundado Federação ainda. Na série do campeonato paulista, nunca ouvi isso. Havia sim, treinava para dar série de demonstração, treinava os elementos da ginástica, montava uma série, para fazer uma série de demonstração. Mas a maioria ali dentro treinava movimentos isolados nos aparelhos. Então eu chamo isso de ginástica alemã ou ginástica nos aparelhos. Então tinha essa forma. Ninguém subia no cavalo pra montar uma série completa de passagem de perna, de volteios. La no cavalo, fazia movimentos pendulares no cavalo, depois subia, fazia giros, círculo no cavalo. Treinava, mas não assim: vou montar uma série assim, opa a Confederação Carioca de Ginástica vai ter uma competição lá, vou treinar essa série obrigatória, vou treinar essa série livre e vou com essas duas séries para competir. Ninguém tinha essa idéia não. Só fazia ginástica pelo prazer de fazer ginástica, pensando amador.

J: Você que conheceu um pouco da história do clube, saberia me dizer o motivo do fechamento?

R: Eu vejo assim. Foi muito pra Juiz de Fora. Eu vejo assim, a fraca cultura de Juiz de Fora levou ao fechamento. O clube foi sendo administrado pelo Ítalo, depois pelos Vianna, veio o Antonio Vianna Junior que ajudou muito também na fase de apoio ao Ítalo, ao clube. Mas a cidade não queria assim, os empresários, a prefeitura, os órgãos que podiam ajudar os políticos. Não tinha

aquela vontade de ter mais um clube em Juiz de Fora. Tanto é que derrubaram ele ao invés de reformá-lo de estruturá-lo, de organizá-lo, colocar uma nova estrutura no clube, inclusive propor, pode funcionar desta forma, não tinha, culturalmente éramos fracos. Nossa cidade é fraca pra ter um clube ginástico daquele porte. Existiu fortemente quando a colônia alemã tinha muita força e pós colônia alemã os professores que continuaram trabalhando, o Estado deu apoio, no caso do Caetano, boa fase do Ítalo, porque o clube era um patrimônio de Juiz de Fora, todos iam para o clube ginástico de Juiz de Fora, tantas e tantas pessoas da sociedade faziam ginástica no clube, mas depois foi perdendo. Eu falo assim, uma coisa que uso pra mim é a pobreza cultural da cidade não segurou o clube e então o clube foi aniquilando, perdendo, perdendo, e o interesse também para poder passar uma rua ali, depois era mais uma vantagem derrubar e fazer outro clube, fazer o Hemominas. Era o interesse de movimento né. Mas se nós tivéssemos uma cultura forte, alemã, se nós tivéssemos uma cultura forte da ginástica, e foi surgindo outras academias também né, outros interesses de forma de academias foram surgindo e o jovem não queria frequentar o clube mais, queria ir pra academia pra ficar num meio social que agradasse mais ele. Essas coisas foram acontecendo também e foram Ajudando. No meu ponto de vista pra o ginástico continuar Juiz de Fora teria que ter uma forte estrutura cultural pra isso. Entendeu? O Ginástico não sustentaria com o comodismo não. Seria uma herança cultural da cidade e com as mudanças das academias, os jovens queria ir para o clube? O clube tava , tava velho, cansado, mal tratado, frio. Queriam ir pras academias, cheio de roupas bonitas, moças bonitas, roupas modernizadas, aquela coisa gostosa da época mesmo. Então o clube foi ficando no tempo, existiria assim se fizesse dele um clube, que montasse uma estrutura de ginástica mais atualizada, talvez pensando em competições, se filiasse na Federação Mineira de Ginástica, formasse atletas, sei lá uma coisa forte assim neste sentido, os tempos já pediam isso. No momento em que foi fundada a Federação Mineira de Ginástica, a ginástica em Belo Horizonte cresceu, vários grupos filiados entendeu e não falava mais em ginástica do Clube Ginástico de Juiz de Fora. Antes da Federação de Ginástica ou a ginástica em Belo Horizonte falasse em ginástica, falasse em Juiz de Fora, no Clube Ginástico. Então eu vejo por aí, foi um processo natural, não vejo nada Assim tão escandaloso, nem de entristecer viu, ficou mais útil passar a rua, ficou mais útil ter o Hemominas do que ter um clube ali quase em desuso pela função do tempo e pela estrutura cultural, incorporação das academias, mudou a Educação Física, mudou a forma de se fazer Educação Física, mudou o interesse em se fazer ginástica.

J: Mesmo após o fechamento do clube você percebeu alguma mobilização de pessoas, por parte da Prefeitura em querer que o clube retornasse?

R: Não, não. O que eu falei pra você, eu tive o interesse numa época, conversei com algumas pessoas ligadas a administração do Tarcísio na época a respeito de pensar o Espaço Mascarenhas, remontar um trabalho de ginástica ali, eu daria assistência por uns tempos e pensar, depois contrataria uns professores, mas no fundo entrou essa também, o clube acabou. Se eu tivesse que montar um trabalho desse eu tinha que montar por mim mesmo. Em particular falando assim, ou dar apoio como a Academia deu, como o Granbery deu, como o Stella Matutina deu, encontrando outra forma, mas não

tinha mais aquela coisa de voltar ao clube ginástico, passou, ficou na história. Fala assim entre aspas, pobreza no sentido de não termos a cultura própria pra isso, chamo de pobreza entre aspas, metaforicamente falando. Porque se o clube tivesse que crescer mesmo ele teria crescido na década de 30, de 40, seguindo o exemplo como foi o Sogipa, o União em 1909 no Rio. Mas Juiz de Fora não tinha essa... E tinha outros clubes que eram mais interessantes, tinha o Sport, tinha o Tupinambás, tinha o Bom Pastor, o Cascatinha surgiu nessa época também e tantos outros clubes que Juiz de Fora tem. Tem o Clube do Papo, quer dizer, o pessoal que antes frequentava o clube, os médicos, por exemplo, iam ao Clube do Papo, Cascatinha, Sport, Bom Pastor quer dizer tinha espaço, tinha piscina, tinha aula de ginástica também e os clubes oferecem isso também e eu acho que foi por aí, questão do tempo. Foi murchando, envelhecendo, como toda a vida, até morrer...

J: Qual melhor lembrança você tem do período que participou do clube?

R: Foi uma lembrança boa pra mim, vou falar lembrança da minha adolescência. Eu tinha, Juiz de Fora é uma cidade com poucas opções, fui criado numa fase em que Juiz de Fora tinha mais de 30, 40 campos de futebol de 2ª divisão. Juiz de fora tinha uma biblioteca Municipal muito gostosa, Juiz de Fora é uma cidade tranqüila pra viver, Juiz de Fora tinha uns clubes bons gostosos de participar, o Clube Sport, o Clube Tupinambás, como domingo eu ia nadar, piscina, eu fiz parte do 2º Batalhão da Polícia Militar, meu pai era militar, quer dizer, e teve também na minha juventude, na minha fase de 15 a 20 anos o clube ginástico onde era um grade prazer sair de casa nas terças e quintas feiras passar 2 horas lá dentro, aos domingos ir pra lá as 10, ficar fazendo ginástica até sair de lá cansado e muído de tanto treinar que era gostoso terminar meio dia, mas a gente conseguia ficar até as duas né, o Ítalo era uma pessoa cheia de energia e gostava de ver as pessoas lá fazendo ginástica, ficava lá treinando. Meio dia ele ia fechar o clube mas deixava a gente, ele gostava de ver o entusiasmo da gente como segurar esses adolescentes entusiasmados aí, esses adolescentes responsáveis e entusiasmados, que ele via senão ele não deixava porque ele era um homem muito expressivo, muito sério no que ele fazia entendeu. Deixava a gente treinar lá. Quer dizer então a gente tinha isso, então é isso que eu tenho do clube, como eu tive uma coisa boa da minha juventude, estar estudando num colégio muito bom que era o Estadual, os professores que davam aula no colégio Estadual era os mesmos professores que davam aula na Universidade, que eram os dois bons empregos da época, ano em que não tinha dedicação exclusiva, então tinha emprego no Estadual e na Universidade, ou na Universidade e no Granbery, ou na Universidade e na Academia, eram bons colégios da época. Então o Clube foi uma das grandezas que compôs bem a minha juventude na parte esportiva.

J: Rommel, tem alguma questão, ou alguma pergunta que eu não fiz pra você, que você ache importante estar sendo falado, comentado, que de certa forma vai enriquecer o trabalho?

R: Não, eu colocaria o seguinte sobre o clube: foi o que eu falei, o clube foi um momento assim fantástico, foi um local fantástico, foi um local fantástico tantas e tantas pessoas da sociedade de Juiz de Fora e que quando eu estava lá, tantas e tantas pessoas, muitas pessoas iam Visitar o clube, assistir uma aula, pessoas que tinham parado de fazer aula há dez anos atrás, que

passeavam pela cidade e iam lá assistir uma aula, matar a saudade. Médico, engenheiros, comerciantes, comerciários e pessoas da sociedade assim... políticos, entendeu? Pessoas da sociedade assim, pais de família, pessoas boas, que todos comentavam o quanto tinham aprendido para a via ali dentro. Quer dizer então eu vejo essa coisa assim, a grandeza do clube em todos os sentidos, era uma coisa da época e Juiz de Fora não tinha muita coisa e o clube era mesmo uma grandeza em Juiz de Fora. Infelizmente como eu falei tudo ali, tudo nasce, cresce, envelhece, murcha e morre, né? Eu vejo por aí entendeu! E outros ginásticos foram pr, mas ele tem essa... pessoas mais idosas. Por exemplo, eu tô com 50, quase 60, imagina as pessoas que fizeram parte do clube e que tão hoje na faixa de 80 anos e tem uma memória boa, né e pensam no clube e que estavam lá nos anos 50, anos 40, como deve ter sido grandioso, pra mim foi fantástico, já numa fase... porque eu peguei essa fase minha, geração de 50 em diante, anos 60, é uma mudança muito grande, essa metade do século, segunda metade do século foi só de mudança, televisão chegando, TV a cores chegando, computador, máquina de lavar roupa e tudo, eletricidade, coisas elétricas, eletrônicas, tudo, fomos à lua e não sei mais o quê, loucura, loucura! Quer dizer o clube tinha que acabar mesmo, não ia acompanhar isso não. As academias sendo formadas, eu lembro muito, gente inclusive falou assim: mas ninguém vai no clube mais, ué porque eu vou pra academia tal, a gente ouvia muito isso. Outra coisa, as mulheres queriam também, na época dos estúdios de dança né, que chegavam na cidade, formavam vários estúdios de dança, as meninas que faziam aula lá queriam ir para o estúdio de dança, ir pra academias, quer dizer coisas mais modernizadas, tinham espelhos grandes, professores super atualizados em dança, queriam fazer dança e não ginástica. Eu vejo tudo assim de uma forma natural, mudança normal.

J: Rommel, muito obrigada pela entrevista e espero daqui um tempo contribuir com essa história.

R: E vai!

ENTREVISTA 12: PÁTRIA SOARES DE ALMEIDA ZAMBRANO

J: Eu aqui com dona Pátria para nossa entrevista. Por favor dona Pátria, seu nome completo?

P: Meu nome completo é Pátria Soares de Almeida Zambrano. É um prazer pra mim Jakeline receber você aqui na minha casa, o que eu puder contar para você de um tempo tão feliz da minha vida com certeza eu vou contar.

J: Obrigada! Sua data de nascimento?

P: 30 de agosto de 1939.

J: O local que nasceu?

P: Nasci em Juiz de Fora, passei alguns anos da minha infância em Recife e depois retornei aqui para a cidade.

J: Durante sua vida, quais atividades profissionais exerceu?

P: Eu exerci primordialmente a função de professora de Educação Física, eu sou formada nessa área, fiz a faculdade em Belo Horizonte, na Escola de Educação Física de Minas Gerais e retornando a Juiz de fora eu trabalhei no Clube Bom Pastor, trabalhei na Escola Mariano Procópio, no Estadual e no Instituto de Educação, antiga Escola Normal, substituindo o professor Caetano Evangelista quando ele adoeceu e outras atividades depois na Prefeitura. Fui responsável pela introdução da Educação Física na Rede Municipal de Ensino. Comecei na Prefeitura em 1973, a convite do então Prefeito Itamar Franco para exercer um cargo técnico na Diretoria Municipal de Esportes e Recreação. Foi o primeiro órgão esportivo criado pelo município de Juiz de Fora. Depois fui para a Secretaria de Educação e foi justamente a época em que a Educação Física foi introduzida na Rede Municipal. Depois disso também trabalhei em outros setores da Prefeitura, na Secretaria de Educação fui Secretária de Educação na administração do Prefeito Melo, depois trabalhei na Secretaria de Administração como assessora da Professora Margarida Salomão, mais tarde exerci o cargo de Superintendente da Funalfa. Então eu tive uma vida profissional bastante rica, vários cargos e várias funções tanto dentro da Prefeitura como no Estado.

J: Dona Pátria, a senhora falou que foi atleta do Clube Ginástico. Foi em que período, por quantos anos esteve dentro do clube?

P: Eu me lembro que a minha ida para o clube ginástico deveu-se a uma percepção do meu pai de que eu era uma criança extremamente tímida e com a visão que ele já tinha naquela época, ele sempre foi muito ligado ao esporte e ele imaginou que a prática esportiva poderia me ajudar nisso. Então aos oito anos de idade acredito que por volta dessa idade eu comecei a freqüentar as aulas do clube ginástico. Ali foi o ponto de partida para toda minha vida esportiva, né, dali nasceu a vontade para mais tarde ser uma professora de Educação Física também incentivada tanto pelo meu pai quanto pelo Professor Caetano e ali foi o momento que dei início a isso. Mas eu não me lembro exatamente até quando eu freqüentei o clube ginástico. Com certeza até quando ele foi dirigido pelo professor Caetano, eu nunca me afastei não.

J: Qual a década, ano?

P: Minha vida esportiva começou na década de 50, né, eu devo ter entrado um pouco antes, mas minha vida esportiva começou realmente na década de 50.

J: O que significa o Clube para você? Qual importância ele tem?
P: Uma importância muito grande, muito grande mesmo, porque tanto ele realmente me fez desinibir, deixei de ser uma criança tímida, aprender a respeitar as pessoas porque o Prof. Caetano Evangelista não foi só um professor de Educação Física, ele foi um grande educador ele primava por isso O aluno dele devia ter primeiro um comportamento social da melhor qualidade senão ele não teria nem condição de continuar freqüentando o Clube Ginástico. Então essa é a grande importância na minha formação, foi onde eu aprendi realmente a conviver em sociedade.

J: Você falou um pouco sobre Caetano Evangelista, que foi seu professor, né? Coce lembra como era a relação dele com a diretoria, com os alunos, com os pais desses alunos que freqüentavam o clube? Como era o Caetano?
P: Professor Caetano era uma pessoa séria e ao mesmo tempo extremamente carinhosa. Talvez não extravazasse tanto o sentimento, mas em atitudes dele, a gente pecebia o quanto afetivamente ele era ligado às pessoas que freqüentavam o clube. Era uma pessoa séria, mas ao mesmo tempo muito generosa, eu só tenho lembranças muito queridas daquela época, daquela convivência com ele, com a família, ele com a D. Nenén, que era esposa, com a Climene, filha, foi uma vida, época muito feliz da minha vida. Então eu só posso enaltecer a Família Evangelista.

J: Você recorda algum exercício, das aulas, qual modalidade?
P: Naquela época era a calistenia, né. Era uma ginástica que hoje pouco se pratica talvez quando eu fui fazer Educação Física em Belo Horizonte, não se usava mais. Havia umas aulas demonstrativas, e eu tinha muita facilidade porque fui a vida toda inteira aluna dele. Aos poucos ele foi introduzindo umas novidades, mas eu me lembro mais mesmo era da calistenia. Então era uma casa bem formal, a gente ficava colocado em colunas, fileiras mesmo. Então tinha uma marcha primeiro, um aquecimento, era uma aula muito dirigida, mas assim, era bem formal mesmo, né. Tinha aquela parte de aquecimento, depois tinha quela aula pripriamente dita, aqueles exercícios para todas as partes do corpo, né, depois tinha a parte de relaxamento e acabada a aula aí era a hora do voleibol. Eram duas turmas de voleibol, uma turma de iniciantes que faziam as aulas exatamente onde tinha sido a aula de Educação Física e uma turma dos alunos mais adiantados que faziam na quadra externa do Clube Ginástico. Então a medida que ele sentia que aquele aluno tava preparado para ir para a quadra externa, nós éramos encaminhadas pra lá.
J: Quantas pessoas em média participavam da sua turma?
P: Eu me lembro que era um grupo bem grande, o salão ficava, bastante cheio, bem grande, mas eu não sei precisar o número, não sei não, mas era um clube muito frequentado e muito bem freqüentado também.

J: A senhora colocou esta questão de “bem” freqüentado. Quem eram esses alunos que participavam do clube, classe social, quais famílias?
P: O clube era ... naquela época não existia em Juiz de Fora clubes dessa modalidade, eu não me lembro. Eu acho que o Clube Ginástico era o único

existente aqui. Famílias como Assis, Jaguaribe, os Thees, e muitas outras famílias tradicionais da cidade encaminhavam seus filhos para lá. Nós tínhamos os dias separados de ginástica né, tinha o dia das mulheres, tinha o dia dos homens, não havia uma aula comum não.

J: Você se lembra de algumas pessoas que participavam da sua turma, quem era, o que fazem hoje, alguma informação delas?

P: Eu gostaria muito de dar esta informação pra você, mas eu me lembro daquelas pessoas que jogavam depois o voleibol comigo, eu me lembro também de duas meninas da família Assis, a Marta e a Chuca, que já é falecida, me lembro muito da Marta e me lembro de outras pessoas, da Isabel, mas a gente acaba se perdendo por mais que se imagine, é igual em escola. Você acha que aquela sua turminha de escola você vai ser amiga a vida inteira né. No clube aconteceu isso também, eu ainda tenho algumas grandes amigas dessa época, a Vina, a Nízia, a minha irmã que freqüentava junto comigo as aulas lá, mas não tem mais muita ligação com pessoas que hoje, a Climene é até hoje uma amiga muito querida nossa.

J: Você falou um pouco sobre os espaços de aula, o externo e interno. Quais eram os horários de aulas, que período do dia?

P: Eu fazia aulas a noite, eu acho que 3 vezes por semana, me parece que segunda, quarta e sexta, e era a noite. Acredito que por volta das 19 horas ou um pouco antes, não me lembro, mas era a noite, fazia aulas a noite.

J: Você se lembra se era necessário o pagamento de alguma quantia, uma mensalidade?

P: Essa lembrança eu não tenho assim muito viva na minha memória não. Acredito que alguma contribuição devesse ser feita que afinal o clube tinha que se manter não é. Mas se existia essa cobrança, devia ser uma cobrança, valores bem acessíveis a todos porque nós tínhamos pessoas de classes sociais variadas, tratadas indistintamente muito bem, independente da classe a que pertencessem, mas eram pessoas de classes sociais diferenciadas.

J: Lendo as atas, buscando um pouco da história do clube, a realização de várias festas lá dentro. Você participava de algumas dessas festas, se lembra de alguma?

P: Muitas, muitas e muitas festas, principalmente as festas juninas que era uma festa maravilhosa, a gente participava com um entusiasmo muito grande, tudo cabia a nós, a gente decorava o clube todo, era um tempo muito bom. Eu costumo dizer para minhas filhas que eu não invejo o tempo delas, eu acho que sempre meu tempo foi melhor. Então era uma convivência que estrapolava paredes né, do clube ginástico, nós tínhamos uma relação fora clube e a gente se organizava muito para essas festas.

J: Essa festa junina era como conhecemos hoje?

P: Eram muitas danças, né, a gente fazia, tinha muitas danças, tinha o grande baile depois e tinha as barraquinhas também. Era uma festa muito boa como acontecia em JF até nas ruas. Eu por exemplo fui moradora da Rua Barão de Cataguases e nós tínhamos também lá uma festa junina maravilhosa e outras

ruas da cidade, Padre Café, Oscar Vidal, era muito comum isso, essas festas em Juiz de Fora nessa época.

J: Dentro do clube dona Pátria, varias competições era realizadas né, seja no basquete seja no vôlei com outros times. A senhora se lembra de algum jogo, de algum time que tenha competido?

P: É, as competições eram muitas. A gente não jogava só na quadra do Clube Ginástico né. A gente disputava torneios com o Olímpico, com o Sport e a grande rivalidade do time feminino do Ginástico era com o Sport na medida em que o basquete era com o Olímpico, naquela época não existia o basquete feminino, mas o basquete masculino do Ginástico e o Olímpico tinham uma rivalidade muito grande e no voleibol já era diferente. Era Sport e Ginástico. E antes mesmo deu começar a jogar, quando eu tava começando a jogar,, nós tínhamos as duas grandes estrelas do voleibol em JF. No Sport a Fernanda e no Clube Ginásico a Any Rosa. Então era um duelo muito interessante porque ali e Any Rosa era uma jogadora de força, rla tinha uma pancda violenta, era uma grande atleta. A Fernanda era uma jogadoa muito técnica, então era uma luta da força com a técnica. Era muito interessante, aquilo me encantava muito e elas foram exemplos pra mim depois.

J: Em 1979 dona Pátria, o clube foi fechado e vários meios de comunicação argumentaram, colocaram os motivos do fechamento. Na sua opinião, qual teria sido o motivo do fechamento?

P: Eu não sei dizer pra você o motivo desse fechamento. Eu acho que o Clube Ginástico entrou em declínio muito antes dessa data de fechamento. Acho que a perda do Prof. Caetano, nós já tínhamos até conversado sobre isso, trouxe uma lacuna muito grande pro clube, acho que ele infelizmente não conseguiu um substituto que tivesse o mesmo espírito dele. Eu não deixo de elogiar e enaltecer outras pessoas que estiveram a frente do Clube Ginástico, mas esse acontecimento, é uma coisa muito normal, aqui em JF, eu assisti várias vezes com os grandes clubes de futebol, eu fui muito ligada ao futebol também pq meu tio foi presidente do Tupinambás, meu pai era ligado ao Tupi, foi também da diretoria do Tupi dirigido pelo seu Tufi Ahouage e o Sport pelo seu Caputo. Então eram grandes nomes à frente dos clubes locais assim como foi com o senhor Caetano à frente do Clube Ginástico. Então parece que são pessoas insubstituíveis por mais que as pessoas se esforcem jamais chegariam àquele nível.

J: Qual a melhor lembrança que tem do clube?

P: Uma lembrança muito importante pra mim foi a do dia em que o Prof.Cateano chegou a mim e me disse: “Pátria você já está preparada para ir pro voleibol da quadra externa” porque eu jogava na quadra interna que ali que a gente aprendia tudo né, todo mundo que passou pelo clube. Nesse dia que ele me falou que eu já podia jogar lá fora eu me lembro que foi um dia muito feliz pra mim.

J: Quais ensinamentos o clube trouxe para sua vida?

P: Acho que todos os ensinamentos que um grande educador pode passar a um aluno. O Prof. Cateano lembrava muito meu pai, minha família de um modo em geral. Então os mesmos princípios que eu tinha adquirido na minha

família, eu tive lá também no Clube Ginástico que eu considerava também a minha casa. Foi tudo de bom que aconteceu na minha vida, esta parte da vida ao Clube Ginástico, tudo que vivenciei lá.

J: D.Pátria tem alguma questão, alguma informação que não tenha perguntado que você acha pertinente, importante para o estudo.

P: Não sei se servia uma coisa tão importante, mas eu me lembro muito de como a gente se entia naquele ambiente familiar o Clube Ginástico era realmente um prolongamento do lar de cada um de nós. A gente contava com o Prof. Caetano, com D.Nenem, Climene, com pessoas realmente muito amigas nossas. Eu tenho uma lembrança da cozinha da casa deles e do macarrão que se fazia lá todo sábado. Era muito gostoso aquilo. As excursões que a gente fazia, ela nos acompanhava, eu como era a mais novinha ficava sempre na companhia dela, da dona Nenem. Então são lembranças afetivas. Me lembro da parte de ginástica de aparelhos que a gente admirava muito e dessas festas, como a festa junina que eu falei com você aí. Então são só lembranças boas, eu me lembro muito das partidas muito acirradas do basquete também, era muito comum saírem algumas briguinhas no fim do jogo e isso era comum mesmo. No voleibol eu acho que as pessoas era mais almas, respeitava mais. Mas o basquete era uma disputa muito acirrada entre o Clube Ginástico e o Olímpico.

J: Como era essa relação entre vocês. Era só dentro do clube ou existia uma relação fora?

P: Nós éramos muito amigas, a minha casa era o centro de tudo, a minha mãe era acompanhante pra tudo então nos fins de semana íamos a festas e depois todo mundo dormia na minha casa e a gente chegava e ficava conversando até muito tarde pq além de sermos amigas do clube também éramos amigas na nossa vida de juventude, de freqüentar as festas, a gente tava sempre junto, era uma amizade muito grande.

J: D.Pátria eu queria agradecer por ter me cedido essa entrevista, suas informações foram muito importantes para esse estudo.

P: Eu é que agradeço a você Jakeline, pela oportunidade de falar. Muita coisa eu não pude ajudar você, gostaria de ter podido ajudar mais, mas eu estou muito feliz com isso pq o Clube Ginástico, a figura do professor Caetano Evangelista tem que ser lembrada e preservada. Tanto que o Prefeito Melo Reis deu do CESPORTE _ Centro de Apoio do Esporte Amador o nome do Prof. Caetano Evangelista que foi uma homenagem mais do que singela, mais do que justa a um dos maiores educadores que JF já teve.

J: Obrigada dona Pátria

P: Obrigada a você.